



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

Nathan Pereira Barbosa

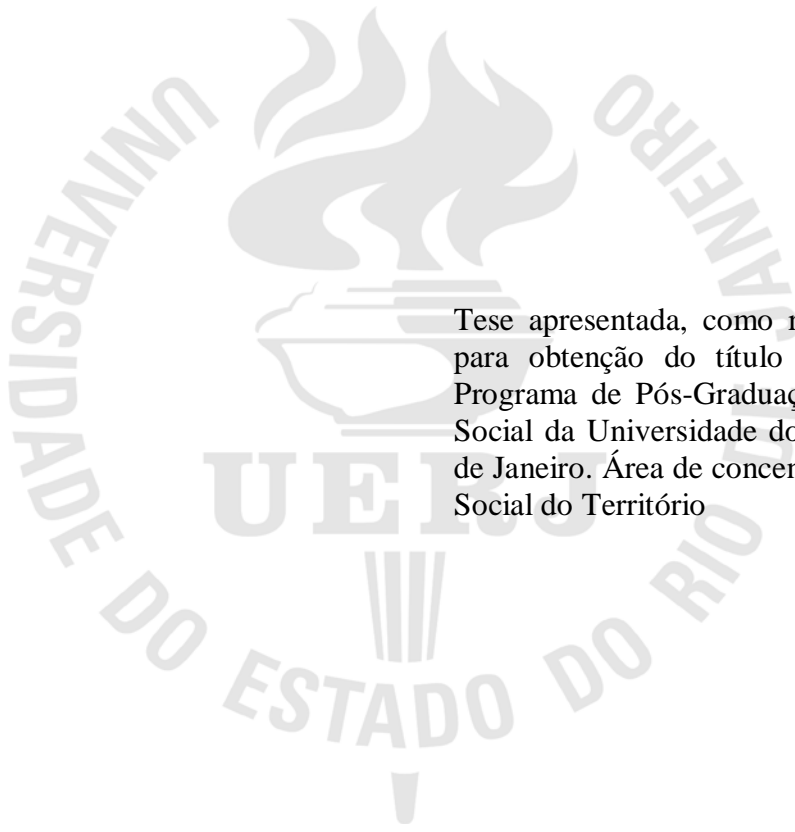
**Entre o rei e o réu: atualizações, disputas e usos da memória de Pelé nas  
narrativas biográficas**

São Gonçalo

2020

Nathan Pereira Barbosa

**Entre o rei e o réu: atualizações, disputas e usos da memória de Pelé nas narrativas  
biográficas**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves

São Gonçalo

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

B238 Barbosa, Nathan Pereira.  
Entre o rei e o réu: atualizações, disputas e usos da memória de Pelé nas narrativas biográficas / Nathan Pereira Barbosa. – 2020.  
280f.: il.

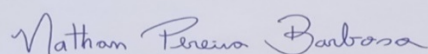
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia de Almeida Gonçalves.  
Tese (Doutorado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Nascimento, Edson Arantes do, 1940 - Teses. 2. Jogadores de futebol – Brasil – Teses. 3. Nacionalismo e memória coletiva – Teses. I. Gonçalves, Márcia de Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 – 4994

CDU 92:796.332(81)-057

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.



---

Assinatura

03/03/202

Data

Nathan Pereira Barbosa

**Entre o rei e o réu: atualizações, disputas e usos da memória de Pelé nas narrativas  
biográficas**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor junto ao programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: História Social do Território.

Aprovada em 20 de novembro de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia de Almeida Gonçalves (Orientadora)

Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

---

Prof. Dr. Edmilson Alves Maia Júnior

Universidade Estadual do Ceará

---

Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

Universidade Estadual Paulista

---

Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2020

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este título de Doutor à minha mãe, Maria Rozenir, impedida pela fome e pelo trabalho infantil, de concluir a 4º série durante sua infância no sertão do Ceará da década de 1960.

## RESUMO

BARBOSA, Nathan Pereira. *Entre o rei e o réu: atualizações, disputas e usos da memória de Pelé nas narrativas biográficas*. 2020. 280f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

Pelé é uma das personalidades brasileiras de quem mais se falou, escreveu e filmou ao longo dos anos, não é a toa que se destaca como brasileiro mais biografado de todos os tempos. Desde o final da década de 1950 até as primeiras décadas do século XXI, a sociedade não parou de produzir e consumir biografias, cinebiografias, material jornalístico e publicitário a seu respeito. Muitas dessas narrativas a seu respeito, carregaram projetos de identidade nacional em seu cerne, tendo em Pelé um símbolo de Brasil miscigenado e vitorioso política e culturalmente. Por outro lado, diversas outras narrativas contestam esse status e passam a questionar seu lugar de glória ao trazer à tona temas como “Ditadura” e “Racismo”, pautas em que Pelé foi historicamente associado de maneira negativa. Assim, houve, de fato, um permanente debate político de sua memória que, a depender do contexto histórico, acabou tomando caminhos diversificados, ora celebrado como “Rei”, hora demonizado como “Réu”. Portanto, este trabalho realiza um denso levantamento histórico de fontes como biografias, cinebiografias, material jornalístico e publicitário com a finalidade de perceber esses conflitos e disputas de narrativa que, em um plano mais amplo, acabou se tornando um debate de Projetos de Nação e Identidade Nacional, que tiveram, no fenômeno futebolístico como um todo e na figura do próprio jogador, as principais forças simbólicas de representação e discussão da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Biografia. Memória. Narrativa. Futebol. Pelé. Identidade Nacional.

## ABSTRACT

BARBOSA, Nathan Pereira. *Between the king and the defendant*: updates, disputes and uses of Pelé's memory in biographical narratives. 2020. 280f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

Pelé is one of the Brazilian personalities of whom the most talked about, wrote and filmed over the years, it is not by chance that he stands out as the most biographed Brazilian of all time. From the end of 1950s until the first decades of the 21st century, society has not stopped producing and consuming biographies, biopic, journalistic and advertising material about him. Many of these narratives about him carried national identity projects at their core, with Pelé as a symbol of Brazil miscegenated and politically and culturally victorious. On the other hand, several other narratives contest this status and begin to question its place of glory by bringing up themes such as “Dictatorship” and “Racism”, guidelines in which Pelé has historically been associated in a negative way. Thus, there was, in fact, a permanent political debate from his memory that, depending on the historical context, ended up taking different paths, now celebrated as “King”, demonized as “Defendant”. Therefore, this work carries out a dense historical survey of sources such as biographies, biopic, journalistic and advertising material in order to understand these conflicts and narrative disputes that, in a broader plan, ended up becoming a debate on Nation and Identity Projects National, which had, in the football phenomenon as a whole and in the figure of the player himself, the main symbolic forces of representation and discussion of Brazilian society.

Keywords: Biography. Memory. Narrative. Football. Pelé. National Identity.

## RESUMEN

BARBOSA, Nathan Pereira. Entre el rei y el villano: actualizaciones, disputas y usos de la memoria de Pelé en narrativas biográficas. 2020. 280f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

Pelé es una de las personalidades brasileñas de las que más se habla, escribe y filma a lo largo de los años, no es por casualidad que sobresale como el brasileño más biografado de todos los tiempos. Desde finales de la década de 1950 hasta las primeras décadas del siglo XXI, la sociedad no ha dejado de producir y consumir biografías, cinebiografías, material periodístico y publicitario al respecto. Muchas de estas narrativas sobre él llevaban proyectos de identidad nacional en su núcleo, con Pelé como símbolo de un Brasil mestizo y victorioso política y culturalmente. Por otro lado, varias otras narrativas cuestionan este estatus y comienzan a cuestionar su lugar de gloria al plantear temas como “Dictadura” y “Racismo”, pautas en las que históricamente Pelés se ha asociado de manera negativa. Así, se produjo, de hecho, un permanente debate político desde su memoria que, según el contexto histórico, acabó por tomar caminos distintos, ahora festejado como “Rey”, demonizado como “Villano”. Por ello, este trabajo realiza un denso relevamiento histórico de fuentes como biografías, cinebiografías, material periodístico y publicitario con el fin de entender estos conflictos y disputas narrativas que, en un plan más amplio, terminaron convirtiéndose en un debate sobre Proyectos de Nación e Identidad Nacional, que tuvo, en el fenómeno del fútbol en su conjunto y en la figura del propio jugador, las principales fuerzas simbólicas de representación y discusión de la sociedad brasileña.

Palabras clave: biografía. Memoria. Narrativa. Fútbol. Pelé. Identidad Nacional.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>A MEMÓRIA COMO UM CABO DE GUERRA: EMBATES DE NARRATIVA E A (DES) CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DO MITO</b> .....	20
1.1	<b>Usos da memória a partir do biográfico – algumas considerações iniciais</b> ..	20
1.2	<b>Edson e Pelé – identidades fluidas em permanente negociação</b> .....	27
1.3	<b>O Chamado – A estrutura da Jornada do Herói como legitimadora da mitologia</b> .....	47
1.4	<b>Predestinação, genialidade e disciplina como elementos explicadores da trajetória</b> .....	55
2	<b>MESSIANISMO, DESERÇÃO E DITADURA: A ARTICULAÇÃO ENTRE INTRE BIOGRAFIA, IDENTIDADE NACIONAL E POLÍTICA</b> .....	66
2.1	<b>“Um Messias do futebol”– Pelé e os discursos de redenção da Nação</b> .....	66
2.2	<b>“A verdade sobre Pelé” – A obra que questionou o mito</b> .....	73
2.3	<b>Pelé x Ditadura Militar – disputas e usos políticos da memória</b> .....	91
2.4	<b>Entre o subversivo e o demagogo: interpretações sobre o milésimo gol e as “criancinhas”</b> .....	106
3	<b>“FALTAVA ALGUÉM ASSIM COMO PELÉ PARA COMPLETAR A OBRA DA PRINCESA ISABEL” - RAÇA, FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL</b> .....	114
3.1	<b>A construção do ícone negro na obra de Mário Filho e outras narrativas: contexto e algumas considerações iniciais</b> .....	114
3.2	<b>O Messias Racial: a trajetória de Pelé como projeto redentor</b> .....	127
3.3	<b>“Pelé não mandou esticar os cabelos”: o papel do corpo na invenção do ícone negro</b> .....	143
3.4	<b>Continuidade e atualização da mitologia: narrativas raciais messiânicas do século XXI</b> .....	152

4	<b>DE “HERÓI LIBERTADOR” A “OMISSO”: A DESCONSTRUÇÃO DO ÍCONE NEGRO .....</b>	<b>161</b>
4.1	<b>“Que exemplos existem a ser seguidos pela juventude negra? Pelé? Este jamais se preocupou”. A segunda metade do século XX e os primeiros questionamentos .....</b>	<b>161</b>
4.2	<b>“Quando irá acordar um Cassius Clay dentro de você?”: o questionamento jamais esquecido .....</b>	<b>185</b>
4.3	<b>“O Negro no Futebol Brasileiro” 70 anos depois: novos e velhos relatos biográficos .....</b>	<b>197</b>
5	<b>“SINÔNIMO DE BRASIL, MAIS FORTE QUE O CARNAVAL, O SAMBA E O PRÓPRIO FUTEBOL”: PELÉ E AS REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO CINEMA .....</b>	<b>207</b>
5.1	<b>A produção cinematográfica da segunda metade do século XX e suas representações biográficas .....</b>	<b>207</b>
5.2	<b>A produção cinematográfica nas primeiras décadas do século XXI e suas representações nacionais e biográficas .....</b>	<b>238</b>
5.3	<b>Ginga: a tradição e a problemática por trás do conceito .....</b>	<b>253</b>
	<b>CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>163</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>268</b>

@MILONTRAJANO



Arte: Milton Trajano

## INTRODUÇÃO

Segunda-feira, 13 de janeiro de 2014: durante a premiação anual na cidade de Zurique (Suíça) aos melhores jogadores do ano, a FIFA (Federação Internacional de Futebol), entidade máxima do futebol mundial, concede um prêmio especial da bola de ouro ao ex-futebolista brasileiro Edson Arantes do Nascimento, 73 anos, conhecido mundialmente por “Pelé”. O prêmio, até então outorgado somente aos melhores jogadores ativos de cada ano, nunca havia sido conquistado ou sequer disputado por Pelé, tendo em vista que segundo os antigos critérios da Federação, revistos e modificados no ano de 2007, apenas jogadores que atuavam na Europa estariam autorizados a concorrer. Como se sabe, Pelé atuou praticamente toda a sua carreira profissional pelo clube brasileiro Santos Futebol Clube, tendo logo em seguida uma curta passagem pelo time norte-americano New York Cosmos na metade da década de 1970.

O ato da FIFA foi encarado pela maioria dos jornalistas como sendo “um acerto de contas com a história e a trajetória” daquele que teria sido o “maior de todos os tempos”, o “atleta do século”, o “Rei do futebol”. François Morinière, responsável pela criação do prêmio em 1956 e diretor da revista futebolística France Football, declarou naquela noite que a entrega do troféu serviu para “consertar uma injustiça”<sup>1</sup>. No Brasil, o jornal Lance, em sua plataforma digital, referiu-se ao ocorrido afirmando ter sido um gesto para “apagar um erro”<sup>2</sup>. O portal do canal esportivo ESPN Brasil, por sua vez, usou o termo “correção histórica”<sup>3</sup>. Já o jornal O Globo usou a expressão “apagar um erro” para se referir ao ato da FIFA<sup>4</sup>.

Diante de todos esses fatos, pode-se afirmar que o mito sobre o “Rei” ganhou, assim, mais uma atualização dentro do vasto campo da memória construída sobre o ex-atleta. Ao observar essas declarações e matérias jornalísticas que ressaltavam a chamada “correção” na história, nota-se a envergadura e expressividade global alcançada por Pelé, ao ponto de grande parte dos veículos de informação declararem que a própria história estivera em dívida com a trajetória de um indivíduo, produzindo assim um debate público sobre a memória e, de maneira mais ampla, sobre o que merece ou não ser (re)lembrado, perpetuado, consagrado ou esquecido. Não seria exagero, portanto, afirmar que Pelé foi alçado à condição de “mito” ainda em vida. Condição que, com o passar dos anos, cresceu e se diversificou em suas

---

<sup>1</sup> Trecho do discurso de Morinière extraído do site [www.museupele.org.br](http://www.museupele.org.br)

<sup>2</sup> [http://www.lancenet.com.br/minuto/Pele-Bola-Ouro-Sala-completa\\_0\\_1065493571.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Pele-Bola-Ouro-Sala-completa_0_1065493571.html)

<sup>3</sup> [http://espn.uol.com.br/noticia/381545\\_em-correcao-historica-fifa-da-bola-de-ouro-a-pele](http://espn.uol.com.br/noticia/381545_em-correcao-historica-fifa-da-bola-de-ouro-a-pele)

<sup>4</sup> <http://oglobo.globo.com/esportes/pele-recebe-bola-de-ouro-especial-chora-11287522>

múltiplas formas e interpretações. Em relação ao conceito de “mito” aplicado a esse contexto, entendo-o segundo as reflexões de Alessandro Portelli, o qual sugere que

um mito não é necessariamente uma historia falsa ou inventada; é, isso sim, uma historia que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura. (PORTELLI, 2005, p. 121)

Ora, o mito nunca está pronto ou acabado, mas em constante processo de (re)construção e (re)elaboração. Dito isto e tendo como ponto de partida esse processo de construção histórica da memória, pretendo analisar as narrativas biográficas produzidas sobre Pelé desde a década de 1960<sup>5</sup> e, assim, perceber as atualizações, releituras, reelaborações e usos políticos dessa memória ao longo dos anos, usos que variam desde discursos nacionalistas a afirmações que celebram uma suposta diminuição do racismo no Brasil a partir de Pelé, ou, como irão propor outras narrativas, a passividade do mesmo frente ao status quo racista que historicamente sempre oprimiu os negros; assim como também sua chamada subserviência aos militares que estiveram à frente da ditadura brasileira ou, como dirão outros, sua “bravura” em meio a um regime ditatorial. Essa tensão e disputa entre memórias a partir de autores e contextos distintos, será objeto de análise dessa pesquisa, que, além disso, buscará compreender de que maneira essas memórias antagônicas passaram a disputar sentidos e projetos de nação e de identidade nacional a partir da biografia do jogador santista.

Atento a como o mito do “Rei” teria sido construído historicamente pelas vozes que ousaram coroá-lo, bem como aos usos dessa imagem e dessa memória, analisarei os rumos e sentidos das representações em cada época, tanto no período em que esteve em atividade, quanto no período posterior a sua aposentadoria do futebol, pois entendo que em ambos os casos, os marcos referenciais de sua vida, criados pelos biógrafos e demais narradores de sua trajetória, mudam de forma significativa e ajudam a perceber a constante renovação biográfica para propósitos distintos.

O título da tese é livremente inspirado na obra do historiador e jornalista brasileiro Paulo Cesar de Araújo, “O Réu e o Rei: minha história com Roberto Carlos, em detalhes” (2014), obra que narra a tensa relação entre um biógrafo judicialmente proibido de publicar sua obra após anos de pesquisa (o “Réu”) e seu biografado (o “Rei”). Frente a isso, o que procurei fazer foi me apropriar, ressignificar e inverter parte do título de seu livro para

---

<sup>5</sup> A primeira biografia sobre Pelé, intitulada “Eu sou Pelé”, foi escrita em 1961 pelo então repórter esportivo Benedito Ruy Barbosa. Já a produção biográfica mais recente é a cinebiografia “Pelé, a origem”, dirigida por Luiz Moura e lançada em 2019.

compor o título do presente trabalho, em que, como já enfatizei, proponho uma análise dos embates de memória e discursos de identidade nacional em torno de Pelé, ora celebrado como “Rei”, ora questionado e tido como “Réu”.

O objeto de estudo que entendo e denomino de “narrativas biográficas” são, em primeiro lugar: discursos que interpretam determinados acontecimentos isolados que tencionam gerar um impacto na visão geral da biografia do ex-jogador (artigos e reportagens da grande imprensa, por exemplo); em segundo lugar: diz respeito àqueles que pretenderam narrar, sob diferentes ângulos e formatos, a trajetória de Pelé em obras de estrutura temporal linear que, geralmente, trabalham com a ideia de “infância, juventude e vida adulta” (biografias, documentários e cinebiografias).

Justifico a escolha das fontes (material jornalístico e biográfico) por entender que o material biográfico tradicional, inicialmente minha única fonte de pesquisa em versões preliminares passadas do trabalho, não estava isolado do que, ao longo dos anos, foi produzido pela grande imprensa a respeito do jogador. Tanto os livros/filmes, quanto material jornalístico, apresentam perspectivas temporais distintas que, quando cruzadas sob um viés histórico, revelam tensões e projetos em comum. A produção da imprensa, naturalmente de cunho imediatista, ao ser comparada historicamente ao longo de décadas, apresentou variações significativas no que diz respeito às representações sobre o jogador. Outro fator a ser levado em consideração é o entendimento de perceber em que medida intelectuais e biógrafos passaram a reproduzir ou combater memórias biográficas difundidas na imprensa; e vice-versa, visto que o embate de memórias foi amplo e abrangente, não se limitando a um segmento apenas, como o dos livros. Todos os documentos estão contidos em um recorte temporal vai desde o início dos anos 60 (início da carreira de Pelé após a conquista da Copa da Suécia em 58) até a segunda década do século XX (período em que o Brasil sediou sua segunda Copa do Mundo em 2014, contexto em que o nome de Pelé voltou ao debate público em razão de seus comentários políticos).

Dentro do vasto universo das publicações biográficas, as biografias de Pelé ganham especial destaque e relevância não só no Brasil, mas em todo o mundo, na medida em que o jogador é tomado como maior símbolo nacional vivo. Segundo o jornalista Marcelo Tas<sup>6</sup> em matéria de 2013 intitulada “Quem é rei de verdade nunca perde a majestade”, o ex-jogador continuava liderando o ranking de brasileiros com mais biografias vendidas em todo o mundo:

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://blogdotas.com.br/2013/10/18/quem-e-rei-de-verdade-nunca-perde-a-majestade/>

ao lado de John Kennedy, Michael Jackson, Churchill, Rolling Stones, Madonna... figura um único brasileiro. (...) Pelé é o único brasileiro na lista de biografias mais vendidas da Amazon. São livros que eternizarão merecidamente a arte de Pelé.

De fato, nenhum outro brasileiro foi tão biografado em livros e em cinema, quanto Pelé. Esse fato significativo não pode passar em branco pela historiografia que se pretende discutir a memória de figuras públicas de grande repercussão e os desdobramentos sociais e históricos das mesmas. Afinal, que memórias são essas que constantemente chegam ao mercado? Que sentido de história, de sociedade, de Brasil elas reproduzem?

Em levantamento que fiz em sites de livrarias e sebos virtuais, sem contar os numerosos almanaques de fotografias que até hoje são publicados quase anualmente, pude constatar que existe um total de 11 biografias (escritas por brasileiros) sobre o ex-atleta, as obras datam desde o ano de 1961 (ano da primeira biografia) até 2008, às portas da Copa da África, em 2010. Destaco que não serão analisadas as obras estrangeiras. Primeiro, por motivos de recorte e escolha, e, em segundo lugar, por razões de tempo e praticidade, tendo em vista os muitos países e idiomas que essas biografias foram publicadas, fato que torna inviável a aquisição, o acesso e a análise dessas fontes em decorrência da inexistência de financiamento para a pesquisa.

Dentre as múltiplas fontes presentes na tese como filmes, reportagens, crônicas, fotos e charges, serão analisadas as seguintes biografias:

BARBOSA, Benedito Ruy. *Eu sou Pelé*. Editora Paulo de Azevedo Ltda, 1961.

RODRIGUES FILHO, Mário. *Viagem em torno de Pelé*. Editora do autor, 1963.

NEIVA, Adriano. *A verdade sobre Pelé*. Lithografia Ypiranga, 1976.

DUARTE, Orlando. *Pelé – o supercampeão*. Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1993.

CORDEIRO, Luiz Carlos. *De Edson a Pelé – a infância do rei em Bauru*. Dórea Books, 1997.

XAVIER FILHO, Sérgio. *Pelé – o atleta do século*. Editora Abril, 2000.

ARRUDA, Antônio Roberto Arruda; MAXIMO, João. *Pelé – A Arte do Rei*. Rio de Janeiro: Takano, 2002.

CASTELLO, José. *Pelé – os dez corações do rei*. Ediouro, 2004.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé – a autobiografia*. Sextante, 2006.

AGUIAR, Maciel de. *Pelé – o rei da bola*. Memorial Editora e Livraria, 2006.

BASTHI, Angélica. *Pelé – estrela negra em campos verdes*. Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Ao lado das biografias e material jornalístico, as cinebiografias ajudam a formar um amplo acervo em torno do qual orbitam representações de discursos nacionalistas. Tomei a liberdade de analisar, além das cinebiografias, outros filmes nacionais com participação de Pelé. Este material, ainda que não tenha como objetivo direto narrar a história do jogador, acaba por responder a demandas sociais de seu tempo e alimentando uma identidade ufanista a partir do jogador, além de servir como resposta às críticas sofridas por Pelé no âmbito racial, principalmente na década de 1970. A seguir, listo o conjunto de cinebiografias e filmes que compõem o trabalho:

O Rei Pelé (1962). Direção: Carlos Hugo Christensen.

A Marcha (1972). Direção: Oswaldo Sampaio

Isto é Pelé (1977). Direção: *Eduardo Escorel e Luiz Carlos Barreto*

Os Trombadinhas (1979). Direção: Anselmo Duarte

Pelé Eterno (2004). Direção: Aníbal Massaini Neto

Pelé, o nascimento de uma lenda (2016). Direção: Jeff Zimbalist e Michael Zimbalist

O Negro no Futebol Brasileiro, episódio 04. (2018) Direção: Gustavo Acioli

Pelé, a origem (2019). Direção: Luiz Felipe Moura.

Além do material supracitado, foram analisados alguns jornais e revistas de grande tiragem na segunda metade século do XX, tais como: Jornal do Brasil, O Pasquim, O Globo, Realidade, O Cruzeiro, Manchete, Manchete Esportiva, Revista do Esporte, Veja e Placar, dentre outros. O acesso a esse material foi possível por meio do contato direto com o acervo digital particular (no caso de Veja e O Globo) e, no caso dos demais periódicos, por intermédio de pesquisa por palavras-chave na plataforma da hemeroteca digital, disponível no site da Biblioteca Nacional Digital<sup>7</sup>. Para análise do discurso da imprensa nas primeiras décadas do século XXI, foi utilizado material jornalístico digital recente, como ESPN Brasil, Fox Sports, UOL, O Globo, Globo Esporte, dentre outros veículos.

Isto posto, cabe ser explicado de maneira prévia que um termo que aparecerá com frequência ao longo de todo o trabalho será “intriga”, conceito que permeia, estrutura e direciona toda e qualquer produção de cunho biográfico. Entendo o conceito conforme a definição de Mora (2016):

---

<sup>7</sup> <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>



A intriga, [...] recebe vários nomes, especialmente nas teorias de composição de relatos, tais como plot, enredo, história etc. Ela é definida como a parte da narrativa na qual se expõe, de forma encadeada, uma série de acontecimentos que ocorrem a um ou a vários personagens. Esse encadeamento é o que os conduz de um estado a outro por meio de estágios decisivos, tais como “começo”, “meio” e “desenlace”. (MORA, 2016, p. 528)

As intrigas, todavia, não estão limitadas ao escrito, mas manifestam-se em diferentes linguagens, como assevera José Carlos Reis:

a intriga pode ser também um quadro, um filme, um código, uma música, uma novela, um discurso, uma aula, um diálogo, uma sessão de terapia, enfim, toda linguagem que busca dar forma ao vivido! [sendo que] a intriga é um agenciamento sistêmico dos fatos, uma síntese do heterógeno. Ela não faz uma simples sucessão lógica, mas uma configuração lógica. (REIS, 2011, p. 293)

Por conseguinte, abre-se um rico leque de possibilidades de análise sobre as manifestações biográficas de Pelé e seus formatos de linguagem. A partir desse entendimento, discorrerei brevemente sobre a estrutura da tese, ressaltando, a princípio, como se dará a análise. No primeiro capítulo que possui um caráter mais introdutório e panorâmico, analisarei as biografias e autobiografias dando especial destaque para as formas como estão estruturadas as intrigas, que, em muitas vezes, acabam compartilhando das mesmas características. Além disso, analisarei reportagens e fotografias produzidas em um recorte que vai desde o início da década de 1960 até o atual contexto de início do século XX, período em que o Brasil foi anunciado como país sede da Copa do Mundo 2014, fato que gerou uma série de novas intrigas a partir não só do evento em si, mas também a partir de suas declarações pré-Copa de Pelé durante os tensos protestos de rua em 2013 e 2014. Nesse mesmo contexto, como no passado recente da Ditadura, a imagem de Pelé foi amplamente utilizada, seja em livros, seja em documentários ou filmes, como sinônimo e propaganda do Brasil. Dentro do recorte temporal proposto, farei um cruzamento entre as intrigas biográficas e tentarei perceber os usos e representações da memória de Pelé e sua relação com os projetos de identidade nacional.

O segundo capítulo dará continuidade ao debate que ora questiona, ora exalta Pelé como sinônimo de identidade nacional, dessa vez, o foco da análise recairá sobre a relação Pelé – Ditadura, amplamente discutida até os dias atuais e que sempre mobilizou representações bastante distintas umas das outras. Em uma análise histórica, a biografia do jogador toma rumos que vão desde o uso de sua trajetória como instrumento pedagógico para mobilização política contra a Ditadura, até o uso da mesma como forma de protesto contra o uma mentalidade passiva que se julga neutra, mas que se posiciona ao lado do poder

estabelecido, no caso, o próprio Pelé. Em meio a esse debate, trarei uma discussão a respeito do racismo presente nas críticas ao jogador que, na época da Copa de 1974, optou pela vida empresarial ao invés de servir a Seleção Brasileira em uma Copa que, naquele momento, aconteceria mais uma vez em pleno contexto ditatorial.

A discussão do terceiro e do quarto capítulo se dará a partir da ideia de paraíso racial, historicamente difundida de forma ampla no meio futebolístico e na sociedade brasileira, em especial a partir da figura central de Pelé, que em determinado momento é representado como responsável por apaziguar os conflitos de raça no Brasil; e, em outros contextos, passa a ser acusado como antimodelo do negro consciente de seu papel. Demonstrarei que, a despeito da desconstrução que sofreu, a imagem do “conciliador racial” nunca desapareceu das produções biográficas até mesmo mais recentes, fato que continua a constituir um ideal de brasilidade tendo como ponto de partida sua trajetória. Em ambos os capítulos, foram utilizados, além das biografias, amplo material jornalístico desde os anos 60 até as primeiras décadas do século XXI, nos quais pude constatar a construção e o progressivo desgaste do conciliador, ao mesmo tempo em que outras produções ainda buscavam sustentar tal posto por meio de modelos de identidade que se apegavam ao modelo de negação do racismo.

O último capítulo será em boa parte dedicado às produções cinematográficas como cinebiografias e filmes com participação de Pelé, alguns dos quais considero que mesmo não tendo uma estrutura de cinebiografia, acabam se inserindo no amplo debate biográfico do jogador e, conseqüentemente, da nação. A partir da discussão levantada por uma das cinebiografias, dedicarei a parte final do capítulo ao debate da categoria “ginga” e o uso identitário de Pelé como representação de brasilidade e coesão social.

A viabilização desse trabalho se deu pela leitura, análise, problematização e cruzamento do material citado. Sob essa perspectiva, pode-se afirmar, portanto, que as biografias, autobiografias e cinebiografias constituem-se como objeto de pesquisa e documentos/fontes ao mesmo tempo, no entanto, são encaradas sempre na perspectiva colocada por Le Goff (1995) do “documento- monumento”, ou seja, dando sempre destaque para o processo de monumentalização das biografias, dos documentários, das reportagens e demais materiais aqui discutidos como um esforço coletivo para “impor determinada memória” ou imagem, seja ela de consagração, seja de questionamento e desconstrução:

(...) O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou sendo manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para

provocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. (...) É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar essa construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 1995, p. 547-548).

Tendo isso em mente, antes de pensar se os fatos relatados nas intrigas biográficas e autobiográficas sobre Pelé são verídicos ou não (esse não é objetivo e muito menos a questão central), a pesquisa buscou perceber como esses discursos, vistos como monumentos na medida em que projetam uma imagem de si e um ideal a ser alcançado, contribuíram com novas reproduções da mitologia do esportista que acabaram, invariavelmente, desembocando numa determinada ideia de Nação.

A despeito da rica documentação e possibilidades de pesquisa, percebo que há uma considerável escassez no campo historiográfico que verse especificamente sobre a figura de Pelé e suas representações enquanto mito, símbolo nacional e fenômeno capaz de mobilizar identidades e gerar representações sociais. Superadas as barreiras entre historiadores e futebol, campo outrora tido como “politicamente irrelevante” (RIBEIRO, 2007), a historiografia brasileira tem estudado com profundidade e relativa constância a relação entre futebol x política; futebol x ditadura; futebol x racismo; futebol x papéis de gênero; ou futebol e construção da identidade nacional, mas no que diz respeito a vasta memória produzida sobre Pelé nas últimas seis décadas, as produções entre historiadores ainda são tímidas. Coube a jornalistas, sociólogos e antropólogos preencherem essa lacuna. Me coloco, portanto, como historiador que, ao ter percebido uma lacuna no campo, acredita ter dado contribuição para a discussão entre seus pares, posto ser de grande relevância o tema em questão, dado o gigantismo simbólico acumulado ao longo das últimas décadas em torno do personagem estudado. Como pontuou Luiz Henrique de Toledo em seu artigo “os mil corpos de um rei”, Pelé sempre ocupou um lugar de destaque na cultura brasileira, protagonizando nos discursos, muitas vezes um papel de centralidade na construção das identidades nacionais:

Pelé ocupa uma posição simbolicamente relevante no imaginário brasileiro e, por isso mesmo, muitas vezes protagoniza jogos de representações sobre o próprio Brasil que o colocam como um sinalizador de alguns dos projetos mais acalentados de nação. Poucos fenômenos, tal como o futebol, ou personalidades de seu universo como foi Pelé, sugerem tamanho poder de síntese compreensiva da cultura brasileira. Pelé foi freqüentemente levado, direta ou indiretamente, a dar forma a determinados conteúdos simbólicos da cultura brasileira, quer pela sua presença em alguns domínios, notadamente no esportivo, quer também pela presença controversa nos espaços ocupados pelas maiores lutas e ambigüidades no interior da tessitura

social, tais como na esfera política ou no complexo campo das relações raciais. E, por isso mesmo, elegê-lo como rei do futebol teve um "custo simbólico Brasil" que certamente sinalizou a construção de nossa auto imagem e estima coletivas para além dos limites de seu corpo e sua técnica futebolística. (TOLEDO, 2004, p.152)

É importante sublinhar que a presente pesquisa tem sido impulsionada pelo recente movimento de revalorização dos estudos biográficos na História, antes associados negativamente aos “grandes homens” e heróis de uma historiografia tradicional e “mestra da vida”, amplamente questionada na primeira metade do século XX por historiadores franceses. A revalorização dos estudos biográficos e de uma série de outros temas periféricos, como futebol, é atribuída à superação dessas visões estruturalistas e deterministas, fruto, sobretudo, da expansão e diversificação das abordagens da ciência histórica para “novos temas e novos objetos” nos últimos 50 anos:

O retorno do biográfico costuma ser associado à conjuntura dos anos 1960, mais particularmente àquela da França dos acontecimentos de maio de 1968. Este acontecimento teria significado um questionamento dos modelos estruturais que estavam em voga no campo das ciências sociais e da própria análise política. Os estruturalismos, em suas distintas versões: linguística, etnográfica, antropológica, econômica, filosófica e até mesmo historiográfica, do qual tanto marxismo como o modelo braudeliano de historiografia seriam exemplos, teriam entrado em crise à medida que os acontecimentos políticos, sociais e culturais dos anos 1960 reafirmavam a agência social, histórica e política dos homens, dos grupos sociais, em detrimento das agências estruturais. A história sem nomes e sem rosto das abordagens estruturais daria lugar a uma historiografia em que o nome próprio, em que os personagens, as agências dos eventos voltam a ter rosto, carne e sangue. (ALBURQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 27)

A diversidade temática tornou-se algo de fácil constatação no cenário historiográfico brasileiro hoje. A partir de um intenso diálogo com a Antropologia e a Sociologia que trouxeram novas ferramentas analíticas e metodológicas para os historiadores, constata-se uma considerável variedade de trabalhos e periódicos que se dedicam aos estudos de temas antes pouco recorrentes como morte, sentimento, sexualidade, alimentação, além de outras manifestações humanas que se enquadram no campo aberto pela chamada História Cultural, como os conceitos de sensibilidades e mentalidades.

Isto posto, essa pesquisa visa contribuir com os campos de estudo da escrita biográfica e dos estudos de futebol, buscando, desta maneira, uma proposta original de diálogo. Por fim, entendo o conjunto de narrativas biográficas analisadas nos capítulos a seguir, não como ações cristalizadas, estáticas e perdidas no passado, mas como “um texto que tem poder sobre a exterioridade” (CERTEAU, 1998, p. 225) e que exerce influência não apenas no tempo em que se deu sua fabricação, pois perpassou anos e décadas sendo sempre ressignificado,

reinterpretado e atualizado por outros que fazem uso dessa memória, inclusive pelo próprio indivíduo biografado. O mapeamento e problematização dos embates de memória se torna necessário para que não se caia na mera reprodução e perpetuação dos discursos, pois conforme escreve Durval Muniz:

a biografia só terá sentido para o historiador se inventariar as diferenças constituintes do próprio indivíduo biografado, se encontrar, naquele que se diz um, muitos outros, se empenhar-se em marcar os momentos de descontinuidade e inflexão na vida que é contada. (ALBURQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 31).

Perceber os múltiplos, antagônicos e conflituosos “Pelés” que muitas vezes são construídos como símbolos de projetos e representações da nação dentro de intrigas que se colocam como coerentes e fechadas, será o fio condutor de toda a abordagem aqui contida, objetivando, como exposto, não a busca por uma inalcançável verdade biográfica, mas a análise das disputas de memória entre os agentes históricos construtores de narrativas.

## 1 A MEMÓRIA COMO UM CABO DE GUERRA: EMBATES DE NARRATIVA E A (DES) CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DO MITO

### 1.1 Usos da memória a partir do biográfico – algumas considerações iniciais

Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos 10 anos, o país vive uma espécie de *boom* de publicações de caráter biográfico e autobiográfico. É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos – uma escrita de si -, que abarca diários, correspondência, biografias, autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo. (GOMES, 2004, p. 7)

Alguém, naturalmente, poderia replicar que nunca tantas pessoas dedicaram tanto tempo às minúcias dos outros. Vidas de poetas e astronautas, generais e ministros, alpinistas e fabricantes, todas se estendem diante de nós, nas prateleiras das livrarias elegantes. Elas anunciam a era mítica profetizada por Andy Warhol, em que todos seriam famosos (isto é, biografados, por quinze minutos). (BOTTON, 2000, p. 18)

A constatação feita por Ângela de Castro Gomes e Alain Botton pode ser facilmente comprovada em uma rápida passagem entre as estantes das modernas livrarias de grande porte em qualquer parte do país. Em ritmo alucinante, biografias e autobiografias brotam a cada semana narrando a vida dos mais variados indivíduos. O mercado editorial, por sua vez, há algum tempo já percebeu a vendagem desse tipo de publicação e cada vez mais intensifica suas edições e reedições de biografias e autobiografias. É um fenômeno que os historiadores não devem desprezar, pois essas obras carregam visões distintas da história de vida de indivíduos e da sociedade em que viveram. Mais do que visões diferentes, são escolhas, ênfases e silêncios que devem ser percebidos como parte ativa no processo de formulação de histórias de vida. Pelé, enquanto nome de grande projeção e, conseqüentemente, com alto potencial comercial, foi um dos que acabaram sendo tragados pela engrenagem produtora de biografias. Será necessário, portanto, entender um pouco a respeito desse processo.

A ideia de se fazer uma biografia “completa”, “definitiva” e “oficial” como o mercado editorial costuma chamar seus títulos, é, conforme apontou Bourdieu, uma ilusão (BOURDIEU, 1996). Ante a impossibilidade de construir e reconstruir uma trajetória em sua integralidade, cada biógrafo faz suas escolhas do que deve ser relatado e o que não deve ser exposto, fragmentando inevitavelmente a memória a respeito do indivíduo, a qual, por si mesma, já é fragmentada e não-linear. Passa a incluir, dessa forma, imagens complexas e

representações variadas sobre os sujeitos, e, por vezes, reiterando identidades ou desconstruindo visões consagradas.

Além disso, este indivíduo fragmentado que passa a ser novamente fragmentado pela escrita biográfica, tem sido biografado de forma precoce nos últimos anos, sinal da percepção veloz dos tempos contemporâneos e o imediatismo cada vez mais presente no público ávido por consumir memórias. Se até meados do século XX o conceito de biografia tendia a ser entendido no senso comum e até mesmo pelos próprios biógrafos como sendo uma compilação de fatos sobre a vida de alguém que muito já viveu, hoje essa percepção soa quase que obsoleta, principalmente para um mercado editorial ávido em transformar “a vida”, “os bastidores”, “as polêmicas” e “os segredos” de celebridades e pessoas públicas em mercadoria de rápido consumo. Dessa forma, vem ocorrendo uma dinâmica interessante dentro da Indústria Cultural, em especial no meio editorial que se presta a publicar biografias: o surgimento de muitas obras que retratam biografados cada vez mais jovens. Pelé foi um caso atípico durante a década de 1960, pois teve sua primeira biografia publicada aos 21 anos como resultado da repercussão de seu até então curto, mas impressionante currículo com duas Copas do Mundo vencidas. Nesse início de século XXI, é possível recordar os exemplos recentes de Neymar (2013) que teve biografia lançada também aos 21 anos de idade, os cantores à época muito jovens: Justin Bieber (2010), Demi Lovato (2013), Miley Cyrus (2014), MC Gui (2018), dentre tantos outros que, contraditoriamente, estamparam capas das chamadas “biografias definitivas” antes mesmo dos 18 anos completos. Esse fenômeno de aceleração e urgência por registrar e consumir memórias biográficas de personalidades, fez o mercado editorial intensificar ainda mais as edições de obras do gênero.

Ângela de Castro Gomes em obra referencial desse campo de pesquisa, acrescenta que a explosão de biografias e autobiografias no final do século XX e início do XXI e sua consequente “ilusão biográfica” seria uma busca por uma “unidade do eu” de indivíduos fragmentados, frutos das sociedades modernas marcadas pelo individualismo. Ressalta, além disso, que embora o ato de escrever sobre si seja praticado há muito tempo, a atividade ganhou novos contornos com o advento do individualismo moderno nas sociedades ocidentais:

É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo. A “ilusão biográfica”, vale dizer, a ilusão da linearidade e coerência do indivíduo, expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação de sua vida, confrontando-se e convivendo com a fragmentação e a incompletude de suas

experiências, pode ser entendida como uma operação intrínseca à tensão do individualismo moderno. (GOMES, 2004, p. 13)

Na mesma direção, o historiador Alexandre Avelar ao comentar sobre o “boom biográfico” recente, chega a conclusões semelhantes. O autor argumenta que essa dinâmica não pode ser reduzida a uma estratégia de marketing do setor ou o puro e simples interesse de pessoas comuns pela vida de pessoas públicas, antes, o movimento de interesse massivo por narrativas biográficas pode ser entendido como uma manifestação visível de uma tensão coletiva que atinge os sujeitos modernos envoltos em culturas cada vez mais individualistas:

O vivo interesse por trabalhos biográficos – refletindo-se numa pluralidade de públicos, leitores e audiência – talvez exceda a simples lógica de mercado ou os apelos que sempre parecem exercer aqueles personagens notáveis. A multiplicação de relatos autobiográficos, de entrevistas, de perfis e de escritas de vidas de personagens ilustres ou não pode ser indicativa de uma “tonalidade particular da subjetividade contemporânea” (AVELAR, 2012, p. 63)

Outro fator que contribuiu para a explosão de biografias, cinebiografias e documentários a partir das últimas décadas do século passado seria aquilo que Andreas Huyssen conceituou como sendo uma cultura e sedução da memória, processo que teria sido potencializado, especialmente, no contexto da década de 1980 em meio aos debates de memória a respeito do Holocausto e suas consequências. Huyssen argumenta que esse período marca a acentuação de uma obsessão progressiva de tudo guardar, tudo preservar, registrar, monumentalizar, narrar, rememorar, comemorar: “a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta” (HUYSSSEN, 2000, p. 16).

O debate em torno de uma febre de memória na contemporaneidade também foi levantado por François Hartog, para quem o Ocidente, em contextos políticos, culturais e sociais distintos, lidou de muitas maneiras com sua forma de perceber o tempo. Para o autor, o “regime moderno de historicidade”, ou seja, a percepção coletiva de uma linearidade temporal e de uma compreensão histórica que possuía como único horizonte o futuro (terreno em que chegou a florescer o positivismo e o marxismo), se desgastou de forma mais aprofundada na segunda metade do século XX, quando o que denominou de “presentismo” passa a se fazer presente de maneira esmagadora, ao mesmo tempo em que busca suas “raízes” no passado e no ato de tudo preservar, desde “monumentos, objetos, modos de vida, paisagens, espécies de animais” e todo o “meio ambiente” (HARTOG, 2006, p. 151):



O século XX é o que mais invocou o futuro, o que mais construiu e massacrou em seu nome, o que levou mais longe a produção de uma história escrita do ponto de vista do futuro, conforme aos postulados do regime moderno de historicidade. Mas ele é também o século que, sobretudo no seu último terço, deu extensão maior à categoria do presente: um presente massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado. Mas, desde o fim dos anos 1960, este presente se descobriu inquieto, em busca de raízes, obcecado com a memória. A confiança no progresso se substituiu a preocupação de guardar e preservar: preservar o quê e quem? Este mundo, o nosso, as gerações futuras, nós mesmos. Daí vem este olhar, museológico lançado sobre o que nos cerca. Nós gostaríamos de preparar, a partir de hoje, o museu de amanhã e reunir os arquivos de hoje como se fosse já ontem, tomados que estamos entre a amnésia e a vontade de nada esquecer. Para quem? Para nós, já. A destruição do Muro de Berlim, seguida da sua museificação instantânea foi um bom exemplo, com a sua imediata mercantilização. Foram postas à venda imediatamente amostras devidamente marcadas com o selo Original Berlin Mauer. (HARTOG, 2006, p. 270).

Para Hartog, as percepções coletivas de tempo não se deram de forma pura e homogênea ao longo da história como modelos prontos de consciência, mas foram historicamente construídos, assumindo distintos formatos de acordo com a sociedade e os indivíduos que o formulavam. Sendo assim, a ideia de “regimes de historicidade” não deve ser interpretada como

uma entidade metafísica, vinda do céu, mas um plano de pensamento de longa duração, uma respiração, uma rítmica, uma ordem do tempo, que permite e proíbe pensar certas coisas. Contestado tão logo de sua instauração, um regime de historicidade reformula, “recicla” os elementos anteriores da relação de tempo, a fim de fazer com que ele diga outra coisa, de outra maneira [...]. Um regime, finalmente, jamais existe em estado puro. (HARTOG, 1997, p. 10)

A partir das ideias desenvolvidas por Hartog e Huyssen sobre a obsessão pelo passado, é possível afirmar que o crescente volume de biografias publicadas nos últimos 40 anos seria fruto, dentre outras questões, também desse processo. Benito Bisso Schmidt ressalta que o recente *boom* biográfico pode ser identificado como um sintoma de como o presentismo não consegue dar conta de sistemas simbólicos complexos como as identidades individuais e coletivas, sem recorrer ao passado. A avalanche editorial de biografias veio acompanhada de outros fenômenos de memória igualmente ou até mais intensos em suas manifestações, como a refilmagem de filmes clássicos do cinema, o retorno da estética de outras épocas e as comemorações constantes de marcos históricos de relevância nacional e internacional. Isso ajudaria a explicar, por exemplo, a grande quantidade de cinebiografias de Pelé que, ao longo da segunda metade do século XX e primeira metade do século XXI, foram feitas e refeitas. Ao todo, seis produções:

A moda “retrô”, o gosto por filmes e romances históricos e o interesse pela memória, pelo patrimônio e pelas comemorações de efemérides nacionais constituem sintomas importantes dessas “falhas do presentismo”. Pode-se pensar, então, que o interesse contemporâneo pelas biografias, inclusive por parte dos historiadores, acompanha essa onda de história-memória, ou seja, os personagens do passado passaram a ser “ressuscitados” – ou, mais precisamente, recriados – com o objetivo de converterem-se em referências para os homens do presente e/ou como ícones de um passado idealizado, servindo de reforço a determinadas identidades de classe, gênero, raça, geração, região, religião, nação, entre outras. (SCHMIDT, 2012, p.192-193.)

Se por um lado a febre de memória é resultado de um presente que se vê sem referências, por outro lado, a acentuada valorização do passado na contemporaneidade também foi engolida pela Indústria Cultural que passou a explorar agressivamente um nicho de mercado ávido por consumir memória-mercadoria, no qual as biografias, cine biografias e documentários são cada vez mais produzidos em escala industrial para posterior vendagem. Como pontuou a historiadora Sônia Silva, há uma “sede de história” na sociedade contemporânea. Eu acrescentaria que não somente pelas circunstâncias que Hartog havia teorizado, mas em grande medida pela necessidade gerada por um mercado que enxergou as potencialidades da mercantilização do passado:

A história se tornou um produto cobiçado, não somente de legitimação, mas mercadoria simbólica vendida em bancas de jornal. Produto que desencadeou a corrida de uma série de novos produtores, ou “fazedores” de História. Além de produzir história, vender o passado tornou-se uma atividade estimulante, pois, o interesse quase obsessivo por ele, levou a uma verdadeira profusão na distribuição de obras e produtos que incentivaram e alimentam uma sede de história em nosso cotidiano. O rápido registro do passado resultou em uma inesgotável demanda de datas, lugares e personagens que, por apresentarem certo valor de antiguidade, tornaram-se memoráveis. (SILVA, 2009, p. 133-134)

Ora, ao observar todas as biografias publicadas sobre a trajetória de Pelé, constata-se que de um total de onze publicações analisadas, oito foram lançadas no mercado editorial dentro do recorte 1993 – 2014. Isso sem contar as recentes e numerosas produções audiovisuais de cunho biográfico como documentários e filmes datados do início do século XXI. As estatísticas supracitadas dão sustentação para os argumentos dos autores aqui acionados e corroboram para a tese de Hartog sobre o regime “presentista” que estaria a vigorar desde o final da década de 1960 e que teria intensificado seus efeitos com o colapso das utopias políticas e a queda do muro de Berlim em 1989. Deste modo, o fenômeno definido por alguns autores como “boom biográfico”, situado a partir do final dos anos 1980 e ainda em franca ascensão na atualidade, seria um subproduto desse olhar museológico e obsessivo para com o passado a partir de um presente que não encontra perspectivas de identidade no futuro (não mais fantasiado sob a noção positiva de “progresso”, mas gora tido

como trágico, incerto e angustiante) e muito menos no próprio presente. No caso de Pelé, além das circunstâncias situadas pelos autores, a grande quantidade de material biográfico também se justifica por tentativas de publicizar representações sociais da nação, a partir da trajetória do jogador. Representações que, como demonstrarei, nem sempre foram as mesmas e que estiveram sempre em diálogo com o contexto em que foram concebidas.

Toda narrativa biográfica é, necessariamente, uma construção artificialmente ordenada do tempo e da vida. A esse respeito, Benito Bisso Schmidt escreveu em tom exclamativo sobre a impossibilidade de se escrever uma vida em sua integralidade: “Que pretensão! Pensar que é possível escrever uma vida, que as linhas ordenadas de um texto podem expressar os inúmeros, descontínuos e contraditórios fios de um destino pessoal” (SCHIMIDT, 2009, p. 132). Dito isso, creio ser desafiador e estimulante comparar os vários discursos de autores que viveram em épocas distintas, mas que tiveram a “pretensão” de escrever sobre um mesmo indivíduo. É, sem dúvida, uma experiência que contribui no sentido de compreender o processo de invenção e reinvenção de múltiplas memórias e identidades. A esse respeito, o historiador Wilton Carlos Lima escreveu interessante artigo sobre as possibilidades e potencialidades de se trabalhar com esse tipo de fonte:

A biografia como objeto de estudo permite a discussão sobre os vínculos sociais e históricos que se relacionam com a forma como o personagem teve sua obra e sua trajetória lembrada ou esquecida ao longo do tempo, sua vinculação com diferentes grupos e movimentos, a produção editorial, acadêmica e jornalística, o envolvimento de instituições, da promoção de diferentes eventos e de acontecimentos específicos, além de caracterizando-a como documento, mídia e manifestação política e cultural. (...) A biografia como objeto de análise oferece muitas questões a serem respondidas: os limites da ideia de verdade e de representação, o papel social do mito, as relações entre público e privado, as ligações entre a narrativa e sua época, entre diversas outras. (DA SILVA, 2009, p. 162-163)

No que se refere às possibilidades da biografia, dialogarei inicialmente com Pierre Bourdieu (2006) e Giovanni Levi (2006). Trata-se de um debate necessário e que oferece ferramentas teóricas para problematizar a produção biográfica enquanto uma produção marcada pelo presente e pela subjetividade do autor. Em seu texto clássico “A ilusão biográfica”, Bourdieu afirma que o discurso biográfico está ilusoriamente sustentado no princípio “de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 2006, p. 184). Pautado numa narrativa linear e com conexões coerentes entre os fatos mencionados que deem sentido ao biografado, o discurso biográfico deve ser encarado pelo historiador como uma construção que, longe de espelhar a realidade, procura sistematizar uma trajetória fraturada pela memória:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p.185)

Citando Allain Robbe-Grillet, Bourdieu acrescenta que a vida de um indivíduo não é uma unidade estável marcada por uma linearidade coerente como sugerem muitas obras biográficas, mas uma existência fraturada, marcada pelo descontínuo, pelo refazer-se, pelo imprevisto e o inesperado: “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito.” (ROBBE-GRILLET, 1984, p. 208; apud BOURDIEU, 2006.).

Levi, por sua vez, chama a atenção para a armadilha que seria imaginar “que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado”, estes situados numa “cronologia ordenada”, portadores de “personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”. Algo bastante comum na grande maioria das biografias se dá quando o biógrafo constrói a intriga de tal forma que todas as ações de seu biografado que ali estão sendo narradas tenham ligações coerentes entre si, de maneira que o conjunto de todas elas resulte no “produto final” que seria o vislumbre do destino traçado para o personagem em questão. Desconsidera-se, dessa forma, como bem apontou Giovanni Levi, que muitas decisões e rumos que qualquer pessoa toma na vida, muitas vezes não são, ao final de tudo, fatos interligados de forma harmônica e intencional como uma cronologia linear. (LEVI, 2006)

Corroborando com Levi e Bourdieu, Alexandre Avelar em “Grafia da Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica” (2012) sustenta a necessidade de ler e problematizar a biografia e a autobiografia para além do texto dado, ou seja, para o próprio processo de construção da narrativa que por vezes congela o indivíduo em uma “essência” definida desde a infância:

O enredo de uma vida não é, entretanto, uma trajetória retilínea em direção a um fim determinado que já se manifestava desde os momentos mais remotos da infância da personagem. [...] Os indivíduos não devem ser vistos como entidades fechadas e com destinos marcados, mas como produtores de diversas identidades e mesmo subjetividades, não podendo ser enquadrados em sistemas sociais homogêneos cujas categorias foram definidas a priori pelo pesquisador. (AVELAR, 2012, p. 72, 74)

Todas essas ponderações são importantes a fim de que não se caia nas armadilhas da análise. Busco, dessa forma, encarar as memórias biográficas e autobiográficas de Pelé como

discursos fabricados a partir não somente das lembranças e das memórias, mas, sobretudo, a partir de esquecimentos. O discurso biográfico e autobiográfico não se define como um mecanismo de reconstrução de memórias, muito menos de resgate das mesmas, mas de atualização, tendo como ponto de partida diversos referenciais do tempo presente, onde as memórias foram selecionadas, agrupadas, ressignificadas, sistematizadas e, em seguida, escritas. Nenhuma das duas operações se dá de forma natural ou pura, sendo constante o recorte, a hierarquização, a tensão e a negociação entre o lembrar e o esquecer. Nesse sentido, a biografia, tomada como um projeto de representação pessoal para a posteridade, seria, nos dizeres de Le Goff, também um monumento.

Feita essa reflexão inicial, analisarei de forma mais pormenorizada as fontes anteriormente apresentadas, cruzando, sempre que necessário, as obras biográficas com outras fontes pertinentes. A abordagem empregada buscou mapear e compreender os constantes fazeres e refazeres das narrativas biográficas que, com o passar dos anos, passaram a disputar a memória de Pelé como símbolo de uma coletividade ou de uma “Comunidade Imaginada” (ANDERSON, 2008). Longe de possuir uma coerência única, linear e sem contradições, a memória sobre o ex-jogador está em constante processo de reelaboração, tanto por ele mesmo como por muitos outros. A respeito desse processo, é certo que as memórias a respeito dos indivíduos são feitas e refeitas nem sempre de forma naturalizada ou pacífica, havendo aí as chamadas disputas de narrativa, que como o título da tese sugere, será um ponto sempre presente ao longo do texto.

## **1.2 Edson e Pelé – identidades fluidas em permanente negociação**

O ano agora é 1971, 11 de julho. Local: estádio do Morumbi, São Paulo. A seleção brasileira havia empatado com a modesta seleção da Áustria por 1 x 1 no primeiro jogo da despedida de Pelé pela Seleção. Ao fim da partida, diante de uma multidão de 99.902 espectadores, Pelé é carregado nos ombros e, logo em seguida, coroado como majestade do futebol mundial, recebendo uma coroa e um cetro na mão direita. Ato simbólico, por certo, mas carregado de intencionalidade e historicidade. O mito do rei ganhava assim, mais uma dentre tantas outras atualizações. Todo esse ritual ficaria marcado para a posteridade como uma das imagens mais cristalizadas a seu respeito (embora não estática no que diz respeito a seus usos) tendo em vista o contexto de despedida em que tudo aconteceu.

Certamente, o pensamento de Pelé e de boa parte dos que ali estavam remetia à ideia de fechamento de um ciclo, afinal, o “rei” estava saindo de cena. Certamente, em termos esportivos, o passado glorioso e vencedor pela Seleção chegava a um fim e seu legado ficaria para a posteridade. Todavia, seria plausível alegar que o mito, enquanto fenômeno biográfico manipulável, não se encerrou naquele 11 de julho, pois sofreu e sofre hoje inúmeros usos e ressignificações, mesmo obviamente, com Pelé fora dos campos há décadas. E, pelo que tudo indica, o mesmo fenômeno continuará após sua morte (que até o presente momento que escrevo este texto ainda não aconteceu), com um fator antes inédito: Pelé já não estará aqui para tecer suas próprias narrativas a respeito de si e a respeito do Brasil. Deixará, assim, o caminho totalmente livre para que sua memória seja de vez tomada como pública, potencializando interpretações e usos políticos da mesma.

Imagem 01



Fonte: JORNAL O GLOBO; Agência da Globo, 1971.

Imagem 02



Fonte: REVISTA MANCHETE, 1971, edição 1005. Capa.

A imagem icônica de Pelé portando coroa e cetro enquanto é saudado por uma multidão eufórica possui uma forte carga mística por um lado e nacionalista de outro. Mística porque emula um ritual de adoração a um rei da antiguidade que tomava a forma divina, dada sua condição de “ser divinamente escolhido” para a glória. Dota-se, assim, o corpo de Pelé de um sentido sobrenatural, ele é saudado por “súditos” que reconhecem sua majestade e seu estado divinal. Nacionalista porque juntamente com a euforia governamental no contexto do assim chamado “Milagre Econômico Brasileiro”, Pelé naquele momento representava a imagem autoinflada do “Brasil que deu certo”, do “ninguém mais segura este país”, o Brasil que um ano antes havia conquistado o tri na Copa do México sob sua liderança. Representava o sentimento de pertencimento e o orgulho de ser brasileiro, assim como o “rei do futebol” o era. Sete dias depois, na segunda despedida no Maracanã, a festa definitiva celebrava a última partida do jogador com a camisa canarinho. Ao som do apelo coletivo do torcedor que gritava “Fica! Fica!”, Pelé, em um gesto simbólico de vencedor que havia cumprido seu propósito, deu volta olímpica ao redor do gramado e despiu-se da camisa da Seleção. Encerrava-se ali um ciclo que, além de vencedor, suscitou narrativas nacionalistas das mais variadas, seja em favor do jogador ou não. Tais representações mobilizam até hoje o imaginário nacional, mesmo passados 40 anos desde o acontecimento.

As apropriações do mito do rei são variadas e guardam um dinamismo histórico muito próprio. Acima, imagens de consagração em um contexto festivo, de reverência e forte pulsão dos sentimentos nacionalistas, produzidas com a intencionalidade de gerar uma imagem definitiva que representasse e desse concretude ao mito do rei que, de alguma forma, servisse como símbolo do momento político e esportivo que o país atravessava. Na imagem a seguir, se observa outra reelaboração, esta, mais voltada ao comercial e que atende a outros interesses, embora não deixe de reforçar também as imagens e os significados anteriores. Isso não significa dizer que as duas imagens anteriores sejam desprovidas de interesses comerciais, pelo contrário, toda encenação da coroação foi pensada de forma publicitária, de maneira que pudesse atrair atenção e agregasse valor ímpar para a já consagrada marca Pelé, em torno do qual gravitavam imprensa, publicitários, investidores e potenciais investidores. Contudo, não se pode desconsiderar o que representava Pelé em 1971, um ano após a conquista do Tricampeonato mundial e em pleno Regime Militar com o país ainda envolto na euforia nacionalista pós-Copa. Portanto, mesmo com a teatralidade publicitária que coordenou toda a cerimônia, o contexto das imagens guarda essa particularidade, a de ter mobilizado sentimentos patrióticos em um momento propício de euforia nacionalista que, inevitavelmente, foi projetada sobre Pelé.

O frame a ser analisado a seguir data de janeiro de 2014, portanto, 43 anos após a cerimônia no Morumbi. Trata-se de um comercial<sup>8</sup> produzido para a rede de supermercados Carrefour. A propaganda foi veiculada em meados de janeiro até o mês de julho, mês em que aconteceu a final da Copa do Mundo no Brasil. A peça trazia Pelé sobre um trono, trajado de rei, portando um cetro e emitindo decretos de incentivo ao consumo, destinados ao povo brasileiro. Em ambos os casos, como em outras muitas situações antes e após sua aposentadoria dos gramados, Pelé não encontra dificuldades ou pelo menos não demonstra o menor sinal de constrangimento ao assumir o personagem por completo, não somente o título de “rei” por si mesmo, mas toda a indumentária que o caracteriza de forma estereotipada como tal. Mais do que a assimilação de um título, trata-se de uma performance.

Imagem 03



Fonte: YOUTUBE, 2014.

É crucial questionar por que Pelé em sua “aparição real” no comercial do Carrefour, apresenta-se trajado com terno e gravata e não mais com a camisa da Seleção Brasileira por baixo do manto monárquico, como nas imagens anteriores. O que se poderia inferir dessa atualização da imagem do mito do rei senão a concepção idealizada, já tratada aqui, de que Pelé enquanto jogador de futebol, havia encerrado seu ciclo, ficando apenas a homem, o Rei, o mito? As bolas de futebol que aparecem no quadro, uma no cetro e outra na base do trono, são de ouro e figuram apenas como representações de um passado glorioso. Embora seja retratado novamente com instrumentos monárquicos como cetro e coroa, sua roupa não está mais associada ao universo esportivo, posto que lembra um homem de negócios, um burocrata. A mescla de terno e gravata com roupas reais atualiza e reforça esse novo uso imagético de sua memória. Um uso positivo, é preciso dizer, pois nem sempre a imagem de

---

<sup>8</sup> Propaganda disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=PkNSUGQwG\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=PkNSUGQwG_g)



empresário foi bem recebida por alguns biógrafos e setores da imprensa que o acusavam constantemente de “mercenário”. Abordarei essa problemática no capítulo II.

Outra diferença considerável entre as imagens se dá no âmbito do capital simbólico de Pelé em cada contexto em que foram produzidas. Como enfatizei há pouco, as fotos de 1971 são concebidas e publicadas em um momento muito particular da história brasileira e do próprio Pelé, este no auge de sua glória esportiva e ainda não desgastado pela opinião pública como se encontra hoje. Se nas imagens 01 e 02 temos um “rei” sendo saudado e venerado por uma multidão que havia ocupado todos os lugares do estádio do Morumbi, na imagem 03 já temos um “rei” isolado em seu recinto sem o menor sinal da presença popular.

Ao comparar seu “capital simbólico” (BOURDIEU, 2005, p. 129) no ano de 2014 para com o ano de 1971, será constatado que há uma discrepância abissal. Ao contrário de sua coroação no Morumbi, ocasião em que havia um ambiente propício para que as pulsões nacionalistas viessem à tona e convergissem para sua pessoa, em 2014 Pelé se encontrava extremamente desgastado não só por seu histórico de declarações e atitudes tidas por polêmicas, mas, em termos de passado recente, por conta de um vídeo postado no ano anterior durante as manifestações de rua em 2013. À época, durante o transcurso da Copa das Confederações no Brasil, as manifestações trouxeram para o centro do debate público, dentre outras pautas como aumento de passagem e corrupção, o excesso de dinheiro público injetado nas arenas da Copa das Confederações 2013 e Copa do Mundo 2014. No meio de toda a agitação política e futebolística, em entrevista concedida à TV Tribuna<sup>9</sup>, afiliada da Rede Globo na Baixada Santista, Pelé pedia em sua fala que o povo brasileiro “esquecesse” a “confusão” e os protestos de rua e apoiasse a Seleção Brasileira que então se preparava para o mundial no ano seguinte:

Aproveitar a oportunidade que a Globo está me dando de mais uma vez pedir aos brasileiros para não confundirem as coisas. Nós estamos iniciando uma preparação para a Copa do Mundo, tá pertinho, um aninho [...]. Vamos apoiar a seleção, mesmo que a seleção não vá bem [...]. Então, vamos esquecer toda essa confusão que está acontecendo no Brasil, todas essas manifestações e vamos pensar que a seleção brasileira é o nosso país, é o nosso sangue. Não vamos vaiar a seleção, vamos apoiar até o final. É essa a minha mensagem.

A declaração de Pelé tratando os problemas sociais do país como menos importantes do que o futebol da Seleção repercutiu enormemente nas mídias sociais como Facebook e Twitter, provocando desconforto em milhares de internautas e servindo, ironicamente, como

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rfNAJ6Qdeol>

combustível para alguns manifestantes que passaram, então, a também hostilizá-lo em atos públicos:

Imagem 04



Legenda: “Eu calaria”. Durante protesto em junho de 2013, manifestantes carregam cartaz com referência às declarações de Pelé.

Fonte: SITE ÚLTIMO SEGUNDO.

Imagem 05



Legenda: Junho de 2013: Estátua de Pelé é “amordaçada” na cidade natal, Três Corações, MG.

Fonte: G1, 2013.

Imagem 06



Legenda: Em meio aos protestos, desta vez em 2014, manifestante queima imagem de Pelé.

Mais do que simplificar a interpretação das imagens como sendo apenas “hostilidade” ou mera antipatia à figura de Pelé, torna-se necessário entender essas manifestações como um questionamento de uma memória de cunho nacionalista que sempre esteve a circular a seu respeito e que, por fatores históricos e inúmeras camadas de discursos biográficos, possui íntima associação com a imagem da nação. Penso que naquele contexto de 2013/2014, não era apenas a imagem do ex-jogador propriamente dita que estava sendo atacada, o que estava sendo questionado juntamente com Pelé era justamente o simbolismo que essa memória reforçou a seu respeito, ou seja, uma ideia de Brasil ideal personificada em sua imagem. Arelado à essa onda de questionamentos a à memória associada ao ex-jogador, estariam a CBF, a FIFA, o Governo Federal, a Rede Globo, a questão das prioridades nos gastos públicos, corrupção, precarização dos serviços, os partidos políticos, Ditadura Militar e a passividade do futebolista; todos esses fatores passaram a incorporar o tenso momento de convulsão política e foram sintetizados num só homem: Pelé.

Foi possível constatar nesses muitos focos de questionamento, tanto na rua como no espaço virtual, que a percepção de parcela da população tocava na seguinte questão: Pelé havia esgotado sua capacidade de continuar se sustentando como símbolo maior de uma nação democrática que se via diante de novas questões e novos conflitos nacionais que já não seriam solucionados via futebol como se pensava na década de 1950, mas pela via política da cidadania participativa, princípio democrático que Pelé se mostrava alheio naquele momento de efervescência social. Enquanto uma pequena parcela irá se radicalizar e rejeitar por completo a imagem do chamado “rei do futebol” associada à identidade nacional, chegando a extremos como a queima de sua fotografia em espaços públicos; outros segmentos iriam interpretar o episódio de sua polêmica afirmação através da clássica divisão entre “Edson despolitizado” e “Pelé gênio e ídolo absoluto”. Para estes últimos, o ex-jogador continuou sendo um poderoso símbolo de brasilidade mesmo após o desgaste, todavia, não como cidadão, mas como atleta de trajetória vitoriosa. Raros indivíduos no mundo contemporâneo são lidos pelo debate público da forma como Pelé é lido, tendo seu ser fragmentado em muitos “Pelés”: parte de seu ser é condenado, parte é perdoado e exaltado. Eis, portanto, a grande contradição biográfica presente na construção de sua memória. O que, de certa forma, exemplifica bem o processo histórico que mobilizou uma verdadeira “gangorra” de representações sobre o jogador

Seis meses após o episódio em 2013, o ex-atleta voltou a causar polêmica em entrevista<sup>10</sup> ao Canal ESPN em janeiro de 2014. Ao comentar as manifestações de 2013 e dizer quais eram as suas expectativas para o ano de Copa do Mundo, Pelé praticamente voltou a repetir o tom de sua declaração do ano anterior:

Se vamos fazer manifestos, deixa passar essas festas. O futebol não tem nada com isso. [...] Eu acho que o futebol não tem nada a ver com a corrupção dos políticos. O futebol sempre enalteceu o Brasil. Deixa passar a Copa do Mundo e aí vamos reivindicar o que os políticos estão roubando. O futebol só traz divisa e benefícios para o Brasil.

Em abril do mesmo ano, causou choque ao comentar as mortes de operários que trabalhavam na construção dos estádios que ainda estavam com o cronograma de obras atrasado: “O que aconteceu no Itaquerão, o acidente, é normal, coisa da vida, pode acontecer. Foi um acidente. Isso aí eu não acredito que assuste”. As palavras de Pelé mais uma vez tiveram grande repercussão popular e midiática, a fotografia em que um manifestante atea fogo à sua imagem foi registrada pouco mais de um mês após sua entrevista à ESPN Brasil. A contradição de paixões que Pelé desperta evidencia que o fenômeno de divisão de seu corpo em duas entidades, o Pelé divino e o Edson falastrão, é naturalizado pelo senso comum e reforçado pela imprensa, pois mesmo indo de encontro ao discurso de grupos inteiros que se mobilizavam, ainda era forte, embora não unânime, a ideia de que Pelé teria sido um gênio dos gramados, mas que não correspondia às mesmas expectativas enquanto cidadão, havendo sempre essa ressalva presente em algumas críticas que o tinham como alvo. A esse respeito, Luiz Henrique Toledo teceu as seguintes reflexões que subscrevo a seguir. Digno de nota lembrar que o texto de Toledo antecede e muito as declarações de Pelé ditas no turbulento contexto 2013-2014:

Atualmente, se Pelé continua a ostentar, na concepção de milhões de admiradores dentro e fora do Brasil, o cetro que cabe a um rei do futebol, está, todavia, longe da unanimidade como pessoa pública, imagem meticulosamente amealhada sobretudo no período compreendido entre 1966 e 1977, ano em que deu por encerrada a sua carreira de jogador de futebol num modesto clube nova-iorquino, denominado de Cosmos. [...] Embora sua imagem tenha sofrido consideráveis desgastes ante a perecibilidade e seletividade da memória coletiva, pois, do Pelé de dentro de campo não temos uma completa documentação dos registros importantes dos muitos gols e façanhas realizados nos mais de 1000 jogos em que atuou, e do Edson de fora dos gramados cristalizou-se uma imagem enredada nos torvelinhos da própria história, feito protagonista de acontecimentos e tomadas de decisões políticas controversas (TOLEDO, 2004, p. 153)

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,pele-pede-que-brasileiros-adiem-protestos-para-depois-da-copa-do-mundo,1125402>

Um dos exemplos dos quais se poderia dar a respeito da naturalização de suas duas *personas* por parte da imprensa, diz respeito à matéria<sup>11</sup> publicada pelo jornalista Fernando Brito para o site progressista *Tijolaço*, em 21 de fevereiro de 2014. Brito se mostrava indignado com a cena do manifestante ateando fogo à imagem de Pelé

Pelé, fora de campo, nunca foi santo de minha devoção. Já disse muita besteira e muita coisa correta, como tanta gente já fez. Mas, 40 anos depois de deixar os gramados, é impressionante como ainda é uma figura reconhecida e querida pelo mundo afora. Na prática, virou há meio século um símbolo do Brasil pelo mundo afora. Não foi à imagem do cidadão Edson Arantes do Nascimento que este panaca da foto ateou fogo ontem, numa manifestação que reuniu 300 pessoas (“O País em Protesto”, como diz a Folha). Foi ao Pelé que todo mundo gosta, o Pelé do futebol.

O texto representa bem a constante tensão e contradição que está sempre a rodear a figura de Pelé. Enquanto uns ainda o consideram o símbolo máximo do Brasil, outros entendem que sua capacidade enquanto tal está esgotada e defasada, sendo necessário sua imediata deposição. Ao fazer a ressalva entre o “homem falho” e o “intocável”, Fernando Brito dá a entender que não haveria grandes problemas em queimar a imagem do “cidadão” Edson Arantes do Nascimento, afinal, “já disse muita besteira”, mas quanto à imagem do Pelé “símbolo do Brasil”, essa não deve jamais ser profanada. Pressuponho que a reação do jornalista tenha se dado pelo fato da foto queimada estar representando Pelé com uniforme de jogador de futebol ao invés de terno e gravata ou outra indumentária que não tivesse relação com o universo do futebol, pois, como já afirmei, criou-se a ideia de que o “Pelé do futebol”, como denomina o autor, está cristalizado no passado, imortalizado e divinizado, mesmo que sua memória seja objeto permanente de disputa.

Outra questão que merece ser historicizada e discutida com mais profundidade diz respeito à associação imediata da imagem de Pelé à figura de um rei, fruto de uma tradição já repetida exaustivamente há pelo menos 50 anos pela imprensa, cinema, literatura e publicidade. Quando Nelson Rodrigues usou pela primeira vez o termo “rei” para se referir a Pelé em crônica publicada no dia 25 de março de 1958<sup>12</sup>, não tencionava levar o termo tão a sério como hoje em dia se pode observar. Pouco tempo depois das palavras do escritor, o mito do rei se potencializou e se naturalizou de tal forma a ponto de ser usado em discursos nacionalistas que se pretendem exaltar uma dita “identidade brasileira” – quem nunca ouviu a frase “Somos o país do futebol e temos o Rei do Futebol”?

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.tijolaco.net/blog/os-libertarios-que-nao-queimam-a-bandeira-americana-mas-ateiam-fogo-a-imagem-do-pele/>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/blogs/robson-morelli/a-primeira-chronica-de-nelson-rodrigues-sobre-pele/>

Na ocasião da publicação da crônica, o Santos havia derrotado o América (RJ) durante partida válida pelo extinto Torneio Rio-São Paulo, a partida terminou em 5 x 3 para o Santos, com direito a quatro gols de Pelé, então com 17 anos e recém promovido ao time principal da Vila Belmiro. Entendo como um exagero poético de um cronista que, semelhantemente, pouco tempo antes havia se referido ao jogador Didi como “príncipe etíope”, o que evidencia um costume de Nelson Rodrigues em criar títulos para jogadores. No entanto, a crônica de Nelson Rodrigues acabou sendo de vital importância para as construções futuras do mito do “rei”, pois foi recuperada posteriormente com outros sentidos, já abrangendo o Pelé vencedor, multicampeão e “atleta do século”, nível que o mesmo ainda estava longe de ter alcançado em 1958, ano da publicação da crônica que foi redigida dois meses antes da copa do mundo na Suécia:

verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racionalmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — Ponham-no em qualquer rancho e sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. [...] *Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível em qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. Sim, amigos: — aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas-de-pau. Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós.*

A realeza de Pelé, a qual o cronista fazia referência, diz respeito muito mais a uma postura de ousadia e confiança dentro de campo perante os adversários, do que propriamente a uma realeza baseada em números, títulos e feitos extraordinários, tendo em vista que o mesmo ainda se encontrava apenas em seu segundo ano como profissional e não havia conquistado muitos títulos de grande expressão, como a Copa do Mundo e Libertadores da América. Longe da glória que alcançaria poucos meses depois, o jovem Pelé de 17 anos, naquele março de 1958 em que Nelson escrevia seu texto, até então caminhava para conquistar seu segundo

título de expressão pelo Santos (Campeonato Paulista)<sup>13</sup>, o qual só viria a ser confirmado em 14 de dezembro com vitória sobre o Guarani de Campinas. Antes do torneio paulista, seu único título relevante no currículo havia sido a Copa Rocca pela Seleção Brasileira contra a Argentina em 1957, torneio em que foi reserva, mas marcou gol na final aos 16 anos<sup>14</sup>. Além disso, o elogio à postura de Pelé derivava de sua tese sobre o “complexo de vira-lata” que estaria acometendo os brasileiros. Em outras palavras, tal complexo tratava-se de um trauma coletivo baseado em sentimento de inferioridade que teria se desenvolvido após a derrota para o Uruguai na partida final da Copa do Mundo de 1950. Nelson Rodrigues via no jovem jogador todas as potencialidades que moldariam uma identidade nacional isenta de timidez de si mesma e não-subserviente ao estrangeiro. Como escreveu José Carlos Marques, para Nelson, o futebol se constituía como o caminho mais palpável e simbólico para se começar a realizar tais mudanças, pois dizia enxergar especificidades e potencialidades que somente o futebol brasileiro possuía:

para o cronista, a superação desse trauma seria possível justamente por meio do futebol, uma vez que o brasileiro possuía virtudes próprias que o distinguiam do futebol europeu e que poderiam fazer com que nos sentíssemos um vencedor “nato e hereditário” (MARQUES, 2014, p. 93)

Para Nelson Rodrigues, Pelé era o exemplo e a resposta para a superação desse “estado de espírito” brasileiro, pois ao contrário dos ídolos nacionais consagrados, porém derrotados nos mundiais de 1950 e 1954, o garoto que mesmo ainda não sendo ídolo nacional, não se intimidava, encarava os adversários com personalidade e destemor. Para a Copa de 1958, todos os demais deviam se mirar em Pelé, em sua forma de se portar diante do time adversário, como um rei que olha para seus súditos sabendo ser superior a todos. Pelé encarna o modelo do “brasileiro ideal” para Nelson Rodrigues, o qual passou a depositar nele, expectativas, projetos e representações de nação que seriam atingidos via futebol. Como observou Ana Paula Silva:

Pelé foi, ao longo de sua vida, alvo e ao mesmo tempo protagonista do debate sobre o “tipo nacional” necessário e aceitável capaz de superar aquilo que foi definido por Nelson Rodrigues como o “complexo de vira-lata”. As representações construídas a respeito de Pelé coincidiram com muitos projetos sobre como transformar esse tipo nacional para que o Brasil pudesse se tornar uma nação plena, desenvolvida e moderna (SILVA, 2008, p. 16)

---

<sup>13</sup> <https://www.santosfc.com.br/paulista-de-1958-a-explosao-do-santos-de-pele/>

<sup>14</sup> <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/pele-faz-primeiro-jogo-pela-selecao-e-marca-gol-contra-a-argentina>

A despeito dessa complexidade simbólica de significados iniciais do termo “rei” em Nelson Rodrigues, é comum, todavia, observar que jornalistas e até mesmo pesquisadores das ciências sociais caem na armadilha de naturalizar o termo sem historicizá-lo, acabando por enxergarem o “rei” do escritor como sendo o “Rei do Futebol”, cunhado tempos depois já com outros sentidos políticos e em referência a seus títulos de peso e seu protagonismo. O que houve, de fato, foi uma resignificação do termo. O resgate da crônica funciona nessa narrativa do “Rei” como apelo a uma idealizada tradição jornalística que, desde 1958, teria consagrado Pelé como o “Rei do Futebol”, fato que não se confirma a partir das fontes e da cronologia dos fatos. Para exemplificar este ato anacrônico, citarei alguns textos de jornalistas e acadêmicos que acabaram por ampliar o “mito do rei” para além de sua fabricação inicial, contribuindo, dessa maneira, para o fortalecimento da mitologia biográfica. Essa corrente busca, a partir desse princípio, estabelecê-lo como símbolo da identidade brasileira a partir de sua “realeza” prematura.

O jornalista e biógrafo José Castello, autor de “Pelé, os dez corações do Rei” (2004), até chega a comentar que a observação do cronista seguida do famoso adjetivo, se deu em um contexto em que Pelé não possuía toda a bagagem que teria alguns anos após aquela partida no Maracanã, porém, Castello acaba engolido pela mitologia do rei e, logo em seguida, passa a naturalizar o termo sem situá-lo historicamente, tratando a crônica de Nelson Rodrigues como um mito de origem envolto em ares proféticos:

O mais impressionante é que Nelson não fez essa descrição inspirando-se na imagem do Pelé maduro, vitorioso, que conquistou o tricampeonato mundial. Quando escreveu sua crônica, Pelé era ainda um menino de 17 anos de idade e acabara de brilhar não em palcos internacionais, mas numa partida doméstica. [...] Nada melhor do que a força poética de Nelson Rodrigues, seu olhar arguto de dramaturgo, sua hipersensibilidade aos fatos reais para produzir, e coroar, uma jogada de Pelé. Se Pelé – como um plano secreto, ou um crime – teve um autor intelectual, este certamente foi Nelson Rodrigues. (CASTELLO, 2004, p. 64, 65)

Outro exemplo que poderia ser dado é o da historiadora Márcia Pinna Raspanti, escritora e produtora de conteúdo do portal História Hoje, que, juntamente com a também historiadora Mary Del Priori, escreveu artigo<sup>15</sup> sobre a crônica e, assim como tantos outros, também acabaram reproduzindo essa narrativa. O título do texto de Márcia e Priori, publicado em 11 de junho de 2014, é “O Rei do Futebol, por Nelson Rodrigues”, e aborda o surgimento da expressão “Rei do futebol” como sendo criação do cronista:

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://historiahoje.com/o-rei-do-futebol-por-nelson-rodrigues/>



*Em homenagem à Copa do Mundo, que começa amanhã, reproduzo parte de uma crônica de Nelson Rodrigues sobre Pelé. A três meses do mundial de 1958, o escritor lançava a expressão “Rei do Futebol” para definir o craque de 17 anos. E aproveitava para ironizar o complexo de “vira-lata” do brasileiro.*

O equívoco da autora se evidencia ao não perceber que o “rei” de Nelson Rodrigues não carregava o mesmo sentido político do “Rei” cunhado anos depois. O professor José Carlos Marques, pesquisador da história do futebol, é outro exemplo de escritores da academia que acabaram por reproduzir uma noção anacrônica do mito do rei. Em seu artigo “Do complexo de vira-latas à ‘nossa’ Taça do Mundo” (2014), Marques chega a construir uma argumentação que gera uma reflexão sobre o processo de fabricação histórica do “mito do rei”, contudo, não questiona a historicidade do termo que não teve sempre o mesmo uso, o mesmo peso, o mesmo significado:

A última invenção de tradição que gostaríamos de destacar aqui tem a ver com o próprio Pelé e seu epíteto de “rei do futebol”. O já citado Nelson Rodrigues, na crônica “A realeza de Pelé”, a respeito da partida América 3 x 5 Santos, pelo Torneio Rio-São Paulo de 1958, igualou Pelé a um rei, talvez de modo pioneiro. [...] Por obra ou não de Nelson Rodrigues, certo é que Pelé sagrou-se no imaginário brasileiro e mundial como o “rei do futebol”, a partir de uma narrativa mítica que, em diversas frentes (na publicidade, no cinema, nos relatos jornalísticos e radiofônicos etc), procurou enaltecer seu talento incomum e eficiência estupenda. (MARQUES, 2014, p. 105, 106)

Muitos outros jornalistas esportivos costumam chegar à mesma conclusão. Os fragmentos de textos a seguir foram todos publicados no ano de 2018 em meio à data de aniversário de Pelé, 23 de outubro. O primeiro de autoria de Marcos Paulo Lima, do Correio Braziliense; o segundo de autor desconhecido do portal Bol; e o terceiro de Leandro Stein, do site esportivo Trivela, também tomam a crônica de Nelson como um mito de origem:

Pela primeira vez, alguém ousou juntar três letras e dar a Pelé o eterno título de rei. O responsável pelo batismo do adolescente de 17 anos e 8 meses foi um craque das letras — um tal de Nelson Rodrigues — na crônica. [...] Vida longa ao Rei do Futebol. E minha reverência ao histórico texto genial de Nelson Rodrigues.<sup>16</sup>

Todos saúdam o Rei. Em 25 de fevereiro de 1958 Pelé foi chamado de rei pela primeira vez, após triunfo do Santos por 5 a 3 contra o América (RJ) pelo Torneio Rio-São Paulo, no Maracanã. Nessa partida, o jovem camisa 10 do Santos fez quatro

---

<sup>16</sup> “Pelé 78 anos: Nelson Rodrigues e a primeira vez em que o aniversariante do dia foi chamado de Rei”. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/dribledecorpo/pele-78-anos-nelson-rodrigues-primeira-vez-aniversariante-dia-chamado-rei-futebol/>

gols e o jornalista Nelson Rodrigues escreveu uma crônica, onde classificava Pelé como rei do futebol.<sup>17</sup>

Entre aqueles que melhor resumiram Pelé, está Nelson Rodrigues. E a pena privilegiada do cronista teve ares proféticos em 8 de março de 1958, a três meses do garoto de 17 anos eclodir na Copa do Mundo. Um reles America x Santos tornou-se caminho à coroação, possibilitada pelas palavras impressas na coluna do carioca na Manchete Esportiva. Classe em campo e no papel, que ajudam a sustentar essa aura do Rei. Merece todos os aplausos neste feriado do futebol, e que possa continuar homenageado ainda muitas vezes em vida.<sup>18</sup>

Todos os autores citados acima foram traídos e seduzidos pela memória edificada recentemente. A partir de uma análise anacrônica do texto de Nelson Rodrigues, trabalham com a ideia de que o autor teria “profetizado” o surgimento de um fenômeno. Com isso, acabam por reforçar a ideia do “predestinado” e criando um “mito fundador”.

A construção da memória do “Rei” também divide Pelé em duas entidades ao guardar sempre uma distância considerável da realeza para com o homem. É constante a tensão em meio ao debate público entre o homem (rotulado de “alienado”, “analfabeto político” e “falho”) e o Rei (inquestionável pelo “talento”, “determinação”, etc). O próprio Pelé divide seu “eu” em duas facetas, pois em sua autobiografia (2006) e nas entrevistas que costuma conceder, refere-se a si mesmo como “o Pelé” na terceira pessoa, ao mesmo tempo em que se autodenomina no presente apenas como “Edson”. Logicamente, sua visão sobre “Edson” não compartilha dos valores a ele atribuídos no debate público, antes, está consolidada em valores como disciplina, fé, coragem, determinação. Luiz Henrique de Toledo em seu artigo “Pelé, os mil corpos de um rei” traz elementos para se pensar essa construção. Para o autor, essa postura pode ser compreendida ao se pensar Pelé como um ponto de convergência para onde afluíram representações da cultura brasileira e projetos de identidade nacional a partir do campo futebolístico:

Nas inúmeras vezes em que Pelé é instado a tecer alguma opinião sobre determinado assunto, particularmente no que se refere a sua carreira de jogador de futebol profissional, iniciada no final dos anos 50 e encerrada em meados dos anos 70 do século XX, ele lança mão da terceira pessoa do singular como forma de tratamento e auto percepção de sua pessoa. Ao invés do esperado "eu", o Rei muitas vezes insiste no uso do "ele" como referência a si mesmo. [...] este afastamento diferencial imposto a si mesmo evoca algo mais do que uma "marca registrada", um traço peculiar da personalidade ou mesmo uma determinação implacável de uma estrutura social desigual. Pelé é, de fato, muitos outros. E tal peculiaridade revela uma síntese mais sutil e menos determinista, revelada em escolhas culturais que estão para além da sua própria biografia. Em outras palavras, é minha tese que tal distanciamento de

<sup>17</sup> “20 fatos curiosos sobre a vida de Pelé, o rei do futebol”. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/listas/fatos-curiosos-sobre-a-vida-de-pele-o-rei-do-futebol.htm>

<sup>18</sup> “O texto profético de Nelson Rodrigues que coroou Pelé três meses antes da Copa de 58”. Disponível em: <https://trivela.com.br/o-texto-profetico-de-nelson-rodrigues-que-coroou-pele-tres-meses-antes-da-copa-de-58/>

si mesmo deve ser pensado no encontro da sua macro persona com um projeto coletivo pontilhado por representações sociais que o posicionaram, muitas vezes e mesmo à sua revelia, como uma espécie de encarnação da própria cultura e dos muitos processos que resvalam na questão da identidade nacional tomados a partir do campo esportivo, em seu nível de maior excelência (TOLEDO, 2004, p. 149, 150)

Para o autor, a curiosa divisão se dá em virtude da consciência de Pelé em saber que sua memória já não lhe pertence mais e passou a tomar múltiplos rumos políticos. Dessa forma, chamar esse personagem de “eu”, implicaria comprometer-se de alguma maneira com as narrativas impostas a seu respeito. Em diálogo com Toledo, Ana Paula da Silva em sua tese “Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil”, trará uma ilustração que sintetiza de forma bastante didática essa situação. A autora argumenta que Pelé e Edson são dois lados de uma mesma moeda que as duas facetas representariam o caráter público e privado na construção dessas identidades. Em uma análise mais ampla, Ana Paula dirá que essa divisão que tem sido historicamente representada no imaginário social, dialoga fortemente com as contradições da sociedade brasileira.

Pelé, desde que despontou como craque do futebol, falou de si mesmo através de uma estratégia em que se divide entre Pelé e Edson. O primeiro é o atleta, o homem público, e o segundo, o homem comum. Essas *personas* de Pelé são acionadas, de um modo geral, pelos brasileiros, que se vêem como que presos num feixe de mensagens contraditórias que reforçam imagens de um país que ora vive a utopia da vitória do indivíduo sobre o grupo, ora vive a derrota deste indivíduo em face das representações do grupo. Pelé e Edson são assim os dois lados de uma mesma moeda e expressam bem o drama existente na vida social brasileira. (SILVA, 2008, p. 15)

Para continuar pensando a negociação de identidades entre “Edson-Pelé”, o historiador Ernst Hartwig Kantorowicz pode nos ajudar a compreender essa curiosa duplicidade. Em sua obra “Os Dois Corpos do Rei” (1957), Kantorowicz se debruça sobre documentos de cunho político, jurídico e clerical ligados à realeza, e acaba percebendo um interessante fenômeno na Inglaterra dos séculos XV, XVI e XVII: a ideia presente no imaginário popular e das camadas que ocupavam o poder, de que os reis detinham um corpo físico (que envelhece, que é imperfeito, sujeito a erros, doenças, etc.) e um corpo divino (este sim, perfeito, pois se encontra simbolicamente unido de forma mais íntima à pessoa de Cristo, o Filho; e de Deus). O autor argumenta que a figura do rei estava associada à imagem de Cristo, que, segundo a teologia cristã, possui duas naturezas, a divina e a humana. Kantorowicz chama essa forma de compreensão de “Cristologia Real”, ou seja, um olhar político sobre o rei a partir de especificidades fornecidas pela teologia, fazendo surgir a crença de que, assim como Cristo

era o “Cabeça da Igreja”, cabia ao rei ser o “Cabeça da sociedade”. Da mesma forma, o rei passaria também a ter uma dupla natureza:

Os Dois Corpos do Rei, dessa forma, constituem uma unidade indivisível, sendo cada um inteiramente contido no outro. [...] A doutrina da teologia e da lei canônica, ensinando que a Igreja e a sociedade cristã em geral, eram um “*corpus mysticum* cuja cabeça é Cristo”, havia sido transferida pelos juristas, da esfera teológica para a do Estado, cuja cabeça era o Rei. [...] a ficção dos Dois Corpos do Rei produziam interpretações e definições que necessariamente se assemelhavam àquelas produzidas em vista das Duas Naturezas do Deus-Homem. [...] O rei, ao contrário de um homem individual, é *in officio* o tipo e imagem do Ungido no céu, e consequentemente, de Deus (KANTOROWICZ, 1998, p. 23, 26, 29, 51-52 e 56).

Falbel e Medeiros (2009) defendem em artigo que a tradição situada por Kantorowicz não teria surgido no século XV, mas que já estava presente ainda que de forma vaga na Alta Idade Média em meio a sociedades germânicas tribais. Emulando as tradições pagãs de endeusamento absoluto do rei, o cristianismo aos poucos faria essa duplicação de personas do monarca tendo como referência a figura de Cristo:

Este caráter misto do rei, entre o mundo religioso e o secular, possibilitaria sua influência nas leis e sobre o mundo eclesiástico (lembramos da *Eigenkirche*, uma Igreja extremamente ligada e influenciada pela aristocracia do período). Como nos tempos pagãos, o que temos é o rei como descendente da divindade, com o cristianismo teremos uma identificação do mesmo com Cristo; ou seja, o rei é ao mesmo tempo uma “*persona mixta*”. (FALBEL; MEDEIROS, 2009, p. 66)

Sendo o Brasil um país de colonização católica com forte influência do cristianismo desde o século XVI e que vivenciou a experiência monarquista, embora não com as mesmas experiências, visões de mundo e cargas simbólicas descritas pelos autores que lançaram seu olhar sobre a Inglaterra e a sociedade medieval, é possível afirmar que havia, ainda assim, um pouco dessa tradição que acabou chegando em terras brasileiras com outras configurações, até porque a onda republicana que por aqui chegava disseminou aos poucos e em meio a não poucas resistências, o pensamento de secularização do rei. No que tange os atributos divinais da figura real no Brasil, Eduardo Romero de Oliveira em seu trabalho sobre o caráter político e religioso da liturgia que compôs a cerimônia de coroação de D. Pedro I, fornece bons argumentos para se chegar a essa conclusão:

Temos no sermão de Frei Sampaio, proferido durante o cerimonial, um documento que pode nos dar mais algumas indicações sobre o seu sentido religioso. A imagem de D. Pedro será apresentada aqui num entrelaçamento de elementos religiosos e políticos. Pela caracterização religiosa, o imperador é o ungido do Senhor, “aquele que recebe a sanção religiosa e por isto, a proteção divina”. Por meio da unção recebem de Deus a marca de “seus representantes sobre a terra.” [...] A conjunção

destas duas caracterizações virá com a designação de D. Pedro como o “eleito”: aquele que os céus concederam ao Brasil. ” (OLIVEIRA, p.143)

Assim, tanto o imaginário, quanto as representações e construções simbólicas sobre o “Rei Pelé” sofrem influência de uma tradição que tende sempre a divinizar a figura real. Por outro lado, semelhante à tradição monárquica, essa representação convive com a dubiedade de *personas*, ou seja, o rei de dois corpos em que o Edson é visto como o humano falho e de declarações insensatas; e Pelé como sendo uma entidade messiânica intocável e incomparável que permanece em um passado glorioso e mítico. Todavia, como escreveu Ana Paula Silva, tal representação dos dois corpos não é necessariamente correspondente à forma como Pelé a enxerga, pois ao falar do “Edson” o que se destaca em seu discurso são sempre construções que remetem à disciplina, determinação, trabalho, dentre outros atributos.

Na maioria das vezes, os brasileiros comuns, embora incorporando a dicotomia entre Pelé e Edson, o público e o privado, têm representações diferentes e não necessariamente correspondentes à forma como Pelé pensa os seus nomes e aos dois pólos em que dividiu o seu personagem. Edson, para muitos, é o nome dado àquele homem visto pela perspectiva da vida privada de um homem público, o Pelé. Edson, nas representações mais gerais e em várias situações, é tido como um mau exemplo. Segundo esta lógica, Pelé é grandioso, um “mito” que não deve ser profanado. (SILVA, 2008, p. 26)

Para entender um pouco melhor este fenômeno, citarei alguns exemplos a seguir extraídos de fontes e épocas distintas, as quais sugerem que a divisão de seus dois corpos tem sido uma constante em seu discurso e no discurso da imprensa. A análise do material evidencia que Pelé dá mostras de que está constantemente negociando a imagem e a memória do mito, ora como Edson, ora como Pelé.

Um dos primeiros usos narrativos dessa divisão pode ser encontrado na edição 502 da revista *Manchete* publicada em 1961. Numa entrevista mais intimista em que pouco se falou sobre futebol, foi perguntado ao jovem Pelé, então com 19 anos, quais seriam suas perspectivas de futuro em relação a uma possível vida conjugal: “E esse negócio de namoro e casamento tem uma coisa: não sei se elas gostam do Pelé ou do Edson Arantes do Nascimento. E eu só caso com quem gostar do Edson” (MANCHETE, 1961, p. 39). No mesmo ano de 1961, é possível encontrar fala semelhante na biografia “Eu sou Pelé”, primeira biografia sobre o atleta escrita pelo então repórter esportivo Benedito Ruy Barbosa:

O “Pelé” vai morrer solteiro. Quando eu for apenas Edson Arantes do Nascimento, quando já não falarem tanto de mim, como jogador de futebol, aí, então, procurarei uma companheira que possa me dar filhos que tanto desejo. Por enquanto, porém, não penso em casamento. Nunca poderei saber se “elas” gostam de mim, como

homem que sou, ou se querem apenas o “Pelé”. Como Pelé não será eterno, corro o risco de não encontrar uma esposa também eterna, nesta altura da minha vida. Esperarei que apareça alguém que goste apenas do Edson. (BARBOSA, 1961, p. 184)

Fragmento semelhante pode ser encontrado mais de trinta anos depois em sua autobiografia (2006). O trecho a seguir diz respeito à sua namorada Rose, com quem viria a se casar:

Me preocupava que ela fosse muito nova, que não gostasse de futebol. Ficava imaginando se era de mim mesmo que ela gostava ou se será do Pelé, o jogador famoso. Quando estava com a família de Neuzinha – a menina de origem japonesa de quem tanto gostava -, nunca senti que me viam como um jogador de futebol: eu era um menino, só isso. Sentia que gostavam do Edson só por ele ser o Edson. (NASCIMENTO, 2006, p. 112)

Para além do sentido óbvio que Pelé quis atribuir à sua frase ao enfatizar que valorizaria quem o valorizasse como homem e não como marca, ambas as falas ressaltam, como bem pontua Ana Paula Silva em sua tese, a divisão clara de papéis entre uma identidade pública e outra mais voltada para o ambiente privado. A fala atribuída a Pelé, demonstra que já em 1961, portanto, em seu 5º ano como profissional, seu biógrafo trabalhava com a ideia de fechamento de um ciclo: “Pelé” ficaria no passado, inalterado pelo tempo, enquanto Edson trataria de tocar a vida e seguir outros rumos. Essa lógica foi apropriada e maximizada por Pelé, e, como se sabe, ganhou contornos folclóricos a partir das constantes declarações do ex-jogador em que procurava se descolar de si mesmo.

Em outra entrevista à Manchete, desta vez em 1965, Pelé é questionado se Pepe Gordo, seu sócio nos negócios, teria poder de interferir diretamente em sua carreira de atleta: “Não. Nem ele, nem ninguém. Pelé é um; Edson Arantes do Nascimento, outro. Pelé é o jogador. Edson, o negociante. Pepe apenas interfere nos nossos negócios.” (MANCHETE, 1965, ed.686). Outro exemplo interessante foi publicado na edição 30 da revista O Cruzeiro, publicada em 1971, por ocasião do último jogo de Pelé pela seleção brasileira:

Foi numa dessas peladas e vendendo amendoim, que pegou o apelido de Pelé, que nem ele nem Dondinho, e muito menos Valdemar de Brito, o profeta de suas glórias, conseguem explicar. O nascimento do apelido representou a morde de Edson, seu nome de batismo. [...] “Nesses 14 anos [...] marquei 92 gols, e dei 990 horas de partidas à Seleção [...], foram 288 dias longe de casa [...]”. Por essas e outras é que costuma dizer que enquanto Pelé ficou rico e famoso, Edson permaneceu no esquecimento até dos filhos. (O CRUZEIRO, nº 30, 1971, p. 30)

As entrevistas de Pelé à Manchete ocorreram com razoável frequência. Na edição 1491 do ano 1980, a capa trazia o seguinte texto que traduz bem de que maneira a divisão de personas era naturalizada e estimulada pela imprensa:

Imagem 07



Fonte: MANCHETE, 1980, edição 1491. Capa.

O texto acima evidencia como a imprensa havia naturalizado e comprado a ideia das duas personas, o que, de fato, põe os meios de comunicação não como meros amplificadores do discurso binário de Pelé, mas sim como protagonistas, ao lado do jogador, da fabricação e cristalização dessa ideia que acabou chegando de maneira muito forte ao senso comum. Todas essas intrigas soam como uma biografia dentro de outra biografia, pois ao dividir-se em dois e fazer referência a si mesmo na terceira pessoa, Pelé fabrica duas narrativas, a do esportista e a do homem comum. O exemplo a seguir, publicado pelo portal Fox Sport em 2014, exemplifica como que, mais de trinta anos depois, a mesma estratégia continua sendo usada por Pelé e pelo discurso jornalístico:

Imagem 08 - “Pelé morreu, mas o Edson está vivo”



Fonte: SITE FOX SPORTS, 2014.

Essa atitude denota a maneira como os indivíduos, ao falarem de si mesmos, enxergam suas vidas ou seu passado de forma compartimentada, em etapas bem divididas e pretensamente coerentes com a finalidade de formar um “todo único”. Wladimir Paulino, do

portal UOL, um dos poucos jornalistas esportivos a pensarem sobre essa divisão de identidades, destacou em texto<sup>19</sup> sobre o 70º aniversário de Pelé, a forma como o mesmo interage com suas personas:

Pelé, o jogador de futebol é hoje uma espécie de alterego de Édson, esse não tem idade. Parou no tempo, assim como parava para dar uma cabeçada ou o famoso soco no ar, marca registrada ao fazer um de seus mil e tantos gols. Ao longo da carreira, o mito solidificou-se e suplantou o homem Édson - é assim que prefere ser chamado. Quando a bola parou de rolar, o próprio homem tratou de alimentar o mito, referindo-se a si mesmo como outra pessoa. Talvez seja por isso e, obviamente, por tudo o mais, que resolveram chamá-lo de rei.

Paulino apresenta uma boa chave interpretativa ao afirmar que o homem passou, conscientemente, a alimentar o mito. A partir dessa reflexão inicial, seria plausível afirmar que essa atitude de distanciamento do ex-jogador, longe de qualquer lógica folclórica, evidencia uma tática de preservação de sua mitologia, dado que a separação de seu “eu” em duas esferas visa contribuir para que os erros do “homem” não apagassem a glória do “mito”. Pelé, assim como a multidão que o prestigiou nos dois jogos que marcaram sua despedida da Seleção Brasileira em 1971 e sua posterior aposentadoria em 1977, acredita que após o último apito final, o mito fechou todos os seus ciclos, como quem está para concluir um livro e, após folhear a última página, torna a colocá-lo na estante para lá permanecer intocável. Com isso, Pelé nos propõe que não confundamos seu ser mortal e falho com seus feitos gloriosos do passado. Chamo atenção para a frase de Wladimir Paulino que afirmou que diferente de “Edson”, “Pelé parou no tempo”. Ora, certamente os feitos e as glórias passadas estão cristalizadas e compõem toda a mitologia que fez de Pelé um ídolo admirado e respeitado em nível global. Porém, no que diz respeito ao acionamento e mediação do biográfico, a imagem de Pelé se mostra dinâmica e em permanente deslocamento. Sua atitude em constantemente alimentá-lo, como bem salientou Wladimir, já é uma releitura, uma atualização. Destarte, o ex-jogador Romário, a meu ver, com suas declarações e entrevistas em que, provocado por jornalistas, expôs sua opinião sobre Pelé, foi um dos grandes responsáveis, na contemporaneidade, por popularizar essa visão dualista<sup>20</sup> e fazer frente à divisão positiva feita pelo próprio Pelé desde os anos 60.

<sup>19</sup> Disponível em <https://m.blogs.ne10.uol.com.br/torcedor/2010/10/22/o-aniversario-do-rei/ttp://www2.uol.com.br/JC/sites/pele-70anos/index.html>

<sup>20</sup> Em sua crítica mais famosa durante entrevista coletiva em 2005, Romário respondeu publicamente a Pelé após este afirmar que deveria se aposentar dos gramados: “Na verdade o Pelé calado é um poeta, né. [...] Ele como jogador, como sempre falo, foi o maior de todos os tempos, é o nosso rei, o nosso deus, mas ele tinha que colocar um sapato na boca, era melhor pra ele.” Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Po3wM6oE\\_rk](https://www.youtube.com/watch?v=Po3wM6oE_rk)



As tensões e disputas em torno da memória de Pelé sempre foram uma constante, inclusive em torno de sua duplicidade de identidades. Isso porque Pelé a enxerga e a constrói de maneira tal que passa a instituir uma narrativa em que todos os fatos giram em torno da ideia consagrada do “menino pobre que venceu na vida e tornou-se Pelé através do esforço e disciplina”. Por outro lado, a corriqueira hostilidade à sua pessoa fora dos campos aparenta ser um pouco descolada desse lugar comum, ao passo em que dizem direcionar os ataques não ao mito, mas ao homem. Nesse momento, porém, a estratégia de Pelé se revela, até certo ponto, eficaz, pois move pessoas hostis a reverenciarem sua biografia de atleta.

### **1.3 O Chamado – A estrutura da Jornada do Herói como legitimadora da mitologia**

Neste subponto, utilizarei como referência a obra “O Herói de Mil Faces” (1949), do antropólogo estadunidense e estudioso da mitologia grega e literatura universal, Joseph Campbell. Seu livro esquematiza e estrutura características e padrões narrativos presentes tanto nos mitos, quanto na literatura. Dentre suas formulações, a chamada “Jornada do Herói” apresenta contornos que, além de contemplarem estruturas de contos, mitos e produções cinematográficas, também está presente nas biografias de Pelé. Estas, ao serem concebidas como uma narrativa de estrutura clássica, contribuem para ampliação e fortalecimento do mito sobre o jogador, o qual passa a ganhar dimensões que extrapolam o campo do privado, visto que sua trajetória é representada como uma mitologia nacional. De maneira simplificada, a Jornada do Herói foi dividida em três momentos: Partida, Iniciação e Retorno. Dentro dessa proposta, o herói deixa seu mundo cotidiano rumo à aventura e, por fim, regressa vitorioso para casa.

Antes de adentrar mais na estrutura propriamente dita da proposta de Campbell, saliento que, conforme observou Helal (2001), as biografias dedicadas a ídolos esportivos possuem algumas especificidades que acabam por acentuar a construção heroica do biógrafo. Essas características também estão presentes no senso comum que o esportista como entidades sempre envoltas em tramas épicas, em que a tensão entre vitória e derrota ganha contornos dramáticos singulares. Deste modo, além da fórmula de Campbell encontrada nas biografias de Pelé, as características dramáticas conferidas aos esportistas também contribuem para a solidificação de sua trajetória como um enredo épico. Para Helal:

Ao tratar da biografia de um atleta esportivo, enfatizamos uma diferença básica entre ídolos deste universo e de outros, como música e dramaturgia. Enquanto os primeiros frequentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente carregam estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. É uma competição que ocorre dentro do próprio universo do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte são considerados heróis. [...] Estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela. (HELAL, 2001, p. 136, 137)

Para uma melhor análise da clássica estrutura presente nas obras biográficas de Pelé, descreverei alguns momentos da Jornada do Herói, ao mesmo tempo em que traçarei um paralelo com as narrativas que são objetos de estudo desta tese. Primeiramente, será necessário entender o primeiro ponto da Jornada chamado “Partida”, no qual destaco os subpontos “Mundo Cotidiano” e “Chamado à Aventura”. A ideia desenvolvida por Campbell é bastante simples e facilmente encontrada em filmes e biografias: Há no início da trama, a apresentação do herói e seu contexto, lugar em que leva uma vida relativamente comum até que, por alguma circunstância interna ou externa que perturbe a ordem, recebe um chamado à aventura que apresente possibilidades para mudar a situação:

A façanha do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se em círculo, com a partida e o retorno. (CAMPBELL, 1990, p. 131-132)

O ponto “Chamado à Aventura” é definido por Campbell como o estágio “que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida” (CAMPBELL, 1990, 1990, p.34). As biografias de Pelé traçam várias motivações que o teriam movido a deixar sua família, amigos, sair de casa (Mundo Comum) e tornar-se um jogador de futebol profissional. Essa diferença de abordagens, todavia, não é fortuita, está relacionada em grande medida ao contexto e ao lugar social de quem as escreveu. Em muitos casos, o Chamado é pensado como uma intriga modelo que servirá como base para um discurso de identidade nacional. Isso porque a aventura para “recuperar o que se perdeu” e partir em busca do “elixir doador da vida” está estruturada em algumas produções como sendo a jornada do futebolista de um país que, tendo perdido seguidos campeonatos mundiais, se vê na obrigação moral de redimir a reputação de seu povo e vingar a doída

derrota de 1950. Logo, o único capaz e que tomou a responsabilidade de reerguer a nação caída teria sido o jovem de 17 anos vindo de Santos.

Entretanto, na estrutura proposta pelo autor, é comum que o herói nem sempre aceite o Chamado prontamente sem nenhum abalo de natureza psicológica. Nesses casos, “a recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. [...] O sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva” (CAMPBELL, 1990, p.35). Na autobiografia de Pelé (2006), é narrado um episódio em que, após ter aceitado o Chamado para se tornar jogador profissional aos 15 anos, ele acabaria desistindo de tudo após uma decepção consigo mesmo acompanhada de um sentimento de vergonha e incapacidade frente às responsabilidades:

Uma vez fui escolhido para reforçar o time sub-16 na final de um torneio local. [...] Durante a partida, tivemos um pênalti a nosso favor que teria definido o resultado. Parti para a cobrança, mas chutei por cima do travessão e perdemos o título. [...] Chorei de forma inconsolável [...] e naquela noite concluí que não conseguiria mais ficar em Santos. (NASCIMENTO, 2006, p. 71-72)

Todavia, o jovem Pelé acaba sendo “salvo” pelo que Campbell chamou de “figura protetora do ancião” que socorre “aqueles que não recusaram o chamado”, o qual, com frequência, “fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se (CAMPBELL, 1990, p.39). Os “amuletos” simbólicos de Pelé seriam, em sua narrativa, valores morais de persistência e disciplina diante das dificuldades, valores que sempre foram destacados pelo jogador como componentes centrais de sua ética:

[...] Na manhã seguinte, acordei às 6h30, com a firme intenção de voltar para Bauru. Fiz a mala em silêncio, saí do quarto na ponta dos pés. [...] Ouvi alguém dizer: “Ei, você! Quem lhe deu permissão para ir embora?” Era o Sabuzinho, o bedel geral do clube. [...] Quando entendeu o que eu estava tentando fazer, Sabuzinho me deu uma importante lição de moral. Todo mundo comete erros, [...] o segredo é aprender com eles, não desistir. (NASCIMENTO, 2006, p. 72)

Conforme expus, o Chamado possui, não raras vezes, uma grande carga nacionalista nas biografias. No cenário imaginado de “terra arrasada” após 1950, Pelé sempre aparece como o restaurador da ordem e da identidade nacional ferida. Mário Filho, jornalista e irmão do escritor Nelson Rodrigues, foi, nesse sentido, o autor que consagrou essa fórmula de descrição da trajetória do jogador santista, em especial, na obra publicada em 1963, “Viagem em Torno de Pelé”, lançada 13 anos após o jogo final na Copa Mundo de 1950 no Brasil, portanto, após os títulos de 1958 e 1962. O autor procura dar sentido e coerência a todo o

período histórico que começa com a derrota brasileira nas Copas de 1938<sup>21</sup>, 1950 e 1954 até os títulos nos dois mundiais seguintes. Após descrever de forma trágica o episódio de 1950, Mário Filho dá significativa ênfase a um sentimento de vingança nacional que teria surgido no coração do garoto Pelé, minutos após a derrota, de virada, para os uruguaio dentro do Maracanã. Sentindo o gosto desagradável da humilhação, o jovem Pelé se sente impelido a uma jornada heroica: vingar a nação e o futebol brasileiro de tamanho vitupério e conquistar, pela primeira vez, o título de campeão mundial.

[...] o rádio continuava a gritar, como um louco. Dona celeste limpou o avental e foi até à porta. - Que foi que aconteceu, meu Deus? [...] Pelé levantou-se e abraçou a mãe, chorando - O Brasil perdeu, mamãe, o Brasil perdeu! O corpo de Pelé tremia, era como se estivesse com febre. [...] O Brasil perdera. - Quando eu crescer vou jogar no escrete brasileiro e o Brasil não perderá mais. Não perderá mais, não perderá mais. [...] Não é nada não, mamãe. Eu vou crescer e você vai ver. [...] Quando eu crescer e jogar no escrete brasileiro o Brasil vai ser campeão do mundo. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 16-17)

A premissa de Mário Filho, pensada em um momento em que os discursos nacionais procuravam se ancorar no futebol para reivindicar uma identidade, acabou tornando-se hegemônica, sendo replicada em outras obras por intermédio de outros autores, embora com algumas modificações. O jornalista Luiz Carlos Cordeiro, por exemplo, autor da biografia “De Edson à Pelé, a infância do rei em Bauru” (1997), desloca o centro da revolta de Pelé da copa de 50 para a copa de 1954, quando, mais maduro, possuiria mais consciência de suas palavras e quais seriam as consequências das mesmas:

Depois que o Brasil foi desclassificado do mundial de futebol, enquanto iam a pé para o campo do BAC, Pelé lhe disse: ‘Se Deus quiser, um dia vou jogar num time grande, vou para a seleção e quero ajudar o Brasil a ser campeão do mundo. (CORDEIRO, 1997, p. 32).

Em sua autobiografia (2006), Pelé retoma o enredo de Mário Filho com uma sensível modificação: a promessa agora é feita ao pai, Dondinho, e não mais à mãe, dona Celeste. Do ponto de vista narrativo, a versão de Pelé procurou uma maior coerência tendo em vista que, assim como os jogadores da seleção brasileira que perderam a final de 1950, Dondinho também era jogador de futebol profissional que não dera sorte no mundo esportivo, antes, foi esmagado pelas circunstâncias e dificuldades físicas e sociais que cruzaram seu caminho. A intriga construída por Pelé pode ser entendida, portanto, como uma dupla promessa: uma de

---

<sup>21</sup> A Copa de 1938, realizada na França, foi a última antes da edição de 1950. As edições de 1942 e 1946 não puderam ser realizadas devido à tensa situação durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

cunho mais pessoal para com o pai, para que ele pudesse ver no filho o jogador profissional que não conseguiu ser por conta das graves contusões que o acometeram durante toda a vida de atleta; e outra de cunho mais geral e coletivo em que prometia ser o redentor e vingador do futebol brasileiro, e, a partir disso, instituir uma nova percepção coletiva e estabelecer um sentimento de pertencimento e orgulho nacional:

O silencio era geral. A algazarra de foguetes e rádios com o volume no máximo tinha desaparecido num mar de silêncio. [...] As pessoas não conseguiam conter a desilusão. Bauru parecia uma cidade fantasma. Foi também a primeira vez que vi meu pai chorar. [...] Para mim, foi chocante, uma vez que tinha sido educado com a ideia de que os homens não revelam as suas emoções daquela maneira. – Um dia, vou ganhar a Copa do Mundo para o senhor – prometi ao meu pai, tentando consolá-lo. Mais tarde, nesse dia da final, fui ao quarto do meu pai, onde havia uma imagem de Jesus pendurada na parede, e comecei a lamentar: - Por que foi que isso aconteceu? Por que foi que isso aconteceu com a gente? Tínhamos a melhor equipe – como foi que perdemos? Por que estamos sendo castigados, Jesus? Continuei a chorar, destroçado, enquanto prosseguia a minha conversa com a imagem de Cristo: - Se eu estivesse lá, não teria deixado que o Brasil perdesse a Taça. Se estivesse lá, o Brasil teria ganho. (NASCIMENTO, 2006, p. 49).

A cena que Pelé descreve, como entrar no quarto, contemplar a imagem de Jesus na parede e confessar suas angústias aos prantos, traça ainda que indiretamente, um paralelo entre dois messias; um que já havia completado sua missão de Salvador e outro que, tendo este por inspiração, se vê na missão de redimir a identidade do futebol e da nação brasileira, humilhada em solo nacional pelos uruguaios naquele exato momento de dor. A oração de Pelé é uma fala de prontidão para cumprir um propósito, ele se coloca à disposição para ser um enviado divino que salvaria e restauraria a autoimagem dos brasileiros.

A biografia “Pelé, o atleta do século”, publicada em 2000 pela editora Abril, com selo da revista esportiva Placar e texto do jornalista esportivo Sérgio Xavier Filho, traça motivações de ordem socioeconômica que acabaram por incomodar o então garoto Pelé, que, diante da situação descrita como sendo de acentuada pobreza de sua família, se vê impelido a se lançar no futebol profissional como forma de trazer o sustento necessário a todos da casa. Com isso, ao contrário das intrigas de Mário Filho (1963), Cordeiro (1997) e Nascimento (2006), a razão do chamado à aventura não busca fornecer respostas para angústias coletivas e os assim chamados traumas nacionais como o de 1950, muito menos sugere uma vingança pela honra ferida do selecionado brasileiro ou da identidade nacional. A intriga construída aqui leva em conta circunstâncias mais práticas e menos existenciais. A motivação do garoto Pelé estava muito mais em não permitir que sua família passasse fome (circunstância que o fez enxergar no futebol uma possibilidade de ascensão social) do que um sentimento de

retaliação e busca por uma identidade futebolística nacional vencedora após o acúmulo de derrotas no passado. Tendo em vista que seu pai, Dondinho, tivera uma carreira de jogador de futebol arruinada pelas constantes e graves lesões; e sua mãe, dona Celeste, sempre estivera impossibilitada de trabalhar fora de casa de forma mais intensa por conta dos afazeres e criação dos filhos pequenos; tornando-se ambos, por conseguinte, incapazes de suprir de forma satisfatória as necessidades básicas da família, o jornalista Sérgio Xavier Filho sugere em seu texto que Pelé teria, diante desse cenário precário de dificuldades financeiras, chamado toda a responsabilidade para si.

O roteiro lembra quase uma novela mexicana. O pai, jogador de futebol frustrado, teve a ainda incipiente carreira abortada por uma entrada violenta de um zagueiro. A mãe, calejada em dificuldades da casa, o queria longe da bola e colado nos livros. E ele via no futebol a redenção, o jeito certo de tirar a família da miséria. [...] A fome de bola, combinada com a vontade de comer (comida), apressou tudo. (XAVIER FILHO, 2000, p. 25)

Se comparado com a obra de Mário Filho, o texto de Sérgio Xavier permite pensar como o futebol perdeu, em certa medida, um pouco de sua centralidade na construção das identidades nacionais se comparado ao contexto das décadas de 1950, 1960 e 1970, período em que as grandes questões nacionais estavam intimamente e quase que automaticamente relacionadas ao futebol por intermédio de intelectuais como Nelson Rodrigues e Mário Filho. Embora o futebol ainda seja, em partes, mobilizado como representação da nação, é preciso pontuar que o avanço da democracia no país em fins do século passado, fizeram com que o futebol dividisse cada vez mais espaço com outras manifestações que passaram a ser acionadas como ferramentas para pensar a identidade nacional, tais como: a cultura indígena e afro-brasileira, os movimentos sociais e de mulheres, a pauta ambiental, a política partidária, dentre outras questões. Um exemplo da perda de centralidade foram as reações àquela que é considerada a maior e mais humilhante derrota da história da Seleção Brasileira: o 7 x 1 contra a Alemanha em 2014<sup>22</sup>. Enquanto que em 1950, a derrota em casa e no jogo final contra o Uruguai aflorou logo em seguida algumas teses que pensavam a questão nacional e os grandes dilemas sociais e raciais do país a partir da chamada “tragédia de 50”, a derrota em 2014 já não possuía o mesmo peso simbólico e dramático que teria seis décadas atrás, pelo

---

<sup>22</sup> Outro fator que deve ser levado em consideração ao se pensar a gradual mudança de significado no peso da Seleção no imaginário Nacional, é que a relação afetiva dos brasileiros para com a mesma tem sido muito menor do que com os clubes de futebol. Nesse sentido, a Seleção não carrega mais como antes, o peso da representatividade política de toda uma nação. Muitos são os fatores, mas é possível listar alguns: descrédito institucional popular da CBF e da Seleção ao longo dos últimos anos, corrupção, distanciamento com amistosos disputados em sua maioria na Europa, etc.

contrário, mesmo com o discurso que evocava um “atraso futebolístico” e “humilhação histórica” por parte da imprensa, o chamado “Mineiratzen” passou a ser, ao mesmo tempo, motivo de piada imediata na internet com a circulação em massa de “memes” criados e compartilhados por brasileiros<sup>23</sup>.

Dando continuidade à discussão do “Chamado”, a biógrafa e militante do Movimento Negro, Angélica Basthi em “Pelé, estrela negra em campos verdes” (2008), apesar de trazer a versão de Pelé que atribuía a promessa ao pai e não à mãe, acabou por conferir outras motivações para o “Chamado à Aventura”, agora com nuances raciais na intriga. Em sua escrita, Basthi deixa as marcas de sua veia política e reinterpreta a infância de Pelé a partir das lutas raciais e à luz de todo o processo histórico de exclusão dos negros. A cena descrita se dá momentos depois do término da partida final do Brasil na Copa de 50, quando Pelé, que residia em Bauru, acompanhou a partida pelo rádio:

Na copa de 1950, Pelé – então com 9 anos – não entendia a razão de seu pai, Dondinho, estar arrasado com a derrota brasileira contra o Uruguai. Na simplicidade de um jogador-torcedor do interior de São Paulo, o Brasil perdia a taça mundial e os negros, a oportunidade de mostrar que tinham plenas condições físicas e psicológicas de ocupar o pódio mundial da dignidade. Foi naquela Copa que Pelé, num impulso de criança, prometeu ao pai trazer a Taça para o Brasil um dia. (BASTHI, 2008, p. 65)

O texto procura deixar claro que o garoto Pelé era muito jovem para entender as tensões e contradições sociais responsáveis pela discriminação racial. Entretanto, acaba por atribuir contornos políticos à biografia ao fazer uma descrição da condição dos negros naquele momento em que diz serem considerados não dignos de “ocupar o pódio mundial da dignidade”. A promessa de Pelé logo a seguir funciona como uma resposta, ainda que inconsciente, e já carrega do peso da chamada “oportunidade perdida” e a necessidade de um herói que pudesse quebrar com a ordem comum da desigualdade. Dessa forma, as razões do “Chamado à Aventura” na obra de Angélica Basthi ganham outros contornos que, para além da questão esportiva, tocam em questões raciais complexas e conflituosas no Brasil.

Outro ponto da Jornada do Herói é o “encontro com mentor”, situação em que o herói entra em contato com alguém mais experiente que o ajudará em sua missão, provocando assim um ponto de virada no enredo e fornecendo atribuições ao protagonista que, após o contato, terá passado por um processo de evolução e aperfeiçoamento até que seu propósito seja cumprido. A relação entre herói e mentor é uma representação da relação entre um mestre

---

<sup>23</sup> Eu mesmo fui uma das pessoas que, na época, além de ter compartilhado via aplicativo de rede social, teve acesso ao amplo acervo de piadas produzidas antes mesmo do término da partida contra a seleção alemã.

e seu discípulo ou de um pai para com um filho. A figura do mentor aparece nas biografias de Pelé como sendo Waldemar de Brito, ex-jogador que participou da campanha da seleção brasileira na Copa de 1934 e apontado pelos biógrafos como o homem que descobriu Pelé ainda garoto, na cidade de Bauru – SP. Outra personagem representado como mentor é Dondinho, o pai de Pelé. A ideia desenvolvida pela maioria dos escritores é que diante de uma joia bruta, ambos teriam lapidado o jovem com conselhos morais e técnicos para que o mesmo pudesse amadurecer como jogador e pessoa. Um bom exemplo pode ser encontrado na pequena biografia apresentada em panfleto do Museu Pelé, “Pelé 10”. Nesse pequeno livreto, fica evidente logo nas primeiras páginas a intenção do autor em atribuir as ditas características apolíneas de Pelé a seus dois mestres e mentores que teriam em tudo lhe ensinado a disciplina, o autocontrole e a objetividade:

Pelé passou a contar com o carinho e a proteção de dois pais. Dondinho e Waldemar de Brito. Mais do que aprimorar seu jogo, seus dois pais afinaram o seu caráter. Ambos proibiram Pelé de fumar, beber e fazer firulas. Waldemar pedia-lhe para ser simples e objetivo: “futebol é bola no barbante”, repetia.

Além da construção do mestre, a biografia publicada por ocasião da Copa do Mundo de 2002, intitulada “Pelé – a arte do Rei”, lançada pela Fundação Casa França-Brasil em parceria com a Coca-Cola, traz um texto que também remete à construção de uma identidade nacional a partir do venho chamando até aqui de Chamado. A obra possui textos de Antônio Roberto Arruda e João Máximo. Dessa vez, o chamado à aventura estaria atrelado a um projeto de identidade nacional que visava posicionar o Brasil como país civilizado e moderno, alinhado às grandes potências mundiais daquele período datado da metade do século XX:

A exposição que apresentamos é uma viagem surpreendente por esta história de vida, que se confunde com a própria história do Brasil. Cada vez que Pelé entrava em campo, ele sabia que o que estava em jogo não era apenas uma vitória sobre o adversário, era a nossa dignidade de país novo e pobre, porém apaixonado e orgulhoso do seu futebol. A consciência desta responsabilidade e a promessa cumprida de trazer para nós a conquista do mundial, assumida aos dez anos, diante da decepção de seu pai na copa de 1950, transformou-o no Rei que é, de norte a sul do planeta. (ARRUDA; MAXIMO, 2002, p. 3)

Partindo de uma ideia de identidade nacional forjada a partir do futebol, o autor põe sobre os ombros do jovem Pelé a responsabilidade e a percepção das angústias político-sociais do Brasil. As angústias sociais que o escritor se refere, diz respeito à uma tradição biográfica, memorialística e jornalística escrita a respeito do contexto de 1950, segundo as quais o



“espírito nacional” estaria “ferido” e “humilhado”, sendo necessário um ciclo vencedor capaz de restaurar a dignidade coletiva.

Como exposto acima, as narrativas sobre o Pelé perfazem todo o caminho delineado por Campbell. As trajetórias aqui narradas, desde sua infância, seu chamado, seu encontro com o mestre, sua ida tida por desacreditada para a Suécia e seu retorno triunfal para a nação aos 17 anos, trazendo consigo a taça de campeão mundial que escapara em 1950, dão contornos dramáticos à sua história de vida e à simbologia da nação, contribuindo, assim, para o estabelecimento de um mito nacional. Como escreveu Campbell: “O herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”. (CAMPBELL, 1995, p. 36)

Tomando por base as reflexões da obra de Campbell, tecerei, no ponto a seguir, algumas reflexões sobre a estrutura narrativa de mitificação do biografado, bem como analisarei alguns conceitos-chave que incidem de forma determinista sobre a trajetória de Pelé.

#### **1.4 Predestinação, genialidade e disciplina como elementos explicadores da trajetória**

Conforme observou Vilas Boas em sua obra “Biografismo, reflexões sobre as escritas da vida” (2008), as biografias possuem vícios. Tais características, contudo, estão sempre à serviço da narrativa, como a “predestinação” do personagem, a ênfase na “extraordinariedade” da vida do mesmo e o constante apelo aos genitores e à genética para explicação de certas características ou acontecimentos da vida do biografado. No caso das obras de Pelé, esses recursos são utilizados para reforçar o caráter mítico de sua trajetória que é pensada como a de um herói que teve seu destino traçado por muitas forças, humanas ou não, isso confere ares quase religiosos à essas narrativas. Quase todas as biografias estudadas são unânimes em atribuir suas habilidades futebolísticas como proporcionadas por forças do destino e herdadas de seu pai, que por sua vez também foi jogador profissional de futebol.

Em suas duas autobiografias (1961 e 2006), Pelé também recorre a esse recurso para escrever a respeito de sua vida. Mais à frente, ainda neste subponto, discorrerei a respeito dessa obra. Antes de prosseguir, será necessário pontuar teoricamente as particularidades da escrita autobiográfica. Cabe ressaltar que a autobiografia não pode ser definida apenas como

um amontoado de fatos descritos, mas, sobretudo, como uma fonte para o historiador, na medida em que se pode saber de que forma o autor manipula seu passado e quais usos políticos ele o faz dele. Nesse sentido, Durval Muniz pontua que:

O relato autobiográfico não oferece somente um conjunto de informações pontuais ou gerais, mas também revela uma forma de subjetivação que se manifesta como valorização das experiências vividas, rememoração do passado e uso do passado. [...] Ao historiador surgem os desafios de resgatar de forma criativa as dimensões que ultrapassam os limites do escrito e do racionalizado verbalmente, identificando a memória não somente pela sua dimensão de registro, mas também pela sua dinâmica de constante reelaboração e dos significados advindos desse processo, que se manifesta de forma bastante contrastante na emoção, no sentimento, nas falas e nas imagens em relação com a fonte escrita. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 56, 57)

Alguns autores como Schmidt, Ricoeur, Lejeune e Bourdieu, dialogam e contribuem para o debate ao pensarem a relação autor-personagem. Schmidt, em texto sobre autobiografia, reafirma o caráter de fabricação e ordenamento artificial do discurso autobiográfico. Para o autor, é necessário ter em mente que o tempo do vivido, do lembrado e do escrito não se constituem como sendo a mesma experiência, o indivíduo que narra ou escreve os fatos não é mais o mesmo que lembrou e muito menos o que viveu. O ordenamento de alguns fatos narrados como eventos extremamente relevantes, muitas vezes não tiveram a mesma relevância no passado vivido, pois foram artificialmente selecionados, ordenados e categorizados como importantes na narrativa para que, ao final, a trajetória soe coerente e os fatos tenham relação lógica. No caso de Pelé, tanto ele em suas memórias, quanto seus biógrafos, tecem enredos em que os fatos estão todos coerentemente interligados de maneira tal que a ideia de predestinação e inevitabilidade do biografado ter se tornado o que se tornou é latente. Portanto, longe de ser um discurso de resgate da memória, a obra autobiográfica é resultado de uma série de escolhas, recortes, ressignificações e silêncios da mesma, tomada e percebida de maneiras distintas a partir dos pressupostos do presente.

Como ressaltam diversos estudos sobre escritas autorreferenciais, escrever a própria vida não significa representar uma realidade pré-existente; muito mais do que isso, significa criar a vida narrada e o próprio autor, já que implica selecionar, ordenar e hierarquizar experiências dispersas; conferir sentido ao passado a partir de um futuro já tornado presente; imprimir coerência e constância a múltiplas vivências que, no pretérito, tiveram pouca ou nenhuma ligação entre si; desenhar e dar a ver, enfim, os contornos de um autor-narrador-personagem que assume a condição não apenas de protagonista da trama, mas da própria vida. (SCHMIDT, 2012, p. 233)

Em diálogo com os pressupostos de Schmidt a respeito das especificidades da escrita autobiográfica destaco o conceito relevante de “identidade narrativa” proposto por Ricoeur, o

qual é definido como a identidade forjada na complexa articulação das memórias e releituras da vida de um indivíduo que é ao mesmo tempo, autor, personagem e leitor de sua autobiografia; colocando, assim, o indivíduo/autor na condição de intérprete de si mesmo.

O frágil rebento oriundo da união da história e da ficção é a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade narrativa. [...] O sujeito, mostra-se então, constituído ao mesmo tempo como leitor e escritor de sua própria vida. Como a análise literária sobre a autobiografia verifica, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verdadeiras ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas. [...] A identidade narrativa não é uma identidade estável e sem falhas; assim como é possível compor várias intrigas acerca dos mesmos incidentes (os quais, com isso, já não merecem ser chamados de os mesmos acontecimentos), assim também sempre é possível tramar sobre sua própria vida intrigas diferentes ou até opostas. (RICOEUR, 1997, p. 424, 425, 428)

Em sua obra “Tempo e Narrativa” (Tomo I) Ricoeur chama a atenção para as potencialidades da autobiografia como forma de “*medição e explicação temporal*”, não para acessar o passado propriamente dito, mas como forma de criar representações desse passado por intermédio dos “*agenciamentos do acontecimento*”. Salienta ainda que entre o tempo vivido e o tempo narrado, existe uma ação humana carregada de subjetividade que confere a esse discurso um caráter de construção, invenção e ordenamento do tempo que torna-se humano a partir da narrativa:

Existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma relação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, para dizê-lo de outra maneira: o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição de existência temporal. (RICOEUR, 2010, p. 93).

Outro conceito fundamental para entender a escrita autobiográfica e que se alinha às contribuições de Ricoeur e Schmidt é ideia desenvolvida por Philippe Lejeune de “*pacto autobiográfico*”. O autor afirma que dentro de um texto autobiográfico, há um pacto de identidade entre autor, narrador e personagem manifesto de variadas formas que teriam como objetivo atestar a “veracidade” do que foi narrado. Nas palavras do próprio Lejeune, o pacto autobiográfico pode ser definido como “o engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade”. (LEJEUNE, 2006). Seria a

afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro. As formas com pacto autobiográfico são muitas e

diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar sua assinatura. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade. (LEJEUNE, 2008, p. 14).

O pacto se dá para além do texto da obra biográfica em que autor, narrador e personagem negociam a todo o momento as memórias, estendendo-se também para a capa, lugar em que a imagem do biografado, juntamente com seu nome próprio, serviria como unidade representativa e essencializada do sujeito, além de selo atestador de uma pretensa veracidade. Pierre Bourdieu ressalta a relevância do nome próprio como elemento constituidor de uma identidade que remeteria a uma autenticidade. Segundo o autor, o nome próprio na narrativa biográfica “vende” a ilusão de conter em si mesmo a síntese de um sujeito:

O mundo social, que tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída (por oposição à história contada por um idiota), dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu. A mais evidente é, obviamente, o nome próprio, que, como “designador rígido”, segundo a expressão de Kripke, “designa o mesmo objeto em qualquer universo possível, isto é, concretamente”. [...] Por essa forma inteiramente singular de *nominação* que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. [...] Não é por acaso que a assinatura, *signum authenticum* que autentica essa identidade, é a condição jurídica das transferências de um campo a outro, [...] das propriedades ligadas ao mesmo indivíduo instituído. Como instituição, o nome próprio é arrancado do tempo e do espaço e das variações segundo os lugares e os momentos: assim ele assegura aos indivíduos designados, para além de todas as mudanças e todas as flutuações biológicas e sociais, a constância nominal, a identidade no sentido de identidade consigo mesmo. [...] O nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais. (BOURDIEU, 2006, p. 186, 187)

Para complementar a reflexão sobre a fabricação\*\* de uma imagem de si através da escrita por meio da qual se forja um pacto e uma identidade entre autor e personagem mediada pelo nome próprio, o conceito de “identidade” se mostra pertinente no momento. Para tanto, a definição cunhada por Michel Pollak me parece trazer contribuições que dialogam com os autores supracitados. Redirecionando a fala de Pollak para pensar a fabricação de uma identidade de si através da escrita autobiográfica, o autor ressalta a identidade como sendo um processo contínuo de construção da

Imagem de si, para si e para os outros, isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua própria representação, mas também para ser

percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Feita essa ponderação teórica, cito a autobiografia “Eu sou Pelé” (1961) com texto de Benedito Ruy Barbosa, como exemplo de como o texto biográfico articula a narrativa com a noção de predestinação. Nas páginas iniciais, em que há a descrição da cena do parto de Pelé, o autor procura estabelecer um enredo em que a relação pai e filho soa determinante para os acontecimentos futuros. Na cena, a fala do pai acaba ganhando contornos de proféticos:

Papai Dondinho debruçou-se sobre o filho e, com cuidado desajeitado, examinou-lhe as pernas magricelas: “veja só os cambitinhos dele! ... Vai ser bom de bola!” Nessa altura, a mamãe Celeste deve ter fingido zangada: “Vai esperando. Esse aí há de ser alguma coisa na vida, se Deus quiser!” Papai Dondinho, se bem conheço, deve ter feito pouco caso daquelas palavras: “Se Deus quiser ele será alguma coisa na vida, mesmo jogando bola.” (BARBOSA, 1961, p. 11-12)

Dois anos depois, Mário Filho em “Viagem em torno de Pelé” fazia eco às declarações de Benedito Ruy Barbosa, porém, acrescenta novos componentes como o exemplo, a força, a presença e influência da mãe, dona Celeste, que teria transmitido valores que se evidenciariam em sua personalidade e performance como futebolista profissional. Para Ruy Barbosa, que escreveu seu texto após uma série de entrevistas com o jogador, Pelé herdara do pai, quase que por meio de um determinismo hereditário, o gosto pelo esporte, no entanto, para Mário Filho, o que fizera de Pelé um esportista considerado disciplinado e fenomenal, teria sido alguns valores como a determinação, herdados da mãe que, ao contrário do pai, nunca desanimara frente às intempéries da vida dura que levavam.

Bem polido, aquele garoto podia ser o maior jogador do mundo. Tinha tudo o que ele tivera e mais alguma coisa: aquele olhar de olhos escancarados, acesos. E uma determinação. A determinação de dona Celeste. Atingido pelo destino, Dondinho se entregara. Quem não se entregava era dona Celeste. Pelé herdara do pai o amor pelo futebol. Da mãe, a vontade firme, inquebrável. Quando Dondinho largou o futebol, dona Celeste ficara feito uma menina. Nunca Valdemar de Brito a vira mais feliz. Dona Celeste ia ser difícil. Se ela soubesse, como ele, que Pelé ia ser o maior jogador do mundo, não hesitaria um só momento. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 44)

No ano de 2006, em sua autobiografia, Pelé tratou de atualizar mais uma vez sua memória biográfica ao fazer uso das duas narrativas anteriores de Mario Filho (1963) e Benedito Ruy Barbosa (1961), juntando assim distintos fragmentos num só texto: a relação pai-filho logo nos primeiros momentos de seu parto seguida da “profecia” de Dondinho e a herança moral que teria herdado da mãe. Dessa forma, constrói um discurso que, assim como

seus biógrafos da década de 60, apela para a ideia de predestinação e determinismo hereditário, explicando todo o seu destino e trajetória a partir de atitudes dos seus genitores. Subscrevo a seguir dois fragmentos, o primeiro em que narra seu nascimento e o segundo em que atribui a disciplina, virtude historicamente apregoada por Pelé, à influência de seus pais:

Aparentemente satisfeito em saber meu sexo, meu pai tocou minhas perninhas magras e declarou: - Este aqui vai ser um grande jogador de futebol. [...] Aos 21 anos de idade eu já era uma personalidade conhecida em todo o planeta. Mas nunca esqueci as minhas origens e tudo o que aprendi em casa, regras que sempre foram muito úteis para mim. Devia ser educado e atencioso com todo mundo. Devia ser honesto e responsável. Devia ser sempre humilde e trabalhar duro, totalmente devotado ao que estivesse fazendo. Agradeço pela disciplina que a minha família me ensinou. (NASCIMENTO, 2006, p. 16, 132)

O biógrafo Maciel de Aguiar, em seu livro “Pelé, o Rei da Bola” (2006), também atualiza a mitologia a respeito dos atributos disciplinares e de autocontrole de Pelé, não mais atribuindo essas características como tendo sido herdadas dos pais, ou em especial de sua mãe, dona Celeste, como haviam registrado Mário Filho e Pelé em sua autobiografia. Tampouco associa suas características apolíneas à uma filosofia de trabalho que estivesse presente em seu *modus operandi*. Aguiar, desta vez, apela para os “ancestrais” africanos do ex-jogador, os quais, segundo ele, ao serem escravizados no Brasil, foram forjados no mais absoluto sofrimento físico e na impossibilidade de ter seus desejos e vontades individuais minimamente correspondidos. Partindo dessa argumentação determinista e mítica, Aguiar narra um exemplo concreto de comportamento pautado na disciplina e autocontrole que teria sido herdado por Pelé. Logo no início de seu livro, ao descrever o cotidiano da seleção brasileira na Copa de 1958 realizada na Suécia, o autor descreve uma cena que teria se passado durante um treino aberto ao público, em que o jovem Pelé de 17 anos ao se deparar com as chamadas “tentações da carne”, mantém-se firme em seu propósito esportivo e passa a renunciar os prazeres terrenos em nome de um objetivo maior, dando assim mostras de sua disciplina hereditária:

Belas moças suecas – louras, de olhos verdes – gritando, enlouquecidas, o seu nome com o indisfarçável sotaque: - Pele, Pele, Pele... A pronúncia que saía daqueles carnudos e tentadores lábios encantava os ouvidos de Nossa Majestade como um convite ao prazer. Outro teria caído logo na tentação da carne diante do sucesso repentino e avassalador, e perdido o trono para qualquer pretendente. [...] Mas o nosso rei havia sido forjado na espera e no sofrimento de muitas gerações... seus ancestrais foram levados aos ferros e aos açoites em praça pública, e representavam em suas retinas várias histórias de gente humilhada, privada dos mais elementares direitos humanos e “esquecida” pela historiografia oficial. Então, ele soube manter-se como um soberano: lúcido, equilibrado, convicto... inclusive segurando os mais afoitos companheiros e já se revelando um líder. (AGUIAR, 2006, p. 16)

O biógrafo, dessa forma, acaba recorrendo a um discurso racial determinista para tentar explicar as qualidades “extraordinárias” de Pelé, pois como escreve, qualquer veterano (branco, pode-se concluir) em seu lugar, teria cedido. Em sua intenção de valorizar a ancestralidade negra de Pelé, Aguiar acaba, a meu ver, gerando uma narrativa que produz sentidos inversos ao seu propósito, pois acaba romantizando algumas questões. Ao mesmo tempo em que critica o sistema escravocrata que trouxe milhares de negros para terras brasileiras, Aguiar também romantiza o sofrimento dos escravizados ao relacionar de forma mecânica, todas as atrocidades para com os negros com as ditas qualidades físicas, morais e esportivas de Pelé, não deixando, inclusive, de acrescentar a ideia do biografado como sendo um predestinado ao sucesso desde sempre, ao afirmar que Pelé já se revelava um líder aos 17 anos ao “conter” os impulsos e apetite sexual de seus companheiros mais afoitos.

A fim de perceber a dinâmica das memórias sobre o futebolista e seu sentido social prático, abro aqui, rapidamente, um parêntese para o episódio das moças suecas descrito acima. A versão de Aguiar acaba fazendo uma improvável associação entre tortura de antepassados e o autocontrole disciplinar de Pelé perante uma situação com mulheres que descreve como “*loiras, de olhos verdes*”, portanto, dentro de um determinado padrão estético que as classifica como “perfeitas”, “desejáveis” e “irresistíveis” para um mero negrinho brasileiro. Em comparação com essa versão, a biógrafa Angélica Basthi (2008), por sua vez, dota o acontecimento de um sentido de denúncia ao racismo. A fala anterior de Aguiar acaba sendo contemplada na crítica de Basthi, que questiona a razão de tanta ênfase no contraste racial entre Pelé e as moças, bem como a razão de muitos estarem boquiabertos com a cena:

Houve um episódio que passou incólume pelos jornalistas brasileiros que cobriram a Copa. O assédio das moças e meninas suecas aos jogadores negros, em especial Pelé. Ninguém entendia como ele, sem falar uma palavra em sueco, conseguia alguma comunicação com as moças. Outro mistério era entender a razão pela qual as moças brancas, loiras e de olhos azuis – portanto, exemplos perfeitos do estereótipo da beleza ocidental – se interessaram por rapazes negros. Na verdade, nem o próprio Pelé entendeu direito o que acontecia. Para ele, ser novidade entre as moças brancas, loiras e de olhos azuis era, em si, um acontecimento. Pela reação do garoto e dos jornalistas, confirmamos que o racismo é capaz de usar mecanismos explícitos ou sutis na definição do socialmente belo e aceitável. (BASTHI, 2008, p. 60)

Aproveito o parêntese aberto para ressaltar como um mesmo fato pode ter compreensões distintas de biógrafo para biógrafo. Como a partir de uma mesma situação, abrem-se possibilidades de interpretação e explicação do social, aqui polarizadas entre uma visão mais romântica envolta em determinismo racial, e, esta última, um relato de denúncia

das estruturas que tornam exótico o corpo negro, roubando de si sua humanidade. Feita essa ponderação, retornarei à questão da predestinação presente nas intrigas.

É possível situar outros fragmentos que apontam para a ideia de predestinação na autobiografia de Pelé (2006), agora, no entanto, o ex-esportista traz a figura sobrenatural de “Deus” para se colocar como um “escolhido” dos céus que teria sobrevivido a perigos e vencido grandes obstáculos para cumprir o propósito para o qual fora destinado. O primeiro episódio narrado por Pelé diz respeito ao episódio em que quase morreu afogado em um rio, juntamente com outros colegas de infância; o segundo, à certa ocasião em que, durante forte chuva, seu amigo de infância morreu soterrado por um deslizamento de terra na frente de Pelé e de outros; o terceiro soa como um agradecimento a Waldemar de Brito, seu assim chamado “descobridor”, por ter se disposto a treiná-lo quando ainda era criança; por fim, o último episódio já traz Pelé com 16 anos chegando ao Santos e teve que disputar vaga no ataque com dois jogadores de projeção nacional na época, Del Vecchio e Vasco:

Um homem apareceu e lançou uma vara para nos puxar para fora. Ele nos salvou. Depois disso, eu me lembro de sentir que Deus devia estar de olho em mim, exatamente como no dia em que caído trem. (NASCIMENTO, 2006, p. 26-27)

Eu podia, mais uma vez ter morrido, podia estar no lugar dele – mas Deus estava de olho em mim. (NASCIMENTO, 2006, p. 28)

Acho que Deus estava de olho em mim quando enviou o Waldemar de Brito para representar um papel tão importante naquela etapa de minha carreira. Parecia inacreditável que um jogador do calibre dele se dispusesse a treinar garotos. (NASCIMENTO, 2006, p. 53)

Quando via Del Vecchio e Vasco jogarem, pensava nas minhas próprias chances como algo distante no futuro. Eles eram os principais artilheiros do time, ambos jogadores excelentes, bem estabelecidos na posição. Mas Deus estava de olho em mim. (NASCIMENTO, 2006, p. 74)

Observando o texto de Pelé com mais cuidado, é possível identificar em sua escrita o que Bourdieu chamou de “Ilusão biográfica”, conceito já trabalhado anteriormente. Além de enxergar os fatos interligados de forma lógica, o fator sobrenatural posto por Pelé seria um recurso de narrativa novo se comparado às demais intrigas escritas por outros autores, pois trata de amarrar todas as pontas soltas das situações descritas. Tudo passaria a fazer sentido e ter alguma lógica sob esse ponto de vista, o que reforça de forma considerável a ideia de predestinação e de que sua vida estaria sendo poupada para um propósito nacional maior. A noção de um destino traçado por um ser celestial marca a todo momento os acontecimentos de sua autobiografia e alimenta o mito do “escolhido”, contribuindo para sua mitificação. Nesses momentos, Pelé aparentemente esquece seu tradicional discurso marcado por termos como “disciplina” ou “esforço” e passa a apelar para uma fala mística que justificaria os caminhos



traçados durante sua vida. Tais argumentações não são, a meu ver, contraditórias, mas estratégicas. O lado místico e mais racional de sua narrativa estaria dialogando no sentido de demonstrar que somente um “escolhido” seria tão obstinado e regado em sua conduta de atleta de sucesso.

Na biografia de Aguiar (2006), há a ênfase de que Pelé havia se tornado um ícone mundial graças, em grande medida, à herança espiritual e genética de seus ancestrais africanos. Já aqui em sua autobiografia, tudo parece caminhar em caminhos opostos. Não há em nenhum momento qualquer referência à luta contemporânea dos negros e muito menos a qualquer antepassado negro ou membro de algum reino africano pretérito. A argumentação de Pelé se alinha muito mais a um discurso católico, no qual o Deus cristão se faz onipresente e providencial em momentos cruciais de sua vida, do que propriamente uma reivindicação de antepassados carnavais e espirituais na África que, porventura, tivessem exercido alguma influência em sua consciência existencial.

Durante o contato com as obras, foi perceptível um forte e constante apelo à mitologia do “Rei do futebol” sendo justificada por uma visão de Pelé como sendo um ser dotado de dons extraordinários e predestinado ao sucesso. Esse determinismo presente nos textos tem perdurado desde a década de 60 e chegado até publicações mais recentes. Essa abordagem constitui um complexo conjunto de narrativas que, historicamente, tem concebido Pelé como parte fundamental de uma identidade nacional. Para tanto, o “mito de origem” mais acionado tem sido o do herói predestinado. Em texto de 1961 publicado ao final da autobiografia de Pelé escrita por Benedito Ruy Barbosa, o então redator chefe do jornal A Gazeta Esportiva, Thomaz Mazzoni concluiu: “Pelé nasceu sob o signo da vitória, predestinado a se tornar o maior futebolista do mundo, já antes do feito da Suécia.” (BARBOSA, 1961, p.188-189). Mário Filho, por sua vez, atribui caráter messiânico à trajetória de Pelé, o qual, ciente de seu chamado, sempre teve plena convicção de que seria o que acabou se tornando: “Tinha uma missão a cumprir. Não era a glória pela glória o que perseguia. Sempre soubera que ia ser Pelé, o Pelé que todos admiravam agora” (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 285). A respeito desse messianismo presente na obra de Mário Filho, desenvolverei o tema de forma pormenorizada no capítulo II e analisarei quais eram os propósitos a serem cumpridos por esse “enviado”.

O jornalista Luiz Carlos Cordeiro, autor de “De Edson a Pelé: a infância do rei em Bauru” (1997), escreve na introdução de sua biografia uma breve apresentação da obra em que deixa transparecer o quanto sua abordagem sobre a infância do ex-jogador se mostra excessivamente “contaminada” pela história recente, pois a todo momento interpreta fatos

passados a partir dos marcos referenciais da vida adulta de Pelé. Dessa forma, o fenômeno social que o biógrafo entende como “gênio do futebol” não seria fruto de um processo histórico evolutivo e de construção social, antes, se mostraria precocemente pronto já na infância. Essa característica é classificada por Vilas Boas (2008) como vício de “predestinação”, e, no que interessa para a presente pesquisa, pode ser observada como um artifício de escrita com a finalidade de alimentar um imaginário heroico a respeito do biografado como “o escolhido”: “Este relato, fiel à vida de Pelé, espelha onze anos de sua existência. [...] Mostra, principalmente, que ele já era determinado. E predestinado. Em tudo que se metia, em tudo que fazia, procurava ser o melhor. Fazia bem feito” (CORDEIRO, 1997, p. 5). A obra de Cordeiro exemplifica bem de que maneira o destaque à questão do gênio molda as biografias de grandes personalidades, estas, entendidas por seus biógrafos não como sujeitos falhos e em construção, mas precocemente prontos e à frente de uma geração de pessoas tidas por medianas. No mesmo rumo, a biografia escrita por Angélica Basthi também chega à conclusão determinista sobre a criança Pelé e reforça a ideia do “escolhido”: “Descoberto ainda criança pelo técnico Waldemar de Brito, Pelé já mostrava em campo que era predestinado ao sucesso” (BASTHI, 2008, p. 9).

Muito comuns são as visões dos biógrafos em relação a seu biografado, nas quais a criança explica perfeitamente o adulto e o adulto pode ser visto espelhado na criança, ou seja, a exemplo do parágrafo anterior, a criança é descrita como um ser que precocemente já porta atributos que somente na fase adulta se manifestariam de maneira intensa. Trata-se de um artifício narrativo amplamente utilizado para situar o biografado no panteão de pessoas extraordinárias e acima dos demais indivíduos. Essa estratégia contribui no sentido de alimentar a aura de mitificação que envolve o personagem. Luiz Carlos Cordeiro desenvolve sua escrita atribuindo adjetivos e pondo sobre a criança Edson Arantes do Nascimento, reconhecimentos que o mesmo só receberia muito tempo depois, após seus 17 anos. O próprio termo “príncipe” utilizado pelo autor, sugere uma evolução natural e automática para o que seria, no futuro, o Rei: “Como era o menino, melhor dizer o príncipe, na cidade de Bauru? [...] Bauru foi apenas uma grande cidade do interior do Brasil onde ele morou. Foi onde realmente começou a coexistência do menino-deus do futebol com a magia da bola” (CORDEIRO, 1997, p. 5, 17).

Em outra passagem, Cordeiro insiste em uma “liderança nata” de Pelé, além de sugerir que sempre foi o melhor em tudo o que fazia. Tal narrativa evidencia uma visão idealizada do adulto Pelé espelhada numa criança também idealizada e artificialmente fabricada para legitimar o mito do “gênio”:

Líder e sempre o melhor, a princípio era um líder nato entre sua turma, além de ser sempre o melhor nos jogos de pião, bolinha de gude, papagaio (pipa) e nas brincadeiras de “salva”, nas quais era sempre o único que não era capturado e que sempre salvava seu grupo. (CORDEIRO, 1997, p. 29)

Outro recurso bastante utilizado por seus biógrafos diz respeito à ênfase na descrição do sujeito “de infância sofrida” que “venceu na vida”, de “caráter” e “humilde”. Isso porque, segundo Ronaldo Helal, a vida do ídolo ao ser narrada e inventada, necessita desses artifícios para se “humanizar” e assim criar vínculos com o leitor. O autor ressalta que esse tipo de discurso é característica marcante da clássica “jornada do herói”:

De certa forma, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato apresentam muitas características semelhantes. Em quase todas observamos, por exemplo, a ênfase em uma perda ou dificuldade na infância juntamente com o talento nato que surge bem cedo. Mais adiante, temos provações no caminho do candidato a herói que, de forma arrebatadora, vence os obstáculos e retorna de sua missão dividindo sua glória com seus semelhantes. (HELAL, 2003, p. 02)

Esses recursos utilizados na narrativa biográfica, como bem apontou Helal na passagem acima, são formas de humanizar o mito e, ao mesmo tempo, glorificá-lo como um exemplo de vida, pois, por ter enfrentado e vencido as barreiras, ele seria um espelho e uma inspiração humana para todos os indivíduos, pois teria executado feitos grandiosos mesmo partindo de um lugar comum. No caso de Pelé, esse enredo ganha contornos de redenção nacional. A esse respeito, Mário Filho, juntamente com Nelson Rodrigues, foram os primeiros intelectuais a fazerem da vida de Pelé, uma grande narrativa nacional, de maneira que sua trajetória passou a se confundir, em suas obras, com a própria noção de identidade nacional. No capítulo a seguir, aprofundarei essa discussão a partir do que cada um produziu.

## 2 MESSIANISMO, DESERÇÃO E DITADURA: A ARTICULAÇÃO ENTRE INTRE BIOGRAFIA, IDENTIDADE NACIONAL E POLÍTICA

### 2.1 “Um Messias do futebol” – Pelé e os discursos de redenção da Nação

No final da década de 1950, contexto em que Pelé estava em início de carreira, o mito estava em processo inicial de fabricação, portanto, era costume dos primeiros biógrafos associarem o advindo de Pelé ao mundo do futebol à uma “providência divina” que, por fim, teria enviado o “redentor” do Brasil e da seleção brasileira após a famigerada “tragédia” da copa de 1950 e a posterior eliminação para a Hungria nas quartas de final da Copa de 1954, realizada na Suíça. O jornalista Mário Filho (1908-1966), autor da segunda biografia sobre o atleta, intitulada “Viagem em torno de Pelé” (1963), foi um dos maiores, ou, o maior entusiasta dessa narrativa. Em seu livro, atribuiu um caráter messiânico ao aparecimento do jogador santista após as frustrações das Copas anteriores. No capítulo intitulado “O Reino”, Mário Filho discorre:

Demorou a que, no Brasil, se chamasse Pelé de Rei. Não por objeções republicanas. Mais por um medo, quase transformado em impotência, de admirar livremente. Na hora de admirar, o brasileiro se contém. Houve um tempo em que não se continha ou se continha menos. Sobretudo em futebol. [...] Tínhamos, inclusive, marcado data, local e tudo com a admiração antiga, fresca, espontânea, irresistível. Seria em 50 quando o Brasil conquistaria, sem a menor dúvida, o campeonato do mundo. O 16 de julho trouxe a frustração. Muita gente jurou que não ia mais a futebol. Para que ir a futebol se não podia admirar ninguém? Se, em pleno êxtase, chegaria, sorradeira, a suspeita de traição. De vigarice. Daí os ídolos frustrados: Zizinho, Ademir, Heleno, Didi, Julinho. Eram ídolos para uso interno. Um chá de erva. Uma poção feita em casa. Receita de curandeiro. Ou de benzedeira. Assim, Pelé era o Esperado. Um Messias do futebol. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 282, 283)

Em 1963 respirava-se ainda a euforia do bicampeonato mundial conquistado pelo Brasil em solo chileno no ano de 1962, sem falar que, doze anos atrás, havia acontecido a derrota para o Uruguai no Rio de Janeiro. É perceptível na escrita de Mário Filho, uma intenção de legitimar Pelé como o futebolista brasileiro responsável por transformar a realidade de todo um povo e como um ídolo legítimo em quem se podia confiar. A forma como o autor construiu sua argumentação foi, de certa forma, reduzindo todos os jogadores anteriores a Pelé. Até mesmo Didi, então o jogador contemporâneo mais consagrado, teve sua memória de “príncipe etíope” sobrepujada por novas interpretações: “Didi não era o Rei, o

Rei era Pelé” (Idem, 1963, p. 283). Certamente, uma fala marcada pelo tempo, pela lembrança recente do feito de Copas anteriores.

Para chegar até o “Pelé Messias”, o autor procura descrever um cenário futebolístico desolado e carente de ídolos após a campanha malsucedida na Copa de 1938 na França, conjuntura que teria provocado nas pessoas o “*medo de admirar*”, medo que seria agravado após a Copa de 50. Em seu texto, Mário Filho se reporta à partida final de 1950 como sendo uma “traição” e “vigarice”, listando em seguida o nome dos principais jogadores daquela seleção e definindo os mesmos como parte de uma geração de “ídolos frustrados”, portanto, ineficazes e incapazes (assim como uma “receita de curandeiro”) de resolver a dita angústia nacional de sentir-se mais brasileiro a partir do título mundial então inédito. Demonstrarei mais à frente que a biografia escrita pelo Jornalista De Vaney contestará essa visão de forma bastante controversa.

A chamada geração de “ídolos frustrados” de 1950, assim definida pelo autor, fazia parte de um estágio mais avançado de degradação futebolística e social. Em outra passagem, Mário Filho dá detalhes de como teria se dado, na sua percepção, esse processo de decadência que teria se iniciado após a eliminação na Copa de 1938, momento em que o Brasil percebeu que seu futebol aparentemente vistoso e técnico era uma ilusão. Para explicar como os brasileiros chegaram ao estágio do “medo de admirar” e o conseqüente agravamento do cenário esportivo no Brasil, Mário Filho cita ídolos da primeira metade do século XX e como aos poucos foi sendo gestada uma mentalidade que valorizava o futebol internacional em detrimento do nacional, em particular a valorização do futebol argentino e uruguaio, culminando em um movimento de imigração de jogadores estrangeiros:

Artur Friedenreich foi El Tigre em Buenos Aires, Araken, Le Danger em Paris, Fausto, a Maravilha Negra em Montevideú. Procuramos admirar por nós mesmos, numa ânsia de libertação. Domingos foi, antes de Maestro, o Mestre. Leônidas, antes de ser o Homem Borracha dos franceses, já era o Diamante Negro dos brasileiros. Mas só se tornou ídolo nacional depois do campeonato mundial de 38. [...] Então o admiramos sem reservas. Ainda não tínhamos o medo de admirar. Ou a vergonha de admirar. Tanto que, em 39, de cabeça baixa, porque, de repente, se desmoronou a ilusão de que o futebol brasileiro era o melhor do mundo, tínhamos tanta necessidade de admirar que passamos a cortejar, desmedidamente, o futebol argentino. Foi a época do platinismo. Time brasileiro que se prezasse tinha que ter, pelo menos, uns três jogadores argentinos. E se não argentinos, uruguaios. Platinos, enfim. Respirávamos fundo, como um boxeur abalado por um soco na ponta do queixo, para resistir. Para não perdermos a capacidade de admiração. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 282)

Para o autor, o cenário veio a se agravar e entrar em decadência total após a Copa de 1950, torneio marcado pela derrota da seleção brasileira para o Uruguai em pleno Maracanã – o “*maracanazo*”. Pelé então teria surgido como um enviado divino para sanar o sofrimento do povo brasileiro cansado de tantas derrotas no esporte bretão, “um Messias” que tiraria do fundo do poço a imagem de país derrotado, desmoralizado e desrespeitado no exterior. Temos então em Mário Filho um pensamento e uma interpretação muito particular sobre a identidade nacional e sobre a nação, pois usando Pelé como um divisor de águas nas mentalidades e nas consciências brasileiras, afirma que a autopercepção dos brasileiros enquanto coletividade e nação capaz de produzir algo de que se pudesse ter orgulho ou admiração era “tímida”. Para o autor, Pelé representa a chave de virada, o motivo pelo qual brotou o nacionalismo pulsante antes amedrontado e adormecido em cada brasileiro.

O fato é que o jornalista, embora não cite diretamente as ideias do irmão, Nelson Rodrigues, escreve um texto que dialoga diretamente com a noção de “complexo de viralatas”. O tal “medo de admirar” e os ídolos de “uso interno” seriam parte de um cenário social pensado e compartilhado por Nelson Rodrigues ainda no ano de 1958 em sua famosa crônica “*Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética.*”<sup>24</sup>, nela, é possível perceber que o chamado espírito nacional era definido pelo sentimento de inferioridade, timidez e falta de confiança diante dos estrangeiros, fato que teria sido decisivo para a derrota diante dos uruguaios em 50. Tanto povo quanto jogadores estariam afetados, segundo essa tese, por essa percepção:

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. [...] E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. [...] — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de viralatas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico. Por “complexo de viralatas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica

<sup>24</sup> Disponível em: <https://historiahoje.com/complexo-de-vira-lata-por-nelson-rodrigues/>

inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

A crônica citada de Nelson Rodrigues que já foi exaustivamente tomada como objeto de estudo de centenas de pesquisadores não pode ser tomada separadamente, ou seja, enxergar em Nelson um pensador isolado no que diz respeito às suas conclusões. Muito tem se falado de Nelson, mas pouco tem se falado de Mário Filho como protagonista e fabricante dessa narrativa, ambos construíram, juntos, uma interpretação do Brasil a partir da cultura futebolística da primeira metade do século XX, período em que buscaram consolidar uma identidade que parte do esportivo, mas abraça todo o social. Ambos desenvolveram perspectivas que partem de um lugar comum que remete a um paraíso perdido, a um futebol talentoso que acabou se perdendo e se rendendo a medos e decepções. Os pesquisadores André Caprano, Natasha Santos e Riqueldi Lise, chegam a afirmar que os escritores que deram demasiada ênfase às derrotas de 1950 e 1954, acabaram criando uma “tradição” que consistia não apenas numa forma de enxergar o passado, mas em especial o futuro.

Neste caso, a “invenção de uma tradição” (HOBBSAWM e RANGER, 1997) acerca da derrota de 1950, criada pelos irmãos Rodrigues, consistia em dois pontos distintos. O primeiro era a demarcação do início do enredo clássico: começa com uma dificuldade (a derrota vexatória em 1950) que, após muita dificuldade (a Copa de 1954), culminaria com a redenção no desfecho, com as seguidas vitórias nas Copas de 1958 e 1962 – sendo ainda possível estabelecer uma continuidade neste enredo com a derrota de 1966 e a derradeira vitória em 1970, quando o selecionado brasileiro ficaria definitivamente com a posse da taça *Jules Rimet* (nota-se que o simbolismo de tornar-se o detentor definitivo da taça serve também ao desfecho do enredo). (CAPRANO; SANTOS; LISE, 2012, p. 6)

Vale destacar que para Nelson Rodrigues, especialmente após a eliminação da favorita e bicampeã Seleção Brasileira na Copa da Inglaterra em 1966, o chamado “complexo de vira-latas” passou a ser um fantasma que volta e meia retornava para atormentar mentes e corações. Mário Filho, que faleceu em setembro do mesmo ano, não teve tempo de vida suficiente para dissertar sobre o ocorrido, sua narrativa em torno da sociedade e do futebol no Brasil estava fechada e estruturada como ascensão, queda (paraíso perdido) e glória final (redenção), com Pelé sendo a chave hermenêutica de sua dramática e épica saga brasileira.

Nesse sentido, o surgimento de Pelé, descrito por Mário Filho como “O Esperado” e “O Messias”, se daria em um momento em que os brasileiros seriam cativos de si mesmos.

Pelé, com sua confiança e talento sem igual, demonstrou, na prática, que era possível superar o complexo de inferioridade e assim conquistar o mundo. Mais do que celebração de títulos futebolísticos, o que esses autores propõem seria um novo tipo de identidade nacional que tinha no jogador santista, uma das maiores inspirações de mudança. O “problema de fé em si mesmo” descrito por Nelson acima, seria, na sua percepção, temporariamente superado com aquela geração de 1958 que tinha em Pelé uma das figuras centrais desse processo de redenção da nação, tendo em vista que ele reunia as características necessárias para uma quebra de paradigma: a juventude, a ousadia que não se deixava afetar por um passado “trágico” e “traumático”; associada a um espírito de autosuficiência e destemor.

Por ser “Viagem em torno de Pelé” um livro escrito em contexto próximo às derrotas de 50 e 54, o caráter messiânico atribuído a Pelé é constantemente citado em sua obra, é o que se pode constatar nas passagens a seguir em que o termo “salvar” é usado com frequência. Na primeira citação, Mário Filho descreve um suposto diálogo ocorrido antes da Copa de 1958 entre Valdemar de Brito, homem que “descobriu” Pelé e o técnico do Santos, Lula: “Valdemar de Brito repetia a Lula, baixando a voz, para que Pelé não o ouvisse o que lhe dissera: - Êste garôto vai salvar o futebol brasileiro” (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 52). Em seu texto sobre a Copa de 1958, descreve em detalhes a convincente vitória do Brasil por 5 x 2 sobre a França de Just Fontaine na semifinal da Copa, jogo em que Pelé marcou três gols. Em tom ufanista, Mário Filho relata outro suposto diálogo que teria ocorrido nos minutos finais da partida, agora entre dois cronistas esportivos: o austríaco Willy Meisl e o brasileiro Geraldo Romualdo, a descrição da conversa reafirma a aura messiânica e revolucionária posta sobre Pelé, assegurando em tom de lamento que se o jogador estivesse em campo na final de 1950, a derrota teria sido evitada, assim como teria sido evitado o fluxo imigratório de jogadores argentinos e uruguaios nas décadas de 1930 e 1940 para o futebol brasileiro, movimento batizado pela imprensa como “platinismo”:

Willy Meisl virou-se para Geraldo Romualdo: - Vocês salvaram o futebol. Quem ama o futebol está grato ao Brasil. O maior jogador do mundo! O futebol Salvou-se como arte e deve isto ao Brasil. [...] com Pelé não teria havido platinismo, o Brasil não teria perdido 50. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 261)

No discurso nacionalista de Mário Filho, a importação de jogadores vindos dos países do Rio da Prata se deu em virtude da escassez de ídolos nacionais, condição que foi mudada com o aparecimento de Pelé, a quem os brasileiros não tinham “medo de admirar”. Em passagem mais à frente, narrará os momentos que antecederam o apito final que sagraria o



Brasil campeão do mundo pela primeira vez. Para conferir mais carga dramática à sua narrativa, o autor faz sempre a associação entre o título inédito e o “trauma” de 1950, deixando claro, assim, que a geração de Pelé marca um tempo em que se construiu, a partir do futebol, uma nova mentalidade nacional, agora não mais presa a um espírito derrotista:

Um futebol que tem um Pelé de dezessete anos é campeão do mundo nato. O meu consolo é que outro qualquer perderia. Nunca vi um time igual na minha vida. [...] Daqui a dez minutos o Brasil era campeão do mundo, Feola se lembrou de 50, do silêncio de duzentas e vinte mil pessoas depois do gol de Giggia. Temos tudo o que nos faltava em 50. E agora era quando menos se acreditava no Brasil. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 276, 277)

Toda a noção de redenção de um dito trauma em 1950 é enfatizada insistentemente pelo autor, o qual constrói sua argumentação com base na ideia de uma busca heroica por uma glória perdida no passado e a conseqüente superação de uma agonia coletiva acumulada desde as derrotas de 50 e 54: “Paulo Machado de Carvalho debruçou-se quando Mário Américo acomodou Cristiano Lacorte na cadeira de rodas: ‘Vamos sepultar, hoje, 50 e 54’” (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 271). O constante discurso de superação e a visão de Pelé como uma esperança, não se restringe, evidentemente, somente ao plano futebolístico. Ao afirmar que nunca antes um jogador despertara tantas esperanças, Mário Filho se reporta também ao aspecto social da nação brasileira, sua autopercepção e percepção para com outros países, afinal, como ele mesmo afirma a seguir, a partir de Pelé o Brasil passou a ser saudado e respeitado em todo o mundo. Assim, Pelé reunia em torno de sua imagem, fortíssimos discursos identitários que, a partir dos vários usos de sua biografia, teciam projetos de nação:

Da polônia vinha a notícia: Pelé estava entre os dez maiores atletas do mundo, o único jogador de futebol na lista. O ano chegava ao fim, apareciam as listas dos dez mais. [...] Se fizessem uma lista no Brasil, ganharia Pelé. Mesmo os que nunca o tinham visto, apenas o conheciam de rádio ou de jornal, já o haviam escolhido como ídolo. É que nunca um jogador despertou tantas esperanças. Diante de Pelé, saudava-se o Brasil, campeão do mundo por muito tempo. [...] Formava-se, quase que imperceptivelmente, um mito de Pelé. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 290)

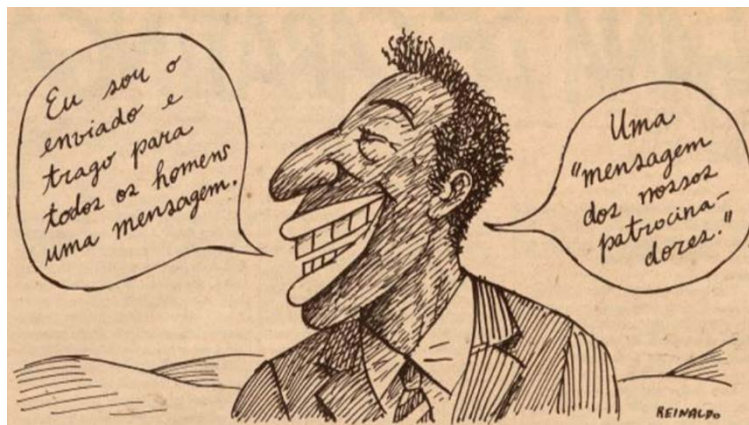
Além de redentor, Pelé também foi pensado como um brasileiro universal. Não somente *um*, mas o *primeiro*. Na mesma obra, Mário Filho escreveu na orelha de seu livro: “esta é a biografia do primeiro ‘cidadão do mundo’ que o Brasil já produziu”. Tal colocação torna-se significativa, pois diz muito sobre as posições nacionalistas do autor que vislumbrava em Pelé um ponto de virada na forma de se enxergar da nação brasileira, assim como Nelson Rodrigues que, após a Copa de 1958, escreveu que o Brasil vencera, pelo menos naquele

momento, o “complexo de vira-latas”. Nessa nova fase, o Brasil não se espelharia mais nos exemplos estrangeiros, dado que, para esses autores, a situação estava em pleno processo de transformação e inversão. Como primeiro “brasileiro universal” que se tornara “cidadão do mundo”, Pelé deveria, segundo a ideia do livro, servir de exemplo para todo planeta, consagrando, dessa forma, a cultura brasileira mundialmente como produtora de homens de sua qualidade. Outro ponto a se destacar é que a frase de Filho sobre o “Pelé primeiro cidadão brasileiro do mundo”, permite pensarmos o processo de seleção e hierarquização da história que os indivíduos que a escrevem tentam perpetuar.

A ideia do Pelé Messias seria questionada com o passar dos anos, porém, jamais desapareceu. Um exemplo recente são as cinebiografias que ainda trabalham com esse conceito em seu roteiro de maneira bastante enfática. É possível perceber o desgaste dessa concepção já na década de 70, em especial, em uma charge de teor racista do jornal O Pasquim, jornal político e humorístico que, durante toda a década, teceu duras críticas ao jogador. A charge tenta deslegitimar os altos faturamentos de Pelé como empresário, lugar esse que foi amplamente questionado por biógrafos e setores da imprensa que não aceitavam sua aposentadoria da Seleção. A grande questão naquele momento de distanciamento do jogador da Seleção Brasileira para administrar sua carreira de empreendedor, era atacar sua escolha, de maneira que tal posto de empresário negro lhe parecesse indigno frente à sua carreira de jogador de futebol, posto visto como naturalmente indissociável de sua pessoa. A intolerância para com a nova configuração profissional de Pelé revela os traços racistas das críticas que não estavam restritas somente ao campo esportivo.

Na charge, o cartunista Reinaldo ironiza a tradição do “Messias do Futebol” criada pelos irmãos Rodrigues, e, em seguida, quebra a expectativa ao anunciar que Pelé não é o Messias enviado como anunciaram Nelson e Mário Filho, e sim um tipo de Messias ganancioso e egoísta movido a lucro a todo custo:

Imagem 09



Legenda: “Eu sou o enviado e trago para todos os homens uma mensagem. Uma mensagem dos nossos patrocinadores”.  
 Fonte: O PASQUIM, 1977, ed.439, p. 13.

Indiscutivelmente, apesar dos questionamentos que sofreu e continua a sofrer, a imagem de “enviado”, embora não possua mais a mesma força dos anos 60, conseguiu se consolidar e sempre retorna atualizada em algum livro, filme ou documentário sobre a vida do jogador. Para dar continuidade a essa discussão, analisarei a seguir o processo inicial de desconstrução messiânica, desta vez, apresentando outros documentos que expandiram essa discussão.

## 2.2 “A verdade sobre Pelé” – A obra que questionou o mito

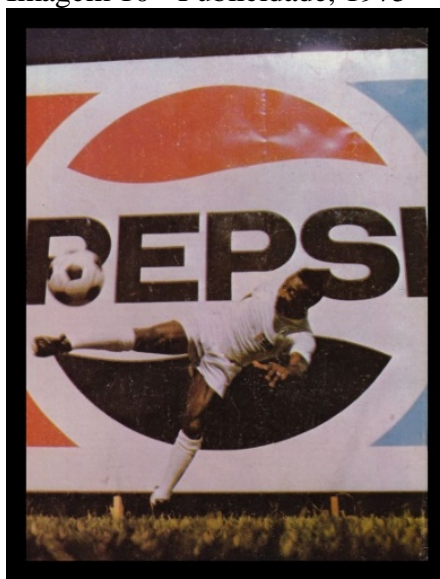
Pelé, ao invés de defender o futebol brasileiro, preferiu ir vender refrigerantes, em troca de grandes somas de dinheiro (NEIVA, 1976, p. 57)

Na contramão das narrativas de consagração, o jornalista Adriano Neiva, conhecido por De Vaney, lançou em 1976 sua não pouco ácida biografia “A verdade sobre Pelé: os exageros, o mito e a história de um desertor”. O jornalista que teve passagens por jornais como O Globo, Jornal do Brasil, Correio da Manhã, dentre outros, ficou famoso na década de 1960 por suas rigorosas pesquisas e estatísticas sobre os números de Pelé. De estudioso dos feitos do jogador do Santos, passou a assumir uma postura de crítico ferrenho de Pelé na segunda metade da década de 1970. As razões para uma mudança tão radical ainda são obscuras, embora o próprio jornalista confesse em seu livro ter se decepcionado com Pelé após este ter se negado a disputar a Copa de 1974. Entretanto, conforme demonstrou o

antropólogo José Paulo Florenzano em seu artigo a respeito dos conflitos desencadeados a partir da despedida de Pelé do selecionado nacional (“A nação traída”, parte 1)<sup>25</sup>, De Vaney já desferia ataques pelo menos desde 1971, por conta de sua insatisfação com a decisão do jogador santista em aposentar-se definitivamente da Seleção Brasileira.

De cunho sensacionalista desde o título, o livro se propõe a ser uma “antibiografia” e obra iconoclasta que questiona a narrativa capilarizada desde o ano de 1958 e que, em grande medida, fora fabricada pelos irmãos Rodrigues e imprensa esportiva, ou seja, a ideia de que Pelé teria revolucionado e salvado um futebol brasileiro então decadente, derrotado e psicologicamente esgotado após um histórico de constantes fracassos. Como afirmei, é relatado no livro que o motivo para a realização da obra teria sido a recusa de Pelé em disputar a Copa de 1974 pela Seleção Brasileira ao mesmo tempo em que exercia as atividades publicitárias como garoto-propaganda da marca de refrigerantes Pepsi Cola, empresa com a qual havia firmado contrato em 1972, conforme relata matéria do Jornal do Brasil em 28/03/1972: “Pelé e a organização Pepsi Co. Ine, fabricante da Pepsi Cola, assinaram ontem [...] um contrato no valor de 1 milhão de cruzeiros e que obriga o jogador a incentivar, estimular e ensinar futebol aos mais jovens de 115 países onde aquela empresa atua”<sup>26</sup>. Durante muitos anos, o jogador seguiu sendo parceiro comercial da Pepsi, fato que sempre incomodou setores que enxergavam com desconfiança seus investimentos.

Imagem 10 - Publicidade, 1975



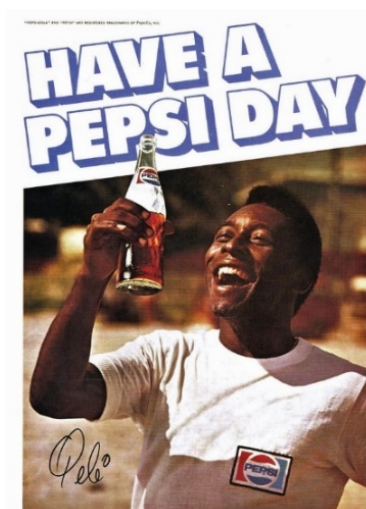
Fonte: PINTEREST.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>

<sup>26</sup> Matéria disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&Pesq=Pe1%c3%a9%20Pepsi&pagfis=53606](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=Pe1%c3%a9%20Pepsi&pagfis=53606)

Imagem 11 - Publicidade, 1981



Fonte: REVISTA PRESS.

Na Copa de 1974, Pelé teve uma pequena participação especial no último ato da abertura oficial ao lado do ex-jogador alemão Uwer Seeler. Durante os momentos finais, algumas mascotes mirins da Pepsi Cola passaram a se posicionar próximo aos dois ídolos. Naquela edição, a empresa era uma das principais patrocinadoras do evento, e, como não podia deixar de ser, fez uso do seu garoto-propaganda durante a competição. A fotografia a seguir, uma dentre várias semelhantes, exemplifica bem a situação que gerou a polêmica inflada pelo jornalista De Vaney. Nela, Pelé estampava no peito esquerdo, juntamente com as mascotes, o logotipo da marca de refrigerantes.

Imagem 12 - Abertura da Copa de 1974



Fonte: SITE GETTYIMAGES

Visivelmente incomodado com tal ato e com todo o contexto anterior, o autor apresenta argumentos questionadores que tencionam “achatar” Pelé apenas como mais um bom jogador da história do futebol brasileiro, não mais como “rei”, pois, segundo o jornalista,

sua moral estaria corrompida pelo dinheiro. Por conseguinte, ele se tornara indigno de tal posto. A capa do livro traz uma foto de Pelé despindo-se do uniforme da seleção brasileira após uma partida de futebol e sugere a intenção do autor em “desnudar” o mito, como se quisesse mostrar uma “verdade” antes ignorada ou escondida por baixo da aparência de patriota, aqui representada pelo uniforme da Seleção Brasileira, para o qual o autor confere uma forte simbologia nacional. A foto também evidencia o objetivo do autor em questionar tudo que foi dito sobre Pelé enquanto símbolo de um país e de um esporte, posto que o título enfático “A verdade...” põe em cheque a veracidade das outras narrativas. Outra interpretação possível da imagem diz respeito a um desprezo que, segundo De Vaney, Pelé foi nutrindo pela Seleção Brasileira em nome de sua agenda com o Santos, personalidades e cifras extracampo, motivo pelo qual teria fechado contrato com a Pepsi pouco tempo depois de sua recusa definitiva para com a disputa do mundial da Alemanha em 74. O autor destaca, inclusive, uma dita insensibilidade e obsessão financeira do jogador mesmo após inúmeros apelos por parte da imprensa e campanhas populares por todo o Brasil: “A decisão de Pelé em deixar a Seleção Brasileira foi consequência dos cálculos que fez entre o pouco que recebia jogando pelo Brasil e o muito que ganharia pelo Santos Futebol Clube.” . (NEIVA, 1976, p. 57). Desta forma, o ato de se despir do uniforme na foto, também representaria desprezo a uma causa nobre que diz respeito à coletividade e aos símbolos nacionais; em nome de causas que seriam “pouco nobres” de cunho mais individual e financeiro.

Imagem 13 - Capa do livro de De Vaney



Fonte: O AUTOR, 1976.

Dito isto, é sintomático que o autor tenha escolhido outra imagem para compor a contracapa, que, de forma irônica e provocativa, soa como continuidade da cena da capa após Pelé desnudar-se da camisa 10. O que De Vaney apresenta como contracapa não é mais o Pelé atleta devidamente vestido com seu uniforme, seja do Santos ou do Brasil, mas agora vestido com terno no qual há um detalhe crucial: o símbolo da Pepsi Cola no bolso superior esquerdo, fazendo assim um contraste imediato com a imagem anterior, em que no peito esquerdo da camisa amarela da Seleção havia o escudo da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A imagem traz o jogador acenando para o público enquanto entra no que aparenta ser uma limusine. A ideia era clara: Pelé era agora um homem de negócios ambicioso que esbanjava e que, portanto, não mais servia como símbolo e modelo para a nação. Assim, o autor constrói uma crítica fortíssima apenas com a capa e a contracapa de seu livro que, como demonstrarei adiante, colidirá de frente com algumas teses desenvolvidas na biografia escrita por Mário Filho.

Ao invés de entrar em campo, na Alemanha, com a camisa do Brasil, acabou surgindo – quatro minutos antes dos brasileiros – trajando vestimentas berrantes e, no casaco, à altura de seu coração, lá estava a marca registrada; o símbolo de uma companhia de refrigerantes, com a qual firmara contrato antes de abandonar a Seleção Brasileira. (NEIVA, 1976, p. 57)

Imagem 14 – Contracapa



Fonte: O AUTOR, 1976.

Ora, sabe-se que foi somente em 1982 que “o patrocínio nas camisas dos clubes de futebol brasileiro passou a ser permitido pelo Conselho Nacional de Desportos (CND)” (GINI, 2009 p. 129), além disso, estampar marcas de patrocinadores nos uniformes das

seleções nacionais segue como prática estritamente proibida até os dias de hoje pela FIFA. Dessa maneira, o ato de De Vaney naquele ano de 1976, em pensar a contracapa com Pelé ostentando o “escudo” da Pepsi como continuação da capa que, por sua vez, estampava o jogador se desfazendo do uniforme da Seleção com o escudo da CBD, remete à intenção do autor em reafirmá-lo não somente como “mercenário” e traidor, mas também como desonesto, infrator de normas e profanador do “manto” da Seleção, posto que declinou da honra de usá-lo, para dar preferência a outros símbolos no peito que não representavam a nação. Com isso, para incriminar Pelé, o jornalista acena para o imaginário da época que não concebia positivamente a possibilidade da existência de marcas comerciais no “terreno sagrado” dos uniformes. A fim de agravar a situação, De Vaney sugere que Pelé, em troca das estampas de multinacionais, recusou vestir a “camisa do Brasil”, frase que confere um peso ufanista ao uniforme da Seleção Brasileira, visto que o objeto passa a ser tomado como para além de um mero uniforme, mas como símbolo máximo da nação. Portanto, segundo essa lógica, recusar a Seleção é recusar, automaticamente, o “Brasil”. Diante de um cenário como este, um traidor e profanador dos símbolos nacionais não podia mais ser associado à Nação como modelo de brasileiro ideal. O recado era direto e punha em cheque os sentidos e projetos de nação até então trabalhados pelos militares através do jogador santista.

Não se pode deixar de pontuar que toda a abordagem de De Vaney possui contornos de inconformismo que, se analisados mais de perto, desembocam em questões sensíveis que dizem respeito a problemática racial. Tal perspectiva se manifesta desde o fato da não aceitação, por parte do autor, do progresso financeiro de Pelé, bem como a circulação do mesmo em determinados círculos empresariais, passando pela pretensão de determinar qual deveria ser o seu lugar na sociedade (o lugar do homem negro). O exemplo a seguir ilustra bem essa mentalidade:

De 1970 em diante, quem passou a existir, em relevo, no panorama nacional, foi o empresário Edson Arantes do Nascimento, cidadão que, vez ou outra, ainda jogava futebol a troco de polpudas quantias em dinheiro. [...] Mas a imprensa, o Rádio, A Televisão, continuaram a propagar, a promover, a difundir o futebolista Pelé, esquecidos, ou não, de que, por osmose, por contato, estavam favorecendo e aumentando o campo operacional do banqueiro, industrial, empresário, capitalista Edson Arantes do Nascimento, tudo feito de graça. (NEIVA, 1976, p. 279)

Tendo por base a citação acima que, por sinal, permeia a obra em termos de abordagem, é possível notar a crença na total incompatibilidade entre as funções de jogador de futebol e empresário, funções que, no imaginário nacional, ocupam distintos lugares de poder simbólico. Dito isso, destaco as observações do antropólogo José Paulo Florenzano,



pesquisador que chamou atenção para o caráter racista das manifestações contrárias à aposentadoria de Pelé da Seleção Brasileira, a fim de encerrar um ciclo vitorioso e dedicar mais tempo aos negócios. Florenzano chama atenção para o papel de Pelé em quebrar expectativas sociais e raciais lançadas sobre ele ao não ceder frente às pressões que procuravam, a todo momento, enquadrá-lo:

À medida que Pelé migrava da esfera do futebol para o campo empresarial, a identificação postulada pelas celebrações oficiais e midiáticas sofria um inesperado abalo. Isto ocorria porque ele deixava uma atividade vista como própria aos negros, deslocando-se para uma área de atividade considerada, *a priori*, reservada aos brancos. Conferindo primazia à figura do empresário em detrimento da profissão de atleta, adotando uma postura mais autônoma face aos interesses patrióticos em nome dos quais se pronunciavam os militares, os jornalistas e os torcedores, Pelé se posicionava fora da ordem prescrita pela democracia racial. Eis o paradoxo. A personagem designada para representar, no teatro da nação, a convivência harmônica entre negros e brancos, colocava-se em movimento, descortinando o quadro da mitologia nacional sob um prisma inesperado. (FLORENZANO, 2019)

De fato, essa passou a ser uma das grandes contradições biográficas de Pelé. O homem que durante anos foi alçado como o maior exemplo de superação do racismo no Brasil e de promoção da imagem do país como “paraíso das raças”, passou a ser apunhalado pela própria estrutura na medida em que ousou adentrar em território simbólico que, no imaginário racista, não podia ser ocupado por negros. Essa espécie de “racismo sutil” e quase sempre naturalizado não esteve sempre restrito ao discurso de De Vaney. Como bem demonstrou a pesquisa do professor Florenzano, na segunda metade da década de 1970, charges foram publicadas no jornal Cidade de Santos com a finalidade de ridicularizar e deslegitimar a faceta empresarial de Pelé, e, ao mesmo tempo, protestar contra sua atitude de distanciamento definitivo da Seleção. Tomando por base as reflexões de Florenzano, afirmo que o discurso que procurava, a todo custo, delimitar o lugar de Pelé como sendo apenas jogador de futebol, estava disseminado por outros veículos de comunicação para além do periódico Cidade de Santos, fazendo coro, igualmente, à De Vaney e sua Cruzada contra as pretensões empresariais do jogador. Como exemplo, apresento a seguir algumas charges publicadas entre os anos de 1972 e 1977, no jornal O Pasquim.

Antes disso, devo chamar atenção para o fato de que as motivações de ambos eram distintas, enquanto De Vaney se mobilizava com o objetivo de descolar Pelé de uma ideia de projeto de nação que ele acreditava não necessitar mais do jogador, o jornal O Pasquim direcionava suas críticas sem o nacionalismo exacerbado do jornalista, porém, com o mesmo objetivo de deslegitimar a função empreendedora de Pelé. O objetivo central da linha editorial de O Pasquim, entretanto, consistia em atacar, reiteradamente, as estruturas da

Ditadura e todas as figuras públicas que simpatizassem com o regime militar, situação em que, obviamente, Pelé se encontrava há muito tempo. A crítica, todavia, ao mirar em Pelé como alvo secundário, acabou reproduzindo o imaginário inconformista, deslegitimador e encaixotador de identidades negras em seu “devido lugar”.

Para o jornal, o ato de Pelé em recusar a Copa de 74 em nome dos negócios com grandes corporações evidenciava o comprometimento do mesmo com as classes dominantes e opressoras e um completo desprezo para com os anseios do povo. Essa situação, por si só, aponta o quão complexo são os discursos sobre o jogador e de que maneira as representações políticas são mobilizadas de maneira distinta e contraditória.

Embora publicadas em épocas distintas, as imagens abaixo tratam do mesmo tema e carregam em seu cerne, a mesma percepção. Na primeira ilustração, de autoria de Ziraldo e datada de 1972, Pelé aparece usando uniforme no qual há muita informação visual com marcas de patrocinadores e dizeres como “compre”, “use”, “beba”. Até mesmo o número 10, sua marca registrada, acabou suplantado por uma gigante marca de refrigerantes. A ideia é, através de seu uniforme considerado “poluído”, reafirmar seu caráter avarento e sua intimidade com o Sistema. Com isso, ele seria um profissional “sem amor à camisa” que estaria trabalhando em função apenas de seus dividendos. Além do mais, é retratado em posição de chute, sem, contudo, haver bola entre as pernas. Nesse ponto, a crítica pode ter sido feita no sentido de afirmar que Pelé já não se preocupava em jogar futebol em alto nível, apenas em aparecer frente às câmeras e fazer poses atléticas com a finalidade de exhibir as marcas associadas a ele.

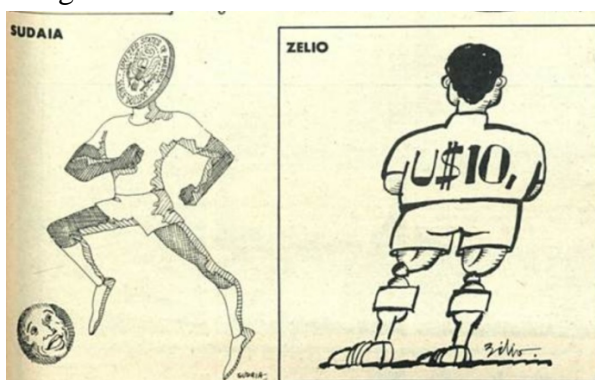
Imagem 15



Fonte: O PASQUIM, 1972, ed. 139, p.7.

Dando continuidade, as charges publicadas em 1975, sob o título de “O Cosmos é o limite”, de autoria dos cartunistas José Sudaia Filho e Zelio Alves Pinto, sugerem que o jogador, diante de tanto dinheiro, havia literalmente perdido a cabeça, visto que, em seu lugar acima dos ombros, há uma moeda de dólar (referência à sua decisão de jogar nos EUA); ao passo em que a bola, objeto oco preenchido apenas com ar, é representada sugestivamente por sua cabeça. Ao lado, outra representação com o número 10, dessa vez adaptado para um cifrão, indica que Pelé teria se transformado em um produto ambulante e que, ao contrário do que muitos pensavam, ele teve um preço pelo qual acabou se vendendo, pois não disputou a Copa de 74 para dedicar-se a campanhas publicitárias.

Imagem 16



Fonte: O PASQUIM, 1975, ed. 311, p. 19

Dois anos depois (1977), outras charges trariam a mesma temática. Os desenhos são uma crítica às suas decisões extracampo, como jogar nos EUA e sua relação com o mundo dos negócios. Na primeira imagem, o jogador é representado como um boneco negroide gordo (simbolizando sua fartura financeira) movido à corda em formato de cifrão, o que conota que, em primeiro lugar, o jogador não passava de mais um fantoche do sistema e, em segundo lugar, que o dinheiro era a razão única de sua existência. Logo em seguida, Pelé é retratado jogando uma partida de futebol pelo time com nome sugestivo de “Classe Dominante Futebol Clube”, pelo qual marca um gol contra o time adversário, “Povo Futebol Clube”. Gol esse efusivamente comemorado por um companheiro burocrata. Mais uma vez, o atleta é comparado a um boneco movido à corda. A ideia de ambas as charges é que Pelé tem sido manipulado e se deixado manipular por setores moralmente podres do capitalismo (incluindo a Ditadura) ao mesmo tempo em que se negou a jogar pela Seleção. Ao se aliar a essas forças, estaria contribuindo para a exploração do seu próprio povo após aderir a um discurso e uma práxis dos quais interessava a manutenção das estruturas ditatoriais. Por fim, a crítica vem no

sentido de afirmar que o jogador estaria desamparando os torcedores ao não corresponder os anseios populares por seu retorno em nome da causa empresarial.

Imagem 17



Fonte: O PASQUIM, 1977, edição 440, p. 29.

Imagem 18



Fonte: O PASQUIM, 1977, edição 440, p. 30

Em ambas as imagens, há um processo de desumanização de Pelé, retratado como boneco programado e massa de manobra da engrenagem financeira. Esse discurso que concebe sua existência como um falso ídolo financeiramente ambicioso que acabou sendo fabricado em nome de interesses econômicos, permeia todo o livro de De Vaney, este, todavia, com outros contornos políticos que, ao invés de associá-lo à Ditadura, como o fez O Pasquim, procura distanciá-lo por entender que se tornou indigno de representar aquele

projeto de nação. Os trechos a seguir, retirados de seu prefácio e, posteriormente, do primeiro capítulo, exemplificam um pouco desse imaginário e da tonalidade do livro:

Pelé teria feito jus ao culto, ao fanatismo, à religião da qual se tornou símbolo, imagem e deus? Essa indagação tem resposta neste livro, cujo objetivo é o de preservar a história do futebol brasileiro das deturpações originárias da vertiginosa e comercializada ampliação do mito. [...] É essa idolatria sem peias, é a esse misticismo avassalante, é a esse endeusamento de um Pelé mercantilizado e desertor, que este livro irá analisar, colocando os fatos em suas verdadeiras intensões. [...] Pelé não passa, entretanto, de uma entre as dezenas de lendas e que foram tramadas pelos interessados, comercialmente, na fulgurância e divinização da carreira e biografia de Pelé. (NEIVA, 1976, p. 8 10,24)

O constante uso da palavra “desertor”, também presente no título do livro, revela traços da visão exacerbadamente nacionalista do jornalista, que encara a Seleção Brasileira como uma representação da Nação, e a Copa do Mundo como uma Guerra Mundial para a qual todo bom “soldado” convocado deve se fazer presente para, orgulhosamente, defender a honra de sua pátria. Sob essa ótica, a recusa implicaria em traição, deserção, covardia ou egoísmo. De Vaney, por sua vez, potencializa esse imaginário ao usar uma linguagem bélica. Para a antropóloga Simoni Guedes, esse tipo de associação entre Seleção Brasileira e Pátria tem sido uma constante na história do futebol brasileiro:

Utiliza-se, no Brasil, uma categoria muito significativa para a escolha do selecionado: “convocação”. Os jogadores são “convocados” para a seleção brasileira de futebol tal como os jovens são “convocados” para o serviço militar obrigatório e os soldados para a guerra. A presença na seleção brasileira de futebol é, ao mesmo tempo, uma “honraria” e um “dever. (GUEDES, 2006, p. 82)

O pensamento de De Vaney contrasta com as demais biografias, tanto anteriores quanto posteriores, pois diferente dos demais, seu tom não será de consagração, mas de constante ataque. Em suma, trata-se de um discurso nacionalista, sem, contudo, a figura de Pelé como símbolo. Além disso, é evocado um Brasil que não precisa de Pelé para ser grande ou reconhecido internacionalmente. Naquele ano de 1976, tempos de uma Ditadura que, desde o tricampeonato em 1970, vinha usando sistematicamente o futebol como canal de veiculação de valores pátrios atrelados ao governo, a atitude de De Vaney em tentar desmontar o maior símbolo esportivo e de orgulho nacional até então, soa como ousada se pensarmos na importância simbólica de Pelé dentro da lógica do discurso nacionalista do governo.

Sem citar o nome de Mário Filho, mas referindo-se a essa tradição, De Vaney passa a questionar insistentemente o suposto legado de Pelé, uma vez que, em sua perspectiva, tudo se resumiria a traição e ganância. Ao adotar esse posicionamento, o autor estaria, conforme o

pensamento desenvolvido pelo professor Florenzano, motivado também por fatores raciais, ainda que indiretamente, pois registra de forma veemente seu absoluto inconformismo com a passagem de Pelé do futebol para outro segmento social, o dos empresários. Tais atitudes, segundo Florenzano, passariam a implicar tensões raciais historicamente enraizadas no tecido social brasileiro.

A maior parte da crônica esportiva, convém salientarmos, entendia e aceitava as razões enumeradas pelo jogador para não trajar mais a camisa verde e amarela. Havia, porém, aqueles que interpretavam a decisão, ao mesmo tempo, como uma traição à nação brasileira e uma transgressão à ordem racial, cometida, eis o ponto chave, por um negro que abandonara inadvertidamente o espaço social que lhe era designado, desafiando, dessa maneira, o código tradicional de comportamento instituído no campo das relações sociais. [...] Eis o cerne da questão. Enquanto Pelé acreditava fazer jus à nova posição que ocupava na sociedade como empresário, os círculos mais intransigentes situados no poder central, na imprensa esportiva e na sociedade civil, compeliavam-no a permanecer dentro da esfera esportiva exercendo a função para a qual se presumia ter sido talhado pelo destino. As quatro linhas do campo transfiguravam-se nas linhas da especialização racial traçadas para fixar os negros na condição de atletas de futebol. (FLORENZANO, 2019)

Ao longo de todo o texto, o jornalista faz uma crítica aos livros de Mário Filho “Viagem em torno de Pelé” de 1963; e “O Negro no Futebol Brasileiro”, de 1964. Ora, essas obras buscam a todo o momento reafirmar que o surgimento de Pelé como jogador profissional representou para o futebol e a nação brasileira uma verdadeira redenção tanto futebolística como de identidade, visto que não se tinha a quem admirar “sem medo” antes de Pelé em um cenário que, segundo o Mário Filho, só restara amargura das derrotas de 1950 e 1954. A obra de De Vaney, por outro lado, soa como um contraponto não somente à biografia de Mário Filho, mas ao pensamento e tradição difundidos pelos irmãos Rodrigues. Ao que parece, a tese do autor é que essa narrativa de um futebol nacional Pré-Pelé que se dizia carente de ídolos e derrotista, encontrou ecos na sociedade brasileira, permanecendo enraizada como crença e chegando com força até os anos 70 com a conquista do tricampeonato mundial. Após essa constatação, passa então a acusar Mário Filho e os demais que reproduziram esse pensamento de falsearem dados com a finalidade de enaltecer Pelé como uma espécie de Messias.

O que se afirma, o que se atrela ao carro-chefe da propaganda do mito, são dados falsos, exageros de todos os tipos. [...] Os fabricantes da super-supremacia de Pelé, inventam fatos, manipulam resultados, alardeiam fantasias, tudo para que o público chegue à conclusão de que antes de Pelé o Brasil era sinônimo absoluto de nulidade no futebol. [...] (NEIVA, 1976, p. 50)

Outra tese duramente combatida pelo jornalista e também ventilada anteriormente por Mário Filho, diz respeito ao pensamento até hoje bastante comum de que a derrota para o

Uruguai em 1950 dentro do Maracanã teria sido uma “tragédia” e um “fracasso” resultantes de um contexto futebolístico precário. A partir da citação, pode-se concluir que, para De Vaney, o discurso da tragédia e do fracasso se configuram como uma estratégia para que se crie a necessidade de busca por um Messias, um Salvador. O autor, dessa forma, passa a pensar uma identidade nacional que incorpora de forma vigorosa toda a tradição futebolística brasileira antes do surgimento de Pelé, mesmo com as seguidas eliminações daquelas gerações, tão amplamente lamentadas pelos irmãos Rodrigues como “fracassos” e “traumas” futebolísticos e sociais que teriam deixado profundas sequelas no imaginário nacional, que, desde então, passaria a ser moldado a partir de uma percepção coletiva de apequenamento e covardia. Há insistente ênfase na tradição futebolística brasileira como sendo vencedora e gloriosa mesmo antes de Pelé, fato que para o autor, refutaria, dessa forma, o discurso messiânico de Mário Filho:

Por ignorância ou para poder atribuir a Pelé exclusividade na glorificação do futebol brasileiro – omite-se todos os fatos de realce acontecidos antes da “Era Pelé”. [...] Dizem os industrializadores do mito Pelé, que o Brasil fracassou, rotundamente, no mundial de 50. Fracassou quem venceu os imbatíveis iugoslavos por 2 a 0 e esmagou a Espanha? [...] Feita uma análise lúcida, a conclusão justa é que a derrota ante o Uruguai, foi, muito mais, um acidente advindo de um favoritismo histórico, do que a consequência de uma inferioridade técnica. (NEIVA, 1976, p. 33,35)

Ao contrário de Nelson Rodrigues, que em seus escritos atribui a derrota de 1950 a uma mentalidade que se acovardava ante o estrangeiro e acabava por sufocar as potencialidades nacionais, De Vaney traz uma compreensão completamente invertida dos fatos. Não seria por falta de confiança, mas por um excesso que beirava a soberba e a subestimação do bom time adversário. O autor entende o acontecimento como consequência de um favoritismo exacerbado alimentado pela imprensa, torcedores e governantes, situação que teria gerado nos jogadores, ao mesmo tempo, uma intensa pressão pela vitória e um espírito de altivez que durante a partida se mostraria fatalmente prejudicial para o selecionado brasileiro. Deste modo, desenvolve uma linha interpretativa que descarta toda e qualquer possibilidade de se atribuir características negativas às gerações anteriores a 1958, ano do primeiro título mundial. Sobre a eliminação na Copa de 1954 realizada na Suíça, outra derrota lamentada pelos irmãos Rodrigues, o autor apresenta outro entendimento do ocorrido, dando ênfase não à derrota para a Hungria que acabou gerando a eliminação do torneio, mas à campanha como um todo. Mais uma vez, justifica suas palavras como sendo uma contranarrativa à uma interpretação hegemônica dos fatos que não necessariamente visam o engrandecimento e fortalecimento do esporte e da identidade nacional, mas a fabricação de um ídolo comercial:

E quando os “desmemoriados” por Pelé se referem ao mundial de 54, é para falar, novamente, em fracasso, fingidamente esquecidos de que o Brasil, naquele torneio, ganhou do Chile 2 vezes, do Paraguai, 2 vezes, do México, e empatou com a Iugoslávia. [...] Mas não se findam nessa estatística da Época “Antes-Pelé”, que acaba de ser lida, as demonstrações de que apenas os exageros e as lendas é que podem criar no espírito público a enganada certeza de que o Brasil do futebol só foi vitorioso quando teve a defendê-lo a figura de Pelé. (NEIVA, 1976, p.36, 48)

Prosseguindo em sua argumentação, discorre mais detalhadamente sobre o período anterior ao que denominou “Era Pelé,” ressaltando sempre alguns resultados de times brasileiros que, durante a primeira metade do século XX, obtiveram expressivas vitórias que acabaram por repercutir na Europa. Ao final de sua fala, torna-se perceptível a referência direta aos irmãos Rodrigues em sua crítica aos chamados “adoradores” de Pelé, os quais alega estarem deturpando a história do futebol nacional com a finalidade de posicionarem Pelé no centro de suas narrativas. Apesar de também advogar uma identidade nacional que brota de um fenômeno social como o futebol, De Vaney escolhe outro caminho e estrutura sua narrativa de forma que a mesma não orbite em torno de Pelé, não tendo mais nele sua curva ou seu ponto mais alto e agudo, contestando, ademais, seu título de “rei”, que passa a ter sua historicidade questionada e sua aplicabilidade descentralizada de um único indivíduo, pois passa a atribuir a glória à coletividade.

Por ignorância ou – o que é mais provável – para poder atribuir a Pelé a exclusividade na glorificação do futebol brasileiro – omite-se os fatos de realce acontecidos antes da “Era Pelé”. [...] Quinze anos antes de Pelé nascer, o Paulistano, em 1925, em Paris, esmagava a seleção da França por 7 a 2, na primeira apresentação de um clube brasileiro – e segundo da América do Sul – na Europa. [...] Os jornais europeus aclamaram, pela voz das manchetes: Brasileiros, reis do futebol. Isso quer dizer: reis do futebol, os brasileiros, 35 anos antes de se dar a Pelé o apelido de rei. [...] Na ânsia de apontar Pelé como o único produtor dos triunfos brasileiros, os seus adoradores riscaram do cartel do Brasil-futebol todas as façanhas que lhe pudessem fazer sombra. E quando citam o passado do futebol brasileiro, é para deprimi-lo, deturpá-lo, obumbrando a verdade. (NEIVA, 1976, p. 33)

A batalha em torno da memória, na qual Neiva acabou se envolvendo de forma polêmica, não se limitou apenas à batalha por uma memória biográfica de um indivíduo, antes, refere-se à disputa pelo sentido de nação. Para o autor, o Brasil em termos de nação e em termos futebolísticos, não necessitava de uma “muleta” na qual apoiasse todas as suas glórias, pois Pelé seria mais uma representação que teria ocupado espaço em um momento de carência afetiva e falta de títulos, do que, de fato, um jogador brilhante e messiânico:

Pelé é, muito mais, uma contingência de aspecto social do que um fenômeno esportivo. O auge da sua fama começou a ser atingido em 1965, quando um processo de renovação política, podou um a um os ídolos certos ou errados,



carismáticos ou não. Órfão de líderes populistas, sem ninguém para amar. [...] Sem ter em quem concentrar sua carga emocional, e sem saber como e a quem fazê-lo, o Brasil – e, até mesmo, em boa parte, o próprio Governo – se apaixonou, até ao paroxismo por Pelé. (NEIVA, 1976, p. 23-24)

No trecho citado acima, De Vaney se refere de maneira sutil à Ditadura Militar – “processo de renovação política” em 1965. Basicamente, afirma que Pelé teria se tornado o ícone que se tornou graças ao Regime, que com uma posterior política de censura, “podou” os ídolos nacionais do final da década de 60 e primeira metade década de 70. Além da censura, é possível entender o termo “poda” como uma referência aos artistas que foram exilados (estivessem eles com a razão ou não, como escreve) do país pelo Regime. Fica, portanto, mais claro entender por que o autor argumenta que a partir desses acontecimentos o povo teria ficado “órfão” de ídolos e, em seguida, se apegado a Pelé. Em seu esforço por localizar o suposto contexto de ascensão de Pelé, De Vaney acaba ignorando que após a vitória da Seleção em 1958, o jogador santista já havia ocupado um relevante espaço social como nova personalidade pública brasileira. Necessário lembrar que o livro de Neiva é escrito após os desdobramentos do AI-5 e pouco depois do final do governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), o mais rígido em termos de repressão política e artística. Daí sua percepção de que esse processo teria deixado um “vácuo” que fora ocupado por Pelé, mas não sem o completo consentimento dos militares. Aliás, o jornalista ressalta que o “Governo” “se apaixonou por Pelé”, ou seja, teria se aproveitado da imagem consagrada do jogador para projetar uma imagem de País bem-sucedido, moderno, democrático e feliz.

Para De Vaney, todavia, essa “paixão” cobraria seu preço, como a desmoralização do país por ter, na figura de um “traidor” e “desertor”, o seu símbolo maior de brasilidade e orgulho nacional. Isso porque o autor constata que Pelé havia esgotado sua capacidade de continuar sendo símbolo do Regime ao se recusar a disputar a Copa de 74, pois com seu nacionalismo exacerbado, não consegue tolerar que o homem que “trocou” a Seleção Nacional pela Pepsi, continue sendo ovacionado pela grande imprensa e pelo Governo como o maior ícone esportivo e social do Brasil:

E Pelé passou a ser, no esporte a que se dedicou, não o futebolista de quem o Brasil não precisou para ser bicampeão do mundo, em Santiago-62; [...] não o futebolista que, embora jogando pelo Brasil, não dera ao Brasil o mundial da Inglaterra-66, não o futebolista que acabaria desertando do selecionado nacional, mas sim – paradoxalmente – o reflexo, o semblante do Brasil, inclusive do Brasil-cultura, do Brasil-ciência, do Brasil-magistério, do Brasil-diplomacia, e, até, do Brasil-poder-judiciário, do Brasil-poder-legislativo, do Brasil-poder-executivo, pelas honras de “CHEFE DE ESTADO” que lhe foram concedidas pelo presidente Emílio G. Médici ou por quem lhe podia fazer a vez, na posse do presidente Ernesto Geisel. E todos os vultos brasileiros, cujos nomes ainda ressoavam no estrangeiro, como símbolos de

um Brasil-potência, foram absorvidos e apagados por duas sílabas de um apelido cuja origem ninguém a sabe ao certo: Pelé. (NEIVA, 1976, p. 116-117)

É possível perceber na citação os conflitos de memória e a batalha pelo sentido de nação. Apesar dos exageros típicos do autor, sua fala evidencia, ainda, as proporções da envergadura simbólica de Pelé como mito e símbolo nacional, e o quanto, pelo menos em sua compreensão, sua imagem estaria associada ao sucesso político do país. Para o autor, o jogador não possuía mais nenhum requisito para continuar sendo “o semblante do Brasil” e, principalmente, do que chama de “Brasil-potência”, dada sua condição de “desertor”. Para o jornalista, a condição de Pelé como representação do Brasil acabava por invisibilizar vultos históricos tidos por relevantes e que, em sua opinião, seriam mais dignos de estarem ocupando esse posto simbólico. Algumas páginas depois, voltaria a escrever algo semelhante e reafirmaria, com indignação e fortes traços de amargura, sua insatisfação com o uso “indigno” da imagem do jogador pelo governo e pela coletividade: “Pelé passou a ser o retrato, de corpo inteiro, do Brasil artístico, científico e cultural. Surgiu, então, sem que ninguém com isso se surpreendesse, [...] o Pelé síntese e dínamo do progresso e do desenvolvimento nacionais.” (NEIVA, 1976, p. 138). Ainda que seu texto situe Pelé como símbolo do progresso nacional, o autor constata seu total esgotamento simbólico frente às demandas identitárias e racistas de um nacionalismo radicalizado de sua parte.

Outro fato marcante e com notável peso simbólico na trajetória de Pelé e que, da mesma forma, teve sua legitimidade questionada pelo autor, foi o episódio de sua despedida da Seleção Brasileira em 1971. Como apresentei no início desse trabalho, a despedida de Pelé foi um acontecimento revestido de grande teatralidade e repercussão midiática no Brasil e em todo o mundo esportivo. O ato de coroá-lo foi, sem dúvida, um dos pontos mais altos do espetáculo, pois o mito do rei ganhava materialidade e seria, definitivamente, registrado e imortalizado pelos veículos de imprensa que lá se faziam presentes. Como se sabe, essa era a proposta oficial tanto de organizadores, como do próprio Pelé, que estrategicamente havia pensado naquele momento de consagração após a conquista do tricampeonato. De Vaney, por sua vez e bem ao seu estilo, traz outra interpretação da cerimônia, afirmando que tudo teria sido uma jogada de Pelé para que, longe da seleção, pudesse dispor de mais tempo livre para aumentar suas cifras. Interessante notar que para o autor, tudo soa como uma espécie de heresia e insulto à Nação, como por exemplo, o hino nacional tocado “em seu louvor”. A teatralização do mito do rei é criticada de forma contundente e ganha contornos tido por ridículos em sua argumentação, perdendo, assim, toda aura de divinização. Antes disso, o autor enfatiza, mais uma vez, o caráter dito avarento de Pelé, criminalizando os investimentos

do jogador, que soam pejorativamente como um grande pecado contra o espírito nacional, personificado na Seleção Brasileira de futebol.

Foi para ganhar mais dinheiro do que na seleção; foi para cumprir os detalhes do plano DE PODER ESTAR NA ALEMANHA-74, NÃO COM A CAMISA DO BRASIL, MAS, SIM, COM O PALETÓ ESPALHAFATOSO DA MARCA DE REFRIGERANTES, QUE PELÉ FEZ AQUELA ENCENAÇÃO TODA DE ADEUS À SELEÇÃO NACIONAL. [...] E nunca, um desertor – em todas as faces da História Universal – foi tão reverenciado quanto esse! Nos dois dias – 11 e 18 de julho de 71 – em que consumou a sua deserção, executaram-se, em seu louvor, o hino brasileiro, convocaram-se crianças para formar a guarda de honra; vestiram-no de rei, com coroa, manto e cetro, e fizeram-no dar, assim vestido, a volta olímpica, enquanto, a multidão chorava, agitando lenços brancos, gritando “Fica!”, tudo ao som da “Valsa da Despedida. E o herói – tal como os fatos demonstraram mais tarde – ; o herói – tal como este livro é testemunha indelével – ; esse herói... não passava de um hábil e ardiloso desertor, a sangue frio. (NEIVA, 1976, p. 285, 286)

Abrindo um pequeno parêntese agora, afirmo que a despeito das críticas radicais, De Vaney não inaugurou o discurso acusatório que atribuía a Pelé uma fama de ganancioso. 15 anos antes de seu livro ser escrito e publicado, Pelé era defendido por outro biógrafo contra as mesmas acusações. Na primeira biografia publicada sobre o ex-jogador em 1961, “Eu sou Pelé”, de Benedito Ruy Barbosa, já havia a preocupação em rebater os críticos que, ao que parece, eram formados por setores minoritários da torcida e por parte da imprensa, mas não nominados pelo escritor. Interessante perceber que apenas três anos após sua ascensão à categoria profissional aos 17 anos, rapidamente se desenvolveu uma disputa por sua memória que estava em processo inicial de construção:

Não pretendo sair do Brasil, apesar de todas as grandes propostas que tenho recebido, do Exterior. Fico aborrecido quando ouço torcedores dizendo que jogo apenas pelo dinheiro. Não é verdade. Apenas, por dinheiro, eu jamais deixaria que me dessem injeções nas pernas ou nos ombros, apenas para poder participar de uma partida. [...] Eu vim de berço humilde, senti a “dureza” da vida ainda quando era pequeno, engraxei sapatos na rua, vi meus pais lutando a vida inteira, para me criar e para criar meus irmãos, mas nem por isso faço do dinheiro a razão de todos os meus atos. [...] Contudo, quantos, entre esses que de vez em quando me xingam, protegidos pelos aramados dos estádios, que dizem que eu só jogo por dinheiro, não venderiam até a Pátria se lhes acenassem com algumas notas de mil? (BARBOSA, 1961, p. 179, 182)

Em defesa de Pelé, Ruy Barbosa utiliza artifícios discursivos que apelam para a ideia do “garoto que veio de baixo e venceu”, imagem que alimenta também a ideia meritocrática de “disciplina” esportiva e emocional sempre atribuída a Pelé. Em outro trecho de seu livro, Benedito voltará a evocar as mesmas imagens ao legendar uma fotografia de Pelé: “De engraxate a milionário graças a seu gênio futebolístico.” (BARBOSA, 1961). A percepção de

Pelé como um sujeito que saiu da pobreza e alcançou os lugares mais elevados da sociedade é algo deveras difundido não apenas no Brasil, mas internacionalmente, tanto que em 2004 o escritor colombiano Miguel Méndez Camacho lançou uma biografia de título: “Pelé, de la favela para la glória” (2004). Ora, não há registros de que Pelé tenha passado sua infância no que se conhece hoje por favela. Até onde se sabe, mesmo pelo que conta sua própria autobiografia, Pelé e sua família sempre residiram em bairros populares, mas não necessariamente no que se poderia definir como favela, conceito que no senso comum carrega uma série de sentidos relativos à miséria e violência. Portanto, o termo escolhido por Camacho faz um novo uso e atualização da memória, atribuindo assim, desde a capa, valores meritocráticos e que convergem para o discurso de sua disciplina e imagem de herói que venceu as dificuldades e alcançou a glória a partir do esforço pessoal.

32 anos após a controversa publicação de *De Vaney*, a biógrafa Angélica Basthi conferia novos sentidos aos negócios de Pelé, em especial, a seu contrato com a Pepsi Cola, um dos motivos que gerou toda a celeuma entre o escritor e seu biografado e também entre alguns setores da imprensa. O que na visão destes representaria o ápice do egoísmo de um jogador de futebol e de sua falta de amor, fidelidade e gratidão à pátria; passa a ganhar novas e radicais interpretações em Angélica Basthi. Além de não levantar questionamentos e justificar seus rendimentos como jogador do Santos, a autora faz uma releitura positiva de sua parceria com a famosa marca de refrigerantes. Para Basthi, a partir do contrato com a Pepsi que acabou envolvendo uma série de projetos com crianças de outros países, Pelé passou a se engajar periodicamente em campanhas promovidas por órgãos da ONU. Para a autora, o futebolista passou a ser um exemplo a ser seguido no que tange a valores como solidariedade para com os necessitados. Enquanto mulher negra, Basthi reconhece o valor simbólico e social que representa um negro como Pelé se destacar na sociedade como um homem negro financeiramente bem-sucedido.

Com o prestígio alcançado com o futebol apresentado no Santos e, sobretudo, por ser considerado o melhor jogador do mundo, ele reuniu fichas suficientes para ser o jogador mais bem pago do clube. Chegou ao ponto de receber metade dos rendimentos ganhos pelo time durante as viagens internacionais. [...] Ao longo da carreira, Pelé sempre esteve atento ao seu potencial no mercado publicitário. [...] Em 1973, assinou um contrato com a multinacional Pepsi Cola para fazer workshops de futebol para crianças em várias partes do mundo. A experiência foi um sucesso. [...] Alguns anos depois, Pelé fundaria no Brasil sua própria escolinha de futebol, com base num modelo de educação brasileiro e norte-americano. Também participou de inúmeras campanhas beneficentes em prol das crianças, além de algumas missões da UNICEF e da UNESCO. (BASTHI, 2008, p. 103, 107-108)

São muitas, enfim, as versões de Pelé que estão a todo momento sendo atualizadas e disputadas no debate público. Mesmo em meio a tantas representações distintas e conflitantes, poucas questões suscitam ainda tanto fervor e polarização quanto a questão da relação entre Pelé e Ditadura Militar no Brasil. No que tange a esse debate político, a ideia do “Rei” e do “Réu” tende a se acentuar e, por vezes, radicalizar-se em ambos os polos, onde contornos maniqueístas são empregados à trajetória do ex-jogador durante a fase do regime militar. No ponto a seguir, buscarei mapear, historicizar e cruzar essas discussões, a fim de perceber quais foram os usos políticos dessa memória. Não será minha intenção tentar dar crédito a uma ou outra vertente como sendo mais “verdadeira” do que outra, mas pensar em que medida se deu e se dá essa constante tensão e atualização de memórias e como isso dialoga com a compreensão da história do Brasil que cada emissor do discurso professa ter.

### **2.3 Pelé x Ditadura Militar – disputas e usos políticos da memória**

A contraditória relação entre Pelé e a Ditadura Militar é um daqueles temas que, certamente, rendem teses e dissertações muito em função da riqueza de fontes e instigação que causa no pesquisador que lida com essas questões. Gostaria, entretanto, de investigar não apenas o fato e seus desdobramentos, mas principalmente as narrativas que foram produzidas a respeito, que, aliás, são diversas em suas abordagens. Dentre o rico material levantado, analisarei, em especial, algumas fontes pouco ou nunca discutidas antes nesse debate, como as biografias e autobiografias. O tema em questão sempre volta periodicamente ao debate público, ora pela imprensa, ora pelos biógrafos de Pelé. Teria sido o chamado “Rei do Futebol” um colaborador, um entusiasta, um divulgador dos princípios do governo? Um amigo íntimo de Médici durante os anos mais sangrentos da repressão que havia recrudescido desde o AI-5 em 1968? Ou, ao contrário, teria sido um jogador de coragem que ousou bater de frente com o ditador Médici, negando-se, inclusive, a competir a Copa da Alemanha mesmo diante da pressão do governo? Ou, como dizem outros, teria sido injustiçado por críticas que colavam sua imagem à imagem da Ditadura? E Pelé? Como se pronunciou no passado e mais recentemente a respeito disso? Como tem visto e entendido seu lugar durante os anos de governo militar? Qualquer que seja o questionamento ou a resposta, acabará por mobilizar usos políticos da memória biográfica de Pelé, que chegam, com maior ou menor intensidade, ao debate público. A predominância ou até mesmo o descrédito dado a uma ou outra vertente,

é fruto de batalhas pela memória que se movem também a partir de um debate mais amplo sobre o Brasil.

A sempre crítica ideia de que o jogador teria sido um histórico aliado próximo das forças políticas do regime militar, apesar de muito disseminada no passado recente e, mais ainda, nos dias de hoje, nem sempre foi reproduzida de maneira tão clara e direta, pelo menos por parte da imprensa. Os motivos, além das limitações impostas pelo governo aos veículos de comunicação durante os anos de maior controle do que era publicado, passava também pela cautela em tocar em um tema tão espinhoso em plena Ditadura, o que acabava, em muitos casos, impedindo que visões mais críticas a esse respeito pudessem ser veiculadas de maneira natural. Tampouco, falava-se naquele momento em “Pelé subversivo” que teria “desafiado” e “desobedeceu” a Ditadura, essa narrativa política seria fabricada muitos anos depois da década de 70. Dado esse cenário, o jornal O Pasquim foi um dos primeiros que tocou no assunto de maneira crítica, embora, como demonstrarei, haja muitos problemas na abordagem,

Para exemplificar a disputa de memória que se estabeleceu nos últimos anos, apresento a seguir a charge publicada no jornal O Pasquim em 1977, uma das primeiras narrativas a, de maneira explícita, tomar Pelé como vilão e aliado da Ditadura. O que motivou a onda de críticas foi a suposta frase “o brasileiro não sabe votar”, atribuída a Pelé e que acabou, na época, sendo tomada por inquestionável e continuava a render críticas por parte do jornal que, quanto ao tema, foi implacável. Antes de prosseguir, é necessário registrar que o próprio Pelé, em sua autobiografia (2006), deu sua versão a respeito das críticas que sofreu na ocasião:

No final da década de 1970 afirmei que os brasileiros precisavam aprender a votar. Foi um escândalo: me acusaram de insultar o povo de dizer que os brasileiros não sabiam votar, ou seja, que eram estúpidos. Na verdade, minhas palavras foram inteiramente distorcidas. Ainda estávamos sob uma ditadura, sem eleições presidenciais diretas. Nossos líderes eram escolhidos por nós. O que eu disse foi que eu apoiava uma mudança em favor de uma maior participação popular no processo político. Jornalistas gostam de criar tempestade em copo d'água. (NASCIMENTO, 2006, p. 275-276).

Datado de um período pós-Ditadura e posterior a todo o processo de conquistas e consolidação democrática, o texto de Pelé também pode ser lido como um reposicionamento no cenário político do passado a partir dos valores democráticos de seu tempo, tendo em vista que ele se coloca como uma voz ativa na luta contra o Regime e na busca por maior participação representatividade popular, se posicionando, portanto, distante dos ditadores. Por outro lado, também não se pode abraçar integralmente a versão de O Pasquim como uma

interpretação inquestionável, tendo em vista que também se encontra mergulhada em um complexo jogo de batalhas pela memória e pelo “desmonte” de Pelé como símbolo nacional positivo.

Dito isso, na imagem abaixo, o jogador é representado numa partida em que aparece vestido como burocrata ao lado de outros burocratas que o carregam em sinal de celebração e vitória. A frase “Pelé jogando na defesa da Revolução” remete à ideia de que o jogador, com suas frases, trabalhava para impedir, tal qual um zagueiro, os avanços sociais em tempos de Ditadura Militar. Reforça, ainda, um papel de “capacho” do Regime, sempre pronto a defender os ideais da “Revolução”, assim chamada pelos militares no poder. Além disso, sua aparência pomposa de burocrata rico que sequer pisa no gramado, sugere seu distanciamento do povo, das causas populares e democráticas em nome de interesses econômicos vindos de sua parte, da elite financeira do país e do governo. Outro fator mais uma vez presente na charge é seu caráter racista, que, como abordei anteriormente, se manifesta no pensamento de deboche e desvalorização da figura empresarial de Pelé, sempre apontada como vilã, indigna, problemática e desumanizada.

Imagem 19



Fonte: O PASQUIM, 1977, edição 440, p.28

Para alguns, principalmente biógrafos mais conservadores, é fundamental descolar a imagem de Pelé dos militares, pois seria inconcebível e insuportável a ideia de que o maior ídolo que o Brasil já produziu teria sido um apoiador entusiasmado de um estado de exceção. Põe-se em cheque, mesmo que não dito, a noção de país civilizado, pois em um mundo moderno que não tolera mais regimes de privação das liberdades individuais, ter a força de

um ídolo da envergadura de Pelé associada intimamente a uma Ditadura acabaria por minar narrativas de projetos nacionais que se utilizam de sua imagem como um simbolismo de progresso, liberdade, respeito, democracia racial, etc.

A seguir, apresento mais alguns focos de embate em torno dessa memória. De um lado, os que irão, assim como o fez O PASQUIM nos anos 70, acusar Pelé de ter sido aliado do governo, do outro, numa interpretação mais recente, há os que irão advogar sua resistência, ainda que tímida e contida. Começarei, então, por um interessante contraste: se para o jornalista De Vaney, a negativa de Pelé em disputar a Copa de 1974 contribuiu para o fortalecimento de sua imagem de ídolo “mercantilizado e “desertor”, pode-se constatar posicionamento oposto numa biografia publicada em 2004 pelo jornalista José Castello, a qual tem por título “Pelé, os dez corações do Rei”. Em seu livro, Castello esforça-se para desconstruir a imagem comum a muitos críticos, de que o jogador teria sido um “braço” da Ditadura e franco apoiador do Regime, contribuindo, desse modo, para a propaganda governamental nacionalista a partir de sua projeção de atleta. O próprio De Vaney criticava a proximidade e, segundo ele, a quase simbiose entre Pelé e governo na década de 1970. Contudo, sua crítica não tinha como alvo específico o suposto apoio de Pelé ao regime militar, mas sim ao que entendia como uma exagerada valorização do governo para com um atleta que, segundo o autor, no momento de mais necessidade da seleção de futebol, se negou a disputar a Copa do Mundo. O jornalista, na contramão do que hoje muito se fala, trabalha com uma chave inversa ao que passou a ser propagado após o fim do regime, uma vez que passa a criticar o governo por ter se aliado à Pelé, e não o contrário:

E Pelé passou a ser [...] o reflexo, o semblante do Brasil, inclusive do Brasil-cultura, do Brasil-ciência, do Brasil-magistério, do Brasil-diplomacia, e, até, do Brasil-poder-judiciário, do Brasil-poder-legislativo, do Brasil-poder-executivo, pelas honras de “CHEFE DE ESTADO” que lhe foram concedidas pelo presidente Emílio G. Médici ou por quem lhe podia fazer a vez, na posse do presidente Ernesto Geisel. (NEIVA, 1976, p. 116-117)

A associação entre Pelé e Ditadura Militar, embora não seja difundida entre a grande mídia e seus biógrafos, mostra-se forte entre alguns críticos mais veementes de sua trajetória e continua a causar celeuma. Defendendo sua não associação aos militares em capítulo com o sugestivo título “Coragem”, o biógrafo José Castello irá interpretar a recusa de Pelé para com a Copa de 1974 não como “deserção”, como enfatizou De Vaney de forma enérgica, mas, ao contrário, como ato de subversão e desobediência civil de alguém que não se curvou perante a



vontade de um ditador que, de forma insistente, o pressionava para que se pusesse à disposição da Seleção Brasileira:

O mito de que Pelé foi um ativista entusiasmado da ditadura militar, que ainda hoje circula como verdade, e que sempre pesou sobre ele, se desfaz, rapidamente, diante de um único episódio. Em 1971, Pelé se despedira oficialmente da seleção brasileira de futebol. Três anos depois, contudo, durante os primeiros preparativos para a Copa do Mundo de 1974, o general Emílio Garrastazu Médici, presidente do regime militar, pressionou o Rei para que ele aceitasse voltar atrás em sua decisão. Que apagasse a despedida de 1971, e jogasse o mundial da Alemanha pelo time brasileiro. [...] Pelé não foi à Copa de 1974, apesar de todas as pressões do regime militar. Médici saiu derrotado do episódio. (CASTELLO, 2004, p. 116)

Ao classificar a versão que prega o aberto apoio de Pelé à Ditadura como “mito”, Castello procura situar essa narrativa no campo das especulações e dos fatos sem nenhuma evidência comprobatória concreta. No decorrer de sua fala, a constante oposição entre Pelé e Médici, culminando na afirmação “Médici saiu derrotado”, cria um cenário maniqueísta onde o jogador representa o “Bem” que, no final, vence o “Mal” por meio de sua resistência e desobediência civil. A argumentação de Castello não se limita apenas a insinuar que Pelé venceu o mal, mas que ele tinha noção e conhecimento do mal que estava se negando, “corajosamente”, a ter comunhão. Dessa vez, Geisel é quem sairia “derrotado”:

Com a mesma coragem, já nos meses que antecederam o mundial da Alemanha, em 1974, Pelé resistiu às pressões sutis do recém-empossado governo Geisel para que viesse a disputar a copa. Naquela época, Pelé, como ele mesmo relatou mais tarde, já tinha conhecimento das práticas de tortura e não desejava compactuar com um governo que as promovia. [...] Pelé resistiu às pressões do governo militar e não voltou atrás. Não jogou a copa. A coragem é, de fato, um atributo essencial do Rei. (CASTELLO, 2004, p. 119)

Em seu texto, Castello traz a informação de que Pelé, baseado no conhecimento dos crimes do regime, teria, diante disso, resolvido não se associar mais à Seleção como forma de protesto. É provável que o autor tenha feito tal afirmação baseado em duas reportagens: primeiro, um especial da revista Placar sobre Pelé, publicado em março de 1999. Na ocasião, a revista transcreveu uma declaração atribuída a Pelé que teria sido dita, segundo a matéria, em novembro de 1988. A declaração, entretanto, não é analisada pelo autor da reportagem, figurando apenas como ilustração com a foto de Pelé ao fundo: – “Muita gente não sabe, mas não joguei a Copa de 1974 por desgosto em relação ao regime político do país. Era a época da ditadura (Pelé, 1988)” (PLACAR, 1999, p. 52). O ano de 1988, datação atribuída a essa fala, é crucial para pensar algumas questões que a permeiam. A intenção do autor é, assim como Castello, desassociar a Ditadura de Pelé sem maiores questionamentos ou reflexões. Diante da

citação, pode-se questionar a suposta fala de Pelé sob a seguinte ótica: Estaria ele fazendo uma revelação nunca antes dita quando se posiciona como opositor a tudo o que a Ditadura representou de males para o Brasil, ou, por outro lado, a declaração seria fruto de um contexto de pressão e clamor popular por democracia, após os intensos movimentos da campanha das “Diretas Já!” que culminaram, em 1989, na primeira eleição presidencial direta após o golpe de 1964? Teria Pelé, diante de todo esse cenário, sido movido a revisitar sua história e atualizá-la para os novos tempos democráticos, resolvendo, assim, distanciar de vez sua imagem dos militares? À luz do material citado, seria impossível mensurar a dimensão íntima e subjetiva do que estaria, de fato, pensando o jogador, entretanto, é inegável que diante do histórico de associação de sua imagem à Ditadura Militar, houve, inegavelmente, um esforço de sua parte em tentar estabelecer novos marcos biográficos para os novos ventos políticos que sopravam no país. Trata-se, portanto, de uma atualização.

Alguns anos antes, precisamente no ano de 1984, a Revista Placar publicava sua edição nº 726 com uma capa até hoje histórica. No auge das campanhas por eleições presidenciais diretas, a fotografia de Pelé com a camisa das “Diretas Já!” foi um grande trunfo midiático e político para a revista, à época tendo à frente o jornalista Juca Kfourri como editor. Com a legenda “Pelé de Cabeça Nova”, a capa buscava sinalizar uma quebra do velho com o novo. Em si mesmo, a legenda sugeria, de certa forma, uma mea-culpa do jogador, pois ao anunciar um “novo olhar”, deixa entendido que o velho não servia mais ao bem comum. A força da fotografia reside, além do apelo ao intenso sentimento das Diretas, também no recado de que o ídolo popular que sempre fora acusado de omissão política e proximidade com a Ditadura, agora dava as mãos ao povo brasileiro e seu anseio por democracia. Assim, o texto objetiva descolar definitivamente do regime militar, a imagem do ex-jogador. Além disso, texto e foto estrategicamente pensados pelos editores, compõem uma tentativa de reparação da imagem política de Pelé após, na década anterior, ter sido atribuída a ele os dizeres de que o brasileiro não sabia votar. A frase, como se sabe, gerou uma onda de críticas e marcou, por muito tempo, a percepção negativa a seu respeito.

Imagem 20



Fonte: REVISTA PLACAR, 1984, nº 726. Capa.

O texto de apresentação da edição, escrito pelo próprio Kfourri, reforçava o novo Pelé de espírito democrata:

Há um mês, Pelé encarnou o sentimento do país e declarou-se favorável às eleições diretas. Em seguida, disse que não iria a nenhum comício nem faria proselitismo pela idéia, tarefa que deixou a cargo dos políticos. O repórter fotográfico Ronaldo Kotscho, no entanto, conseguiu demovê-lo e aí está: o Rei estampa no peito a vontade de quase todos os corações e mentes brasileiros. (PLACAR, 1983, p. 03)

Apesar da capa histórica e do texto de apresentação que procura construir a imagem de um Rei que se importa com as liberdades individuais e se envolve com as causas de seus súditos, a edição não traz nenhuma matéria que desenvolva o conteúdo da capa. A foto, na verdade, foi resultado de uma circunstância informal e improvisada. A peculiar e improvável aparência pouco usual de Pelé, com chapéu e bigode, é explicada pelo fato de ter sido abordado pelo fotógrafo Ronaldo Kotscho (Alemão), durante as filmagens do filme *Pedro Mico*, em 1983, na cidade do Rio de Janeiro, no exato dia em que aconteceria um dos comícios das Diretas. A situação foi minuciosamente explicada pelo fotógrafo em entrevista ao jornalista esportivo José Trajano, publicada em seu blog<sup>27</sup>:

Eu sabia que no dia seguinte Pelé estaria no Morro do Pavãozinho, justo no dia do comício das Diretas Já. [...] Pelé acabava de filmar e se dirigia a uma venda para comer algumas frutas. Senti que era o momento exato. O povo do morro estava todo lá para assistir à gravação de *Pedro Mico*. Ele me viu e foi logo afirmando: 'Alemão, eu sei o que você veio fazer aqui...' Nesse segundo, puxei a camisa do Brasil com os dizeres 'Diretas-Já' virada para o povo. Foi um grito só: 'Veste a

<sup>27</sup> <http://www.ultrajano.com.br/so-o-alemao-fotografou-o-golaco-do-pele/>

camisa, Rei'. Pelé então falou: 'Filho da puta, Alemão! Tem dez segundos para fazer a foto'. Eu já estava preparado, foi só disparar o motor.

Dito isso, é fato que desde os anos 80, Pelé tem sistematicamente procurado se distanciar da imagem negativa de cúmplice e garoto-propaganda da Ditadura. Para além da mudança de seu olhar em relação ao passado, sua atitude foi também uma saída encontrada para que o mito sobrevivesse e se adaptasse aos novos tempos de democracia e, dessa forma, sua biografia fosse atualizada positivamente. Para tanto, contou com a ajuda de uma série de profissionais como os da revista Placar, que, juntamente com ele, somaram forças nessa busca por uma mudança em sua imagem política. Entretanto, apesar dessa ação conjunta, a disputa por sua memória biográfica não deu trégua e continuou a ser travada com ainda mais intensidade, agora em um contexto mais recente de liberdade de expressão.

Com a chegada do século XXI e o distanciamento histórico da Ditadura, Pelé passou a ser cada vez mais questionado sobre seu passado. Um exemplo disso foi a entrevista<sup>28</sup> concedida em 2000 ao repórter da rede Globo, Geneton Moraes Neto, para a série "Confissões", publicada no blog do jornalista. Ao entrevistador, Pelé justifica sua não ida à Copa de 1974 como tendo sido motivada por questões de discordância política com o regime militar. Aqui, o ex-jogador mais uma vez traz algumas atualizações para sua biografia:

**Geneton:** É verdade que o governo militar quis forçar você a jogar a Copa de 74 pelo Brasil ?

**Pelé:** "Forçar' é uma palavra forte, mas eles tentaram me persuadir a voltar a jogar, porque havia um interesse grande em que o Brasil fosse bem na Copa do Mundo de 1974, na Alemanha. Nós estávamos numa fase política muito difícil, no Brasil. [...] Eu tinha ficado sabendo das barbaridades e das torturas que tinham sido feitas naquele tempo – de 1971 a 1973. Indignado com aquilo, uma das decisões que tomei foi a de não apoiar e não esconder o que estava acontecendo. Porque, cada vez que o Brasil ganha uma Copa do Mundo, esconde tudo: a fome, o desemprego, a saúde, a falta de moradia. O povo se envolve na alegria, naquela coisa de "Brasil" – e esquece de tudo. Eu não queria aquilo porque eu já tinha conhecimento de muita coisa: já tinha conversado com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Chico Buarque. Já tinha me encontrado com eles; sabia de coisas que estavam acontecendo. Tomei realmente esta decisão. Como eu ainda estava em grande forma – afinal, o Santos foi campeão em 1973 e fui artilheiro do campeonato – , houve uma procura da filha do general Ernesto Geisel, e políticos como Pratini de Moraes e Jarbas Passarinho. Falei com vários políticos na época: todos achavam que eu tinha de jogar. Mas minha decisão foi a de não jogar".

Ao se ombrear com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento e Chico Buarque, Pelé busca ser reconhecido como parte de um ideal de resistência à Ditadura que até hoje é lembrada e celebrada. Sua comparação aos artistas da MPB que foram exilados não é

<sup>28</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/geneton/2010/06/30/confissoes-de-um-rei-em-nova-york-pele-diz-que-maradona-precisa-primeiro-provar-que-foi-o-melhor-da-argentina/>

fortuita, a maioria dos citados ou foi presa ou exilada em decorrência do Regime, e, no pior dos cenários, foram submetidos às duas punições. Desta forma, a maneira como Pelé desenvolve sua argumentação, a recusa em disputar a Copa soa quase como uma forma de autoexílio dos campos de futebol e, em especial, da camisa verde-amarela, símbolo da nação que vivia um estado de exceção. Seu ato ganha, com isso, contornos de protesto político contra o que chama de “barbaridades” e “torturas” cometidas na primeira metade da década de 1970.

Chama a atenção também o fato de Pelé interpretar que sua presença na seleção de 1974 poderia fazer o time brasileiro mais forte e, conseqüentemente, obter o tetra campeonato em plena Ditadura, o que possivelmente criaria mais uma cortina de fumaça diante dos crimes cometidos pelos militares, pois como o próprio Pelé afirma, as pessoas ficariam extasiadas com o tetracampeonato e seriam anestesiadas diante do cenário de opressão política pelo qual o país atravessava, situação que acabaria por encobrir as contradições sociais historicamente presentes na sociedade brasileira. Até onde pude constatar, essa foi a primeira vez que Pelé elaborou falas tão marcadamente críticas em relação aos efeitos e usos político da seleção nacional naquele contexto, fazendo, inclusive, referência ao tricampeonato e todo o processo de esquecimento dos problemas sociais. Sua fala dá a entender diante das descobertas que fez, tomou a decisão de não apoiar o regime e não apoiar a Seleção Brasileira, ou seja, exilar-se, assim como teriam feito Caetano, Gil e os outros com os quais teve contato.

Uma argumentação semelhante pode ser percebida em junho de 2013, quando, em entrevista ao portal UOL<sup>29</sup>, Pelé voltou a afirmar que não havia disputado a Copa da Alemanha Ocidental por motivos de discordância com as práticas do governo militar. O contexto de junho de 2013, como analisado no início desse trabalho, foi especialmente tenso para Pelé em face de suas declarações que pediam ao povo que esquecesse os protestos e apoiasse a seleção brasileira durante a Copa das Confederações. Publicada pelo jornalista Samir Carvalho, a matéria tem por objetivo dar uma resposta às fortes críticas que Pelé vinha sofrendo por parte da imprensa e durante as manifestações de rua. Em sua fala, o ex-futebolista avalia de forma negativa os investimentos em grandes arenas em regiões do Brasil com pouca tradição futebolística, comemora o veto da PEC-37 (projeto que também fazia parte da pauta dos manifestantes), e se diz a favor dos protestos.

Outro fato interessante na matéria é que Pelé traz de volta um assunto que, após suas declarações anteriores, teria sido ressuscitado pela opinião pública mais crítica à sua postura

---

<sup>29</sup> Disponível em <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/27/pele-adota-tom-critico-e-diz-que-boicotou-copa-de-74-contra-ditadura.htm>

política no passado: seu possível apoio à Ditadura Militar. Embora a matéria não tome o assunto como foco principal, o título da reportagem é taxativo: “Pelé adota tom crítico e diz que boicotou a Copa de 74 contra a ditadura”. Como demonstrei há pouco, o tema em questão não era nenhuma novidade, porém, o título da matéria sugere que a fala do ex-jogador seria uma novidade e uma mudança de postura recente até então não publicada. Nesse ponto, cabem os seguintes questionamentos: por qual motivo Pelé teria trazido à tona o tema da Ditadura nesse momento? Por que a reportagem, a despeito de ser dedicada quase que em sua totalidade à opinião do entrevistado sobre os protestos de rua, traz em seu título uma frase de impacto em relação ao regime militar e a Copa de 1974? Seria essa uma estratégia de Pelé e de seus defensores para rebater os críticos que após o desgaste gerado por polêmicas declarações públicas, ateavam fogo à sua imagem nas ruas e amordaçavam seus monumentos nas praças? Ou ainda, uma resposta aos jornalistas e comentaristas esportivos que o criticaram duramente pelos mesmos motivos? Diante de todos esses questionamentos, penso ser coerente imaginar que o ex-futebolista estaria tentando resistir a mais uma onda narrativa que atualizava e expandia o rótulo de “alienado político” e cúmplice do poder estabelecido, agora não mais ligado somente à Ditadura, mas aos “corruptos da FIFA” e do governo brasileiro que estaria a financiar a Copa juntamente com a iniciativa privada em meio a denúncias de superfaturamento.

Em depoimento semelhante à sua fala na Placar em 1988, Pelé justifica ao repórter Samir Carvalho (UOL) que, ao contrário de 1970, a situação política do país havia piorado em 1974, fato que o teria motivado a rejeitar a proposta de competir em mais um torneio mundial com as cores do Brasil. Diante disso, afirmo que a imagem de Pelé enquanto “símbolo de resistência” é uma narrativa alimentada não somente por biógrafos como José Castello, mas, sobretudo, também pelo próprio Pelé, que passou a adotar e trazer à tona esse discurso desde o período do início da redemocratização, e, posteriormente, sempre que necessário. Esse fato reforça, mais uma vez, que a declaração de Pelé foi mobilizada em grande medida por fatores circunstanciais de questionamentos políticos da sua imagem de ídolo e sua associação aos militares, à CBF e à FIFA. Aqui, ele se coloca, assim como os manifestantes, como alguém que questionou os poderes estabelecidos e, à sua maneira, tratou de não compactuar com o erro:

Pediram para eu voltar para seleção, eu não voltei. Eu já tinha me despedido do Santos, mas eu estava bem demais. Mas o Geisel (presidente da República entre 1974 e 1979), a filha dele, veio falar comigo, para eu voltar e jogar a Copa de 74. Por um único motivo não aceitei: estava infeliz com a situação da ditadura no país. Estava preocupado com o momento. Em apoio ao país, eu recusei, pois estava muito

bem (físico e técnico) e poderia jogar em alto nível. A ditadura estava exigindo demais do povo. Em 1970 era diferente, a seleção era comandada pelo Zagallo (técnico), mas o Parreira e o Coutinho eram do exército, e a situação era melhor.

Em sua autobiografia (2006), Pelé cita novamente os artistas exilados e volta a reforçar, mesmo que não explicitamente, uma comparação entre o exílio dos artistas e o seu exílio do futebol e da Seleção:

A pressão para jogar a outra vez pelo Brasil vinha de muitos lados. O presidente Ernesto Geisel, que assumiu em 1974, a mulher dele e alguns coronéis do Exército queriam me ver de volta à seleção. Mas a essa altura eu já sabia o que o regime militar estava fazendo com alguns estudantes, cantores famosos andavam exilados e havia comentários sobre tortura. A filha de Geisel veio me procurar e me pediu que reconsiderasse. Fiquei irredutível. (NASCIMENTO, 2006, p. 206)

Por mais de quatro vezes, Pelé afirmou tomar conhecimento dos abusos da Ditadura somente em 1974. Diante disso, alguns críticos trataram de rechaçar essa possibilidade afirmando que o atleta sempre foi próximo dos altos escalões do governo federal e que, portanto, tinha conhecimento dos atos cometidos desde, pelo menos, o ano de 1970. Citarei alguns exemplos a seguir.

No início do século XXI, um dos textos a fazer uma explícita associação entre Pelé e a Ditadura Militar como sendo uma relação simbiótica, está presente no livro “Como o futebol explica o mundo” (2004) do jornalista norte-americano Franklin Foer. Dada a cronologia das publicações que foram lançadas no mesmo ano, é possível deduzir que o biógrafo José Castello tenha feito sua defesa de Pelé como uma contranarrativa também a esse livro. No capítulo 10 intitulado “Como o futebol explica a sobrevivência dos cartolas”, Foer traça um panorama das nem sempre éticas e bem-intencionadas alianças entre poder político tradicional, grandes empresas e dirigentes de clube de futebol no Brasil. A certa altura de seu texto, cita Pelé como exemplo clássico e nítido da íntima associação entre poderes da esfera governamental e esportiva. Após traçar um breve perfil biográfico do atleta e ressaltar sua infância humilde no interior de Minas e São Paulo, seguida de sua precoce ascensão ao estrelato, Foer declara:

Pelé tornou-se para o regime o símbolo desse *boom*, que os economistas denominaram o “Milagre Brasileiro” – prova de que o Brasil poderia tornar-se uma potência internacional em seus próprios termos, sem plagiar modelos estrangeiros. Nos anos 1970, os ditadores mostravam seu rosto em outdoors ao lado de *slogans* (“Ninguém segura este país!”). Nos eventos oficiais, executava-se a música tema da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela equipe liderada por Pelé. (FOER, 2004, p. 111)

Franklin Foer faz parte de uma ala de intelectuais que entende Pelé como apoiador e símbolo do governo militar brasileiro. Para esses intelectuais, não é possível pensar os anos de chumbo sem, contudo, levar em consideração o papel do futebol na divulgação e consolidação de ideais governamentais. Pelé, nesse contexto, como o atleta brasileiro de maior projeção, não será “poupado” por esses pensadores que identificarão em suas posturas um alinhamento ideológico com o poder estabelecido. É necessário perceber, com isso, o salto de mudança na biografia do ex-jogador: Mário Filho e Nelson Rodrigues no início da década de 1960 o tinham por “Messias” e “Modelo” de brasileiro destemido. Houveram os que continuaram essa tradição com novas roupagens, como Castello e outros que apresentarei mais à frente. Todavia, os constantes questionamentos e novas abordagens dessa trajetória em diálogo com a história do Brasil, produziram acalorados debates em torno da memória que até hoje suscitam paixões. Contraditoriamente, criou-se outro debate em que Pelé, longe de ser o modelo de brasileiro ideal, seria o antímodo do que se pensa ser um cidadão questionador e politicamente consciente.

A corrente que situa Pelé como garoto propaganda do regime é polêmica e problemática não somente porque pretende mostrar as contradições do maior ídolo esportivo brasileiro, mas também porque vai de encontro justamente com as palavras do próprio ex-jogador que, aparentemente, tenta escapar desse rótulo. Segundo Foer, a biografia de Pelé se confunde com a história da Ditadura brasileira, tanto que traça paralelos de crise entre ambos. O autor afirma que houve uma decadência física e financeira de Pelé na metade dos anos 1970 que coincidiria com a crise política e fiscal do regime. Enquanto este enxergou nos empréstimos estrangeiros uma possível solução para os problemas internos, aquele teria, como forma de cobrir os prejuízos ao longo da carreira, recorrido a contratos em um clube de pouca expressividade nos Estados Unidos, país que até então não possuía uma cultura futebolística desenvolvida.

Tal como o país, Pelé acumulou uma pequena fortuna. [...] Mas essa fortuna nunca fez dele um homem rico. Bajuladores saquearam suas contas. [...] Um ano após aposentar-se, entre despedidas sentimentais, ele voltou atrás para recuperar um pouco do que tinha perdido. Assinou contrato com o New York Cosmos, time pertencente a Warner Communication. [...] Seus fracassos eram o espelho dos erros desastrosos cometidos pelo próprio Brasil. Tal como Pelé a ditadura atraiu trapaceiros que assaltaram o tesouro nacional. E a má administração foi pior que isso. Depois do choque do petróleo de 1973, a ditadura militar insistiu em manter a economia voltada para a mesma taxa espetacular de desenvolvimento, o que significa mais gastos do Estado, ou seja, tomar empréstimos em bancos estrangeiros. Durante a década, o governo criou uma dívida de 40 bilhões de dólares. (FOER, 2004, p. 112)



Para Franklin Foer, o estudo da biografia de Pelé seria uma analogia perfeita para a compreensão de um passado autoritário no Brasil. O discurso do autor não carrega traços de reivindicação de identidades nacionais a partir do futebol e da trajetória do ex-futebolista como se pode observar em alguns biógrafos, muito menos tenta enaltecer sua imagem como um exemplo a ser seguido e admirado, pelo contrário, a carreira de Pelé seria exemplo de como futebol e poder político podem trabalhar juntos sem que se abra mão de interesses nem sempre eticamente legítimos, desde que haja cooperação de ambos os lados.

Um fato interessante que no momento servirá como mais um exemplo ilustrativo da batalha pela memória, se deu em 2014, um ano após as polêmicas declarações de Pelé em 2013. Lúcio de Castro, historiador e então jornalista da ESPN Brasil, publicou a reportagem: “ ‘Com imensa satisfação’, Pelé serviu Médici no ano do tri”<sup>30</sup> (27/08/2014). Em seu texto, Lúcio afirma que, no passado recente, houve um envolvimento íntimo entre Pelé, Ditadura Militar e toda a cúpula política dos anos de chumbo, e que Pelé, mesmo tendo conhecimento das práticas de tortura do governo, ainda assim não hesitou em se aproximar e representar as instâncias de poder sempre que solicitado. Digno de nota que, no mesmo dia da publicação da matéria de Lúcio de Castro no portal da ESPN, o também jornalista e comentarista da casa, Mauro César Pereira, publicou a seguinte frase em sua conta no Twitter: “Mais um golaço de Lúcio de Castro: Pelé e a ditadura Médici. Não me venham com o papo de que o "Rei" era ingênuo”<sup>31</sup>. Subscreevo a seguir, alguns trechos da reportagem que, apesar de longa, é de fundamental importância, assim como o tuíte de Mauro César Pereira, para o entendimento das disputas de memória:

No período da repressão mais intensa do regime militar, o general Médici teve ao seu lado, como representante do governo, o maior embaixador que poderia ter: um entusiasmado Edson Arantes do Nascimento. Pelé. Com "imensa satisfação", o maior jogador de todos os tempos voltou ao México quatro meses depois da conquista do tricampeonato com "a honrosa missão de representar o ilustre governo" na inauguração da Plaza Brasil, em Guadalajara, entre os dias 2 e 5 de novembro de 1970. É o que mostra uma carta do próprio Pelé ao "muito digno Presidente", até aqui inédita, parte do arquivo pessoal do presidente dos anos mais violentos da ditadura no país. Doador em 2004 ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) por Roberto Médici, filho do ditador, o "Acervo Médici" só foi aberto a pesquisadores agora. [...] Pelo caráter oficial da viagem, Pelé recebeu às vésperas do embarque um passaporte diplomático com a distinção: "O titular viaja em missão oficial". Pelé vai além da alegada satisfação em representar o governo Médici. Agradece a "honra em representar v.excia". E mesmo tendo vivido pouco tempo antes a emoção do tricampeonato e de sair definitivamente consagrado como o maior jogador de todos os tempos, afirma sobre a viagem em nome de Médici que "tal missão se constituiu numa das mais marcantes experiências de minha vida". [...]

<sup>30</sup> Disponível em [http://www.espn.com.br/noticia/435393\\_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri](http://www.espn.com.br/noticia/435393_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri)

<sup>31</sup> Disponível em <https://twitter.com/maurocezar/status/504607148874412032>

Naqueles dias em que Pelé representou o governo Médici, o Brasil seguia sob as amarras do AI-5, de 13 de dezembro de 1968, que dava amplos poderes ao presidente e recrudescia a repressão, ampliando o regime de exceção, a tortura e os assassinatos em dependências do estado. Em cinco folhas de papel timbrado com o nome de Edson Arantes do Nascimento e o apelido "Pelé", estão as palavras reverenciais do craque em relação ao presidente Médici e ao governo e o relato completo dos compromissos no México. [...] Não foi a primeira demonstração de apreço de Pelé ao regime militar. Poucos dias antes dessa viagem ao México como representante do governo Médici, Pelé esteve numa dependência do DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social, responsável pelos interrogatórios e ações de combate do regime militar) em São Paulo, e, no gabinete do diretor, se prontificou a tornar pública sua defesa do governo e a se pronunciar ser contrário ao "comunismo". A visita foi no dia 21 de outubro de 1970, como mostrou relatório do DOPS. [...] A estreita relação entre Pelé e Médici transformou o jogador no principal agente de propaganda do governo Médici, posando seguidamente ao lado de vários ministros em diferentes campanhas, como Delfim Neto e Jarbas Passarinho. Tais laços valeram a Pelé a Ordem do Rio Branco, mesmo antes da Copa, em 20 de abril de 1970. [...] Pelé [...] foi procurado, mas, através de seu assessor, afirmou que não tem "nada a declarar".

A reportagem especial de Lúcio de Castro foi publicada em uma circunstância delicada para Pelé, pois desde 2013 o mesmo vinha passando por vários questionamentos internos, especialmente entre manifestantes contrários à Copa que, naquele momento, expunham sua imagem como sendo um ídolo ultrapassado, particularmente nas ideias e consciência política, pois teria resolvido ficar ao lado dos burocratas do que ao lado do povo nas ruas. Na consciência de milhões de manifestantes, Pelé encarnava a perfeita imagem da anticidadania, do imobilismo político e da aceitação passiva da corrupção e das políticas impositivas da FIFA. Lúcio de Castro parece também querer dar uma resposta à altura e que sirva como uma contranarrativa à reportagem do portal UOL, publicada no ano anterior, em 2013, que trazia em destaque uma dita contestação de Pelé ao regime militar e todo seu aparato repressivo em 1974, resultando assim em sua não participação na Copa daquele ano. Após levantar densa documentação para conferir legitimidade e autenticidade à sua versão, o jornalista não hesita em cravar Pelé como um cúmplice da Ditadura. Quanto a isso, não há meios termos, não há, em momento algum, a tentativa mínima de justificar o envolvimento de Pelé e, ao mesmo tempo desmembrá-lo do negativo e macabro simbolismo daqueles anos. O episódio que traz à tona a ida de Pelé ao México em caráter oficial para a inauguração de uma praça, lembra em muito as palavras de De Vaney (1976) ao lamentar que Pelé, tido por traidor, fosse tratado pelo governo como embaixador do Brasil. A diferença, no entanto, está no fato de que o nacionalista De Vaney fazia sua crítica ao governo quase que em forma de manifesto, Lúcio de Castro, por sua vez, centraliza sua crítica em Pelé.

Ao escrever que “*Não foi a primeira demonstração de apreço de Pelé ao regime militar*” e que o mesmo teve profunda “*satisfação em representar o governo Médici*”, Lúcio

de Castro procura desconstruir, como de forma semelhante afirmou seu colega Mauro César Pereira, a imagem de Pelé enquanto esportista que desconhecia as práticas de perseguição, tortura, censura e assassinato, e que seria, segundo essa versão, vítima de um regime político repressor que usava, em benefício próprio, a poderosa imagem popular do jogador. Isso porque, segundo as palavras de Pelé, o mesmo só viria a descobrir as ações de tortura do governo em 1974. Mesmo não fazendo referência ao episódio do não comparecimento à Copa de 1974 e suas prováveis motivações, o texto de Lúcio de Castro deixa claro sua intenção de evidenciar as contradições de uma das maiores figuras públicas do país, considerada como um dos símbolos de identidade nacional. Ora, a escolha de Lúcio de Castro em silenciar por completo a versão de Pelé sobre sua não ida à Copa da Alemanha Ocidental pode ser lida como uma escolha que serve aos propósitos da batalha pela memória aqui travada em torno do passado do ex-jogador, e, conseqüentemente, aos desdobramentos políticos da mesma.

É interessante notar que o mesmo acontecimento descrito com riqueza de fontes por Lúcio, também é analisado pelo biógrafo José Castello em sua já citada biografia “Pelé, os dez corações do Rei” (2004). Novamente no capítulo de título “Coragem”, o autor adota uma postura de defesa e exaltação de atributos que fariam de Pelé um ídolo diferenciado. Ao cruzar as duas citações sobre o mesmo episódio, é possível perceber o jogo de interesses, os silêncios e a disputa pela versão predominante. Enquanto o jornalista da ESPN Brasil escolhe dar ênfase à visita de Pelé ao México em caráter oficial e, a partir daí, formular uma crítica a uma dita postura subserviente do ex-jogador aos militares e até mesmo de desvio de caráter em face da hipótese de que Pelé sabia das torturas e mesmo assim aceitou ser “usado”, José Castello, ao contrário, procura justificar a viagem de Pelé como um fortalecimento de laços entre os dois países por meio de uma simples gentileza diplomática. Indo na contramão da narrativa que acusa o ex-jogador de ter sido grande aliado da Ditadura, o autor procura deixar claro que Pelé não teria se alinhado por completo e de maneira incondicional ao regime. O biógrafo argumenta que apesar da proximidade aqui descrita como sendo pontual com o presidente, Pelé, todavia, não teria cedido no momento em que o país passava pelo pior momento em termos de repressão, o que na visão do autor seria um ato de subversão e resistência ao que representava a Ditadura naquele momento:

O objetivo formal do encontro entre Médici e Pelé era a apresentação que o jogador faria de um relatório de viagem a Guadalajara, no México, realizada alguns meses antes. Ele viajou na qualidade de embaixador especial do governo brasileiro para a inauguração de uma praça, na cidade que abrigara o Brasil tricampeão de 1970, que foi batizada com o nome de Brasil. A simples ida de Pelé como representante de um governo militar irritou bastante os políticos de oposição. Na cerimônia em Brasília,

Pelé entregou a Médici duas medalhas de honra que recebeu dos mexicanos, gesto de pura elegância, mas que foi logo interpretado como mais um ato de bajulação, senão de submissão ao regime. Não obstante, na hora de responder ao principal interesse do general naquele encontro, o de convencê-lo a voltar à seleção brasileira, Pelé não vacilou. E se negou a aceitar a convocação. (CASTELLO, 2004, p. 119)

Por fim, Castello afirma que o modo simples e pouco elaborado com que Pelé sempre expôs suas opiniões políticas, acabou dando margem para que setores representantes de um “senso comum” buscassem, diligentemente, conexões em sua fala que, de alguma forma, denunciassem seu possível caráter conservador reacionário e assim chamado apoiador de regimes autoritários.

Ele estava sempre disposto a externar suas opiniões, de modo direto e simples, quando um certo senso comum se esforçava para nelas encontrar vestígios de traição, e para alinhar sua imagem ao pensamento conservador e, mesmo, à ditadura que governava o Brasil. Quando essa associação mecânica do nome de Pelé à ditadura militar foi, mais uma vez, desmentida pelos fatos. (CASTELLO, 2004, p. 124)

Diante de todas essas intrigas, uma observação que deve ser feita é que a fim de fazerem suas versões predominantes, ambos os lados, tanto os que levantam a bandeira do “Pelé subversivo”, quanto os que se insurgem contra o “Pelé reacionário”, reproduzem discursos que tem como principal característica o maniqueísta. Há, nesses textos, a necessidade de sempre enquadrá-lo em categorias como: “pró”, “contra”, “politizado”, “alienado”, “reacionário”, “democrata”. Essa categorização tem contribuído para o acirramento do debate e gerado um interessante conflito que, a depender do contexto, põem em cheque ou tentam reavivar construções identitárias surgidas no entardecer da década de 50.

A seguir, ainda no campo da relação da biografia de Pelé e a Ditadura, apresentarei as intrigas que orbitam em torno da representatividade do milésimo gol.

#### **2.4 Entre o subversivo e o demagogo: interpretações sobre o milésimo gol e as “criancinhas”**

O milésimo gol marcado em 1969 foi, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes e de maior repercussão da história do futebol mundial. Um fato até hoje celebrado por cronistas e, sempre que possível, lembrado com orgulho pelo próprio Pelé. Afora os textos já

muito comuns que abordam o feito com euforia e admiração, chamo atenção para narrativas que, contrárias a tudo que se tem produzido a respeito, acabaram por suscitar outras interpretações com implicações políticas que devem ser aqui discutidas. Dessa forma, dentro do campo que concebe Pelé como "braço" do regime militar, o milésimo gol passa a ganhar contornos políticos que, em certa medida, acabam sendo mais enfatizados do que o próprio milésimo gol, o qual não é visto apenas como um "feito esportivo", mas, sobretudo, como uma manobra de marketing que teria beneficiado jogador e governo.

Gilberto Agostinho em seu livro "Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional" (2002) afirmará, embora não com todas as letras, que havia um grande acordo entre o jogador (que estava a dois gols do feito inédito), o alto comando do governo federal e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) no sentido de evitar a todo custo que o milésimo gol fosse marcado fora do Maracanã.

Antes da partida contra o Vasco no Rio de Janeiro, Pelé, já com 998 gols contados, teria que disputar uma partida contra o Botafogo da Paraíba na cidade de João Pessoa. A possibilidade do milésimo gol naquela partida gerou grande euforia e expectativa na imprensa e no público, porém, alguns autores analisam aquele contexto como uma partida em que Pelé não teria dado o seu melhor, justamente para que o milésimo gol acontecesse no maior e principal palco do futebol brasileiro. A estratégia, dizem, era de interesse do jogador e do governo brasileiro: primeiro, fazer com que o milésimo gol acontecesse em um grande palco digno de uma grande repercussão, em segundo lugar, usar politicamente o momento histórico para projetar a imagem do regime sobre Pelé, que personificaria a ideia de país vencedor em desenvolvimento que se destaca mundialmente graças a seus raros talentos. Como escreve Agostinho, a ideia, basicamente, era fazer uma imediata associação dos

êxitos futebolísticos à imagem de Brasil-Potência que o governo se esforçava em difundir. À medida que a Copa se aproximava, as possibilidades da interação futebol-poder se ampliavam. Ainda em 1969, apresentou-se uma oportunidade sem igual: a festa comemorativa em torno do milésimo gol de Pelé. Para a ditadura, o evento deveria ser planejado com uma bem calculada antecipação. Até porque ninguém podia saber exatamente em que jogo o tento histórico seria marcado, embora esforços tenham sido feitos para que este ocorresse em uma grande praça, preferencialmente o Maracanã. [...] Em 14 de novembro, em João Pessoa, quando o Santos entrou em campo para jogar um amistoso contra o Botafogo da Paraíba, na reinauguração do Estádio José Américo de Almeida, a estatística oficial apontava 998 gols para o Rei. Com a bola rolando, Pelé marcou de pênalti, consumando o que seria o gol 999. Daí em diante, segundo o depoimento do juiz do jogo, Armindo Tavares de Pinho, tudo foi feito para que Pelé não tivesse oportunidade de marcar novamente, a ponto de o técnico do Santos, Antoninho, acertar no intervalo da partida a saída do goleiro e a entrada de Pelé no gol. Com a manobra, o jogador e o técnico foram vaiados clamorosamente pela torcida local. [...] Cinco dias mais tarde, no Maracanã, jogando contra o Vasco, Pelé entraria em campo diante de uma

expectativa monumental. Todo um protocolo oficial fora rigidamente planejado, com o atleta hasteando a bandeira nacional e recebendo homenagens de todos os lados. Empatado o jogo em 1 x 1, um pênalti fora marcado para o Santos, excitando os milhares de torcedores presentes no estádio. Aos 34 minutos do segundo tempo, Pelé correu para a bola e bateu no canto direito, fazendo-a explodir na rede para a irritação do goleiro argentino Andrada. [...] Nos dias seguintes, Pelé desfilou em carro aberto em Brasília, sendo recebido pelo presidente Médici, que lhe concedeu a medalha de mérito nacional e o título de comendador. No próximo jogo do Santos, no Mineirão, o atleta recebeu uma Coroa de Ouro do tempo do Império, enquanto era produzida uma infinidade de marcos comemorativos, como medalhas, selos, bustos, placas e troféus. (AGOSTINHO, 2002)

Semelhantemente à ideia desenvolvida na reportagem de Lúcio de Castro, Pelé aparece novamente como um colaborador do regime, desta vez, não como uma espécie de embaixador ou burocrata, e sim exercendo diretamente seu *métier*, situação em que dificilmente alguém o acusaria de estar contribuindo para o fortalecimento do regime. Ele estaria em conluio com o governo e a CBD para que o feito do milésimo gol servisse não somente para dar uma maior visibilidade a seu feito histórico, mas para que a oportunidade servisse perfeitamente como vitrine para o que o autor denominou de “Brasil-Potência”.

Após cruzar o texto com a tradição biográfica ou jornalística a respeito de Pelé, um detalhe pode ser destacado: a quebra com a popular separação entre “cidadão Edson” tido por “manipulado” que teria apoiado a ditadura, em oposição ao mito Pelé enquanto “jogador extraordinário e herói nacional”. Indo de encontro a essa construção, o texto procura demonstrar que, em primeiro lugar, Pelé agiu com plena consciência política, pois estrategicamente escolheu um lado para se posicionar, de maneira que também sairia politicamente favorecido do episódio. Em segundo lugar, para Agostinho, o apoio de Pelé não se limitou à esfera extracampo, mas estava diretamente ligado à sua atuação como jogador e aos vários gestos simbólicos protagonizados antes das partidas como, por exemplo, o hasteamento da bandeira nacional pelas suas próprias mãos. Sendo assim, a lógica geral de seu texto é que não faria sentido separar o “cidadão” envolvido em política do “jogador” fora de série, pois vida social e atuação dentro de campo estariam indissociáveis. O jogo de Pelé teria se tornado acentuadamente político após entrar em acordo com Santos, CBD e Governo Federal para que a “procrastinação” de seu milésimo gol se desse de maneira eficiente e pudesse beneficiar todas as partes interessadas. Nessas circunstâncias, o simples fato de estar em campo ou não, ou até mesmo em qual posição estaria atuando, seria uma escolha carregada de alto significado político.

Após o milésimo gol, a partida foi interrompida e uma multidão de repórteres e pessoas próximas ao campo passaram a invadir o gramado em direção ao jogador santista, dando início, em seguida, à uma intensa celebração com Pelé sendo carregado. No alto,

rodeado por repórteres e visivelmente emocionado, Pelé proferiu um breve discurso que, durante muitos anos, tem sido alvo de intensas disputas por seu sentido: “Pelo amor de Deus, gente! Agora que todos estão ouvindo, faço um apelo especial a todos: ajudem as crianças pobres, ajudem os desamparados. É o único apelo nesta hora muito especial para mim.”<sup>32</sup>

De Vaney em seu “A verdade sobre Pele” (1976), apresenta sua interpretação da fala no Maracanã de forma dura e questionadora, sugerindo explicitamente que teria havido considerável hipocrisia e contradição entre as atitudes e o discurso de Pelé:

Nunca se soube, ao certo, a razão de Pelé encaixar as criancinhas do Brasil naquele seu enfatizado e repetido (no vestiário, à Rádio Globo), apelo. Do que se soube, com certeza total, foi que o disco vendeu muito. O que até hoje se ignora, inteiramente, é se as *criancinhas pobres* tenham tido alguma participação nos lucros, por que sempre se fez um impenetrável mistério – atribuindo-se à sua modéstia – em torno do espírito caritativo de Pelé. Mas se as *criancinhas* do Brasil houvessem tido algum lucro no comercialmente rendoso apelo de Pelé, pelo menos O Globo [...] teria noticiado a doação feita por Pelé, de seus direitos na vendagem. (NEIVA, 1976, p. 106-107)

Opiniões semelhantes à de Neiva passaram a figurar dentre as muitas interpretações que se podia fazer do episódio. Uma das mais recorrentes é a visão que encara o discurso de Pelé como mero jogo de cena ou demagogia de sua parte, sem nenhum peso social ou impacto político relevante. Os pesquisadores Lennita Ruggi e Hilton Costa, em artigo que analisa brevemente o episódio, apesar de ressaltarem a luz que Pelé jogou sobre uma questão social complexa e desprezada que assolava e assola todo o país, afirmam que a declaração do então futebolista pode ser situada no campo do “politicamente correto”, não podendo ser categorizado como um “protesto”. Ambos classificam o ato de Pelé como “profundamente despolitizado”, o que a meu ver, soa como uma crítica à maneira de como foram articuladas as palavras do jogador. Pelo que se pode inferir do texto, os autores estão entre os que compreendem o fato como um discurso vazio e superficial, pois não consideram seu discurso como questionador do status político e social vigente sob domínio dos militares:

No momento de seu milésimo gol, que poderia ter dedicado à mãe, Pelé lembrou das crianças do Brasil. As crianças que sofrem com a exclusão social, roubam carros e professam uma ética da malandragem que não pretende atingir os vizinhos (“só estavam roubando carros de São Paulo”). Se é possível argumentar que, ao reivindicar que “precisávamos cuidar das nossas criancinhas”, Pelé constrói um discurso de homogeneização e vitimização, por outro lado ele se utilizou de um momento de visibilidade pessoal para expor uma questão social grave e, em larga medida, silenciada (pelo menos na época). Apesar de enfática, a observação de Pelé não é formulada como crítica, estando antes confinada ao espaço do “politicamente correto”, demonstração de afeto/homenagem e, neste sentido, profundamente

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5L20ZTYTAPM>

despolitizada. Ao tratar “sobre os problemas de crescer no Brasil”, o jogador, oriundo de uma família de baixa renda, parece estabelecer um laço de identidade com as crianças em situação de exclusão. (COSTA; RUGGI, 2011, p. 5)

Se para Lennita e Hilton, a atitude de Pelé está “confinada” a um dado tipo de interpretação que a enxerga como sendo despolitizada e inofensiva nos seus efeitos, não é o que pensam outras vozes, desta vez, da mídia esportiva. Os que defendem sua memória com uma postura política mais positiva, tendo nele um símbolo nacional que foi fundamental para nossa formação histórica recente, tanto na questão das identidades política e cultural, como de um imaginário social brasileiro pautado pelo futebol, dirão que, mesmo em suas poucas palavras, Pelé foi extremamente corajoso e ousado em proferir aquele pequeno discurso em rede nacional, sobretudo, pelo contexto em que suas palavras foram ditas, precisamente um ano após o AI-5. Esse é o entendimento do jornalista e comentarista esportivo Paulo César Vasconcellos em depoimento que concede no documentário “O Negro no Futebol Brasileiro” (2018), produção baseada no livro homônimo do jornalista Mário Filho, publicado pela primeira vez em 1947. O documentário que foi exibido pelo canal HBO Brasil e dirigido por Gustavo Acioli, celebra os 70 anos da publicação de Mário Filho. Em seu terceiro episódio, a figura e a memória biográfica de Pelé ocupam toda a discussão, sobretudo, pelo que representou para o futebol brasileiro e, logicamente, por ser negro. Após analisar o debate levantado pelo filme sobre sua fala no Maracanã, bem como os vários olhares sobre o mesmo fato, pode-se perceber que a memória a respeito de Pelé é facilmente manipulável pelos sujeitos para propósitos distintos, tanto para transformá-lo num exemplo de omissão política, como foi o caso de De Vaney, Lennita e Hilton, como para transformá-lo quase em subversivo que teria desafiado as estruturas ditatoriais em pleno AI-5, como relata Paulo César Vasconcellos a seguir:

1969! 69 ele dá um alerta. Era um ato de coragem, era governo Médici e era uma mensagem social, só que dita pelo maior ídolo que o Brasil teve no esporte, e pelo maior jogador de futebol que o mundo conseguiu produzir e conseguirá produzir. [...] Mas como brasileiro gosta de criticar brasileiro, especialmente o que faz sucesso, ninguém prestou atenção na frase que ele disse. [...] Talvez se o Pelé fosse branco, alto, loiro de olhos azuis, poderia ter um outro significado. [...] Talvez inconscientemente houvesse isso, houvesse essa coisa de dizer assim “Pôh, Pelé! Jogador de futebol, né? Mensagem de jogador de futebol? Pôh, esses caras são uns iletrados, não sabem nada”. Aí o pacote é mais amplo, entendeu?

Para Vasconcellos, o elemento racial e da origem social de Pelé foram determinantes para que seu discurso tivesse sido desprezado e ridicularizado no contexto dos anos 60 e, também, nos dias atuais. Com isso, o jornalista levanta a questão do racismo estrutural que



atravessa a sociedade brasileira e teria, de fato, atravessado Pelé em sua biografia, ainda que tenha tido grande projeção mundial. O cerne desse pensamento seria a percepção da existência de uma linha limítrofe que divide o prestígio dos jogadores negros para com a sociedade, pois, enquanto jogadores, seriam respeitados em seus ofícios se assim obtivessem sucesso, porém, enquanto sujeitos fora desse lugar social, suas opiniões políticas ecoariam no vazio da falta de credibilidade, dado sua posição de jogador, esta, vista como alienante, desprovida de “cultura” e pobre intelectualmente. Vasconcellos, dessa forma, atualiza em sua fala a memória e põe em cheque, principalmente, as palavras de De Vaney em seu “A verdade sobre Pelé” (1976), acusando-o não diretamente de ter suas críticas norteadas por um olhar racista e de menosprezo pela classe dos futebolistas que, em sua maioria, possuem origem pobre. O historiador Daniel Araújo, que também comenta o episódio no documentário, possui uma linha de raciocínio na mesma direção de Vasconcellos, pois também acredita que para que se criasse toda a polêmica não contra o Governo que desamparava as crianças, mas contra Pelé, pesaram os fatores racial e social. Araújo entende a atitude de Pelé como um ato de subversão de estruturas (dada a política repressiva da Ditadura) com forte teor político, e, a partir desse raciocínio, constrói um curioso argumento: aqueles que criticaram Pelé por sua fala e o acusaram de demagogo, acabaram, ironicamente, despolitizando a fala de Pelé e beneficiando, por eles mesmos, o Regime Militar, que passava incólume às questões sociais graves levantadas pelo jogador:

O Pelé ali ele tá falando pelas criancinhas, né. E quando ele fala das criancinhas ali ele tá falando de Educação, ou seja, o governo brasileiro tinha que dar educação pra aquela criança negra, pobre da favela, porque somente com a educação eles iriam conseguir alguma coisa. Aí eu acho que o preconceito falou muito alto, ou seja, quem é o Pelé pra falar de educação no Brasil? [...] E isso vai ser uma marca, a gente falando aí 50 anos depois eu posso falar que o recado dele foi sensacional e que foi mal compreendido. [...] A gente sempre tem que lembrar que o governo da Ditadura Militar não queria que questões sociais fossem suscitadas. Falar de questões sociais durante a Ditadura Militar sem dúvida alguma não era algo que os militares gostavam muito, então pra eles foi ótimo essa ridicularização do Pelé. Porque não era interessante pra Ditadura o maior jogador do mundo apontar um problema da sociedade brasileira que é a falta de escolas pra crianças. [...] Então quando o Pelé aponta para esse problema e não tem eco na sociedade, isso pros militares é ótimo. Vamos lembrar que os militares na mesma época censuraram o Odair José que em uma música falou que tinha uma criança no sinal pedindo esmola. Essa música foi censurada porque pra Ditadura não podia ter criança no sinal, não podia ter miséria e não podia ter esmola. Então isso ia totalmente contra os tempos de euforia ufanista do Médici.

O biógrafo José Castello, por sua vez, compartilha da mesma percepção política sobre o discurso em sua obra “Pelé, os dez corações do Rei” (2004). Assim como nas falas anteriores do historiador Daniel de Araújo e do jornalista Paulo César Vasconcellos, o autor

procura dar sentidos políticos de questionamento do *status quo* da Ditadura à fala do jogador, isso porque, segundo o biógrafo, o grosso da população brasileira, dentre eles os críticos da frase proferida por Pelé, desconheciam por completo a realidade social do país marcada por profunda desigualdade, situação agravada por um regime militar que, enquanto escondia questões sociais graves, se autopromovia através de propagandas oficiais ufanistas em que inexistiam problemas sociais graves.

“Dedico este gol às criancinhas do Brasil.” A frase, dita com emoção espontânea, terminou servindo como uma arma contra o próprio Pelé, uma síntese dos estigmas que sempre recaíram sobre ele: a de um jogador fabuloso, sem dúvida, mas simplório, conservador, sentimentalista, sem consciência política, alguém que se deixava manipular facilmente. Argumentos, é claro, muito discutíveis. [...] É interessante ouvir essa frase hoje, mais de 30 anos depois, não como um sinal de fraqueza e de ignorância, mas como uma premonição, um forte pressentimento da situação que, em pleno regime militar, já se desenhava para o país. [...] As cidades brasileiras, as favelas, as ruas já estavam, e estão cada vez mais, cheias de crianças, adolescentes [...] armados, traficando drogas, cheirando cola, no mais absoluto abandono. Isso, que hoje não é novidade para ninguém, nem para o mais desinformado dos torcedores, na época do Brasil Grande dos generais, era. Muitos estavam iludidos com a propaganda oficial de um Brasil enriquecido; a referência à pobreza souo demagógica, e mesmo falsa. Quando, na verdade, carregava um aspecto premonitório, senão profético. E, ainda mais que isso, um grande realismo. (CASTELLO, 2004, p. 138)

O argumento de Castello inverte a posição de Pelé em relação a seus críticos; para os quais o ex-jogador seria demagogo, alienado, desinformado e manipulado. Para o biógrafo, esta posição seria ocupada justamente por aqueles que tanto o criticaram e continuam a criticar a dedicatória do gol mil, pois seriam, na verdade, os maiores manipulados pelo regime militar justamente por não conhecerem a real situação de precariedade social do Brasil da década de 1960. Nesse sentido, Pelé seria, segundo esse pensamento, um subversivo sutil das estruturas que escondiam a crise humanitária da população, e um visionário que teria seu discurso atual até os dias de hoje.

Por fim, este foi, portanto, mais um campo de disputa da memória do ex-jogador Edson Arantes do Nascimento, cuja relevância e simbologia extrapolou consideravelmente o campo esportivo. Todas as intrigas a respeito de sua trajetória carregam consideráveis diferenças entre si e acabam apontando para determinados projetos de nação (Mário Filho, Nelson Rodrigues, protestos de 2013) e interpretações da história recente do Brasil (biógrafos e jornalistas). É no campo da memória e do debate público que se dá o embate de todas as narrativas, estas, por sua vez, permeadas por escolhas e silêncios que diferem de autor para autor. O trabalho de cruzamento de fontes possui o objetivo de demonstrar que o mito nunca está cristalizado, acabado, mas em permanente mutação e diálogo com o seu tempo, gerando,

da mesma forma, tensão e disputa por legitimidade das memórias. O tenso pêndulo da memória que oscila no debate público entre o “Réu” e o “Rei” e suas implicações na história, na nação e nas identidades nacionais, é bem mais amplo e não está restrito às fotografias, crônicas, reportagens e biografias.

Quando se fala em Pelé, sua trajetória, seu simbolismo e toda a mitologia criada ao seu redor, a questão étnico-racial é um fator que não pode ser desprezado, afinal, muitas foram as representações em torno de sua biografia que, tomando por base a noção de “democracia racial”, procuraram dar um sentido à cultura brasileira tendo. Por isso, tendo em vista a importância dessa discussão e a constante ocorrência desses discursos antagônicos em disputa, os capítulos a seguir discutirão a temática a partir de múltiplas fontes biográficas nas quais é possível perceber tentativas de pensar, em diferentes momentos, a questão da identidade nacional.

### **3 “FALTAVA ALGUÉM ASSIM COMO PELÉ PARA COMPLETAR A OBRA DA PRINCESA ISABEL” - RAÇA, FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL**

#### **3.1 A construção do ícone negro na obra de Mário Filho e outras narrativas: contexto e algumas considerações iniciais**

A tradição do futebol brasileiro é lembrada em diferentes meios de divulgação. As biografias dos jogadores parecem espaços privilegiados para compreendermos a forma como essa tradição é construída, pois os autores devem criar motivos e racionalizações para dar sentido às trajetórias individuais. Em outra direção, os autores destacam traços e aspectos singulares da vida de certos jogadores que acabam por revelar valores e significados coletivos da cultura na qual o biografado está inserido. (SOARES, 2011, p. 54)

Resolvi começar o presente capítulo com a citação de Soares para ressaltar a importância do estudo de narrativas biográficas de grandes personalidades públicas, em especial, jogadores de futebol que, no Brasil, encontram solo fértil para invenção de tradições e construção de novas identidades. Como bem apontou Soares, quem manipula as narrativas acaba por trazer à tona certas particularidades da vida desses indivíduos que revelam traços do contexto cultural em que a intriga foi produzida. No caso de Pelé e sua relação com o debate do racismo, isso pode ser percebido em diferentes momentos em que o contexto histórico foi, como demonstrarei, determinante para que se pudesse ter diferentes abordagens. Cada uma reivindicará para si um determinado discurso que pode ter em Pelé e na ideia de democracia racial a sua base fundante, ou, ao contrário, ser a negação radical deste último modelo proposto.

Na mesma direção, o historiador Helder Macedo de Held observa que o pesquisador que se debruça sobre os escritos biográficos de um indivíduo, tem em mãos um rico material em que pode debruçar-se no entendimento da sociedade os gerou. Ressalto, mais uma vez, que entendo por “narrativas biográficas” não somente os livros que narram histórias de vida, e sim os materiais que pretendem atualizar tal memória biográfica. Dessa maneira, conforme afirma Held, a presente análise das fontes possibilitou a compreensão da ascensão e disputa de novos discursos no campo das relações étnico-raciais e que, invariavelmente, influenciaram as interpretações biográficas de Pelé:

A história postula ao historiador a discussão do papel desempenhado pelo indivíduo na história, essa preocupação torna evidente a sua relação com a coletividade, com o grupo que o cerca. Ao voltar seu olhar e atenção às histórias de vida, o estudioso do passado favorece seu conhecimento do cenário social constituído no período, torna os estudos das biografias um meio de conhecer as ligações construídas entre o indivíduo e o seu contorno. (HELD, 2010, p. 01)

Esse conhecimento do “cenário social” que gerou o produto biográfico em questão, passa, necessariamente, por uma discussão sobre o tempo e a memória, posto que, como escreveu Beatriz Sarlo, o ato de narrar o passado não escapa às demandas sociais do presente, que acaba funcionando como filtro da memória. Ao longo do capítulo anterior e do presente capítulo, são muitos os exemplos de narradores da vida de Pelé que interpretaram sua trajetória como resposta aos anseios de seu tempo ou grupo social que pertenciam:

É inevitável à marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque no discurso o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma „experiência fenomenológica“ do tempo presente da enunciação. “O presente dirige o passado assim como um maestro, seus músicos”, escreveu Italo Severo. E, como observa Halbwachs, o passado se distorce para introduzir-se coerência. (SARLO, 2007, p. 49)

Montegro (2006), da mesma forma, escreve que nenhum processo ou fato histórico está encerrado em si mesmo. Todo o passado está sujeito aos silêncios, escolhas e recortes do tempo presente de quem os narra ou escreve. Tendo isso em mente, cabe ao historiador ter a consciência de que seu *métier* sofrerá, inevitavelmente, essa influência e analisar em que medida as outras vozes que pretenderam narrar o passado de sociedades ou indivíduos, acabaram por falar mais de si mesmos do que do personagem ou grupo em questão: “ora, nenhum passado passa, todo passado é presente. A questão é saber como ele se insere nas práticas cotidianas e, por extensão, como influi na maneira de pensar, sentir e agir no presente.” (MONTENEGRO, 2006, p. 97)

Compreendo o conceito de “raça”, presente no título e fundamental para este capítulo, conforme a definição traçada pelo sociólogo Edward Telles, em seu livro “Racismo à brasileira...” Dessa forma, usarei o termo descolado de sua superada noção biológica, e sim enquanto uma construção social fundamental para compreender as contradições históricas que envolvem as relações étnico-raciais no Brasil: “o uso do termo raça fortalece distinções sociais que não possuem qualquer valor biológico, mas a raça continua a ser imensamente importante nas interações sociológicas e, portanto, deve ser levada em conta nas análises sociológicas” (TELLES, 2003, p. 38).

À vista de toda a documentação com a qual entrei em contato nos últimos anos, seria deveras reducionista não tocar no tema das questões raciais que envolvem Pelé, posto que o mesmo passou a ocupar lugares de polarização dentro do debate em torno do racismo no Brasil. Dada sua condição de negro e personalidade mundial, torna-se necessário analisar como o que chamo de “batalha pela memória” adentrou no terreno das discussões e tensões étnico raciais. Pelé, como poucos brasileiros vivenciaram na esfera pública, quer esportistas ou não esportistas, experimentou de um extremo a outro, como diria Caetano Veloso: “a dor e a delícia de ser o que é”.

No que diz respeito à sua relevância social para as questões raciais no Brasil e no exterior, a literatura biográfica a seu respeito e até mesmo o debate público tomam caminhos nem sempre convergentes. As memórias a seu respeito geram numerosas polêmicas ou mitologias messiânicas a depender do contexto histórico e de quem ou de qual grupo partirá a análise do passado. Tem-se, portando, um grande número de enfrentamentos de memória sobre o que o ex-jogador teria representado em termos raciais: se um exemplo para seus iguais, um conciliador, alguém que trouxe o equilíbrio e alívio de tensões, ou um omissor, alheio às injustiças para com seus pares.

A importância de compreender esses discursos que tomam sua biografia como ponto de partida se dá pelo fato de não serem novos e datarem, pelo menos, do início da década de 1960 já com formas de enxergar a sociedade a partir das ideias de ressignificação da mestiçagem e contribuição sociocultural do negro, difundidas nos anos 30 por Gilberto Freyre (Casa Grande & Senzala, 1933) e, posteriormente, por Mário Filho no campo da crônica e da literatura esportiva. Pontuo que as formulações de Freyre influenciaram toda uma geração, não tendo ficado restritas apenas ao campo intelectual. Tanto que, apesar do histórico de críticas da academia e movimento negro para com a ideia de que no Brasil haveria um contexto que proporcionava a convivência pacífica entre as raças, ainda é possível encontrar, nos dias de hoje, indivíduos e grupos que continuam a reproduzir tal afirmativa. Schwarcz (1993), escreve de que maneira essa teoria se capitalizou na sociedade brasileira e aponta o importante papel de Freyre nesse processo, que passa a difundir uma leitura positiva da miscigenação, antes muito teorizada por intelectuais brasileiros e estrangeiros, como desgraça e fator de atraso social:

A noção elaborada por Gilberto Freyre (1930), de que esse era um país racial e culturalmente miscigenado, passava a vigorar como uma espécie de ideologia não oficial do Estado, mantida acima das clivagens de raça e classe e dos conflitos sociais que se precipitam na época. Nesse contexto, conceitos são reavaliados, imagens assentadas perdem sua mais antiga conotação. [...] Raça permanece, porém,

como tema central no pensamento social brasileiro, não mais como fator de “desalento”, mas talvez como “fortuna”, marca de uma especificidade reavaliada positivamente. (SCHWARCZ, 1993, p. 248, 249)

Para os entusiastas da mentalidade descrita por Schwarcz e contemporâneos de Gilberto Freyre, o chamado Projeto Unesco realizado no final dos anos 40, trouxe provocações significativas que repensaram crenças que, em muitos setores intelectuais, ainda persistiam. Segundo Marcos Chor Maio (1998), o referido projeto teve seu embrião pensado pelo antropólogo brasileiro, Arthur Ramos (1903-1949), então diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco no final da década de 1940, pouco antes de falecer. Visto, na época, como exemplo mundial de bom convívio entre as raças, o Brasil passou a ser considerado um laboratório aberto para o estudo desses fenômenos. Datada de um contexto de pós-Segunda Guerra Mundial, a escalada dos ideais racistas do nazismo e acirramento dos conflitos raciais na África do Sul e EUA, a iniciativa da Unesco possuía a preocupação, inicialmente, de apresentar “os detalhes de uma experiência no campo das interações raciais que era julgada singular e bem sucedida na época tanto interna quanto externamente”, e, a partir disso, influenciar e inspirar políticas “cooperativas entre raças e grupos étnicos, com o objetivo de oferecer ao mundo uma nova consciência política que primasse pela harmonia entre as raças” (MAIO, 1998, p.1, 3). Entretanto, o que a maioria dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros do chamado Projeto Unesco concluiu é que, existia, no Brasil, um complexo processo de exclusão e desigualdade provocado, em grande medida, pelas consequências sociais da problemática racial. Na contramão dos demais pesquisadores, os pernambucanos Gilberto Freyre e René Ribeiro, que também participaram do projeto, continuaram a sustentar a tese do país enquanto exemplo único de harmonia racial, conforme relata Motta:

Se o projeto UNESCO, tal como realizado na Bahia, em São Paulo e no Rio de Janeiro, representou uma revolução paradigmática, tal como realizado em Pernambuco, por René Ribeiro em associação com Gilberto Freyre, representou uma contra-revolução. Ainda que com algumas flutuações, em grande parte devidas a seus contactos com a Antropologia de Melville Herskovits, René se mantém fiel à explicação do sistema de relações raciais no Brasil, encarado em termos de miscigenação, encontro de culturas e tolerância dos contatos de raça. (MOTTA, p. 53)

Conforme apontado por Motta, a visão idealizada de Freyre, embora questionada nos anos seguintes, continuou a grassar e inspirar jornalistas, escritores e intelectuais que ainda se apegavam a uma interpretação mais idealizada das relações raciais em terras brasileiras. Dentro desse contexto de persistência da valorização romântica da mistura racial após os anos 50, para intelectuais como Mário Filho que fora amplamente influenciado por Freyre, Pelé (o

preto) e Garrincha (o mestiço) seriam a prova mais contundente de que o Brasil miscigenado que absorve saberes, práticas e culturas a seu favor, estaria dando certo como civilização de múltiplas potencialidades, estas, adquiridas via herança cultural e racial. Como escreveu Ana Paula Silva em sua tese “Pelé e o complexo de vira-latas...” (2008), o negro Pelé chegou a ser a representação máxima de uma dita nova postura nacional que deixara para trás traumas e sentimentos de apequenamento: “o personagem Pelé virou símbolo da superação da ideia de que o Brasil era malsucedido por ser uma nação negra e mestiça, dessa forma incapaz de se igualar às grandes nações europeias.” (SILVA, 2008, p. 36). O pesquisador do esporte Victor Andrade de Melo, por sua vez, ressalta o papel dos irmãos Rodrigues (Mário Filho e Nelson Rodrigues) na construção desse imaginário racial brasileiro que tinha em ambos os jogadores, parte importante das colunas de sustentação dessas ideias:

Pelé e Garrincha, juntos, sintetizariam o homem brasileiro: racialmente avançado (em função dos cruzamentos) e ao mesmo tempo instintivos, brincalhões, frutos de nossa construção cultural. Eram elencados como exemplos de como pretos, mestiços e humildes redimiriam o país de sua história de submissões e humilhações. Eram heróis próximos a grande parte da população, com os quais o povo poderia se identificar. (MELO, 2006, p. 290)

Um exemplo inicial dessa tese seria o livro “O Negro no Futebol Brasileiro” (NFB) (1947) (1964), escrito pelo jornalista Mário Filho Rodrigues, que, além de apresentar Pelé como símbolo do perfeito equilíbrio entre as raças no Brasil, se destaca como uma das primeiras obras a referenciá-lo como um dos baluartes de resistência e subversão do que era imposto socialmente aos negros. Antes de prosseguir, saliento que não pretendo realizar uma análise minuciosa do livro, pois entendo que este não é o foco da pesquisa<sup>33</sup>. Minha intenção é investigar de que maneira o escritor situa Pelé dentro do cenário proposto na obra, os atributos políticos dados à sua pessoa e de que maneira essa narrativa continuou sendo reproduzida e atualizada nos anos que se seguiram.

O livro busca estabelecer uma leitura identitária da nação a partir da exaltação à mestiçagem e à contribuição negra e mulata dentro da construção da identidade nacional e do futebol brasileiro. Para tanto, narra o desenvolvimento do futebol em duas frentes: a paulatina profissionalização e seus conflitos com os que não desejavam que esse processo se concretizasse (a maioria brancos, segundo o autor); e os enfrentamentos que se davam em torno das questões raciais, em particular, o estabelecimento do jogador negro como “pé de obra” qualificado após um arco de rejeição, exclusão e discriminação. Tudo isso tendo como

---

<sup>33</sup> Para um aprofundamento nas questões centrais do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, conferir os trabalhos publicados pelo pesquisador Antônio Jorge Gonçalves Soares.



ponto de partida o futebol carioca, de onde o autor extrai a maioria dos exemplos e causos citados. Além de embasar a narrativa em sua própria memória e na tradição oral de sua época, Mário Filho cita documentos como atas, relatórios e jornais que datam do início do século XX. Ocorre que a obra, apesar de não ser inteira dedicada a Pelé, possui, assim como as biografias, uma estrutura que remete à Jornada do Herói de Campbell, conforme apontou Soares (2001). Os títulos dos capítulos da história escrita pelo autor, revelam a estrutura dramática do herói genérico e coletivo que é o negro, o qual, dentro de um cenário de exclusão em que busca sua afirmação, vai desde a fase inicial em “*a batalha do preto*”, “*a revolta do preto*”, “*a ascensão do preto*”, “*a provação do preto*”, até sua consolidação definitiva com “*a vez do preto*”, estágio em que Garrincha e Pelé, mas principalmente Pelé, o herói máximo dos pretos, abre definitivamente todas as janelas de oportunidades ao romper barreiras sociais e chegar onde nenhum outro havia chegado até então.

Ao falar da derrota de 50, Mário Filho se esforça para defender a ideia de que a cor da pele não é definidora da falta de habilidade do jogador negro, tido e acusado, segundo suas palavras, como emocionalmente instável, indisciplinado e taticamente dado ao improviso, esta última característica vista nessa perspectiva como algo negativo. Entretanto, o que o escritor faz em seguida ao enaltecer a miscigenação e o negro no futebol brasileiro, é justamente reafirmar de forma determinista, embora sob outro viés, o que tanto criticou: que a cor da pele seria definidora automática das habilidades futebolísticas, agora não mais com ênfase na falta de habilidade do jogador negro, mas no excesso que se confunde com arte, visto que o futebol praticado pelos jogadores negros teria toques e traços de malícia e dança africana/indígena. A dita falta de racionalidade dos jogadores negros, que o mesmo Mário Filho afirmava estar tão presente nos discursos anteriores, continua em sua escrita, desta vez canalizada para um louvor ao improviso artístico praticado por jogadores negros, em oposição a um futebol europeu acusado por ele de ter se tornado frio e excessivamente metódico e racional.

Antes de continuar e adentrar na análise do texto da obra, torna-se necessário pontuar algumas questões que ajudarão na melhor compreensão do que o autor se propôs a escrever. Ao se manusear a obra, chama a atenção o prefácio escrito por Gilberto Freyre em 1947 e mantido em edições futuras, o qual reproduzo parcialmente a seguir. Em sua contribuição para o livro, deixa claro seu posicionamento da importância do futebol para o desenvolvimento de uma sociedade brasileira racialmente mais justa em que o esporte teria sido uma importante coluna e engrenagem desse processo:

Era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente do negro, o mulato, o cafuso, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou mulato ou do casso no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol. (RODRIGUES FILHO, 1964)

Sendo o futebol, para ambos, o motor da integração racial do negro na sociedade do século XX, coube a Mário a tarefa de expandir essa compreensão e justificá-la minuciosamente em suas quase 500 páginas. Ora, a influência de Freyre se mostrou para além do prefácio, pois o livro de Mário é visivelmente inspirado em sua obra. “O Negro no Futebol Brasileiro”, da mesma forma, traz forte ênfase positiva sobre o processo de miscigenação ocorrido no país. Tal processo seria, segundo essa perspectiva, o principal fator gerador de um “estilo brasileiro” único de praticar futebol. Fruto da influência da capoeira, do samba e outras manifestações que teriam adentrado no universo futebolístico nacional a partir do acesso dos negros a estes espaços. Como analisarei no capítulo IV, esse discurso do “estilo brasileiro” de jogar continua vivo até os dias atuais, tendo sua mitologia fundadora devidamente adaptada para os novos tempos e com novos elementos em sua composição.

Ainda em relação ao impacto freyreano na obra de Mário Filho, a socióloga Ana Paula da Silva afirma que o livro lançado no final da década de 1940 dialogou com ideias culturalistas que circulavam desde a década de 1930.

O livro *O negro no futebol brasileiro* está situado nesse contexto histórico, portanto, é o retrato de uma época em que os discursos raciais eram elaborados a partir das teorias de miscigenação que tiveram como um dos seus maiores símbolos Gilberto Freyre. O argumento mais forte de Mário Filho neste livro girou em torno da idéia de que o futebol se transformou em uma representação da brasilidade quando incorporou os negros e os mestiços (SILVA, 2008, p. 72)

Antônio Jorge Soares, por sua vez, argumenta na mesma direção:

A visão de Mário Filho, como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. (SOARES, 2001, p. 15-16).

A tal “integração racial” seria, segundo Freyre e Mário Filho, fruto da mestiçagem e dos processos de sociabilidade proporcionados pela prática do futebol, terreno em que, no passado, os negros estiveram fora durante muito tempo, excluídos principalmente do processo de profissionalização. Foi por intermédio do futebol que, para o autor, o racismo teria começado a ser questionado e superado no Brasil e em todo o mundo. Segundo essa

interpretação sociológica, o fator determinante para uma mudança cultural tão significativa tinha nome e sobrenome: Edson Arantes do Nascimento, a perfeita personificação da dita harmonia racial brasileira<sup>34</sup>.

A acentuada valorização de Pelé pode ser explicada a partir do debate racial fomentado por Gilberto Freyre na primeira metade do século XX, ocasião em que a questão da miscigenação ganhou, aos poucos, legitimidade acadêmica e centralidade nos discursos que pretendiam elaborar ou contribuir para o debate de uma pretensa “brasilidade” e identidade nacional. O que se convencionou chamar, posteriormente, também de “mito das três raças”, passou a integrar parte do grande mito fundador brasileiro como teoria explicativa para a dita harmonia racial.

Como pontuou Bernardino, esse pensamento não foi inventado por Freyre, mas fora por ele sistematizado, tendo, dessa forma, ganhado prestígio, projeção e popularidade nacional e internacional:

O mito da democracia racial não nasceu em 1933, com a publicação de *Casa-grande & senzala*, mas ganhou através dessa obra, sistematização e status científico (...). Tal mito tem o seu nascimento quando estabelece uma ordem, pelo menos do ponto de vista do direito, livre e minimamente igualitária. Assim, tanto a Abolição quanto a proclamação da República foram condições indispensáveis para o estabelecimento do referido mito, sem esses dois acontecimentos não se poderia falar em igual da de entre brancos e negros no Brasil (BERNARDINO, 2002, p. 251).

A historiadora Lilia Schwarcz, em seu livro “O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil do século XIX” (1993), também pondera que a ideia de que o Brasil seria uma nação peculiar por conta de suas misturas raciais, não surgiu com Freyre, pois foi interpretada por muitos outros intelectuais antes de ser sistematizada pelo escritor pernambucano:

A constatação de que essa era uma nação singular porque miscigenada, é antiga e estabelecida no país. Tema do ensaio vitorioso do naturalista Von Martius para o IHGB em inícios do século passado [XIX], retomada principalmente por Silvio Romero nos anos 80, para surgir reelaborada em inícios do século atual com Gilberto Freyre. (SCHWARCZ, 1993, p. 247)

Sobre a concepção de mito, conceito que precede a noção de “harmonia racial”, entendendo-o como construções históricas partilhadas não cristalizadas e de natureza dinâmica, em constante processo de reelaboração e não restritas a ideia simplista de “conjunto de

---

<sup>34</sup> Não utilizo, nesse momento, o termo “Democracia Racial”, pois conforme lembra Antônio Sérgio Alfredo Guimarães em seu artigo “Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito”, o termo não aparece nos escritos de Freyre antes de 1962.

lendas”, mas em sentido mais abrangente e político, o qual acaba por desembocar nas narrativas biográficas que buscaram modelos e respostas para as questões de seu tempo, assim como na definição de Marilena Chauí, ou seja,

não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. (CHAUI, 2000, p. 14)

Já para Florestan Fernandes (1965) e posteriormente Roberto DaMatta (1987), a formulação sociológica do paraíso tupiniquim multicolorido não passaria de mero mito das três raças, o qual compunha parte dos mitos fundadores da nação, uma fábula que ignorava as contradições raciais do país, ao mesmo tempo em que era usada “como recurso ideológico na construção da identidade social, como foi o caso brasileiro.” (DAMATTA, 1987, p. 62-63). O conceito foi ainda, segundo o autor, mobilizado a partir de interesses múltiplos que objetivavam manter o status quo ou, por outro lado, promover transformações sociais. O impacto real dessa formulação evidenciava-se, ainda, na influência que passou a exercer no modo de enxergar o mundo, quer por parte do povo, quer por parte de diferentes setores da elite intelectual brasileira:

a fábula das três raças tornou-se uma ideologia dominante, abrangente, capaz de permear a visão do povo, dos intelectuais, dos políticos e dos acadêmicos de esquerda e de direita, uns e outros gritando pela mestiçagem e se utilizando do “branco”, do “negro” e do “Índio” como as unidades básicas através das quais se realiza a exploração ou a redenção das massas. (DAMATTA, 1987, p. 63)

Dito isso, outra questão importante de ser aqui colocada diz respeito à considerável diferença e mudança de rumo da argumentação nas várias edições do livro NFB, o qual sempre passou por atualizações realizadas pelo próprio autor, podendo ser encaradas, no limite, como obras distintas em seu enredo final. Como bem percebeu o professor Antônio Jorge Soares em sua pesquisa<sup>35</sup> sobre a obra, a primeira edição de NFB data de 1947<sup>36</sup>, guardando, portanto, uma distância de quase vinte anos para a segunda edição. Ocorre que a versão de 1964 possui dois capítulos a mais: “a provação do preto” e “a vez do preto”.

<sup>35</sup> SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. IN: HELAL, LOVISOLO, Hugo. SOARES, Antônio Jorge. A invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

<sup>36</sup> Diferente da 2ª edição que pode ser facilmente encontrada e lida, não foi possível ter acesso à 1ª edição em sua integralidade, posto que por ser obra raríssima, seu preço está fixado em valor que considero inacessível. Também não foi possível encontrá-la em formato digital. Os trechos que tive acesso e que não se encontram na 2ª edição de 1964 foram extraídos das pesquisas de Antônio Jorge Soares.

Em ambos os capítulos, Pelé e Garrincha são figuras centrais no processo de “redenção” do negro. Não por acaso, em 1964 Pelé vivia uma das fases mais explosivas de sua carreira em termos de conquistas, já era bicampeão mundial pela Seleção aos 23 anos e continuava a alavancar seus números individuais e levantar troféus em território nacional e internacional. Garrincha, da mesma forma, embora com 30 anos de idade, ainda estava em um bom momento, embora já caminhasse para uma gradual decadência técnica e física que marcariam os últimos anos de sua carreira. A proposta do autor não deve ser encarada apenas como uma atualização de seu enredo, mas como uma oportunidade em que o mesmo percebeu que poderia, naquelas circunstâncias, “comprovar” a partir de fatos verificáveis em sua época, a ideia de uma nação que estava superando, via futebol, os conflitos de raça que historicamente sempre marcaram as relações sociais no Brasil.

Outro fator a ser levado em consideração é a final da Copa do Mundo perdida pela Seleção Brasileira em 1950, no Maracanã, episódio que Mário Filho explora exaustivamente uma dita culpabilização por parte da imprensa e torcida, de alguns jogadores negros que compunham o selecionado derrotado. Esse acontecimento que, logicamente, não poderia ter sido abordado na primeira edição por razões cronológicas, ganha especial destaque na segunda edição, sendo parte importante do arco dramático dos negros na luta por respeito e igualdade no futebol. O desenvolvimento de todo o arco acaba por culminar no triunfo epicamente narrado de duas Copas do Mundo seguidas, tendo, ainda, dois negros como protagonistas e símbolos dessa afirmação no futebol brasileiro após as chamadas humilhações que a geração de jogadores pretos de 1950 teria sofrido. Ou seja, são duas narrativas com fixações distintas de marcos históricos.

De acordo com Antônio Jorge Soares, em sua pesquisa “História e invenção de tradições no futebol brasileiro”, Mário Filho termina a primeira edição de seu livro em 1947 dando o racismo por vencido na sociedade brasileira. Havia, segundo o relato do jornalista, uma nova compreensão de que a cor da pele não era definidora de caráter e muito menos de habilidades para com a prática do jogo. A escolha de Mário Filho em descrever uma cena em que jogadores de diferentes tons de pele se abraçam é reveladora, pois denota uma ideia de harmonia racial que estaria enfim se estabelecendo na nação após muito esforço em prol da tolerância e boa convivência:

em foot-ball não havia o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com seus mulatos e seus pretos. Um preto marcou um goal, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O goal é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco. (RODRIGUES FILHO, 1947, p. 293. Apud SOARES, 2001, p. 23)

Sobre o fragmento acima que descreve um cenário de pacificação das tensões de raça, Soares afirma que “esse e outros tipos de afirmação sobre o poder democrático do futebol e o fim do racismo foram suprimidos na segunda edição, ainda que o autor afirme ter mantido intacto o texto no prefácio escrito para essa edição.” (SOARES, 2001, p. 23). De fato, na segunda edição em 1964, há um esforço de Mário Filho em montar um novo cenário hostil em que, diferente de 1947, o racismo não teria sido superado. É o que se pode observar nas primeiras páginas de seu livro na Nota ao Leitor, de sua autoria, passagem em que elenca o trio de jogadores que teriam ficados marcados não apenas por uma atuação aquém numa final de Copa dentro dos domínios brasileiros, mas, acima de tudo, por serem negros:

A derrota do Brasil em 50, no Campeonato Mundial de futebol, provocou um recrudescimento do racismo. Culpou-se o preto pelo desastre de 16 de julho. Assim, aparentemente, O Negro no Futebol Brasileiro, por uma análise superficial, teria aceito uma visão otimista a respeito de uma integração racial que não se realizara ainda no futebol, sem dúvida o campo mais vasto que se abria para a ascensão social do preto. A prova estaria naqueles bodes expiatórios, escolhidos a dedo, e por coincidência todos pretos: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada. (RODRIGUES FILHO, 1964)

A partir do chamado “recrudescimento”, o autor narra como teria se dado a gradual superação do imaginário hostil que inicialmente demonizara Barbosa, Juvenal e Bigode, e que acabaria, anos mais tarde, sendo revertido a partir da glória absoluta de Pelé, quando, pela segunda vez, fecha-se o ciclo de hostilidade aos jogadores negros, embora o autor admita que não se tratava de um fenômeno completamente extinto ou vencido, mas em grande medida superado graças ao sucesso de figuras negras da Seleção nacional. O que Mário Filho teria escrito se, ainda em vida, houvesse presenciado os incontáveis casos de racismo no futebol na era pós-Pelé? Quais seriam seus novos marcos temporais de estabelecimento de uma terceira quebra da ordem da pacificação racial? Continuaría ele a sustentar Pelé como o elo conciliador a despeito de tantas críticas?

Ao seguir uma narrativa aos moldes da jornada do herói, o jornalista constrói na primeira edição uma linha temporal onde os negros foram paulatinamente ganhando espaço e direito de serem tratados como iguais no esporte, chegando até a tornarem-se ídolos nacionais, como Leônidas da Silva na década de 1930. Era o fim do racismo no futebol brasileiro. Anos mais tarde, já na segunda edição de NFB, a derrota de 1950 teria, mais, uma vez, suscitado numa coletividade branca a percepção de inferioridade dos jogadores negros que só viriam a ser novamente respeitados com o advento de Pelé e Garrincha:

Os novos problemas enfrentados pelo negro na derrota de 50 só seriam superados definitivamente com a vitória na Copa de 58. O mulato, Garrincha, e o preto, Pelé, sairiam heróis nacionais nas Copas de 58 e 62. Mas é com a figura de Pelé que, definitivamente, Mário Filho vai demonstrar que o negro poderia ser negro e ter orgulho de sua raça. A narrativa indicaria Pelé com mais atributos de nobreza que os heróis anteriores. Friedenreich e Leônidas da Silva, também negros, se diferenciariam de Pelé por não terem o mesmo orgulho da cor ou da raça. [...] Pelé, na narrativa, teria ascendido socialmente sem requerer o embranquecimento. (SOARES, 2001, p. 25)

De fato, como abordarei mais à frente, a estrutura discursiva de Mário Filho em relação às questões raciais tem seu fechamento triunfal em Pelé e sua trajetória vencedora no meio futebolístico. A própria inclusão de dois novos capítulos com títulos sugestivos (“A provação do prêto” e “A vez do prêto”, evidencia, como observou Soares, novas “situações de dano” (SOARES, 2001, p. 23), em que seria necessário o aparecimento de novos personagens negros que trariam a esperada redenção de seu povo. As últimas páginas do capítulo “a vez do preto”, que marca o que seria para o autor a consagração definitiva dos jogadores negros no Brasil, são uma ode ao “Preto” Pelé, apresentado no livro como o maior responsável por elevar a autoconfiança dos pretos e conseguir modificar, ainda que de forma incompleta, o olhar racista dos brancos. Serão exatamente essas páginas que irei analisar. Algo que não pode deixar de ser registrado no livro de Mário Filho, é que o jornalista transpôs boa parte do texto de sua biografia “Viagem em torno de Pelé”, publicada em 1963, para a segunda edição de NFB, lançada no ano seguinte. São parágrafos inteiros transpostos de forma integral, em especial, um dos capítulos que fecha a obra chamado “a vez do preto”. Tal fato demonstra que, mais do que um simples aproveitamento de texto, ambas as obras seria, no fim das contas, uma só tese em que uma dá continuidade à outra, sendo Pelé o ápice de todo o processo narrado pelo autor. Tendo isso em mente, analisarei os dois livros como sendo obras que, em certos momentos, conversam entre si em seu propósito final: enaltecer a miscigenação a partir da trajetória do ex-jogador.

Faz-se necessário cruzar as narrativas que se valem da leitura de mundo freyreana para chegar ao entendimento de como que, historicamente, teria se dado a elaboração de discursos de identidade nacional pautada nas questões raciais e no futebol, campo em que as produções biográficas da trajetória de Pelé tiveram importante papel na gestação de perspectivas étnico-raciais. Dito isto, é grande a disparidade entre um discurso dos anos 60, onde o ex-jogador é alçado como símbolo do “ser brasileiro” com forte ênfase na questão racial, em contraste com discursos da década de 1970 até a segunda década dos anos 2000, em que se passa a criticá-lo como alguém que “joga contra o próprio time” quando o assunto é combate à discriminação.

Não obstante, a análise de tais discursos relevou que não se trata de um cenário “preto e branco” dividido de maneira maniqueísta e progressiva, em que Pelé começa como herói e, posteriormente, é transformado em vilão. Mesmo no século XXI, houveram muitas retomadas de perspectivas mais épicas, predominantes na década de 60. Essas retomadas não se deram, todavia, de maneira pura ou intencionalmente feitas à imagem e semelhança das referências do passado. Foram, portanto, atualizadas e adaptadas para fornecer respostas às questões do tempo em que foram produzidas.

Quando se questiona qual o papel relevante que Pelé teve no cenário de combate ao racismo no mundo, não é raro perceber, hoje, que boa parte das falas geralmente caminham na direção da crítica a uma assim chamada omissão. A maioria dos jogadores ou ex-jogadores que acabaram se engajando minimamente em alguma luta social da década de 1960 até a atualidade, enxergam Pelé como um mau exemplo a não ser seguido. Raros serão aqueles que o defenderão, e mais raro ainda os que o colocarão como um dos que estiveram na linha de frente contra o sistema, ainda que à sua maneira. Da mesma maneira, após a década de 1960, poucos serão os escritores/jornalistas que manterão o discurso glorioso a respeito da atuação do ex-jogador no campo das relações raciais. Acredito que essa tendência em situar o ex-jogador como alguém omissos é fruto não somente de suas declarações públicas, mas, sobretudo, do avanço e popularização do debate promovido pelos movimentos negros, para os quais a noção de representatividade é bastante cara.

Sem o avanço dessas discussões no meio social, as declarações do ex-futebolista seriam naturalizadas ou ignoradas. Entretanto, nem sempre Pelé teve seu nome associado ao rol de negros que, contraditoriamente, trabalharam contra o avanço de uma consciência antirracista. No começo da década de 1960, em seu auge futebolístico e projeção nacional e internacional, foi tido por alguns pensadores e analistas como um dos grandes responsáveis por elevar a autoconfiança e orgulho do povo negro e representar, simbolicamente, a vitória coletiva da raça após anos de exclusão no futebol e nas demais esferas sociais. Para esses, sua contribuição para a diminuição do racismo no mundo seria real e perceptível.

Assim, no bojo das discussões sobre as identidades nacionais e das questões raciais que historicamente sempre estiveram presentes na formação da sociedade brasileira, Pelé é um grande ponto de tensão para o qual afluem narrativas que, longe de serem estáticas, estão a todo o momento sendo reelaboradas por aqueles que de alguma forma produziram um discurso biográfico sobre sua vida. Dito isso, cruzarei, mais uma vez, textos e temporalidades para perceber as mudanças e retomadas de discursos presentes nos escritos de teor biográfico sobre o ex-jogador brasileiro, os quais compõem um complexo cenário em que as memórias são



historicamente disputadas. Tal metodologia se faz necessária ao ofício do historiador, como bem afirmou Pesavento:

Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo. Mas, nesse rastreo do método, um outro elemento ainda se coloca como essencial para o historiador. (...) é preciso ir de um texto a outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência na qual se insere o objeto do historiador. (PESAVENTO, 2008, p.65).

Além dos livros, buscarei analisar materiais jornalísticos datados da segunda metade da década de 1960 e que bebem diretamente da mitologia messiânica racial criada por Mário Filho. Tentarei perceber a relação entre esses discursos e averiguar, a partir das evidências documentais, em que medida a ideia de um “Pelé redentor e abolicionista” estava presente nesse imaginário social da segunda metade da década e em que momento começou a se fortalecer um contradiscurso que visava desconstruir essa narrativa. Após essa passagem pela segunda metade do século XX, adentrarei nas primeiras décadas do século XXI para investigar quais os discursos que continuaram a conservar a visão romântica dos anos 60 e quais procuraram dar continuidade e expandir o discurso de oposição dentro do campo de batalha que se tornou a memória.

### **3.2 O Messias Racial: a trajetória de Pelé como projeto redentor**

O livro de Mário Filho, republicado em 1964, não estava sozinho em sua entusiástica narrativa da relevância histórica e racial de Pelé. Anos antes do relançamento de NFB, parte da imprensa havia embarcado em discurso semelhante. Durante alguns anos, em especial na primeira metade dos anos 60, Pelé foi visto como a maior referência negra do Brasil e, ao mesmo tempo, como o negro que mais estaria contribuindo para o fim da exclusão histórica. Ele seria, dentro dessa lógica, uma grande esperança de libertação, uma espécie de Messias Negro que, no delicado terreno das relações raciais, teria proporcionado equilíbrio e harmonia, despertando admiração e respeito até mesmo em contextos em que a presença física de negros nunca foi marcante. Como primeiro exemplo desse discurso, cito a seguir uma charge do cartunista Mauro, publicada no periódico esportivo carioca “Jornal dos Sports”, cujo diretor, na época, ainda era o jornalista Mário Filho. O conteúdo data do dia 19/05/1960,

no texto abaixo da ilustração, Pelé é exaltado como negro que teria deixado os suecos encantados, mesmo passados dois anos da Copa de 58, realizada na Suécia: “Dizem que o sucesso da côr de Pelé na Suécia é tão grande, que uma grande companhia, distribuidora de leite, contratou-o a pêso de ouro, para dizer aos galãs da terra: “Tomem leite Tetrapak e sejam como eu! [...] Pelé, agora, até anuncia café brasileiro e leite sueco” (Jornal dos Sports, 1960, ed. 9.403, p. 06)

Imagem 21 Charge Jornal dos Sports



Fonte: JORNAL DOS SPORTS, 1960, ed.9.403, p.06

O possível encantamento sueco descrito no texto não se refere às habilidades futebolísticas exibidas por Pelé somente, antes, se reporta a fatores raciais que seriam responsáveis pelo feito. O chamado “sucesso” do jogador entre os suecos se daria, segundo o jornal, devido a um deslumbre que exotizava a pele de Pelé e o tornava admirável e único dentro de um contexto em que a presença de negros acentuadamente retintos, era pouco comum. Justamente por isso, o jornal busca revestir de importância o fato de Pelé ter firmado contrato com a empresa sueca de leite e embalagens Tetrapak, ao mesmo tempo em que busca explicações lógicas (e raciais) para isso. Além disso, não se pode deixar de observar o tom racista da publicação, haja visto que o jornal manifesta surpresa ao argumentar, em outras palavras, que apesar de negro, Pelé estaria na posição privilegiada de vender produtos para os “galãs da terra” (Suécia). A escolha desses termos presentes na legenda, denuncia e hierarquiza os sujeitos do discurso, tendo em vista que pressupõe uma relação desigual entre

“galãs” brancos vistos naturalmente como belos, e, do outro lado, os negros desprovidos da beleza que os faria galãs; relação desigual que Pelé, de forma surpreendente para o periódico, rompeu ao se tornar garoto propaganda da empresa. Todavia, mesmo tendo alcançado tal posto, o discurso do periódico não passa a considerar Pelé como galã. Ao mesmo tempo, a publicação também reforça a ideia de que, diferente de outros tempos, a cor negra já não era associada a questões negativas, pois Pelé seria a prova real das transformações que estariam ocorrendo naquele momento.

A despeito do tom racista, a charge e o texto buscam apresentar o jogador como símbolo dessa conciliação de raças. A frase “Pelé, agora, até anuncia café brasileiro e leite sueco” não deve ser vista apenas em sua literalidade, pois o que texto e imagem apresentam de maneira simbólica a partir da representação das cores do leite (Tetrapak sueco) e do café (IBC – Instituto Brasileiro do Café) tendo Pelé ao centro da xícara, é justamente a ideia de que o jogador seria capaz de transitar com sucesso em ambientes raciais diversos e promover, de forma eficaz, uma cultura de respeito e equilíbrio. Portanto, ao escolher dar ênfase à cor de Pelé e não ao futebol apresentado por ele como fator relevante para o firmamento de seu contrato com a empresa sueca de laticínios, o jornal fabrica um discurso mais ideológico que posiciona Pelé no centro de um processo de mudança social.

Até mesmo setores da imprensa ligada ao movimento negro, hoje, um dos segmentos que mais passaram a se opor a Pelé nas últimas décadas, chegaram a depositar esperanças de reais mudanças em consequência da esperada atuação política do futebolista. Apesar da dificuldade na pesquisa de material robusto da chamada Imprensa Negra na década de 1960 devido à escassez de fontes sequenciais em arquivos virtuais e, além disso, em função do posterior Golpe Militar de 64 que fez com que muitos desses materiais circulassem de forma ilegal, fato que dificultou sua preservação, foi possível, apesar das circunstâncias, encontrar material que pode fornecer pistas de como Pelé foi representado por esse segmento no início da década. Em 1960, por exemplo, era lançado o primeiro volume da revista Niger, periódico paulista de variedades e com caráter militante, voltada, sobretudo, para o público negro. Em texto intitulado “O Negro no Esporte”, a revista já se posicionava quanto ao simbolismo do jovem Pelé, então com 19 anos e campeão do mundo pela Seleção Brasileira em 1958:

Na prática desportiva o negro tem aproveitado suas privilegiadas qualidades físicas, aliadas à sua capacidade, para galgar os pináculos da glória no esporte e se impor perante o mundo, quebrando, destruindo o mito de inferiorização racial. [...] O celebrizado Pelé atinge nos campos europeus o máximo que um ser humano pode com a bola de futebol; é o rei do futebol. E assim, muitos outros, nas diversas

modalidades esportivas nos dão exemplos de como se pode elevar a raça com o esforço individual. (NIGER, 1960, nº1, p. 9)

É curioso constatar que no início de sua carreira de esportista, Pelé chegou a gozar de considerável prestígio entre setores de organização política da população negra. O texto o define como um grande colaborador da causa negra que estaria “destruindo” concepções racistas por meio do futebol. Alguns anos depois, ele já não seria associado à essa imagem positiva e redentora por segmentos do próprio movimento negro, pois somente o ato de jogar futebol de sua parte, passou a não ser mais suficiente, tendo em vista que seria cobrado por omitir-se do debate fora de campo. Tido como herói negro nesse momento pela revista, as representações biográficas de Pelé seriam aos poucos deslocadas para outros sentidos através de outros atores sociais que faziam eco, no começo dos anos 60, à noção de Brasil como paraíso das raças.

Ainda no que tange ao tema, a Revista do Esporte nº 185, publicada em 1962, também trabalhava com essa narrativa em matéria que tem por título “A cor da epiderme não é obstáculo para ninguém vencer no futebol”. O texto enfatiza o suposto processo de superação das desigualdades e a chegada de um novo tempo de equilíbrio e convívio pacífico entre todas as pessoas com diferentes tons de pele. Pelé aparece, mais uma vez, como o exemplo mais expressivo desse dito novo momento que a sociedade brasileira e, em especial, o futebol, vivia naquele momento. Ora, é evidente que existia racismo no esporte e, mais ainda, na sociedade brasileira em 1962, porém, o conceito de racismo da época, especialmente entre a parcela dos jornalistas brancos que escreviam matérias jornalísticas em veículos de comunicação, era um conceito bem mais reduzido do que aquele que se compreende nos dias atuais.

O grande número de jogadores de cor nas nossas equipes é uma característica do futebol brasileiro. Raro é o clube que não possui em suas fileiras craques de epiderme escura, sendo mesmo de notar que esses elementos são maioria em alguns quadros. [...] O fato é uma prova evidente de que já não existe o racismo no esporte. Quando se fala, porém, em jogador de cor, o primeiro nome que vem à lembrança é o de Pelé. O extraordinário craque é, sem dúvida, o mais famoso escurinho em todo o mundo, com inegável prestígio em todos os rincões onde o futebol é o esporte predileto. (REVISTA DO ESPORTE, nº 185, 1962, p.14)

Durante os anos seguintes, o tom das análises em outros veículos da imprensa brasileira não oscilou de maneira considerável. Sob a mesma perspectiva, o jornalista e jurista Alberto Deodato, em coluna publicada no jornal carioca Tribuna da Imprensa, edição do dia 16/08/1961, escreveu a respeito da importância das então recentes conquistas internacionais do futebol brasileiro para a propaganda do país no exterior, em especial, para o fato de deixar

“*muito europeu sabendo que o Brasil existia*”. Além disso, para o escritor, haveria uma “tradição brasileira” em Copas do Mundo que diz respeito ao protagonismo de jogadores negros, começando por Leônidas da Silva em 1934 e 1938. Dentro dessa tradição, Pelé seria a coroa de um rico e exemplar processo que serviria de exemplo para todo o mundo, a saber, a superação do racismo em solo nacional:

Pelé veio exaltar esse renome desportivo dando ao nosso país a fama de termos o melhor futebol do universo. [...] E o que se tem a observar é que todos esses craques que nos tem dado fama esportiva não são brancos. Mestiço, Leônidas. Pretos, Ademir e Pelé. São ídolos nossos. Provam, no estrangeiro, que não temos preconceitos de raça. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1961, ed. 2.522, p. 4)

No mesmo sentido que entende o racismo em processo de sublimação após Pelé, Mário Filho em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (NFB), antes de exaltar o que seria o ideal de nação racialmente pacífica em seu último capítulo intitulado “A Vez do Preto”, irá evocar, mais uma vez, Nelson Rodrigues e seu “complexo de vira-lata”. Para o autor, a falta de consciência e orgulho da composição racial de caráter misto do povo brasileiro, fez recair injustamente um enorme peso sobre os mestiços da Seleção nacional que haviam disputado e perdido o título mundial para o Uruguai em 1950, dentro do estádio do Maracanã. Daí é que se pode observar em sua narrativa o que o mesmo denominou de “recrudescimento do racismo”:

Poucos eram os que não choravam. Os que não choravam deixavam-se ficar numa cadeira numerada, num degrau da arquibancada, num canto da geral, a cabeça sobre o peito, largados. Ou então esbravejavam, batendo no peito, apontando para o campo. Uns acusavam Flávio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete.

- “*O culpado foi Bigode!*”

- “*O culpado foi Barbosa!*”

[...] – “*a verdade é que somos uma sub-raça.*”

Uma raça de mestiços. Uma raça inferior. Na hora de aguentar o pior, a gente se borrava todo. Como Barbosa quando estreara no escrete brasileiro.

- “*Enquanto dependermos de negro vai ser assim.*” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 413)

Dessa maneira, o escritor interpreta o fatídico acontecimento, como resultado de uma mentalidade que se pensava inferior em termos raciais. Ao mobilizar elementos da tese de seu irmão para seus argumentos, prepara o terreno para a aparição que se quer gloriosa e redentora de Pelé, pois, para o autor, Pelé e Garrincha teriam sido os grandes responsáveis por mudar essa perspectiva negativa a respeito do jogador negro/mestiço e até mesmo do brasileiro enquanto tal. A maiúscula vitória por 5 x 2 na final da Copa do Mundo de 1958 sobre os suecos, povo branco e europeu, teria gerado uma nova consciência, não mais

subalterna e inferior, porém de orgulho e autoconfiança. Para Mário Filho, a vitória e projeção internacional de Pelé já seriam suficientes para considerá-lo um herói redentor da raça e de uma “brasilidade” original. Ora, tanto em “Viagem em torno de Pelé” (1963) quanto em NFB (1964), tem-se por um lado um tipo de Messias que teria salvo o futebol nacional da “escassez de ídolos” e da agonia coletiva de 50; por outro, sob o ponto de vista racial, esse mesmo Messias também teria libertado o povo brasileiro, pois, por intermédio do talento, quebrou os grilhões da opressão e do silenciamento, tendo conquistado, em seguida, o topo do mundo através do mérito e desfazendo, dentro de campo, conceitos racistas disseminados e impregnados no senso comum.

Em outra passagem do livro NFB (1964), chega a afirmar que foi Pelé quem tratou de concluir o trabalho de abolição que teria, segundo o autor, sido iniciado pela Princesa Isabel, pois quem quer que fosse negro e tivesse a chance de contemplar Pelé, se sentiria verdadeiramente liberto, não somente por ver um semelhante em um posto de glória, mas por sentir que poderia ser quem era sem necessitar de máscaras. Afinal, ele teria tornado o fato de ser preto uma honra e não mais um peso: “Faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel. O preto era livre, mas sentia a maldição da cor. A escravidão da cor. Onde tanto preto não querendo ser preto.” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 496). Como se pode perceber no texto, o trabalho da assim chamada complementação do ato da Princesa Isabel se daria não no âmbito legal, mas sim no âmbito simbólico e psicológico. Para o jornalista, a não aceitação da cor devido ao contexto de exclusão e higienização racial, tornavam os negros cativos, embora livres das algemas, pois não podiam assumir suas identidades sem reservas. O surgimento messiânico de Pelé no final da década de 1950 traria, assim, a redenção no campo psicológico de todos os pretos cativos de seu apequenamento social e estético, resultado de um complexo processo histórico de exclusão e racismo.

O mesmo Mário Filho em sua coluna no *Jornal dos Sports* (1931-2010)<sup>37</sup>, em 1963, maravilhava-se ante o interesse de grandes clubes italianos pelo futebol de Pelé. Para ele, essa seria uma forte evidência da revolução que o jogador estaria provocando no mundo, pois abria portas em um país europeu onde negros não costumavam lograr êxito. O escritor ainda afirma que o clube interessando em sua compra (a Internazionale de Milão), contava com o potencial de desconstrução racista provocado por Pelé, que em pouco tempo poderia ser o fator decisivo para o equilíbrio das tensões raciais em solo italiano. Aqui, o jornalista projeta suas expectativas e concepções sociológicas sobre os dirigentes do clube europeu, de forma a

---

<sup>37</sup> Em 1936, Mário Filho e jornalista/empresário Roberto Marinho compraram e assumiram a direção do *Jornal dos Sports*.

deixar evidente o que os mesmos pensavam. Ao fazer isso, tenciona criar no leitor a percepção de que o sentimento por Pelé como sendo o escolhido para romper barreiras, era, de fato, um fenômeno mundial:

O Santos acabara de recusar uma fortuna por Pelé. Na Itália todos estavam certos de que Pelé ia jogar pelo Internazionale de Milão. Que clube recusaria os milhões que a Internazionale estava disposto a dar? Pelé ia ser o primeiro negro a jogar na Itália. A fascinação que exercia sobre as plateias do mundo rompera as barreiras do racismo italiano. O Internazionale também contava com isso. (JORNAL DOS SPORTS, 1963, nº10.305, p. 16)

Outro exemplo do processo de construção de uma memória que atribui a Pelé as qualidades heroicas de um libertador racial, pode ser encontrado no periódico Jornal do Brasil (JB). O jornalista e cronista esportivo Armando Nogueira (1927-2010), em sua coluna diária, publicou durante três edições seguidas do JB, um poema escrito pelo poeta e radialista brasileiro Bueno de Rivera (1911-1982), intitulado “Canto ao gênio”, o qual contava em versos a biografia do ex-jogador santista. Subscrevo a seguir o fragmento que encerra o poema, publicado no JB nº 21, de 1963. O monólogo é protagonizado pelo pai de Pelé, o ex-jogador Dondinho. Juntos na estação de Bauru à espera do trem que partirá para a cidade de Santos, o pai despede-se do filho com suas últimas palavras:

Na estação, Dondinho, [...] abraça-o e sereno dá-lhe um conselho:  
 “Vá meu filho amado  
 Conquistar a glória  
 que seu pai não teve!  
 Vá, mostre ao branco  
 da cidade grande  
 como um pobre negro  
 vinga os ancestrais.  
 Seu bisavô escravo  
 estará ao seu lado  
 na hora da batalha.  
 E cada chicotada  
 será devolvida  
 com um balaço bruto  
 do bisneto herói.” (JORNAL DO BRASIL, 1963, p. 13)

O poema de Rivera atualizou o imaginário messiânico ao inserir novos elementos em seu texto. Além de se valer de uma estrutura cristã (o pai que envia o filho para uma missão redentora), o autor apresenta Pelé não apenas como herói de seu tempo presente, ele seria também um vingador da história de seus antepassados e de todos aqueles negros que, outrora, foram escravizados no Brasil. Mais do que “completar a obra da Princesa Isabel”, como

escreveria Mário Filho no ano seguinte, o Messias vingador faria justiça por intermédio de seu talento dentro de campo, retribuindo, na bola, a humilhação dos ditos antepassados.

Ainda no *Jornal do Brasil*, dessa vez no ano de 1966, em artigo escrito por Carlos Alberto Dunshee de Abranches, intitulado “Exemplo racial do Brasil”, celebra-se a chamada harmonia racial brasileira frente aos conflitos na África do Sul segregacionista. Para o escritor, o Brasil figurava como um modelo perfeito de convivência pacífica e mistura de etnias. Dentre os exemplos que enumera, como a miss negra Vera Lúcia Couto, acaba por citar Pelé como grande referência:

O conhecimento da experiência brasileira, como uma sociedade democrática multirracial, poderá ser útil na busca das soluções para o caso sul-africano. [...] Cabe lembrar nessa oportunidade, entre muitos outros, dois exemplos típicos da ausência de preconceito de cor no Brasil [...] Em 1964, um júri de pessoas brancas elegeu uma jovem de cor, Vera Lúcia Couto, Miss Guanabara, como uma das representantes brasileiras, com aplauso geral. Um Apolo negro, Edson Arantes do Nascimento, o mundialmente conhecido jogador de futebol Pelé, casou-se com uma moça branca e é considerado por toda a Nação como uma autêntica glória do Brasil. (JORNAL DO BRASIL, 1966, p. 6)

Pelé seria, dentro desse discurso, uma grande prova da existência do paraíso das raças por dois motivos elementares: ter se casado com uma mulher branca, o que, teoricamente, evidenciaria a inexistência de preconceitos de cor no país, e, em segundo lugar, por ser “considerado por toda a Nação” como um grande ídolo, independente de cor, sexo ou classe social. Interessante perceber como em cada momento histórico, os valores são reelaborados e lidos de formas diferentes, o que acaba por modificar também a interpretação de certos fatos. O envolvimento de Pelé com mulheres brancas (Rose, Assíria Seixas, Márcia Aoki, Xuxa, dentre outras) acabou servindo, futuramente, como combustível para aqueles que o criticavam e o acusavam de negar suas origens negras. Na década de 60, todavia, tais relacionamentos eram exaltados por escritores ufanistas que buscavam nessas relações a confirmação do mito racial brasileiro. O próprio Pelé, como demonstrarei mais à frente, chegou a se valer do fato de ter se casado com uma mulher branca, como argumento que provaria a suavidade do cenário racial brasileiro se comparado a EUA e África do Sul, afirmando que o fato em si representava um “golpe” na lógica racista.

Voltando ao conceito do “Pelé libertador de consciências”; ainda no ano de 1966, a *Revista Realidade* (1966-1976) publicava reportagem intitulada “O Pelé que ninguém conhece”, assinada pelo repórter Roberto Freire. A matéria descreve detalhes do cotidiano mais íntimo do ex-jogador, desde seus momentos de lazer ou em sua casa, até sua rotina de trabalho. Mesmo tendo esse foco, o texto de Roberto Freire deixa transparecer, em alguns



momentos, a influência da intriga messiânica consagrada por Mário Filho, evidenciando, assim, que esse discurso não ficou restrito às produções do jornalista pernambucano. O fragmento a seguir fornece elementos para se chegar a essa conclusão:

Pelé é um herói da raça negra sem se dar conta disso. O amor de todos os brasileiros e o respeito dos outros povos devem estar dissolvendo boa parte dos preconceitos raciais em quem o ama e respeita. Ele afirma nunca haver sentido discriminação alguma contra si. Hoje o seu nome o protege disso. (REALIDADE, nº 8, 1966, p. 44)

Para Freire, uma das provas de que o sucesso de Pelé estaria “dissolvendo” o racismo na sociedade, estaria em seu depoimento pessoal ao afirmar que nunca se sentiu discriminado. O respeito e admiração por Pelé causaria, assim, um efeito na sensibilidade ética das pessoas que passariam, então, a humanizar os negros e não animalizá-los. Tal processo, para o escritor, seria gradual, como uma estrutura sólida que se dissolve aos poucos. Outro aspecto a ser ressaltado no texto é que, para o repórter, o heroísmo de Pelé se daria de forma natural e, sem que este se “desse conta disso” ou fizesse esforço político para tal, ou seja, apenas o simples, mas brilhante exercício de seu trabalho de jogador profissional despertaria homens e mulheres para a realidade de que a cor da pele não define a humanidade e a capacidade física ou intelectual de um ser humano. Torna-se importante ressaltar isso, pois como demonstrarei mais à frente, anos depois Pelé seria questionado e criticado inúmeras vezes justamente pelo que outrora fora elogiado, a saber: seu não envolvimento com bandeiras, movimentos/organizações políticas de combate ao racismo, pois possuía uma atuação restrita somente ao universo profissional do futebol, o qual ele via, assim como Roberto Freire, como ferramenta transformadora de mentalidades a partir do seu exemplo de bom atleta e bom cidadão.

No mesmo ano de 1966, outra reportagem, dessa vez da Revista do Esporte (1959-1970), segue o mesmo caminho das palavras de Roberto Freire em Realidade. A matéria “Quero dedicar mais tempo à minha família” busca apresentar um Pelé preocupado com a sobrecarga de compromissos pelo Santos, ao mesmo tempo em que se mostra um homem com fortes ligações familiares. Na última parte da matéria, o autor faz as seguintes considerações:

Como quase não há problema de cor no Brasil, onde negros e brancos são iguais, exceto numas poucas carreiras, Pelé não tem consciência de sua contribuição para a emancipação e o “status” do negro, embora, ela tenha sido considerável. Quando se trata de um astro, ninguém se preocupa com sua cor. No mundo inteiro meninos brancos, negros e amarelos receberam seu nome. (REVISTA DO ESPORTE, nº 387, 1966, p. 31)

O homem que fez garotos “brancos, negros e amarelos” serem batizados em sua homenagem é aqui apresentado como um grande conciliador racial, alguém capaz de unir todas as raças em torno do futebol. E, justamente por ser o futebol o principal motor dessa nova relação harmônica, é que ele, na condição de jogador, não teria percebido a revolução cultural que havia causado de forma natural e quase sem esforço. Nas palavras do autor, Pelé contribuiu para a “emancipação” do negro, em outros tempos tido como inferior e não digno de confiança. Tal situação contribuiu para que se desenhasse o cenário proposto pelo escritor da reportagem, um Brasil em que “quase não há problema de cor”, ou seja, a revista assume por completo a teoria da democracia racial, dando a discriminação praticamente por encerrada no país. Nessa clássica proposta, tem-se no futebol e mais especificamente em Pelé, o ponto de equilíbrio da nação, sem os quais não teríamos tido a chamada democracia racial, pois o futebol seria o instrumento pedagógico que provaria, na prática, não existirem abismos físicos e intelectuais entre brancos e negros, fato que proporcionaria, assim, uma convivência pacífica. Mas para tanto, era necessário o surgimento providencial da figura libertadora de Pelé.

Essa figura libertadora, embora fosse concebida no Brasil como exitosa, ainda precisava chegar em contextos em que a discriminação racial se mostrava de maneira mais violenta e institucionalizada por governos. É nesse sentido que o jornalista Edmundo Fonseca, do jornal Tribuna da Imprensa, escreveu sua coluna relatando o conteúdo da carta do embaixador de Senegal no Brasil à Pelé, dias antes do milésimo gol do jogador santista, marcado em 1969 no Maracanã. O fragmento a seguir serve para, em primeiro plano, avaliar em que medida esses setores da imprensa nacional procuravam legitimar a ideologia do Messias Racial através de discursos vindos de estrangeiros, em especial, de negros como o embaixador; e, em segundo plano, é possível cogitar em qual intensidade esses discursos messiânicos chegavam no exterior e eram reelaborados ou absorvidos, tendo em visto sua semelhança com o que se dizia no contexto nacional:

Na opinião do embaixador da República de Senegal no Brasil, sr. Henri Arphang Sengher, Edson Arantes, o Rei Pelé, é indiscutivelmente um grande atleta, que merece a admiração e o carinho, não só dos brasileiros, mas dos negros de todo o Mundo, para quem ele poderá ser um símbolo do novo homem de cor, aquele que venceu as barreiras dos preconceitos e está preparado para participar efetivamente da história de sua época. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1969, ed.5.975, p. 18)

Destaco que a fala do embaixador enfatiza muito mais a questão do “Pelé homem de cor” como símbolo político para os negros de todo o mundo, abordagem essa que destoa do

que se dizia em alguns veículos de imprensa nacionais em que a ênfase se dava muito mais na questão do simbolismo de Pelé para “todas as raças” e seu peso no processo de pacificação dos conflitos raciais. Portanto, em certos jornais da imprensa brasileira, a questão de legitimação do “paraíso racial” por meio de Pelé era mais presente, muito em função do legado freyreano recente.

Esse imaginário fabricado no início da década de 1960, em que propunha uma associação imediata da imagem de Pelé à noção de liberdade racial/psicológica e abolição simbólica, perdurou durante mais alguns anos e produziu outras situações/cenas dignas de problematização. Tanto que, um acontecimento interessante e muito raramente explorado, está no forte simbolismo de Pelé portando, em certa ocasião, a coroa de ouro que, segundo as narrativas que analisarei a seguir, teria pertencido a Antônio Ferreira Viana (1834-1905), Bacharel em Direito, deputado pelo Rio de Janeiro (1869-1877, 1881-1889) e ex-ministro da Justiça e conselheiro do Império (1888)<sup>38</sup>. Por ter exercido o cargo de Conselheiro no mesmo ano em que foi assinada a Lei 3.553, a chamada “Lei Áurea, acabou sendo exaltado, em alguns registros sobre o fato, como um distinto abolicionista. Ao passo que Pelé, ao receber sua coroa, estaria, simbolicamente, dando continuidade a esse processo. Uma matéria do jornal O Globo publicada no dia 19/11/2019<sup>39</sup>, por ocasião do aniversário de 50 anos do milésimo gol, revela um pouco da ênfase do passado “nobre” do objeto. A matéria tem por título “50 fatos que você não sabia sobre o milésimo gol” e traz a seguinte informação em sua curiosidade número 32:

Pelé recebeu uma coroa de ouro 22 quilates avaliada em 50 mil cruzeiros novos do Clube de Diretores e Lojistas de Belo Horizonte. A coroa pertenceu ao ministro abolicionista Antonio Ferreira Viana e foi feita pelo mesmo ourives francês que confeccionou o adorno imperial de Dom Pedro II. (O GLOBO, 2019)

O fato da coroação aconteceu nas dependências do estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, pouco antes do início da partida entre Atlético Mineiro e Santos, durante as homenagens feitas ao ex-jogador no dia 23 de novembro 1969, quatro dias após seu milésimo gol marcado no estádio do Maracanã. Segundo matéria<sup>40</sup> da Revista Placar nº 8 de 8 de maio

<sup>38</sup> Fonte: Arquivo Nacional - <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/antonio-ferreira-viana>

<sup>39</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/50-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-milesimo-gol-de-pele-1-24087178>

<sup>40</sup> Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=0qvn6jiJ2VwC&pg=PA24&lpg=PA24&dq=Pe%C3%A9+coroa+ouro+antonio+ferreira+viana&source=bl&ots=5Uz70ID0Zz&sig=ACfU3U2sYltUwiKJWpxQKm8PJRcZbFAi sg&hl=pt->

de 1970, intitulada “O mistério da coroa”, o objeto teria sido doado pelo Clube de Diretores Lojistas que havia adquirido de uma família colecionadora residente em Minas Gerais: “No começo deste ano, a família Sousa Lima, de Belo Horizonte, que coleciona objetos históricos, comprou-a. Depois, o Clube dos Diretores Lojistas de Minas adquiriu-a por NCr\$ 50 000.00” (PLACAR, 1970, p. 24).

Não caberia nesse momento, uma investigação acadêmica diligente que tivesse a finalidade de averiguar se a coroa chegou a pertencer, de fato, ao ex-ministro imperial. Neste caso específico, as narrativas que foram elaboradas no momento da cerimônia e a posteriori, como no caso das revistas e periódicos, se tornaram maiores e mais significativas do que a duvidosa procedência do objeto. Para todos os fins, o que mais interessa para a pesquisa é como essa tese foi usada para tecer atualizações de memória sobre o mito e, assim, agregar novos e pertinentes elementos ao imaginário que associava o ex-jogador à glória e redenção negra.

Imagem 22



Legenda: Antes da partida contra o Galo, Pelé recebe a coroa que pertenceu ao ex-ministro imperial da Justiça, Antônio Ferreira Viana. Fonte: REVISTA PLACAR, 08/05/1970

Imagem 23 Coroação de Pelé



Fonte: JORNAL O GLOBO, 24/11/1969.

Nas fotos acima, o tom de “realeza” é reforçado pela composição da coroa e da posição do jogador em saudar o público, aqui entendido como súditos, entretanto, além do que visualmente se pode averiguar, há outras camadas de representação que ainda precisam ser exploradas. Pouco se falou sobre a intencionalidade e o poder de representação dos textos e imagens veiculadas sobre o referido acontecimento. Imagens como essas têm por objetivo reforçar, cristalizar e enquadrar certa memória (POLLAK, 1992). Da mesma forma que a cerimônia de coroação abordada no primeiro capítulo, esta também carrega a característica de teatralização como meio didático para um determinado fim. Para além de reforçar a ideia de “Rei do Futebol” já bastante presente no imaginário social da época, as interpretações a respeito do fato trataram de enfatizar, a partir da suposta procedência da coroa, novos sentidos para além do futebol que tocavam sensivelmente na memória nacional e no passado escravista.

O fato carrega consigo um simbolismo que diz muito sobre o que Pelé, no auge de sua carreira profissional, chegou a representar em termos raciais. Coroá-lo publicamente com a coroa de um ex-ministro dito “abolicionista” seria a performance pública que daria materialidade e mostraria a força da concepção messiânica de Mário Filho, que em 1964 havia escrito que o advento de Pelé havia sido providencial para completar a tarefa inacabada de libertação, então simbolizada pela assinatura da Princesa Isabel. Ele seria, portanto, um continuador da obra dos abolicionistas do passado, ou ainda, segundo a atualização proposta, a culminação e consagração máxima do legado deixado por vultos como Antônio Ferreira Viana.

A teatralidade e simbolismo do momento também se revela na matéria publicada na revista esportiva Placar, em 1970, em que se narra que o objeto teria sido colocado na cabeça de Pelé pelas mãos de três garotos pobres: “três meninos pobres e descalços que estavam na entrada do Mineirão foram escolhidos para colocá-la na cabeça de Pelé, um representante da raça escrava de ontem, que Antônio Ferreira Viana ajudou a libertar” (PLACAR, nº 8, maio de 1970, p. 24). Mais uma vez, o vulto histórico de Ferreira Viana como libertador que teria em Pelé seu mais novo herdeiro e continuador de sua tarefa, deu o tom tanto da performance, quanto das narrativas que tentaram descrever este evento, como no caso da Revista Placar.

A intencionalidade dessa representação através de “três meninos pobres descalços” coroando Pelé também me parece bastante significativa e digna de uma reflexão. É como se os organizadores daquele momento estivessem tecendo o seguinte roteiro: as novas gerações de negros “libertados” simbolicamente por Pelé estariam ali representadas naqueles três garotos descalços que, por meio daquele ato de coroação, demonstravam seu respeito, sua admiração e sua gratidão ao mais novo “abolicionista” brasileiro. Por outro lado, não se pode deixar de imaginar que houve também uma tentativa de fortalecimento e atualização da biografia de Pelé, este, tendo nos três meninos pobres uma representação de sua “infância sofrida”, e de como o menino/homem que venceu os obstáculos da vida agora passa a ser, literalmente, coroado por seus méritos e seu esforço, mesmo em condições adversas. A matéria ainda enfatiza ser Pelé um “representante da raça escrava de ontem, que Antônio Ferreira Viana ajudou a libertar”. Com isso, evoca-se imagens cristalizadas e estereotipadas a respeito da escravidão sempre associada aos negros, mas, para além disso, sugere ser Pelé a pessoa ideal para receber a coroa de Ferreira Viana, pois seria o “Rei” um continuador de sua missão social.

A Revista Placar, ainda na edição nº 8 de 1970, em outra matéria intitulada “A coroa de Ferreira Viana”, e assinada por Pedro Calmon, traça um histórico do ex-ministro imperial e de sua coroa que, segundo o escritor, teria passado um bom período de tempo esquecida pela opinião pública, quando, em razão do milésimo gol, reapareceu ante os holofotes com Pelé. Para Calmon, tal acontecimento teria sido obra do destino, o qual havia reservado a coroa para um herói à altura de Ferreira Viana, ou seja, que representasse bem seus valores de liberdade, dignidade e igualdade racial.

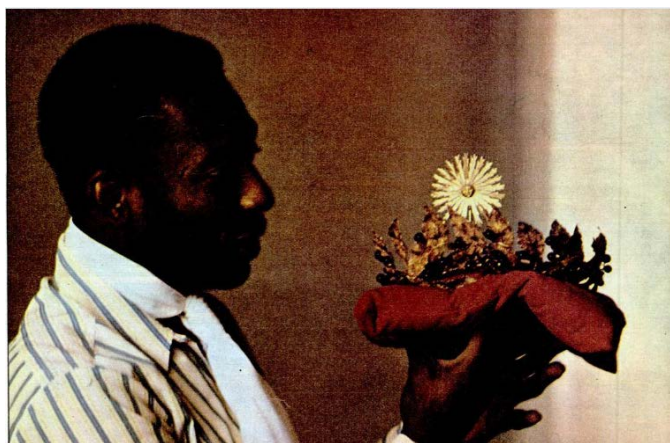
O conselheiro Antônio Ferreira Viana foi homem de vanguarda do Ministério abolicionista. [...] Desbaratou as hipóteses de procrastinação desfraldando a fórmula de abolição total, imediata e gratuita. [...] Dizem que a coroa caiu em consequência da abolição. A Ferreira Viana, porém, o entusiasmo público prodigalizou várias. Duas ganhou em 1867. A 23 de novembro. Dos homens do comércio. [...] Mas o

tempo costuma ser cruel com troféus e relíquias. Já ninguém se lembrava das coroas de ouro do Conselheiro quando, ultimamente, reapareceu. [...] Reapareceu na apoteose ao milésimo gol desse maravilhoso atleta que é Pelé. Por um destino singular, devolvida um século depois às fontes da emoção pública onde se tecem as coroas legítimas. [...] Uma coroa para cada herói. (PLACAR, 1970, p. 25)

O texto de Calmon busca transmitir a ideia de que não havia outra pessoa mais digna de receber a coroa, do que Pelé. O autor usa como forma de consagração uma estratégia argumentativa que busca, primeiramente, enaltecer Ferreira Viana como “homem de vanguarda do Ministério abolicionista”, para, em seguida, por associação direta, tecer elogios a seu novo dono, estabelecendo, assim, uma ideia de herança simbólica e continuidade histórica dos propósitos abolicionistas de Viana. “Uma coroa para cada herói”, escreve Calmon. Ou seja, aquele que salva, que liberta, que tira do cativeiro, que muda a situação, que se eterniza como personificação de uma causa. Na condição de herói de um povo e continuador de uma tradição de nobres valores humanos de liberdade, Pelé passaria, segundo essa concepção épica e romântica, para os livros de História ao lado de grandes expoentes brasileiros, pensados para serem símbolos nacionais de emancipação nacional, como Tiradentes, por exemplo.

A última foto publicada na reportagem traz a imagem do ex-jogador contemplando a joia em suas mãos. A legenda, mais uma vez, dá ênfase ao passado do objeto, correlacionando-o ao período da escravidão, justamente para causar surpresa ao leitor que, mais de 80 anos após a abolição, agora se depara com um negro sendo imortalizado ao recebê-la. Não qualquer negro ou qualquer jogador, mas o “Rei do Futebol”. Tanto foto, quanto legenda, cumprem papel semelhante: gerar uma ideia de quebra, mudança e superação radical de valores considerados ultrapassados. Isso provaria, em tese, o avanço da sociedade brasileira. Eis, portanto, a nova era de civilidade e tolerância: um negro sendo coroado com a joia que, em tempos passados, havia representado a luta pela liberdade de seus semelhantes.

Imagem 24



A história diz que essa coroa pertenceu a um conselheiro do tempo da escravidão, agora pertence somente ao Rei do futebol.

Legenda: A legenda da foto diz: “A história diz que essa coroa pertenceu a um conselheiro do tempo da escravidão, agora pertence somente ao Rei do futebol.”

Fonte: PLACAR, 1970, nº8, p. 12.

Todos esses discursos não podem ser desassociados da ideia de construção de um determinado tipo de identidade nacional. A saber, a idealização de um país que teria vencido as barreiras raciais que, no passado, tanto mancharam a história brasileira. Esse mesmo país, ferido e profundamente marcado por um passado violento e excludente, estaria sendo renovado e em processo de quitação de suas dívidas históricas graças a significativa contribuição de Pelé, que é pensado, dentro dessa mitologia, como um herói nacional. Os próprios ângulos das fotografias dos periódicos citados, com o ex-jogador sempre no alto, acima dos demais, sugerem um homem imponente, forte e líder, afinal, o que mais faria um “Rei” senão conduzir e inspirar seus súditos e sua nação?

A seguir, continuarei a tratar da concepção messiânica de Pelé como um libertador da raça. Dessa vez, apresentarei alguns trechos de obras biográficas que, em determinados momentos, focalizaram a questão do corpo negro do ex-jogador e suas escolhas estéticas enquanto um símbolo de resistência e de afirmação de uma identidade. Fato que, para alguns autores, soará como um pioneirismo revolucionário na maneira do jogador brasileiro afrodescendente se enxergar e se colocar no mundo.



### 3.3 “Pelé não mandou esticar os cabelos”: o papel do corpo na invenção do ícone negro

A ideia de que “*um novo tempo*” em termos raciais havia se iniciado com a ascensão de Pelé já estava presente no pensamento de Mário Filho um ano antes de publicar a segunda edição de NFB, em sua biografia “Viagem em torno de Pelé” (1963). Nessa obra, o escritor referencia mais uma vez a aparência física dos pais do jogador ao mesmo tempo em que afirma seu papel de “divisor de águas” e novo paradigma. Ele seria o exemplo para os demais negros tanto em termos futebolísticos, como na forma com que lidava com seus traços naturais, pois não procurava maquiá-los para parecer branco. Nesse sentido, passaria uma mensagem de autoestima e autoaceitação através não de discursos, mas, sobretudo, através de seu exemplo de apenas ser como é, sem grandes afetações ou crises existenciais em relação aos próprios traços negros. Fomentaria, dessa maneira, o orgulho em seus iguais, dado que todos se identificariam com ele ao se aceitarem negros. As ideias de Mário Filho estabelecem, com isso, um ideal de brasilidade, visto que dialogam com o tipo nacional pensado por Nelson Rodrigues, ou seja, uma identidade nacional que seria autoconfiante e que ao invés de buscar suas referências somente no estrangeiro, cultivaria e honraria as características nacionais próprias do Brasil, de maneira que o sentimento de inferioridade nacional pudesse ser definitivamente banido.

Em texto que se encontra na Nota ao Leitor da segunda edição de NFB, o autor descreve porque Pelé deve ser reconhecido politicamente como um ícone negro de sua geração. Diferente daqueles que nas últimas três décadas têm sido duros críticos da postura do ex-jogador (imprensa, comentaristas, militantes do movimento negro, etc), os parâmetros de Mário Filho se limitam à questão de como Pelé lidava com o corpo, em especial, com sua estética. Longe de questionar o que hoje sempre se é acionado nas falas antiPelé, ou seja, a tão proclamada falta de engajamento na luta antirracista; ou até mesmo o não reconhecimento do problema do racismo no Brasil, Mário Filho foca em um dito orgulho que Pelé, em sua postura de homem e atleta negro, transmitiria àqueles que o viam dentro e fora de campo. Para o autor, já era o suficiente para que, a partir de seu exemplo de autoaceitação, outros negros e mestiços também se sentissem orgulhosos de si mesmos.

Os pretos do futebol procuraram, à medida que ascendiam, ser menos pretos. Esquecendo-se de não se lembrar mesmo em alguns casos, que eram pretos. Mandando esticar os cabelos, fazendo operações plásticas, fugindo da cor. Daí a importância de Pelé, o Rei do futebol, que faz questão de ser preto. Não para afrontar ninguém, mas para exaltar a mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de

pretos que o preparou para a glória. Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer as barreiras raciais do que Pelé. Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da Terra. Quem bate palmas para ele bate palmas para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avó, como o tio, como os irmãos. Para exaltá-los, exalta o preto. (RODRIGUES FILHO, 1964)

Há no texto de Mário Filho a descrição de um insubmisso. Alguém que recusava-se a sucumbir, tal qual alguns de seus irmãos de cor, aos padrões de beleza e estética branca. O texto idealiza um sujeito que não seria levado pelo vento dos modismos que se impunham de cima para baixo, alguém consciente de seu papel, conhecedor de suas raízes e que prezava por sua autenticidade. Pelé não teria como referência estética as estrelas de cinema da década de 1960, estas, predominantemente brancas, mas sua família de gente simples composta de pretos. Não bastasse essa ênfase no local, no chamado orgulho da família nuclear de Três Corações/Bauru, Mário Filho atribuiu a Pelé uma relevância política que extrapolaria as fronteiras brasileiras, visto que sua influência em “varrer as barreiras raciais” teria se espalhado por todo o mundo. Nessa luta simbólica, o cabelo aparece como uma das principais armas de combate ao racismo e valorização dos negros.

Ora, o conceito de “performatividade” enquanto ato contínuo de politização do corpo, cunhado por Judith Butler, pode auxiliar na compreensão do texto de Mário Filho na medida em que o jornalista sugere um uso político do corpo de Pelé em razão de que, no metafórico palco social, o jogador estaria a performar por meio da afirmação pública de seu cabelo natural em contraposição a um sistema que sempre buscou enquadrá-lo dado sua condição de negro. A importância do corpo político no discurso racial de Mário Filho, através do qual afirma Pelé como um fenômeno transformador da realidade social, é central e ajudaria a solidificar uma determinada identidade por meio dessa performance, visto que, conforme escreveu Butler,

atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2003, p. 194).

Para o autor, o jovem de Três Corações seria, sem saber, um revolucionário: “*Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer as barreiras raciais do que Pelé.*” A afirmação contundente do autor deve ser vista sempre atrelada ao seu contexto. Por mais que durante toda a década de 60 os movimentos e organizações sociais pelos direitos civis

estivessem em plena ebulição nos EUA e, de lá, se espalharam para outros continentes, não havia, para Mário Filho, quem mais estivesse contribuindo de maneira mais eficiente para o combate à desigualdade social, do que Pelé. Isso porque o autor, enquanto admirador e multiplicador das ideias de Gilberto Freyre, enxergava na celebração das raças e das misturas, e não propriamente no enfrentamento das mesmas no campo político dos discursos, a saída para o fim da discriminação racial. Daí porque sua argumentação caminha no sentido de afirmar que Pelé, em sua trajetória de pessoa negra pública, nunca “afrontou ninguém”, pois teria sempre tomado atitudes que pudessem “exaltar” primeiro a si mesmo e, depois, sua “mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para a glória”.

A argumentação de Mário Filho procura estender ao máximo a noção de orgulho para que não somente os aspectos de saberes e heranças culturais sejam contemplados, mas para que a raça seja um elemento sempre presente e central, eu diria, dentro dessa leitura de mundo. Além disso, o racismo no Brasil pode ser pensado, segundo o texto do jornalista, como “antes” e “depois” de Pelé, dado o tamanho de seu impacto nas relações sociais:

cada brasileiro se sentia um pouco Pelé. Um brasileiro fôra escolhido para ser Pelé. Poderia ter sido qualquer um dêles. Era o sangue, era a raça. Era bom ser prêto para ser mais Pelé. Todos sentiam isso. [...] Pelé gostava de ser Prêto. Se não fosse Prêto não seria filho de Dondinho. Por causa dele haveria menos racismo. [...] Não mandara espichar o cabelo como outros prêtos, antes dele, que queriam ser menos prêtos. Êle queria ser como era, prêto como Dondinho, como Dona Celeste. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 347, 348)

“Por causa dele haveria menos racismo”. Essa afirmação lida hoje ou até mesmo na década seguinte a que foi escrita (anos 70), passou a não carregar mais o mesmo peso e significado inicial, isso porque o tempo se encarregou, no texto, de ombrear Pelé a outros negros que contribuíram para o enfrentamento da desigualdade racial, como pastor e ativista Martin Luther King Jr, que no mesmo ano de 1963 faria seu histórico discurso em Washington: “I have a dream”. Neste ponto, é necessário cautela para não cair nas armadilhas da memória, pois é evidente que, passados mais de 50 anos, a figura de Luther King é hoje tida de forma global como um mártir e está muito mais forte e representativa do que no início dos anos 60. É provável que Mário Filho nem estivesse pensando em King ao escrever o trecho, no entanto, com o passar dos anos, tal comparação passou a ser praticamente inevitável, dado o contexto posterior de conquista dos direitos civis e o peso histórico que a figura do pastor batista passou a receber. A afirmação, embora não dê por encerrado o racismo no mundo como consequência da atuação esportiva de Pelé, acaba por situá-lo numa posição de conciliador e ponto de equilíbrio na resolução de conflitos raciais ainda latentes.

Outra questão a ser observada no texto, é a ênfase na estética como arma política de afirmação de identidades, em que, mais uma vez, o elemento do cabelo se faz presente na narrativa. Aceitar-se de forma integral fazia parte da afirmação de suas identidades que por tanto tempo no passado foram reprimidas. Para o autor, isso faria de Pelé um espelho, uma referência. O texto, entretanto, não se limita apenas ao chamado impacto de Pelé sobre os negros, antes, estende sua influência também para os brancos ao afirmar que “cada brasileiro se sentia um pouco Pelé”, ressaltando, dessa forma, que cada cidadão se identificava e se enxergava, de alguma forma, como parte da nação multirracial que havia gerado o chamado “Rei” dos gramados. Para que tal fenômeno individual e ao mesmo tempo coletivo acontecesse em plena década de 60, o elemento do racismo precisaria estar completamente ausente da realidade. De fato, esse será o esforço do jornalista, buscar comprovar a harmonia racial brasileira através da trajetória do jogador santista.

Para entender porque o escritor eleva Pelé a um patamar tão alto e inatingível no que diz respeito a relação com seu corpo, é necessário cruzar diferentes escritos como a biografia já citada “Viagem em torno de Pelé” (1963) e NFB (1947/1964). Em toda sua obra, o autor busca contrastar o que entende ser o modelo de negro perfeito que “não mandou esticar os cabelos” (Pelé) e o antimodelo de negro que se submeteu aos valores que apagavam sua negritude. A respeito dessa última categoria, são citados três exemplos repetidos durante todo o livro: Carlos Alberto e Róbson, ambos jogadores que passaram pelo Fluminense; e Arthur Friedenreich<sup>41</sup>. Todos jogadores mestiços que tiveram problemas por conta do tom de pele.

Conta Mário Filho, no livro NFB (1964), que Carlos Alberto, jogador do Fluminense em 1914, costumava passar pó de arroz no rosto para disfarçar sua tonalidade mestiça:

Tinha que entrar em campo, correr para o lugar mais cheio de moças na arquibancada. [...] Era o momento que Carlos Alberto mais temia. Preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de pó de arroz, ficando quase cinzento. [...] A torcida do Fluminense procurava esquecer-se que Carlos Alberto era mulato. Um bom rapaz, muito fino. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 53)

Semelhantemente, Róbson, jogador tricolor que atuou na década de 1950, teria tomado carona no carro de homem chamado Benício Ferreira, juntamente com o também jogador Orlando (Pingo de Ouro), até a Sede do Fluminense. À certa altura do traslado, um casal de

---

<sup>41</sup> Arthur Friedenreich (1892 -1969) era filho de imigrante alemão com brasileira negra. Foi a primeira referência de grande jogador do futebol brasileiro no contexto amador que findou em 1933. Após boa atuação contra os uruguaios pela final do Campeonato Sul-Americano de 1919, ocasião na qual marcou o gol da vitória, foi apelidado pela imprensa uruguaia de “El Tigre”, apelido que o acompanhou pelo restante da carreira. Além da seleção brasileira, atuou por clubes como Germânia, Mackenzie, Ypiranga, Paulistano, São Paulo da Floresta (precursor do São Paulo Futebol Clube), Santos e Flamengo. Friedenreich aposentou-se dos gramados em 1935.

negros atravessou a rua bruscamente, sendo quase atropelados pelo carro em que estavam os jogadores. Tal fato indignou sobremaneira Orlando que teria disparado xingamentos racistas. Ao tentar acalmar o companheiro, narra o autor que Róbson teria dito: “Não faz, Orlando. Eu já fui preto e sei o que é isso.” (RORIGUES FILHO, 1964, p. 359)

Tanto a passagem de Carlos Alberto, quanto a de Róbson, trazem em seu texto a percepção do autor de que a liberdade dos negros ainda não era plena, pois ser negro ainda era sinônimo de maldição, para o branco e para o negro, que de forma impressionante internalizava tal maldição e buscava meios para enquadrar-se socialmente, seja mudando seu corpo, seja negando sua própria condição a partir da ascensão social ou trânsito em determinados espaços privilegiados. Os fragmentos citados acima evidenciam ainda uma lógica dramática na narrativa, tal qual o modelo proposto na jornada do herói. A saga tem início com os jogadores negros que, antes completamente excluídos dos clubes, logo seriam incorporados. Todavia, precisariam esconder seus traços naturais por um período que atravessaria boa parte da primeira metade do século XX. Alguns anos depois, já completamente inseridos no futebol profissional, reafirmariam sua insubmissão e identidade de maneira definitiva a partir do exemplo de Pelé, jogador que se impôs através de seu talento no Brasil e em todo o globo. Este, ao contrário dos demais, não assumiu para si o peso esmagador da maldição social do negro. Para o jornalista, Pelé era diferente, pois se portava como um rei que sabe não ter nada a temer, ainda que sua pele não fosse sinônimo de beleza ou aceitação social. Seguia em frente sendo ele mesmo e, dessa maneira, encorajando muitos a se inspirarem em seu exemplo. Era o desfecho heroico e redentor da saga no negro no futebol nacional.

Mas para continuar a entender essa relação de contraste que Mário Filho estabelece para, por fim, entronizar o herói que supostamente destruiria padrões, é necessário analisar o que o escritor registrou a respeito de Friedenreich, afinal, dos três, ele foi o único que, até onde se sabe, frequentemente esticava seus cabelos, elemento que o autor enfatiza inúmeras vezes em seus livros como sendo um grande trunfo de Pelé: a saber, o fato de manter seu cabelo sempre natural. Citarei a seguir um fragmento do livro “O negro no futebol brasileiro”, edição 1964, onde o autor descreve o comportamento e a aparência de Friedenreich antes das partidas que disputava:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amansando o cabelo. Primeiro untava o cabelo de brilhantina. Depois, com o pente, puxava o cabelo para trás. O cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar. Friedenreich tinha de puxar o pente

com força, para trás, com a mão livre segurar o cabelo. Senão ele não ficava colado na cabeça, como uma carapuça. O pente, a mão, não bastavam. Era preciso amarrar a cabeça com uma toalha, fazer da toalha um turbante e enterrá-lo na cabeça. E ficar esperando que assentasse. [...] O cabelo do Arthur, bem preto, bem espichado, brilhava ao sol. Não parecia cabelo dele. Parecia mais cabelo postiço, colado na cabeça com goma arábica. [...] Não era cabelo positivo, era cabelo “não nega”. Denunciando o mulato Friedenreich. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 54, 56.)

### Imagem 25



Legenda: Arthur Friedenreich e seu cabelo crespo “untado” antes de uma partida. A data da foto é imprecisa.

Fonte: SITE TRIVELA.

Ao ler a descrição minuciosa de como Friedenreich manipularia seu cabelo para disfarçar seu sangue negro, logo se entende porque na obra biográfica do ano anterior e até mesmo nas últimas páginas da obra citada acima, o autor exalta, após toda a construção do arco dramático dos negros e mestiços, a figura de Pelé. Este teria a importância simbólica de demarcar, a partir do futebol, uma nova era social. Teria influenciado não apenas a maneira como o negro seria visto pelos brancos, mas, inclusive, a própria relação do negro com o seu próprio corpo, antes de negação, vergonha e inferioridade. Agora não seria mais necessário se submeter ao humilhante e fisicamente desconfortável ritual quase diário de esconder ou tentar alisar o próprio cabelo. Para quê alisar o cabelo se o “Rei” não o fizera? “Se Pelé era preto, podia-se ser preto” (RODRIGUES FILHO, 1964). O que se pode inferir das palavras de Filho é que, para o autor, Pelé teria suscitado o despertar de uma autoconsciência negra crítica em relação aos corpos negros e sua aceitabilidade estética em todo o tecido social.

O jornalista atribui uma importância histórica e revolucionária ao ex-jogador como nenhum outro autor o fez. Os negros estariam livres não apenas das amarras estéticas que lhes foram impostas como condição de transição nas diversas esferas, mas estariam, sobretudo, livres socialmente de todo o peso histórico e simbólico carregado desde a incompletude da abolição, e que continuou a relegá-los às margens da civilização. Dentro desse enredo, afirmar-se categoricamente como “preto”, algo antes tido como vergonhoso como o fizera

Róbson, teria ganhado, pós-Pelé, novo significado: identificar-se com algo maior, com a causa da autoafirmação e liberdade.

Os companheiros de Pelé do escrete brasileiro, pretos como ele, ou mulatos, mas de cabelos 'não nega', nunca o tratam de Pelé. Nem de 'Rei'. São duas palavras proibidas, embora cada uma deles dissesse tudo. Por acordo tácito saúdam-no com 'o Preto'. '- Crioulo!' É a maneira mais fácil de exaltarem a própria cor. Olhando-se no espelho de Pelé. Se Pelé é preto, pode-se ser preto. Quem é preto deve ser preto. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 496)

O enredo caracteriza Pelé como um subversivo das normas sociais e dos padrões estéticos impostos ao povo negro. Não eram mais necessárias as toucas para esconder o cabelo enrolado, pois ele havia ressignificado o cabelo afro. O que antes era vergonha, agora era orgulho estampado no frondoso topete, como o que sempre caracterizou o penteado do jogador santista. Além de todos esses feitos, ele também teria agregado valor ao “ser negro” quando ganhou uma Copa do Mundo sendo protagonista aos 17 anos contra uma seleção europeia composta por brancos, fato que dissipou, dessa forma, todas as crenças e teorias de inferioridade da qual eram alvos os afrodescendentes. Herança maldita, diz o autor, das gerações passadas, em particular a de 1950 que, dentro da intriga criada pelo jornalista, foram responsáveis por terem feito gerações de jogadores negros caírem em desgraça e absoluta desconfiança. Por tudo isso, a narrativa ainda agrega a Pelé valores de um ser extraordinário e inspirador, posto que “superou os obstáculos que poderiam entravar sua inspiração e conseguiu valorizar, otimizar as condições propícias a seu desenvolvimento”. (DOSSE, 2009, p. 85)

Assim, conforme afirma Antônio Jorge Soares (2001), Mário Filho trata o bicampeonato mundial conquistado por Pelé e Garrincha, como o ponto de virada e redenção do negro brasileiro que havia sido crucificado na chamada “tragédia de 1950”. O escritor atribui a ambos o papel de revolucionários, todavia, revolucionários silenciosos, pois estariam modificando mentalidades e revertendo preconceitos pelo simples fato de exercerem seus ofícios de jogadores de futebol com competência única. Todavia, afirma Soares, nada possuía mais força dentro dessa narrativa do que o dito orgulho negro que exalava de Pelé. Para Mário Filho, era o que o tornara diferente de outros ídolos negros que o antecederam no Brasil, logo, dentro dessa lógica, sua imagem de sucesso ajudaria a consolidar uma identidade nacional que se ancorava no fenômeno da negritude e da mestiçagem:

Os novos problemas enfrentados pelo negro na derrota de 50 só seriam superados definitivamente com a vitória na Copa de 58. O mulato, Garrincha, e o preto, Pelé, saíam heróis nacionais nas Copas de 58 e 62. Mas é com a figura de Pelé que, definitivamente, Mário Filho vai demonstrar que o negro poderia ser negro e ter orgulho de sua raça. A narrativa indicaria Pelé com mais atributos de nobreza que os

heróis anteriores. Friedenreich e Leônidas da Silva, também negros, se diferenciariam de Pelé por não terem o mesmo orgulho da cor ou da raça. [...] Pelé, na narrativa, teria ascendido socialmente sem requerer o embranquecimento. (SOARES, 201, p. 25-26)

Nas passagens citadas anteriormente, foi possível perceber uma defesa do ex-jogador pelo fato de ter colaborado para uma possível diminuição do racismo no Brasil e no mundo. Pelé seria herói nacional não apenas pelas conquistas esportivas, mas, sobretudo, por usar seu corpo como instrumento político de conscientização. Quer de brancos, quer de negros. Eis aí, para o autor, a grande revolução realizada por Pelé. Para Mário Filho, a contribuição do ex-jogador não havia se dado por intermédio de atos políticos ou retórica combativa, mas sim em ter contribuído para que, paulatinamente, os jogadores negros fossem vistos com naturalidade nos clubes europeus. Assim, se não era possível ter um Pelé no time, contentava-se com outro jogador negro. Tal mudança de mentalidade que agora depositava confiança no futebol dos negros só teria sido possível graças à demonstração do talento do jovem santista que, para o autor, havia educado o olhar e a sensibilidade de pessoas afetadas por uma percepção de mundo racista. Tais pessoas, agora, naturalizavam a possibilidade de admirarem um jogador preto em seus clubes:

Deus dera-lhe a cor, mas lhe dera Dondinho e dona Celeste, vovó Ambrosina e tio Jorge. Para que ele fosse mais do que um preto. Para que ele fosse 'o Preto'. E ajudasse, pela admiração que despertava, como jogador e como homem, a quebrar barreiras raciais. Clubes de todo o Mundo sonham com um Pelé, com um preto. Querendo Pelé, sonhando com um Pelé foram se acostumando com o preto. A querer um preto, mesmo que não fosse Pelé. [...] Assim Pelé cumpria uma missão. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 498, 499)

A afirmação de que Pelé era mais do que “um preto”, mas “o Preto”, busca sedimentar sua imagem como uma referência mundial para a qual todos buscavam admirar e se espelhar. Essa era, por conseguinte, a “missão” que o ex-jogador estaria cumprindo. Neste ponto, o termo “missão” acentua mais uma vez o caráter messiânico e redentor de sua trajetória, o que torna sua figura muito próxima de uma entidade mística enviada para cumprir propósitos divinos na terra.

Outro ponto relevante a ser comentado, é que a obra de Mário Filho acaba, por vezes, naturalizando o discurso racista sofrido pelo ex-jogador no início de sua carreira. É o caso, por exemplo, da passagem em que narra o surgimento do apelido “Gasolina” (referência direta e grosseira de sua pele negra à cor do petróleo), dado pelo jogador Wilson, ex-companheiro do Santos FC durante os primeiros meses de Pelé no clube da Baixada Santista. Fruto de uma época em que a ética do politicamente correto e as discussões de desconstrução



do racismo presente no discurso ainda não haviam, no Brasil, ultrapassado as fronteiras dos movimentos negros, o autor acaba chancelando e classificando como “elogio” algo que, nos dias de hoje, soaria como algo extremamente ofensivo. Tanto que, passadas algumas décadas, surgiram obras que problematizavam o acontecido. Esse exemplo torna-se sintomático, pois evidencia como a produção biográfica é influenciada pelas concepções de seu tempo.

Deve-se lembrar, ainda, que o conceito de “racismo” da época, ainda mais para um homem branco de classe média alta como Mário Filho, não era tão amplo como nos dias atuais. Afinal, sua obra dá margem para se chegar à conclusão de que discriminação racial era algo institucional e distante da realidade brasileira, como no caso dos Estados Unidos segregacionista. Mas para além do peso do contexto na formatação dessas ideias, minha tese é que o jornalista estava a tal ponto tomado pela ideia de democracia racial e por seu propósito em provar sua teoria de diminuição do racismo em decorrência do sucesso de Pelé, que recusava-se a enxergar como racismo uma atitude como essa, por exemplo. Hoje, com o devido distanciamento histórico, percebe-se como o deslumbramento do autor com o chamado declínio do racismo no Brasil, estava engessada por sua visão sociológica:

Uma tarde, Wilson saudou Pelé com um apelido novo: - Gasolina! [...] Chamara Pelé de gasolina impressionado com a fome de bola do negrinho. Parecia que Pelé enchia o tanque antes de entrar em campo. [...] Pelé gostou do Gasolina. Era um elogio. - Vai, Gasolina – gritavam. E Pelé corria mais ainda. (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 66)

Em suas duas autobiografias, “Eu sou Pelé” (1961) e “Pelé, a autobiografia” (2006), o ex-atleta comenta o caso de forma discreta em poucas linhas. Em certo momento, chega, assim como Mário Filho, a naturalizar a postura racista de seus companheiros, ao usar o termo “apelido afetuoso” para definir o termo:

Logo fiquei amigo do pessoal do Santos, e eles me tratavam com carinho. O Wilson, aquele zagueiro central que foi do Vasco da Gama, me botou o apelido de Gasolina. Cheguei a pensar que esse acabaria sendo meu nome de guerra, no Santos, pois todos passaram a me chamar de Gasolina durante bons tempos. (BARBOSA, 1961, p. 92)

No Santos, fui chamado de Gasolina. [...] Fiquei imaginando... Será que pega? Haveria um jogo-treino na cidade de Cubatão. [...] Vencemos por 6-1, com quatro gols meus. [...] Aquilo pôs fim também ao apelido afetuoso de Gasolina que tinham me posto logo na chegada – depois do jogo, passei a ser Pelé outra vez. (NASCIMENTO, 2006, p. 74)

A crítica antirracista nunca foi uma marca da personalidade de Pelé, tanto que, como se pode observar nas citações acima, existe um espaço de tempo de 45 anos entre a primeira

descrição do fato e a segunda. Durante esse período intermediário, como já enfatizei, o conceito de “racismo” tornou-se muito mais abrangente, contemplando tanto a cultura, os costumes, como também complexa esfera da linguagem. Entretanto, o ex-futebolista mantém o mesmo posicionamento e descreve o episódio de maneira leve e até mesmo generosa e saudosista. Como abordarei no tópico 1.5, essa incompatibilidade entre a cultura e os valores de Pelé, irá desgastá-lo dentro do campo de disputas por sua memória biográfica.

Já a jornalista e militante Angélica Basthi, autora da biografia “Pelé, estrela negra em campos verdes” (2008), atualizou e deu novos sentidos políticos a esse acontecimento, pois realiza uma leitura crítica que identifica a ausência dessa problemática nas diversas narrativas da vida do ex-atleta:

Ao longo da trajetória de Pelé, nunca houve uma associação direta da imagem do jogador negro com os problemas específicos da população negra no Brasil. O próprio Pelé se encarregaria disso, afirmando nunca ter sofrido racismo.[...] Pelé colecionou apelidos racistas que faziam referência ao tom de sua pele: “Gasolina”, “Alemão”, “Crioulo”. [...] Na prática, acaba fazendo referência à pessoa negra de maneira que o tom de sua pele se transforme no eixo principal em suas relações sociais.” (BASTHI, 2008, p. 47-48)

Ao cruzar todas as citações acima, temos diferentes cenários e diferentes abordagens da memória. Além das influências intelectuais de cada autor, o contexto em que cada passagem foi produzida, certamente influenciou no reconhecimento ou não do racismo praticado contra o jovem atacante do Santos. Além disso, cada autor trabalha o corpo de Pelé de forma diferente. Mário Filho parte de um apelido racista para justificar o porquê de Pelé “correr mais ainda” dentro de campo e se destacar entre os demais jogadores. Angélica, por sua vez, traz em sua abordagem argumentos que tentam explicar a prática de apelidos em pessoas negras como um sintoma do racismo estrutural presente no Brasil.

### **3.4 Continuidade e atualização da mitologia: narrativas raciais messiânicas do século XXI**

Como demonstrarei no próximo capítulo, a visão messiânica de Pelé como novo redentor da raça negra sofreria incontáveis abalos ao longo da década de 70, 80, chegando até ao novo milênio com configurações completamente diferentes daquelas fabricadas inicialmente. Isso não impediu, no entanto, que mesmo no século XXI, novas narrativas

pudessem ser tecidas a partir desse imaginário idealizado do começo da década de 1960, fato que demonstra a força e a durabilidade dessa memória que se reinventa e se atualiza como meio de se adaptar. As novas velhas abordagens podem ser encontradas em livros de futebol, selos postais e cinebiografias. Por hora, não me deterei nas cinebiografias, tendo em vista que o quinto capítulo trabalhará com maior cuidado essa questão. Ao analisar as produções do século XXI, também é possível encontrar componentes de um “projeto redentor” e “conciliador”. Sendo assim, torna-se plausível afirmar que o modelo de identidade nacional pensado e projetado a partir da biografia de Pelé, ainda sobrevive, embora com mais oposição, novas configurações e marcas próprias de seu tempo, como por exemplo, o pouco impacto e adesão popular, tendo em vista que o ex-jogador é popularmente dividido em duas entidades (Edson e Pelé) para que se torne mais “tolerável” para esse mesmo público.

A despeito de sua atual falta apoio popular, a ideologia que tem em Pelé a força motriz de uma identidade coletiva, continuou sobrevivendo através de outros mecanismos como alguns intelectuais, e, evidentemente, o próprio Pelé. De fato, a construção anterior de sua imagem como elo de pacificação e harmonia racial no Brasil foi tão intensa que ele mesmo acabou absorvendo essa ideologia e definindo sua biografia a partir desse processo. Um exemplo disso está em sua autobiografia publicada em 2006, livro em que o ex-jogador reproduz em determinado momento, a ideologia que, conforme apresentei durante todo o subponto anterior, teve forte circulação entre intelectuais e imprensa na década de 60. Desta feita, já no século XXI, Pelé volta a pôr em pauta a mesma questão em seu livro quando declara: “Que tipo de pessoa sou eu? O Pelé, como eu sempre digo, não tem cor, raça ou religião. Ele é aceito em todos os lugares.” (NASCIMENTO, 2006, p. 283). A partir de afirmações do tipo, o ex-jogador reforça a ideia já bastante discutida de que ele, por intermédio do futebol, seria o fator agregador dos povos e das raças, tanto no Brasil quanto em todo o mundo. Sua autobiografia e muitas outras produções biográficas, aliás, a despeito de versarem longamente sobre sua trajetória, possuem como personagem ausente o negro que foi e todas as questões de cunho racial que o atravessaram durante décadas.

Este não é o caso, todavia, da biografia escrita por Angélica Basthi, “Pelé, estrela negra em campos verdes” (2008). Como jornalista e militante do Movimento Negro do Rio de Janeiro, a autora tem sua escrita situada no século XXI, portanto, numa época posterior às conquistas sociais dos negros. Sendo também contemporânea das atuais lutas por mais direitos e contra o racismo estrutural, acabou por projetar na biografia de Pelé o sentimento de avanço do ideal ainda distante de igualdade racial no Brasil, pois o exalta em uma leitura mais politizada do mito, como “garoto coroado rei 70 anos depois da escravidão” (BASTHI, 2008,

p.74). Aqui, mais uma vez, o tempo histórico em que a obra foi produzida dá sentido à narrativa, a qual se mostra extremamente politizada e engajada. Sabe-se que Pelé, apesar de negro, nunca reivindicou nem mesmo em sua autobiografia, o uso político de sua memória em relação às pautas do movimento negro. A frase de Angélica traz uma leitura de resistência e enxerga por outro olhar a coroação de Pelé, passando a florear a narrativa com ares de subversão das estruturas racistas.

Se para Nelson Rodrigues a conquista da primeira Copa em 1958 representou a redenção do futebol brasileiro e a recuperação da autoconfiança nacional ante um olhar de inferioridade, para biógrafas como Angélica Basthi, a Copa de 1958 teve peso simbólico semelhante, porém, mais direcionado: o combate à mentalidade racista que na época também seria latente. Recorde-se que no capítulo I em que foi analisado os elementos da Jornada do Herói presentes nas intrigas biográficas, Angélica Basthi narra o momento em que Pelé, ainda criança, promete a seu pai que um dia chegaria à Seleção e seria campeão do mundo. A autora, naquele momento, atribuiu um significado político-racial ao fato narrado, dando a entender que Pelé teria se lançado em sua Jornada para, além de conquistar o troféu mundial no futuro, fazer com que os negros alcançassem lugares de honra após a assim chamada humilhação em 1950.

Agora, ao se referir ao primeiro título brasileiro, a autora parece justificar que o objetivo de Pelé foi alcançado. Seria o fechamento do ciclo do herói que após aceitar o chamado à aventura e vagar por terras distantes e hostis, retorna de maneira triunfante para seu mundo comum trazendo consigo o elixir da vitória:

Pretos e heróis. Ganhar a Copa do Mundo, isso sim, foi a glória. O Brasil – país que durante a viagem Pelé, secretamente, desconfiou ser a única nação a ter pretos, pois todos os outros times, sem exceção, só tinham brancos - , esse Brasil era campeão do mundial da Copa de 1958. [...] Ser campeão do mundo era também sinônimo de inigualável prestígio internacional. A nação de pretos, em sua maioria, alcançava um patamar totalmente novo – embora sonhado durante 28 anos e cuidadosamente planejado por meses. Era campeã mundial aos olhos de um mundo ocidentalizado que rejeitava reconhecer os descendentes africanos como iguais. No Brasil, o impacto em termos raciais não seria diferente. A Taça Jules Rime era uma resposta simbólica dos jogadores pretos e brancos pobres que sofreram racismo ou preconceito na história do nosso futebol. [...] também simbolizou “um tapa com luva de pelica” no racismo brasileiro. Afinal, por causa das derrotas do Brasil nas Copas de 1950 e 1954, a presença de jogadores negros na seleção foi usada na época para justificar a ideia de que os negros comprometiam o bom desempenho do selecionado. Diziam que, embora exibindo corpos físicos “adaptáveis” ao futebol, os jogadores negros não tinham “equilíbrio emocional” suficiente para definir uma partida em momentos de decisão e conquistar a taça mundial. Daí as derrotas em momentos decisivos nos mundiais. (BASTHI, 2008, p. 61, 62, 64)

Os sentidos raciais e significados simbólicos que Angélica Basthi atribui ao primeiro título mundial conquistado pelo Brasil se assemelha, pelo menos em sua premissa principal, à ideia geral desenvolvida no livro “O negro no futebol brasileiro”, em especial na segunda edição de 1964, quando foi publicado novamente com novos elementos já na era Pelé. Semelhantemente, Angélica entende o título de 1958 como o marco histórico que dá início a um processo de redenção do jogador brasileiro negro que teria sido preterido nas Copas anteriores a partir de argumentos e métodos pretensamente científicos, mas que se mostrariam extremamente racistas e excludentes com o tempo.

Ambos os autores veem em Pelé o símbolo maior desse processo de afirmação racial e conquista de novos espaços de poder, de visibilidade e afirmação. Entretanto, penso que a maior diferença entre as duas abordagens é que Angélica Basthi, a partir de seu lugar social de militante, consegue fazer uma crítica calcada em sua própria experiência de mulher negra que teve de enfrentar episódios de racismo, passando assim a afirmar constantemente em seu texto que Pelé, muito embora tenha sido um ícone negro de grande projeção mundial, não teria dado grandes contribuições para o combate ao racismo. Pensamento contrário ao de Mário Filho que à certa altura de seu livro afirma que a trajetória de sucesso de Pelé fez do Brasil um país menos racista.

Importante frisar mais uma vez que mesmo a teoria da democracia racial tendo sido exaustivamente questionada ao longo de décadas, ela ainda continua a sondar o imaginário brasileiro. Em consequência disso, biografias e outras narrativas foram produzidas em pleno século XXI contendo, ainda, esse “espírito” tão comum nos escritos dos anos 60.

Citarei como primeiro exemplo a biografia “Pelé, o Rei da Bola” (2006), escrita por Maciel de Aguiar, que conforme consta na orelha do seu livro, é “pesquisador do tema escravidão no Vale do Cricaré, Espírito Santo”. Diferente de Angélica Basthi, Aguiar não é negro e, logicamente, não tem parte na militância do movimento, talvez por esse motivo, suas conclusões a respeito de Pelé soem com tons de determinismo racial e biológico, sempre evocando os ditos “ancestrais escravizados” para justificar seus atributos. Nas primeiras páginas de sua biografia, ao dissertar a respeito da copa de 1958 e os feitos de Pelé no torneio, o autor, que fala a partir de seu tempo, ou seja, 48 anos após o ocorrido, projeta no Pelé de 17 anos toda a carga simbólica e o peso do mito que só viria a ser estabelecido simbolicamente como “Rei” alguns anos depois da Copa da Suécia. Aguiar ainda constrói uma narrativa que estabelece Pelé como detentor de “sangue real” africano, feito que por si só já o faria um “rei nato”. Assim, o título de “Rei” que receberia posteriormente seria apenas a confirmação de

sua herança dos nobres africanos, uma herança não apenas de sangue, mas, sobretudo, de postura perante o mundo.

Em 1958, a Jules Rimet seria do Brasil. Aliás, revelaria ao mundo um jovem rei, nascido na pacata Três Corações, Minas Gerais – descendente de escravos trazidos da África durante três séculos de escravidão que, aos milhares, sofreram com os açoites e os suplícios nos ferros. E foi justamente lá nas bandas da Escandinávia... na fria, rica e civilizada Suécia, que aquele jovem negro, aos 17 anos, iniciou seu “reinado”; sabe-se por aqui que, para ser um rei de fato, só na África tribal ou nas monarquias europeias. Da África, ele trazia o sangue nobre e milenar dos reinos de Daomé, Mina, Benim, Guiné, Cabinda, Banguela, Congo e Moçambique, ou seja, era “rei nato”, mas precisava reinar em outras civilizações, ganhar o mundo... e deve ter pensado o quão grande não seria a sua tarefa: um negro brasileiro, descendente de escravos, reinar soberano em todos os continentes, para todos os povos e paixões. (AGUIAR, 2006, p. 13-14)

A ênfase na descendência africana, logo no início do texto, seguida de um contraste que varia entre a descrição do que os antepassados teriam sofrido após “três séculos” de exploração e diáspora e a descrição da “rica, fria e civilizada Suécia”, parece querer exemplificar o dito popular “os humilhados serão exaltados”. Mais do que isso, identifica em Pelé o jovem negro que envergonhou a civilização branca, ao mesmo tempo em que “vingava” seus antepassados escravizados através de demonstrações soberbas de seu talento futebolístico frente aos adversários de todas as partes do planeta. A insistência do autor em cravar uma herança ancestral real para o ex-jogador, evidencia sua intenção em criar um mito na figura de um jovem “predestinado” a Messias que, além de trazer em seus ombros toda a mística de ancestralidades tribais de reinos africanos do passado, também libertaria seu povo das injustiças sofridas historicamente, a começar pela desconfiança no futebol.

Em outra passagem que narra o título brasileiro em solo sueco, Aguiar faz eco à tradição dos anos 60 e crava o fim de “um tempo de rancor e intolerância”. Para o biógrafo, o título de 1958 tendo Pelé como um dos protagonistas, também foi um divisor de águas no combate à discriminação racial no futebol que teria sido desencadeada a partir da derrota de 1950 no Maracanã:

Quando ouviu o apito final, correu aos braços dos companheiros...O lendário Mário Américo gritava: - Vencemos, vencemos! Somos campeões do mundo... meu Deus! Somos campeões do mundo... [...] Também tinha amenizado o sofrimento do Maracanã e estava definitivamente encerrado um tempo de rancor e intolerância – tendo início um novo tempo de lutas pela igualdade racial no mundo - , pois agora tínhamos um rei... um rei de ébano... um Rei da Bola... tínhamos o Rei Pelé, um rei para ser reverenciado por todos os povos amantes do futebol. (AGUIAR, 2006, p. 17)

Aguiar, tal qual à popular interpretação dos anos 60, compreende que a conquista havia proporcionado admiração tal pelo talento de Pelé, que estaria “definitivamente encerrado” não somente a era de exclusão e subestimação dos negros no futebol, que é o que se pode aferir do texto em um primeiro momento, mas também o “tempo de rancor” que permeava todo o tecido social com a naturalização do racismo. Para todos os efeitos, o que Maciel de Aguiar acaba por constatar é que o ex-jogador trouxe o equilíbrio necessário para uma sociedade mergulhada em permanentes conflitos de ódio.

Em mais um fragmento de seu livro, o escritor narra o encontro, em 1968 no Maracanã, entre Pelé e a Rainha Elizabeth II. A presença da Rainha no estádio, na verdade, foi um pedido da monarca durante viagem oficial ao Brasil, oportunidade em que seria possível assistir à partida entre a seleção dos Cariocas contra a dos Paulistas. Ao final da partida, o time de Pelé sagrou-se vencedor e recebeu, das mãos da própria rainha, a taça de campeão. O autor, contudo, transforma o encontro em um agradecimento público de Pelé pelo papel exercido pela Inglaterra no contexto pré-abolição. Aguiar eleva Pelé a representante de todos os negros que tiveram seus antepassados escravizados que nunca tiveram a chance de agradecer:

Quando a Rainha Elizabeth II se curvou ao Rei Pelé, em pleno Maracanã, [...] foi [...] o reconhecimento pela conquista da liberdade, mesmo que ainda faltassem muitas vitórias. Quando o Rei do Futebol lhe retribuiu a saudação [...], foi, ainda, em agradecimento pela decisiva posição da Inglaterra contra o tráfico negreiro e à causa da libertação dos escravos no Brasil. (AGUIAR, 2006, p. 49)

O autor será um dos poucos pensadores do segundo milênio, junto com Angélica Basthi e outros, a ainda defender, embora com as particularidades pessoais de cada escritor, a tese do Messias Negro inventada na década de 1960.

Outra intriga do século XXI que retoma algumas ideias dos irmãos Rodrigues é o livro “Campeões da Raça: os heróis negros da Copa de 1958”, lançado em 2018 pelo jornalista Fábio Mendes. A obra, além de contar a história do primeiro título mundial brasileiro na Copa da Suécia, busca marcar os 60 anos da conquista e colocar o racismo em perspectiva histórica ao narrar os avanços e retrocessos no futebol ao longo dessas seis décadas. Avanços que, conforme o autor, só foram possíveis porque Pelé, Garrincha e os demais negros da Seleção, abriram as portas em 58 ao colocar por terra a teoria de que jogadores negros não conseguiam lidar com a pressão de grandes jogos. Em capítulo intitulado “Um império negro derruba o racismo”, o autor contextualiza a mentalidade que, segundo ele, gerava a desconfiança:

Havia um entendimento, por parte de alguns dirigentes e jornalistas brasileiros, de que jogadores negros não reuniam condições psicológicas para disputar partidas importantes. E que essa tese era um adversário a mais que os atletas “de cor” precisavam enfrentar na Suécia. (MENDES, 2018)

Ao fim de sua narrativa, em que descreve a comemoração após a partida final já com os jogadores negros incorporados ao time titular da Seleção Brasileira, Fábio Mendes evoca traços da obra de Mário Filho ao atribuir a Pelé e seus companheiros a vitória sobre o racismo e, mais do que isso, a inauguração de uma nova consciência para com os negros, agora vistos como capazes, talentosos e artistas da bola:

Pelé é levantado por Garrincha e ambos se abraçam. A eles se junta Djalma Santos. O abraço triplo acaba sendo simbólico. São os três grandes craques “de cor” que começaram a Copa do Mundo como reservas. Foram vítimas de uma tese infundada, que ganhava espaço na opinião pública. [...] Com Djalma Santos, Didi, Pelé e Garrincha, a Seleção Brasileira que começara branca se tornaria um império negro, que demoliu o racismo com um futebol que rompeu os padrões esportivos convencionais e flertou com a arte. [...] Esses e outros craques [...] foram os campeões da raça negra. (MENDES, 2018)

O texto de Mendes se torna relevante, pois marca as abissais contradições e batalhas presentes na memória biográfica de Pelé. Enquanto para o autor, o ex-futebolista pode ser encarado como um verdadeiro revolucionário e símbolo de um novo “império negro” após anos de exclusão no futebol, para outros, como abordarei mais à frente, ele não passaria de uma pedra no sapato de todos aqueles que se esforçaram para transformar a dura realidade do racismo no Brasil.

Mais um exemplo recente dessa revisita pode ser observado na produção de selos postais tendo Pelé como tema. Tomei como exemplo um selo pertencente ao antropólogo e filatelista Diano Albernaz Massarani, o qual gentilmente cedeu o print abaixo referente a selo comemorativo do país asiático República das Maldivas (ou Ilhas Maldivas), datado de 2015.

Na imagem, é possível observar Pelé e Nelson Mandela em posição triunfalista com o olhar fixo no horizonte. Os rostos de ambos são projetados de baixo para cima, o que garante um aspecto de grandeza e imponência a quem está sendo representado. Do ponto de vista histórico, Pelé e Nelson Mandela nunca firmaram alianças políticas com o objetivo de reivindicar pautas de combate ao racismo. Todavia, é sintomático observar como a memória coletiva se encarrega de associá-los de maneira que passem a simbolizar um mesmo ideal, ainda que tendo trajetórias e mentalidades completamente distintas no que diz respeito ao engajamento social. Ao ser representado ao lado de “Madiba” como referências e ícones



negros, Pelé é alçado ao mesmo patamar de representatividade e relevância histórica para os negros.

Essa equiparação em relação ao grau de importância para a causa negra, soaria como verdadeira heresia para muitos intelectuais brasileiros avessos à sua pessoa. Isso porque, para estes, dado o grau mundial de idolatria de sua pessoa, Pelé poderia ter feito mais e se tornado maior do que foi, mas, por muitos motivos, não o quis. Poderia ter sido como Mandela ou Muhammad Ali, mas preferiu, como dizem, guardar covarde silêncio enquanto negros eram socialmente excluídos no Brasil, nos Estados Unidos e na África do Sul. Estes narradores tomam caminhos totalmente opostos ao que a imagem a seguir busca consolidar, pois para os mesmos, Pelé não estaria no mesmo patamar de Mandela. Tal contradição evidencia, mais uma vez, o entrelaçado de memórias e imagens biográficas conflitantes, tecidas e disputadas como cabo de guerra entre o “Rei” e o “Réu”.

Imagem 26 - Nelson Mandela e Pelé. Selo Ilhas Maldivas (2015)



Fonte: ACERVO PESSOAL DE DIANO ALBERNAZ MASSARANI.

Por ser um constante ponto de tensão, a batalha em torno da memória de Pelé ganha cada vez novos episódios e ainda está em franca disputa pelos sujeitos que fazem uso dela para embasarem seus discursos, seja para instrumentalizá-la como ferramenta de fortalecimento das identidades negras, seja para expô-la como antímodo de negro consciente das injustiças sociais. Essa montanha russa de definições e indefinições biográficas em torno da personagem em questão tem se mantido intensa e permanentemente polarizada desde os primeiros anos da década de 1960.

Por fim, essa curta, porém objetiva exposição do muito que se poderia ainda abordar, levanta indícios da força e disseminação do pensamento que projetava em Pelé o modelo de uma identidade brasileira pensada como atributo a ser abraçado pela coletividade e, por que não, reconhecido e elogiado no exterior como exemplo de superação das diferenças.

Abordarei no capítulo a seguir de que maneira esse “Messias” Negro fabricado no início da década de 60, foi aos poucos sendo corroído e questionado muito em virtude, por exemplo, de seu não alinhamento às pautas cada vez mais pulsantes dos direitos civis. Demandas que acabaram, inevitavelmente, chegando ao Brasil. Demonstrarei de que maneira Pelé teria passado da condição de homem que supostamente teria feito o racismo no mundo diminuir, aquele que dera aos negros do mundo inteiro inúmeros motivos para se enxergarem como sujeitos plenos, humanos e dignos; para a categoria de “omisso”, “insensível”, “covarde” e “traidor da raça”.

## 4 DE “HERÓI LIBERTADOR” A “OMISSO”: A DESCONSTRUÇÃO DO ÍCONE NEGRO

### 4.1 “Que exemplos existem a ser seguidos pela juventude negra? Pelé? Este jamais se preocupou”. A segunda metade do século XX e os primeiros questionamentos

Uma outra vazão ideológica, a da identidade nacional, também preservou Pelé da contenda mais acirrada em torno das questões raciais. É como se um certo consenso simbólico inscrito em seu próprio corpo o tivesse retirado da arena dos embates étnicos no intuito de preservar uma representação ainda mais cara, a de um projeto de nacionalidade acima dos conflitos étnicos latentes. (MOSTARO, 2014, p. 15)

Fiz questão de iniciar este ponto com o trecho acima citado por Felipe Mostaro em seu artigo “A consolidação da pátria de chuteiras”, pois acredito, baseado na análise de fontes como matérias e colunas de imprensa dos últimas décadas que, neste ponto, Mostaro está profundamente equivocado em sua leitura sociológica e ignora por completo os intensos debates que se desenrolaram ao longo das últimas décadas em torno da imagem de Pelé enquanto suposto símbolo ou não de uma identidade nacional pautada, como o próprio autor definiu, nas “questões raciais”. Muito longe de ter sido “*preservado*” e “*retirado da arena dos embates étnicos*” por meio de um “*consenso simbólico*” em torno de seu corpo que representaria o fenômeno social da crença numa Democracia Racial, Pelé foi, ao contrário, como veremos a seguir, alvo de intensas disputas de memória, especialmente a partir da década de 1970. Algumas narrativas chegam até mesmo a desautorizá-lo e deslegitimá-lo como um suposto colaborador e construtor de um ambiente social mais acolhedor e tolerante.

As novas interpretações a respeito de qual teria sido o significado e impacto de Pelé em termos raciais no Brasil e no mundo, fazem parte de um movimento crescente que tende a polarizar cada vez mais este debate. Certamente o próprio Pelé contribuiu muito para tais polarizações a partir de suas costumeiras declarações também no campo das relações étnico-raciais, contudo, o desenvolvimento dessa linha interpretativa que questiona e destoa por completo do que foi consagrado na década de 1960 tem ganhado força graças, em grande medida, à popularização das pautas antirracistas.

Para entender como o ex-jogador passou de “Rei” a “Réu” de forma tão acentuada, é necessário situar Mário Filho enquanto homem branco e intelectual influenciado por uma noção idealizada dos mecanismos que sempre deram sustentação ao racismo. Sua tentativa de

eternizar Pelé como libertador, herói e inspiração para negros de todo o mundo estava fundamentada, como se viu, na perspectiva da “pacificação racial”, hoje tida por superada e duramente criticada pelos movimentos sociais e academia, embora continue a grassar pela sociedade brasileira contemporânea e, por vezes, seja associada à biografia de Pelé como ilustração.

Assim, teria havido um relaxamento de tensões raciais, fato que teria proporcionado um gradual estado de harmonia após a abolição da escravidão, fato que abriria a possibilidade de ascensão a toda e qualquer pessoa que, em circunstâncias “normais” anteriores, não possuiria nenhuma condição de se locomover socialmente. Tal perspectiva carrega ainda um intenso fetiche pelo processo de miscigenação, de maneira que toda sorte de abusos como estupros e violências inerentes a esse processo são suavizadas, relevadas ou silenciadas em nome de uma mitologia racial sustentada por três pilares do mito fundador brasileiro: o branco, o índio e o negro.

Na narrativa de Mário Filho, Pelé representa o ápice dessa pacificação e relaxamento das tensões raciais, pois conforme narra em seus livros, mesmo após a inclusão dos negros, estes continuariam sendo excluídos do futebol, vindo a ganhar lentamente seus espaços até culminar na glória máxima do “redentor” nascido na cidade de Três Corações. É certo que no início da segunda metade do século XX, já haviam discussões que questionavam o mito da democracia racial ou o mito das três raças (Florestan Fernandes é um exemplo clássico de revisão dessas ideias), entretanto, será somente no final da década de 60, com a repercussão mundial da luta pelos direitos civis nos EUA e, posteriormente, no final da década de 70 com o afrouxamento do Regime Militar e o fim da perseguição a movimentos políticos organizados, que esse debate passaria a circular com mais eficiência e liberdade, estimulado, sobretudo, pelos movimentos sociais e organizações políticas:

O movimento negro contemporâneo ressurgiu a partir de meados da década de 70, nos finais de um período acentuadamente autoritário da vida política brasileira. [...] A isso deve ser acrescentado o impacto nesse grupo de novas configurações no cenário internacional, que funcionaram como fonte de inspiração ideológica: a campanha pelos direitos civis e o movimento do poder negro nos Estados Unidos e as lutas de libertação nacional das colônias portuguesas na África (HASENBALG, 1984, p.148-149).

Esse dito “renascimento” do movimento negro no Brasil e sua posterior atuação pública, iriam modificar drasticamente as narrativas biográficas sobre Pelé, antes alinhadas à mitologia da harmonia entre as raças.

Ora, constata-se que tanto na era pós direitos civis, quanto no período em que essas pautas estavam sendo reivindicadas em nível global, houveram profundas mudanças na maneira como a coletividade passou a eleger novos ícones antirracistas. Junte-se a isso as contribuições dos movimentos negros que trouxeram importantes reflexões a respeito da condição social do negro, o que acabou por modificar os parâmetros usados para medir ou eleger um símbolo de resistência negra. Isso afetou consideravelmente a memória biográfica de Pelé, que passou a ser composta também por narrativas conflitantes a respeito do seu peso histórico e simbolismo racial. Já não bastava, como no início da década de 1960, ser apenas um excelente jogador de futebol de pele escura. Parte significativa da sociedade agora cobrava posicionamentos públicos mais firmes e claros. Pode-se dizer que, nestes casos e nesses novos tempos, em termos de política, valorizava-se mais a voz ativa e combativa do que propriamente o talento excepcional. A tentativa de silenciar, apaziguar, ou “ficar em cima do muro” em temas sensíveis como o racismo, passou a ser condenada socialmente. Afinal, essa nova sensibilidade coletiva precisava de mais certezas e menos dúvidas para forjar novas referências simbólicas e, por outro lado, reverenciar as antigas.

Ocorre que, com o tempo, Pelé acabou por não corresponder a essas expectativas, ao que teve, posteriormente, a memória de sua trajetória revisitada, comparada e questionada de forma dura e implacável por muitos narradores.

Mesmo tendo sido simbolicamente coroado em 1970 com a coroa de um abolicionista, fato que dava continuidade e atualizava a mitologia do Messias Negro, Pelé já vinha sendo questionado antes mesmo da cerimônia de coroação acontecer. Em entrevista para a revista *Veja*<sup>42</sup> no ano de 1969, é possível perceber indícios do início de seu desgaste naquele momento de agitação política, emergência e consolidação crescente dos movimentos negros. O que se perceberá é que durante todo o desenrolar da década de 70, serão cada vez mais frequentes os embates entre aqueles que esperavam de Pelé um papel político mais proeminente, enquanto próprio jogador procurava, a todo custo, esquivar-se de acusações cada vez mais fortes e que objetivavam o deslegitimar como ídolo. A seguir, reproduzo trecho da referida entrevista. Trata-se de um dos primeiros registros em que o futebolista passa a ser confrontado frente aos acontecimentos internacionais.

**Veja:** Os negros do mundo inteiro lutam contra o racismo. Você tem sido acusado de ser insensível diante do problema. Por quê?

---

<sup>42</sup> Disponível em:

<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/64?page=4&section=1&word=Reis%20presidentes%20ditadores%20governadores%20sempre%20me%20trataram>

**Pelé:** Eu nunca senti o problema. Desde que comecei a jogar, sempre fui tratado com carinho. Robert Kennedy já desceu ao vestiário do Maracanã para me abraçar – eu todo ensaboadado. O Príncipe Philip da Inglaterra já entrou em campo para me cumprimentar. Reis, presidentes, ditadores, governadores, sempre me trataram com o maior respeito. E de mim qualquer torcedor anônimo recebe o mesmo carinho que as maiores autoridades (VEJA, 1969, nº 64, p. 04)

Na entrevista à *Veja*, e olhando com distanciamento e perspectiva histórica as outras entrevistas que analisarei mais à frente, nota-se algo em comum a todos os depoimentos de Pelé, em que tenta justificar e defender-se das acusações de não se manifestar publicamente contra o racismo: trata-se da percepção de que a estrutura racista era algo distante e que não chegava a ofendê-lo diretamente, pois, como afirma, “nunca senti o problema”. O fato de já ter sido recebido e cumprimentado por muitos líderes e personalidades importantes acabou cristalizando em sua mente, a impressão de que o racismo não só não o tocava, como também tratava-se de um fenômeno pouco presente no Brasil. Revela, ainda, um traço da personalidade de Pelé que, historicamente, sempre veio à tona em suas declarações a respeito do assunto: trata-se de sua incapacidade de pensar o lugar social de outros negros que não possuem seus mesmos privilégios e, com isso, perceber que a realidade é muito mais complexa e brutalmente desigual. Assim, ao generalizar e interpretar o mundo sempre a partir de seus privilégios, Pelé manteve-se sempre em estado de negação daquilo que não conseguia enxergar em seu círculo de convivência pessoal.

Dois anos depois da entrevista à *Veja*, uma charge do cartunista Henfil, publicada em outubro de 1971 na edição 118 do irreverente semanário *O Pasquim*, permite mensurar um pouco mais do histórico de desgaste público de Pelé. Artista combativo e engajado nas lutas sociais contra a Ditadura, como os demais componentes do semanário, Henfil era conhecido por suas críticas demasiadamente ácidas.

Tamanduá, personagem criado pelo cartunista, tinha como principal característica sugar o cérebro de personalidades públicas para absorver suas habilidades. Não por acaso, as personalidades escolhidas pelo cartunista eram, geralmente, figuras que pouco se manifestavam ou que se colocavam como pró-regime militar. Por essa e outras razões, Tamanduá quase sempre se arrependia de sugar seus cérebros. O cantor da MPB Wilson Simonal e Pelé, por exemplo, foram duas figuras que não escaparam da crítica ácida de sua caneta. O primeiro, envolvido em uma série de fatos controversos, acabou ganhando o rótulo de “dedo duro” após ser acusado por artistas e pessoas próximas, de delatar junto ao DOPS<sup>43</sup>, companheiros de profissão que se engajavam de alguma forma na militância contra o Regime.

---

<sup>43</sup> Departamento de Ordem Política e Social.

O segundo, o caso que mais nos interessa, foi criticado por Henfil que o acusava de não abraçar as bandeiras da causa negra que se espalhavam pelo mundo ocidental na década de 1960 e começo da década de 1970, data da publicação das charges. Reproduzo a seguir as duas charges (imagem 27 e 28) por entender que fazem parte de uma sequência lógica pensada pelo artista:

Imagem 27 - Tamanduá, o Chupador de Cérebro. (Continua)

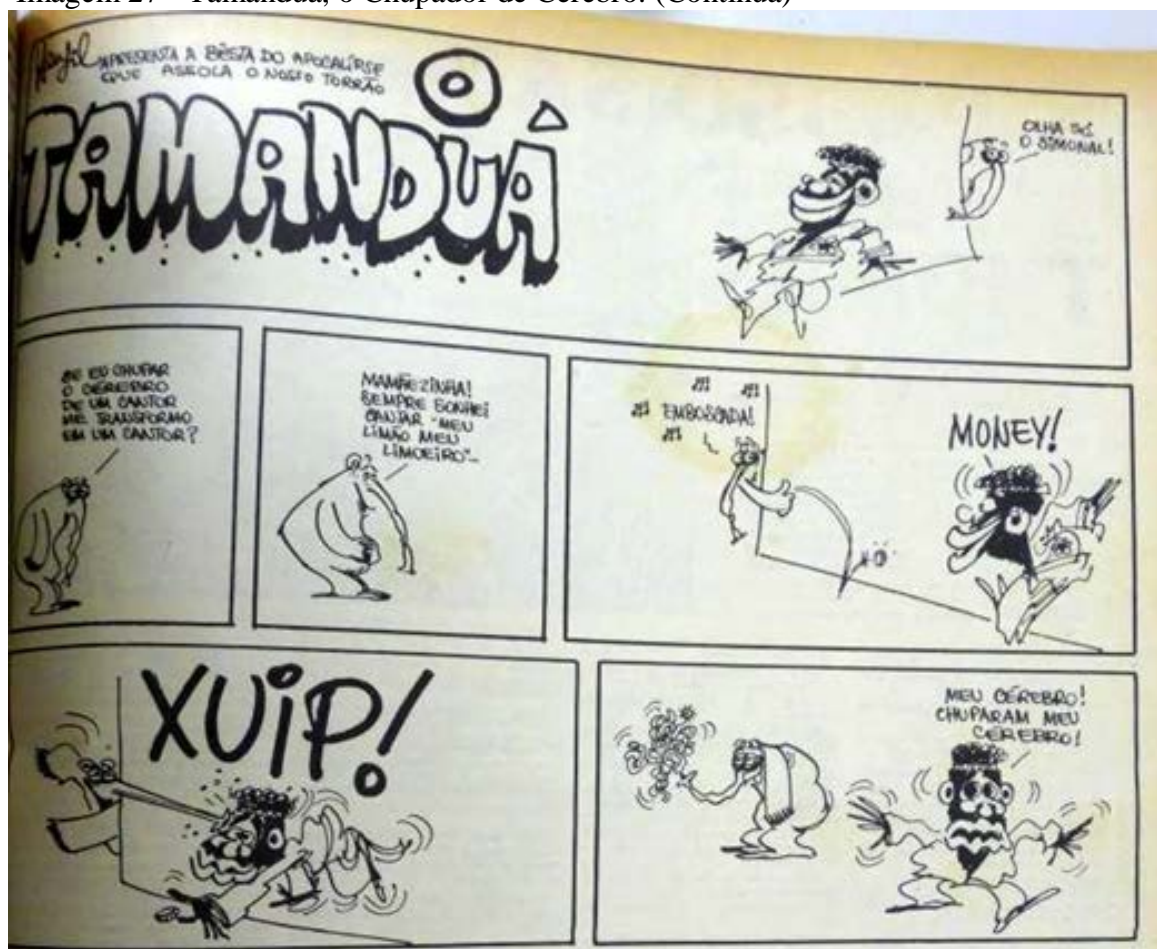


Imagem 27 - Tamanduá, o Chupador de Cérebro. (Conclusão)



Fonte: O PASQUIM. Nº 115. SETEMBRO DE 1971

Com a habilidade e a sutileza que sempre lhe foram características, Henfil não “entrega a piada” logo de cara. Primeiro, ao retratar uma moeda como a armadilha que Simonal certamente cairá, o cartunista faz uma crítica ao caráter do cantor, sugerindo que o mesmo seria um ganancioso e avarento. Ao mesmo tempo, a moeda faz referência ao controverso episódio de 1971 envolvendo Simonal e seu ex-contador, Raphael Viviani. Acusado pelo cantor de ter furtado parte de seu dinheiro, Viviani sempre negou todas as acusações. Sua prisão seguida de interrogatório sob tortura é atribuída por ele a um pedido pessoal e vingativo de Simonal (ex-militar) junto a contatos que o cantor possuía aos órgãos de repressão. Ao fim das investigações, após denúncia do ex-contador, Simonal “foi condenado por extorsão mediante sequestro e ficou preso nove dias, para depois cumprir prisão domiciliar”<sup>44</sup> (ISTOE, 2019). O episódio foi um divisor de águas na carreira e na vida pessoal do artista carioca, o qual, após todo o processo turbulento que manchou profundamente sua reputação, viveu um período de ostracismo que o levaria à depressão e ao alcoolismo.

Doente, esquecido e com dificuldades financeiras, faleceria em 25 de junho de 2000, aos 62 anos de idade. A sacada final de Henfil ao representar o Tamanduá com efeitos colaterais após sugar o cérebro do artista, faz uma dura crítica primeiro ao que entendia ser a não manifestação de Simonal contra o regime, sua língua seria dura, rígida, estática,

<sup>44</sup> <https://istoe.com.br/a-verdade-sobre-simonal/>



domesticada, quieta, inofensiva para com os militares. Em seguida, os dedos inferiores e superiores do Tamanduá se enrijecem de forma acentuada. Não por acaso, os dedos da mão a se enrijecerem são os dedos indicadores, numa referência explícita ao rótulo de “dedo duro” atribuído ao cantor, acusado por seus desafetos, de vazarem informações do meio artístico para contatos no governo.

Assim como Pelé, Wilson Simonal carregou por muito tempo o estigma de “alienado político” por não compor músicas de protesto e não se posicionar como Chico, Gil, Elis, Caetano, dentre muitos outros. A cobrança a Pelé também vinha no sentido de assumir uma postura mais crítica contra a ditadura, porém, outras demandas se impunham sobre os ombros do ex-jogador, como a questão do combate ao racismo e seu firme posicionamento público que nunca veio. No mesmo ano de 1971, em outra charge da personagem Tamanduá que funcionou como uma sequência da que teve como alvo o artista Simonal, Henfil viria a tecer algumas críticas ao ex-jogador:

Imagem 28 - Tamanduá, o Chupador de Cérebro. (Continua)



Imagem 28 - Tamanduá, o Chupador de Cérebro. (Conclusão)



Fonte: O PASQUIM. NÚMERO 118. OUTUBRO DE 1971.

“Adoro ajudar as criancinhas!” A frase de Pelé no primeiro quadrinho já soa como ironia e crítica que faz alusão ao seu discurso emocionado diante dos microfones após o milésimo gol em 1969. O tom debochado de Henfil deixa claro sua desaprovação ao que pensa ser um discurso vazio, infantilizado e sem objetividade concreta. O fato de ter seu cérebro sugado pelo Tamanduá e em seguida enxergar tudo branco seria sua forma de ver o mundo. O cartunista sugere que Pelé ao não se posicionar de forma contundente contra o racismo, enxerga o mundo pelos olhos dos brancos, pelos olhos do opressor. E quando isso se torna finalmente uma “realidade” física e não apenas uma questão de perspectiva, ele não esconde sua euforia e até nega sua identidade negra, se afirmando orgulhosamente aos pulos e gritos como branco, como se tivesse realizado um grande sonho, atitude que, em sua condição anterior de negro, não o fez.

O detalhe final do último quadrinho fecha a ácida piada de Henfil de maneira bastante dura. Enquanto Pelé salta e cantarola acreditando ser, enfim, um homem branco, o Tamanduá logo ao fundo, visivelmente enojado, cospe seu cérebro que, curiosamente, é uma bola de futebol. A partir dessa imagem, estaria explicado porque Pelé se distancia das questões raciais e aparenta querer ser branco: ele só pensa em futebol e ignora todo o resto, não busca conhecimento sobre essas questões e não desenvolve sua mente e seu senso crítico. Assim, sua cabeça é preenchida pelo nada, pelo ar que dá volume à bola. Sua mente estaria tão vazia

de ideias produtivas que nem mesmo o Tamanduá suportou absorver seu cérebro por muito tempo.

Ainda no O Pasquim, desta vez em 1973, uma entrevista com a ativista, escritora e antropóloga negra norte-americana Angela Gillian, traria novamente o nome de Pelé para o centro do debate racial. Ao problematizar em que medida, no Brasil, o mestiço é considerado negro ou branco a depender de sua condição socioeconômica e de seu círculo de amizades brancas, a antropóloga cita o exemplo de Pelé como parte desse esforço de “embranquecimento”, dessa vez, por parte de um homem preto:

**Angela:** Eu acho que Pelé é preto. Ele tem uma série de comportamentos que eu chamo de “amnésia de adaptação”. Ele esquece certas coisas da ascendência dele, o que é mais conveniente, já que ele entrou no processo de ascensão social. Escolheu uma mulher branca para ter filhos, para “melhorar a raça”, limpar o sangue. [...] Ele poderia fazer muita coisa positiva, ser um modelo. Mesmo com a fama que tem, ele poderia se ligar com aquela criança pobre que é negra. Poderia ser um modelo mais positivo. Ele se recusa totalmente a falar no assunto. Ou recusa a admitir que, se não fosse quem é, com essa cara conhecida, sofreria um bocado.

**Jaguar:** você acha o Muhammad Ali o oposto dele?

**Angela:** Acho. Eu respeito muito Muhammad Ali. Porque ele deixou o dinheiro pro lado, por questão de princípios. [...] Ele, sim, representa uma imagem de herói, de força, para a criança negra nos Estados Unidos. (O PASQUIM, 1973, nº 227, p. 12)

Como demonstrarei mais à frente, sempre existiu um abismo de percepções entre como a intelectualidade do movimento negro entendia as implicações dos relacionamentos inter-raciais, e como o próprio Pelé as entendia, pois na visão do atleta, seu casamento com mulheres brancas estavam longe de significarem uma tentativa de “melhorar a raça”, como acusou Angela Gillian. Antes, sua percepção estava muito mais moldada ao conceito de Brasil como Paraíso das Raças. Isso porque o mesmo entendia que ao misturar raças diferentes, de certa forma estaria subvertendo a lógica racista que, historicamente, sempre promoveu a separação, hierarquização, distinção e exclusão. De forma bastante pragmática, misturar é derrubar muros. Justamente por ignorar essas particularidades e, principalmente, por não usar seu prestígio para o combate às injustiças daquele tempo, Angela chega à conclusão de que Pelé é, indubitavelmente, um antímodo do negro que nada representa para as crianças pobres e negras que sofrem com falta de referenciais adultos a quem possam escutar, admirar e seguir. O questionamento de Jaguar a respeito do pugilista e militante Muhammad Ali é uma comparação que se repetira muitas vezes ao longo da década de 1970, como demonstrarei. Em sua resposta, Angela Gillian, mesmo sem saber, inverte a pirâmide hierárquica racial erguida por Mário Filho no início dos anos 60. Vale lembrar que, para o jornalista, Pelé era “o modelo” perfeito para os negros de seu tempo por uma série de razões

já expostas, ao passo que, no extremo inferior da pirâmide, estavam Friedenreich e Róbson, negros que, segundo Mário Filho, acabaram se rendendo às pressões da época e negando suas identidades. O que a Antropóloga faz, portanto, é afirmar Ali como “modelo” e “herói” ao mesmo tempo em que rebaixa Pelé à categoria de influência negativa ou irrelevante.

Nessa mesma perspectiva, o jornalista e cartunista Ziraldo em sua coluna no O Pasquim, escreveria em 1975 um pequeno texto que dialoga diretamente com a provocação de Henfil em 1971, ou seja, a percepção de que Pelé fugia do fato de ser negro e que, em certos sentidos, envergonhava seus semelhantes. Sendo necessário uma radical retratação e mudança de atitude: “[...] O maior atleta do século. Por que é que esse sacana não chega na televisão um dia, só pra se redimir e diz: “Negros de todo mundo, olhem pra mim. Eu sou negro! Nós somos dofa, meus irmãos!” Por que é que ele não faz isso, hem, gente?”. (O PASQUIM, 1975, nº 324, p. 26). Ora, todas essas citações colidem frontalmente com a narrativa épica de Mário Filho na primeira metade da década de 60. Em vista disso, o que explicaria tamanho questionamento e desconstrução em um curto espaço de menos de dez anos?

Compartilho da tese desenvolvida pela pesquisadora Ana Paula Silva que buscou explicar de que maneira Pelé atravessou as décadas chegando até os dias atuais sendo sempre criticado pelo movimento negro e outros intelectuais não necessariamente ligados à militância negra. Primeiramente, é necessário entender alguns valores sociais disseminados durante o contexto histórico em que Pelé cresceu e veio a se tornar ídolo nacional, ou seja, o período que data de meados da década de 1940 até o final dos anos 50, pois em 1958, Pelé se consagra como novo ídolo aos 17 anos. No Brasil, essa temporalidade foi marcada pela busca da modernidade, do progresso, de um desenvolvimentismo. Os anos JK (1956 – 1961) e seu famoso slogan “50 anos em 5” ilustram bem essa mentalidade que buscava incluir para desenvolver e modernizar.

O fim do Estado Novo e a intensificação do processo de industrialização, [...] deu força aos setores da sociedade que acreditavam ser o Brasil o país do desenvolvimento. [...] Com isto, todas as esferas sociais foram dominadas pelos discursos da profissionalização e da disciplina, e esta concepção era consequência das “teorias desenvolvimentistas” [...]. A construção da nova capital, Brasília, e a conquista da Copa foram os grandes símbolos desses movimentos que estavam presentes no imaginário social. (SILVA, 2008, p. 96)

No plano esportivo, o discurso do profissionalismo, do esforço e do mérito formavam cada vez mais as mentes de novos futebolistas, dentre eles Pelé, que cresceu e se desenvolveu no futebol profissional tendo sempre esses valores como base. Com o advindo das décadas de 1960/1970 e o impacto dos movimentos sociais negros nos EUA que influenciaram

diretamente o Brasil, toda a noção de desenvolvimento e modernidade é questionada, bem como a ideia do esforço e do mérito profissional como forma de ascensão social dos negros. Constatamos que esse desenvolvimentismo não era inclusivo, pois excluía as populações historicamente oprimidas que por mais que se esforçassem, não iriam ascender sem ajuda de políticas públicas reparatórias e a desconstrução permanente de todo o sistema racista estrutural:

A partir da década de 1970 o desenvolvimento passou a ser atrelado ao reconhecimento das desigualdades raciais, étnicas, religiosas, entre outras. Por esta razão, o modelo que Pelé carregou ao longo de sua vida e esteve em voga nos anos 50, o que o alçou ao estrelato, não fazia mais sentido nessa década. Pelé transformou-se, dessa forma, no antímodo da nova modernidade, deixando de ser negro aos olhos desses formadores de opinião e das lideranças de movimentos sociais. (SILVA, 2008, p. 193-194)

Ocorre que, por Pelé não ter acompanhado de perto o desenvolvimento dessas novas ideias, acabou sendo acusado de permanecer defendendo e reproduzindo valores calcados no ascetismo profissional e no esforço pessoal por si só sem levar em consideração o histórico de escravidão, exclusão e falta de oportunidades do povo negro no Brasil. O exemplo abaixo retirado do Twitter de Pelé em 1º de maio de 2019, Dia do Trabalho, evidencia como até os dias recentes, o ex-jogador continuou a alimentar esses valores:

Imagem 29 - Conta do Twitter de Pelé, 1º de maio de 2019



Fonte: TWITTER.

Sua ideologia fez dele uma figura que, a cada vez que emitia declarações a esse respeito, causava mal-estar em setores politicamente atuantes e aparentava estar constantemente descolado dos debates antirracistas. Por essa razão, foi e ainda continua sendo alvo de críticas que buscam não apenas desconstruir suas falas, mas cristalizá-lo, conforme afirmou Ana Paula Silva, como o antimodelo do negro consciente. Não foi à toa, portanto, que na década de 1970, Henfil ironizou ao representar seu cérebro como uma bola de futebol, pois aqueles valores que o ex-jogador exaltava, muitos dos quais procurava respaldo em sua carreira futebolística de sucesso, estavam em fervente processo de questionamento. Para o sociólogo Luiz Henrique Toledo, ao atravessar as décadas alimentando o mesmo raciocínio que pouco mudava com o tempo, Pelé teria se tornado, assim como outros negros que reproduziram um discurso político semelhante,

refém de um peculiar individualismo orientado numa esfera profissional que o desmobilizou ou o desarmou para o debate público sobre o racismo, certamente poderíamos dizer que sim, foi vítima do preconceito. Nesse sentido, foi vítima de uma forma histórica de preconceito incorporada ao sistema de valores vigentes que, em alguma medida, imobilizou ou o indispôs para o debate público. Mas tal atitude está longe de ser um atributo singular de Pelé. (TOLEDO, 2006, p.14)

Toledo toca em um ponto pouco explorado no debate antiPelé e que, no meu entendimento, é crucial para que não se resvale numa leitura maniqueísta de mundo e das questões raciais. Antes de perceber Pelé como um sujeito contraditório no que diz respeito às suas atitudes para com episódios de racismo, seja com ele ou com outros negros do meio futebolístico ou não, é necessário lembrar que, antes de qualquer coisa, ele também é uma vítima. Mesmo que em todo o seu auge profissional não tenha sofrido na pele as consequências do racismo com a mesma frequência, intensidade e dramaticidade de pessoas negras marginalizadas e fora dos grandes holofotes, ele tornou-se, à medida que ascendia socialmente e absorvia novos valores ligados a um modo de pensar que valoriza o individualismo e o mérito, vítima de um sistema ideológico que o cooptou de tal forma que acabou por imobilizá-lo, como afirma Toledo, para o debate e enfrentamento das injustiças.

A decisão de Pelé em distanciar-se das questões político-raciais de seu tempo e manter-se concentrado somente em sua carreira de jogador e empresário, continuou e cobrar seu preço durante os anos 1970 e também nas demais. A alfinetada de Henfil no semanário “O Pasquim” foi apenas o começo de novas interpretações que trariam outros contornos à sua memória construída coletivamente. Uma reportagem de 1973 da revista Manchete (1952-2000), intitulada “Os Blacks no embalo do Soul”, cobria as festas e aglomerações organizadas

por estudantes e integrantes dos recém-criados movimentos “Blacks” da cidade do Rio Janeiro. Em sua maioria jovens, esses personagens buscavam construir suas identidades a partir da cultura de resistência negra norte-americana, adotando costumes e símbolos como cabelo black, modo de falar, de vestir, dançar e estilo musical. Ao ser entrevistado, um jovem sociólogo negro argumenta que Pelé já não era, para muitos de seus semelhantes, uma referência. Também estava distante de representar um libertador ou símbolo de luta, tendo em vista que jamais dera sua contribuição para a causa:

O negro brasileiro tem dificuldades de se identificar com suas origens, ao contrário do que acontece com os italianos, os judeus, os japoneses e outros grupos étnicos brasileiros. A presença do negro na nossa história ainda é muito folclórica. Não se dá crédito aos nossos heróis negros. E nos dias de hoje, que exemplos existem a ser seguidos pela juventude negra? Pelé? Este jamais se preocupou em contribuir para a ascensão do negro.” (MANCHETE, 1973, nº 1.273, p. 115)

Um ano depois, em 1974, Pelé estaria se despedindo oficialmente do Santos e do futebol brasileiro para iniciar sua trajetória esportiva nos Estados Unidos. Em uma de suas últimas entrevistas como jogador do Santos, fez um balanço de sua vida e de sua trajetória no esporte em matéria que tem por título: “Pelé cumpriu sua despedida como um ato litúrgico: de joelhos, braços em cruz”, da revista O Cruzeiro (1928-1975). O jogador mostrava-se especialmente chateado com as críticas que vinha sofrendo em forma de cobrança política:

Pessoas incomodam-se porque decidiram se compenetrar de que não passei de um indiferente diante do racismo. Taxaram-me de comodista. Por aí afora. Inexato. Já provei que não é exato. Mesmo assim, convém esclarecer que o racismo existe em muitas partes. Acredito que ocorra no Brasil, mas em escala infinitamente menor do que é observado nos Estados Unidos e na África do Sul. O preconceito, de cor, no Brasil, é mais social que racial. Diferente dos Estados Unidos e da África do Sul. Queriam que eu reagisse contra isso. Que desfraldasse minha bandeira de luta pelo mundo. Estou em paz com a minha consciência. Meu comportamento e minha maneira de ser são uma prova de que não me mantive inerte diante de nenhum desses fatos. (O CRUZEIRO, nº 42, 1974, p. 80)

O fato de admitir que existe racismo, ainda que com complicadas ressalvas que o comprometeram cada vez mais, não absolveu Pelé frente aos críticos que esperavam dele atitudes muito mais impactantes do que a constatação vacilante do óbvio. Ao afirmar que o preconceito é fruto de mazelas sociais e não de uma questão meramente racial, Pelé busca, com isso, eximir-se de responsabilidade enquanto negro mundialmente conhecido que se tornou. É como se estivesse jogando a responsabilidade do combate ao racismo para as autoridades governamentais, as quais teriam a responsabilidade de amenizar o abismo social

entre ricos e pobres para que, dessa forma e conseqüentemente, o racismo pudesse ser vencido.

O distanciamento dessas questões acabou gerando fenômenos interessantes de serem observados hoje. Um deles é que, na metade da década 1970, Pelé chegou a ser acusado de racista através de métodos contraditoriamente racistas. Um anúncio no jornal O Pasquim, em mais um dos incontáveis ataques disparados contra o jogador, publicava uma charge em meio ao contexto de estreia de Pelé pelo clube norte-americano New York Cosmos, em 1975. O anúncio era da revista humorística Klik, uma produção brasileira aos moldes da consagrada revista norte-americana Mad. Como se sabe, a transferência do jogador causou grande polêmica entre setores da imprensa brasileira que não aceitavam sua recusa em disputar a Copa do Mundo pela Seleção no ano anterior. Assim, a transferência milionária para o clube nova-iorquino foi a gota d'água para grupos que já o acusavam de mercenário e traidor da pátria. De autoria desconhecida, a charge/anúncio apela para uma representação que se tornaria comum naquele contexto: a suposta ambição do jogador sendo retratada em seu uniforme “poluído” de múltiplas marcas comerciais. Além disso, o título “O homem de 6 milhões de dólares bate bola com a Klu Klux Klan” (em alusão à série de TV dos anos 70 “O Homem de 6 Milhões de Dólares”), crítica de maneira metafórica, a relação íntima que o “ambicioso” Pelé, que é negro, pretendia desenvolver ao transitar entre a elite branca norte-americana dona dos clubes, a mesma que há 10 anos atrás havia manifestado dura resistência aos avanços dos Direitos Civis e fim da política de segregação.

Uma leitura possível da mensagem satírica do anúncio, é que Pelé, o homem que estaria “*entubando uma nota nos States*”, imaginava e alimentava a ilusão de que poderia ser integrado ou, até mesmo, considerado branco dentro daquele universo, afinal, além de sua considerável condição financeira, havia o entendimento de que ele, semelhantemente, nutria desinteresse e indiferença pela causa negra. No diálogo do quadrinho abaixo, porém, os artistas sugerem que as coisas não seriam tão fáceis para Pelé, que, aos poucos, perceberia qual o seu lugar. Nele, o jogador pergunta a um companheiro de time, enquanto se depara com a equipe dos supremacistas: “Você tem certeza que eles disputam o campeonato?”. Ao mesmo tempo, a ideia de que Pelé encontraria um cenário social muito mais hostil nos EUA, vai ao encontro do que Pelé sempre afirmou, ou seja, que as relações raciais no Brasil seriam muito mais pacíficas e que o que ele vivenciara até então não seria comparável com as dificuldades encontradas nos EUA. Nesse sentido, a pergunta de Pelé soa muito mais como um lamento do que propriamente uma mera curiosidade.



Imagem 30



Fonte: O PASQUIM, 1975, ED. 338, p. 39

A charge/anúncio, embora tenha como pretensão desenvolver uma crítica à maneira como Pelé enxergava a sociedade, conduzia sua carreira e estabelecia relações sociais, acaba utilizando de um expediente racista em sua linguagem, visto que estimula o estranhamento e o exotismo do negro empresário que, naturalmente, busca lucro, transformando-o, dessa forma, em vilão e alvo de ataque. A associação simbólica do corpo de Pelé ao grupo extremista que culturalmente personifica o racismo, evidencia o grau de polarização que a manipulação de sua biografia alcançou poucos anos após Mário Filho declarar que ele havia se tornado peça fundamental na diminuição da discriminação por raça.

A despeito de todos os ataques racistas daqueles que cobravam posicionamentos, Pelé continuou com o discurso da meritocracia como um valor fundamental de busca pela justiça social. A fim de dar continuidade à análise do processo inicial de desconstrução do herói racial edificado em torno de sua imagem, analisarei a seguir alguns trechos da entrevista concedida pelo ex-jogador ao programa Vox Populi, da TV Cultura, no ano de 1977<sup>45</sup>. A referida atração, cujo nome denuncia seu propósito, foi ao ar entre os anos de 1977 e 1986 e consistia em um programa de entrevistas em que personalidades públicas da sociedade

<sup>45</sup> Entrevista completa disponível em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TbZ3j-Wpcms>

brasileira eram chamadas para responderem questionamentos de cidadãos comuns e também de jornalistas. Estes últimos, todavia, eram minoria entre aqueles que formulavam perguntas, o que prevalecia, de fato, era a “voz do povo” nas ruas de todo o país. O entrevistado era posto numa cadeira de frente para uma tela onde era possível contemplar e ouvir seus inquiridores. Grandes nomes como Caetano, Garrincha, Belchior, Lula, Elis Regina, dentre muitos outros, marcaram presença em um quadro hoje tido como clássico da televisão brasileira.

Em sua primeira temporada (1977), o *Vox Populi* recebeu Pelé. Muitos foram os temas tratados, todavia, gostaria de me deter no assunto que venho desenvolvendo, a saber: a sistemática e progressiva desconstrução de Pelé enquanto ícone negro. Durante o desenrolar do programa, o tema do racismo não demorou para aparecer na pauta, tanto que foi colocado em debate por duas pessoas abordadas nas ruas pelo repórter. À altura do minuto 14, um popular, homem branco, questiona Pelé:

**Popular:** “Você não acha que no Brasil o negro ainda precisa ter um comportamento de branco para ser aceito na sociedade? São negros de alma branca como muitas vezes definiram você?”

**Pelé:** “Eu acho que você tem razão em partes. Eu acho que o negro, o branco... se ele for um homem, entende? Se ele tiver o seu comportamento exemplar, ele não precisa ser ninguém porque o que a gente tem aqui no Brasil é mais um preconceito social e não racial como é nos Estados Unidos, como é na África do Sul, por exemplo. [...] Graças a Deus nós não temos isso aqui. Eu, por exemplo, fui criado em Bauru, em Minas, com branco, com preto, em Santos, na praia... a gente vê essa mistura aqui. Então o problema no Brasil, é um problema social. Eu acho que qualquer um, branco ou negro, se ele estiver bem preparado, não vai haver problema pra ele. Agora se for marginal, tanto faz ser branco ou ser negro, ele vai ter problema na sociedade.”

O questionamento do popular teve um duplo propósito: desafiar o entrevistado a fazer uma análise de conjuntura política sobre a questão do negro naquele momento e, em segundo lugar, provocá-lo associando-o àqueles que negam suas identidades e se submetem às estruturas racistas em nome de interesses outros. Pelé, no entanto, tomou outros caminhos em sua resposta. Novamente evocando valores meritocráticos em seu discurso, o ex-jogador praticamente chega à conclusão de que não existe racismo no Brasil, pois o problema da desigualdade e exclusão seria uma questão mais social do que racial. Para Pelé, o conceito de racismo se aplicaria somente a situações extremas de segregação institucional como as que ocorreram em contextos como Estados Unidos e África do Sul. Tanto que, em sua concepção, a maior prova de que não existiria preconceito racial e, conseqüentemente, mazelas sociais em decorrência disso, estaria na obvidade da miscigenação brasileira, onde todas as raças

conviveriam e se cruzariam de forma pacífica. A crença no mito da democracia racial e em valores como disciplina e ascetismo profissional como soluções para as desigualdades, continuaram a moldar sua mentalidade durante muitos anos ainda. Em decorrência disso, como continuarei a demonstrar, as contestações foram cada vez mais intensas.

Em seguida, ainda no Vox Popoli, uma jovem mulher negra com livros nas mãos, aparentemente uma estudante universitária, tece as seguintes considerações:

**Popular:** “Olha, eu acho que ele é um cara legal, só que ele fura na parte dos negros. Acho que nessa vez que ele foi pra os Estados Unidos, ele deu uma de branco, acho que ele deveria ter defendido um pouco mais o negro nos Estados Unidos, sabe? Porque ele fez muita coisa lá, mas ele não defendeu a nossa raça. Porque como tem aquela separação lá, acho que ele deveria ter mexido mais, ter falado, defendido, porque ele é um grande lá, mas ele tem que mostrar que os negros são grandes também. Eu acho que ele deveria defender um pouco mais a raça que ele tem, ele tem a cor negra.”

**Pelé:** “Bom, aí é um problema de pegar bandeira. Eu acho que se a pessoa não for radical, entende, ele pode ajudar melhor podendo entrar em qualquer lugar. Eu sempre fui da paz, eu acho que posso ajudar muito mais com paz, porque hoje eu entro em qualquer lugar. Eu fui na Cortina de Ferro, na Rússia, eu fui na China Comunista agora, eu estava nos Estados Unidos, e eu entro em qualquer lugar. E eu recebi na ONU há pouco tempo, pra essa mocinha que talvez não saiba, o título de Cidadão Mundial. Isso é uma coisa que não é qualquer um que recebe. Agora, pra receber esse título e ir nos Estados Unidos fazer o que eu fiz, eu não mudei a minha cor! Eu estava lá como negro! Quem quiser seguir o meu exemplo, quem quiser fazer ou tentar fazer o que eu faço, entende, é o que eu posso fazer. Eu procuro ser correto, honesto em tudo que eu faço. Eu acho que o que eu tenho que fazer é unir, nunca dividir. Eu não preciso pegar bandeira e dizer “não, eu sou do lado dos pretos”, aí eu vou ter problema com os brancos e não vou poder fazer nada?! Nem pelos brancos e nem pelos pretos? É o mesmo caso de política. Depois que você toma um partido, aí o outro partido sempre fica com raiva. Eu acho que o importante é a gente ter confiança naquilo que faz, acreditar na pessoa. Eu acredito em mim, entende, eu acho que o que eu venho fazendo sem tomar partido, eu tô ajudando muito mais do que se eu começar a criar problemas para os dois lados. Então, é minha maneira de ser.”

“Furar na parte dos negros”, pode-se dizer, seria um sentimento de decepção para com o ídolo frente a outros negros de tão grande projeção quanto o brasileiro, e que, ao contrário, se colocavam e publicamente condenavam o racismo. À medida que a década de 60 acabava e desembocava nos anos 70, levava consigo também toda a mística que passou a envolver as figuras de Martin Luther King, Malcom X, que passaram a ser bandeiras para os movimentos antirracistas que, naquele momento, se posicionavam no front. Tão logo esses símbolos cresciam e ganhavam importância e peso histórico ao longo da década de 1970, mais aumentaria a cobrança para que Pelé, na condição de negro mundialmente conhecido que era, se ombreasse a esses vultos e se tornasse, igualmente, um sinônimo de luta e resistência pela igualdade. Sua não correspondência às altas expectativas lançadas sobre seus ombros acabaria

por gerar sentimentos de decepção e, muitas vezes, antipatia, como se pode perceber na fala da estudante negra.

Pelé acreditava estar numa posição de neutralidade ao não tocar e condenar publicamente o racismo, porém, tudo que conseguiu com isso foi atrair cada vez mais antipatia à sua pessoa da parte daqueles que esperavam dele grandes atitudes, quem sabe até revolucionárias. Não assumir uma posição alinhada com o que se debatia naquele momento, era tido como um “problema”. Ora, percebe-se com isso que, nesse contexto, o próprio Pelé rompe com a mitologia e os paradigmas raciais fincados por Mário Filho na década anterior em suas obras. Mitologia em que ele próprio era o personagem central e a grande resposta para o fim do racismo no mundo. Claramente ele passou a desejar não estar nesse lugar, pois, com o passar dos anos e o desenrolar dos acontecimentos em torno das questões raciais no mundo, sua percepção do que seria lutar contra o racismo foi sendo resumida e generalizada em palavras como “divisão” e “desunião”. Ele se coloca não como um ícone negro para os negros, mas como uma referência dita pacífica para todas as raças. Isso porque essa noção de ícone negro na década de 1970 já estava “contaminada” em sua mente, pelos fortes e às vezes mortais e intensos embates, sejam intelectuais ou físicos em torno do problema do racismo. Para todos os efeitos, ser uma espécie de Luther King, Ali, Angela Davis ou Malcom X, soaria para ele mais como problema do que como solução. Definitivamente, ele não acreditava nisso. A frase final “Eu acredito em mim” diz muito do fio condutor que o guiou durante todos esses anos. Basicamente, a militância é criminalizada e uma nova ética é posta como bandeira: a não discussão dos problemas e contradições sociais sob o risco de fortalecê-las, ao passo que, por outro lado, deve-se estimular a disciplina e o caráter reto, tanto na profissão, quanto nas relações humanas do cotidiano.

A resposta de Pelé ao usar o termo “radical”, foi no sentido de deslegitimar as organizações políticas antirracistas que, segundo ele, praticariam um racismo contra brancos e acabariam por promover caos, violência e mais desunião entre as raças. Daí sua afirmação em dizer que “eu sempre fui da paz”. Pelé explica que sua militância não se daria nos mesmos moldes que os líderes negros assassinados nos anos 60. Sua estratégia seria, a partir de um discurso pacificador, ter o poder de transitar em diferentes esferas, sem “pegar bandeira” ideológica pró-negros, pois isso traria problemas com os brancos. Sabe-se, todavia, que no mesmo ano de 1977, Pelé se despedia de seu último clube, o New York Cosmos. Sua passagem no clube dos Estados Unidos não foi meramente futebolística, envolvia uma série de contrapartidas financeiras como: novas parcerias comerciais, contratos, investidores internacionais, etc. Tomar partido na luta antirracista iria, certamente, indispor Pelé com o

mercado e com muitos investidores. Sua declaração de que não gostaria de ter problemas com os brancos deve ser entendida também por esse viés, e não somente como a fala de alguém que deseja distanciar-se de intensos debates. Feita essa ponderação a respeito de seu distanciamento, acredita que a maior contribuição que poderia oferecer para o combate às injustiças raciais seria apenas seu exemplo de pessoa “honesta” e “correta”, pois, segundo sua lógica, uma pessoa honesta e correta jamais discriminaria seu semelhante por causa da cor, seja ele negro ou branco.

Digno de registro é também o artigo “O rei e o rito”, publicado em 1978 pelo antropólogo José Carlos Rodrigues na Revista Comum da Faculdade Hélio Alonso (FACHA) e republicado em 1982 pelo mesmo periódico. Este é, seguramente, um dos trabalhos acadêmicos pioneiros a tomar Pelé como objeto de reflexão e pensar a trajetória e o simbolismo do jogador como representações de um tipo ideal de identidade nacional. Em seu texto, Rodrigues explora a segunda cerimônia de despedida de Pelé da Seleção Brasileira em 18 de julho de 1978, realizada no Maracanã. Amparado em forte tradição antropológica a respeito da linguagem dos ritos tribais e suas representações, sua teoria seria que toda a cerimônia de despedida encenada no estádio, remetia a um modelo de sociedade brasileira racial e socialmente idealizada que seria, naquele momento, representada por Pelé e seu discurso de valorização do trabalho, da meritocracia e democracia racial:

No intervalo habitual, antes de começar o segundo tempo do jogo, ocorreu a seguinte cerimônia: [...] Pelé ingressou no campo acompanhado de dois gandulas [...], esses gandulas eram crianças, uma branca e uma negra, vestindo camisas da seleção brasileira com o número dez às costas (o mesmo número da de Pelé). [...] A festa de despedida de Pelé foi conotativamente um discurso sobre a sociedade. O autor do milésimo gol [...] é aquele que, sendo negro, ocupa uma posição que na sociedade brasileira normalmente é ocupada por brancos. É aquele que faz a mediação entre pretos e brancos. Que concilia simbolicamente uma contradição potencialmente problemática. Além disso, o homem de pele negra que agora está na Tribuna de Honra [Pelé], que ocupa o ápice da hierarquia social futebolística, o “rei do futebol”, enfim, é o mesmo que dá suas mãos aos gandulas, àqueles que são os verdadeiros párias do futebol. O homem-mito [...] agora conduz os excluídos até a entrada do gramado social: soluciona, por mediação simbólica, a oposição entre o “alto” e o “baixo” da hierarquia política. Ao espectador, embutido nas justas homenagens ao “maior jogador de todos os tempos”, o rito diz também: [...] não importa se você é branco ou negro, as regras do jogo são as mesmas para todos; o campo é o mesmo, oferecendo a cada um idênticas facilidades e obstáculos; se você seguir os caminhos neutros da autoridade, aqueles que a sociedade aponta e delimita, você poderá marcar seu milésimo gol, dar a volta olímpica, sentar-se na Tribuna de Honra. (RODRIGUES, 1982 p. 82, 87)

Diferentemente dos textos produzidos nos anos 60 em que era celebrada a condição de Pelé como possível conciliador racial, contribuindo assim para o suposto “fim” das opressões raciais, a análise de Rodrigues segue no sentido de denunciar o que entende por manipulação

didática dos ritos da cerimônia de despedida em prol de uma ideologia que prezava pelo mérito pessoal por si só ao mesmo tempo em que despreza fatores sociais e raciais. Discurso, aliás, que naquela década sempre foi reproduzido pelo jogador quando provocado por jornalistas. Dessa forma, para o autor, a cerimônia de despedida teve papel relevante no que concerne à difusão da falsa imagem do país enquanto terra da harmonia racial e das oportunidades iguais, visto que, dentro dessa lógica, Pelé seria o maior espelho e exemplo produzido pelo Brasil. O artigo de Rodrigues se junta, portanto, a todo o processo de desconstrução do ícone negro que ganhou força nos anos 70.

No mesmo ano, outra entrevista de Pelé, dessa vez à revista *Manchete Esportiva*<sup>46</sup>, dessa vez no ano de 1978, também trouxe à tona algumas tensões já presentes no ano anterior durante programa *Vox Populi*, na TV Cultura. A matéria intitulada “As últimas verdades do Rei”, apresenta um time de jornalistas encarregados de realizar perguntas espinhosas ao entrevistado. À altura da página 49, o jornalista Roberto Drummond, representante do jornal *O Estado de Minas*, questiona a Pelé sobre o peso de sua representatividade negra que estaria, segundo ele, sendo desperdiçada quando comparada com outros ativistas da época:

**Roberto Drummond** (Estado de Minas, Belo Horizonte) – Quando irá acordar um Cassius Clay dentro de você? Quando você vai participar mais do desenvolvimento dos negros, no Brasil? Até quando você vai continuar sendo um negro de alma branca?

**Pelé** – O Cassius Clay é racista. Sofreu a segregação e eu respeito a sua posição. Eu não tenho razões para assumir posições racistas. (MANCHETE ESPORTIVA, 1978, nº 21, p. 49)

Digno de nota ressaltar que Roberto Drummond provoca Pelé com o mesmo argumento que Henfil usou em sua charge de 1971. Diferentemente do dito popular racista que costuma elogiar pessoas negras de bom caráter com o termo “negro de alma branca”, aqui, o mesmo termo teria outros sentidos e remeteriam a uma identidade negra vazia, de alguém indiferente à causa do racismo e que busca, a todo o momento, um estilo de vida semelhante ao das elites brancas do país. A comparação com o militante negro e pugilista norte-americano Cassius Clay (que em decorrência de sua conversão ao Islamismo, mudaria seu nome para Muhammad Ali) tem como propósito cobrar atitudes políticas radicais e firmes, da parte de Pelé, que até então sempre se mantivera discreto quanto ao assunto em questão. Como demonstrarei mais à frente, a comparação crítica com Ali perdurou durante as

<sup>46</sup> Entrevista completa disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116335&PagFis=10784&Pesq=Pe%cl3%a9%20negro>

décadas seguintes, chegando em seu auge no ano de 2016, quando o ex-pugilista veio a falecer.

A resposta a Drummond logo em seguida é ainda mais interessante porque revela muito do conceito de “racismo” cultivado por Pelé, o que explicaria porque, durante tanto tempo, ele se negou a estar presente em protestos, manifestações e demais atos públicos ao lado de militantes negros. Ao afirmar categoricamente que “Cassius Clay é racista”, por isso não compartilha de seus valores, embora entenda o motivo de sua revolta contra os brancos, Pelé não só acena para a polêmica ideia de “racismo reverso”, como também desmerece e busca deslegitimar em uma só frase toda a militância negra que naquele momento tinha no pugilista norte-americano um ícone de resistência não só ao racismo, mas também à cultura da guerra nos Estados Unidos, tendo em vista que o mesmo recusou-se veementemente a lutar no Vietnã.

Na mesma entrevista, em mais uma pergunta, Oswaldo Faria, representante da Rádio Guarani, de Minas, faz o seguinte questionamento:

**Oswaldo Faria** – Raros negros no Brasil conseguiram ser ídolos. Você acha que não sendo negro teria sido mais popular ainda?

**Pelé** – Acho que quando a pessoa tem sorte, é honesta e tem valor, a cor assume um papel insignificante no sucesso que poderá alcançar. Não cria dificuldades impossíveis de serem ultrapassadas. (MANCHETE ESPORTIVA, 1978, nº21, p. 49)

Tanto a citação da entrevista à Vox Populi, quanto a citação da Manchete Esportiva, marcam um dos principais traços argumentativos de Pelé em sua histórica negativa em participar de movimentos antirracistas. Além de acreditar piamente na ideia de que negros podem ser racistas com brancos através de sua militância, sempre mostrou acreditar no poder da persistência, da honestidade e excelência profissional como ferramenta de combate à discriminação racial e à pobreza. Tal fato, passadas algumas décadas, pouco ou nada mudou, como demonstrarei a seguir.

Sua autobiografia (2006), publicada quase trinta anos após a entrevista para a revista Manchete Esportiva, é outro espaço em que sua concepção de mundo, profissão e raça, aparecem de forma interessante e coerente com suas falas passadas. Ao narrar a primeira viagem que realizou ao continente africano, durante uma das muitas excursões que o time do Santos faria na década de 1960 mundo afora, Pelé confidencia o que ele, enquanto homem negro, sentiu ao pisar em solo africano e entrar em contato com aquelas pessoas. Escreve ainda que passou a enxergar sua própria existência de forma diferente após essa experiência, tamanho o impacto que a viagem teria exercido em sua percepção de si mesmo e do mundo.

Antes, vale destacar que a viagem descrita por Pelé não diz respeito ao episódio que ficou folcloricamente conhecido como a “pausa na guerra civil” para vê-lo jogar, em 1969, na Nigéria:

Um outro acontecimento que me faria reconsiderar meu senso de identidade e lugar no mundo se deu alguns meses depois, quando viajei pela primeira vez a África. [...] Estar na África foi ao mesmo tempo uma lição de humildade e uma experiência gratificante. Senti que representava uma esperança para os africanos, como negro que conseguiria fazer sucesso no mundo. (NASCIMENTO, 2006, p. 157; 158)

Note-se que, em seu texto autobiográfico, Pelé dá continuidade ao raciocínio de Mário Filho que sempre o exaltou como um exemplo para os demais negros, um espelho para ser visto, admirado e imitado. No entanto, as semelhanças com o texto de Mário Filho param por aí, pois enquanto o jornalista pernambucano busca ressaltar o exemplo e a importância de Pelé para uma dita diminuição da mentalidade racista no mundo, da mesma forma que o eleva como parâmetro comportamental no que diz respeito à autoaceitação e orgulho da cor de pele, do tipo de cabelo e de todas as características típicas do corpo negro; Pelé, por outro lado, enfatiza sua posição social elevada como fator determinante para influenciar pessoas negras.

A frase: “Senti que representava uma esperança para os africanos, como negro que conseguiria fazer sucesso no mundo” traz em si fortes elementos que nos indicam que os parâmetros de Pelé estão fundamentados em princípios éticos individualistas e não na ideia de união e resistência de uma coletividade/minoria subjugada. Ao escolher o termo “esperança”, procura transmitir um senso de responsabilidade frente a pessoas que o admiram e o têm por modelo. Esperança não na luta contra as injustiças sociais e o racismo, mas, em especial, na questão da ascensão social por meio do esforço, do mérito, da disciplina e do profissionalismo. Ao declarar que estar na África na condição de negro social e financeiramente bem-sucedido trouxe um senso de responsabilidade para com os mais vulneráveis, Pelé reproduz, em outras palavras, o raciocínio de que se ele pode mostrar àquelas pessoas que elas também conseguiriam romper as barreiras raciais e sociais através se seguissem seu exemplo de esforço, disciplina e dedicação.

Ora, em um continente à época profundamente marcado pelos abismos sociais e pela escandalosa experiência sul-africana do Apartheid, falar em esforço soaria, para boa parte do movimento negro e setores progressistas, no mínimo, como ingenuidade e desconhecimento dos processos que excluíram os povos africanos socialmente mais vulneráveis, das possibilidades de ascensão social. Será justamente por sua dificuldade em compreender contextos sociais e históricos contraditórios, aliada a uma mentalidade meritocrática



impregnada em suas declarações, que Pelé será rotulado de maneira bastante contundente, por vezes, como antimodelo e omissos nas questões raciais. Passa-se a desconstruir e questionar, assim, todo o ideal imaginado no início da década de 1960, quando da construção da mitologia sobre o ex-jogador que representaria uma radical e aguda quebra do paradigma racial no futebol e em todo o mundo.

Neste ponto, acionarei mais uma vez a obra “Fala, Crioulo” (1982) para, a partir de um fragmento do depoimento de Pelé ao autor Haroldo Costa, pensar essas e outras questões. A declaração a seguir ilustra o raciocínio outrora exposto sobre os valores do ex-jogador e como ele enxerga seu papel no combate ao racismo no Brasil. Além disso, é possível entender a fala de Pelé a partir do conceito já trabalhado de performatividade (BUTLER, 2003), visto que o jogador ao mobilizar o seu passado, dota seu corpo de sentido e de uma performance política no exercício do seu trabalho

Sabendo da influência que exerci nos mais jovens, sempre cuidei da disciplina, do bom exemplo, o que para muitos é apenas carece. [...] Tem muita gente que quer me ver metido em política, ou que eu vá pegar a bandeira do racismo ao contrário, porque eu sou um bom jogador de futebol ou porque eu tenho nome. O que eu me propus foi fazer bem à minha profissão. Se todos os negros, se todas as pessoas, independente da cor, procurassem fazer bem à profissão deles estariam fazendo muito pelos seus (COSTA, 1982, p. 121-122)

Para Pelé, o ascetismo profissional tal qual praticado por ele, seria a saída para os conflitos raciais e, mais ainda, para o combate às desigualdades e injustiças. Nesse sentido, quem escolhe militar por outras vias como a política e o movimento negro (chamado por ele de “bandeira do racismo”), faz, em sua opinião, um desserviço à causa da igualdade, pois como ele mesmo define, o discurso antirracista criminalizaria o branco injustamente, atizaria o ódio entre as raças e possibilitaria o surgimento do que chama de “racismo ao contrário”. Outro motivo para não se envolver nessas questões é que, sendo um “exemplo para os mais jovens” e tendo a disciplina como valor máximo, se achar “metido em política” (entenda-se, assumir-se como voz ativa antirracista) acabaria, na sua percepção, por destruir o legado ético e moral que havia construído.

Também é importante lembrar em qual contexto sua fala foi produzida. Como alguém que viveu o auge profissional durante toda a Ditadura e que sempre procurou ser discreto politicamente, Pelé acabou absorvendo valores conservadores que associavam à negatividade toda sorte de protestos de rua ou discursos contra as estruturas de poder. Talvez por isso seu depoimento em 1982, ainda que durante uma Ditadura fragilizada e em gradual sublimação, evidencie sua percepção e sua autoproteção ao risco que seria “manchar” sua imagem ao se

envolver com bandeiras sociais combativas. De toda forma, não conseguiu escapar às críticas que sempre o acusaram de omissos.

A chegada da década de 1990 não alterou significativamente, pelo menos em seu início, as percepções mais críticas sobre a biografia do ex-jogador. Houve, em certa medida, leituras que reconheciam as contradições de sua trajetória e que, por outro lado, também buscavam justificar erros através de uma contextualização que pudesse dar conta de explicar uma possível deficiência na educação e na formação humana de Pelé. Um exemplo de abordagem dessa natureza pode ser encontrado em matéria assinada por Eurípedes Alcântara para a revista *Veja*, em 22 de dezembro de 1993, intitulada “À sombra das chuteiras milionárias”. Eurípedes empreende esforço jornalístico para traçar o perfil profissional e todo o potencial mercadológico de Pelé, este, já aposentado como jogador e dedicado a outros tipos de negócios. A matéria fornece elementos para se deduzir que as cobranças por posicionamentos políticos no campo dos conflitos raciais, continuou sendo uma constante nos anos 90:

Em vinte anos como jogador e outros vinte como garoto-propaganda, nunca comprou uma briga pública. Sempre foi um apaziguador, uma personalidade de esponja, pronto a acolhoar atritos. [...] Sempre que perguntado sobre racismo, balançou a cabeça dizendo que, no seu caso pelo menos, isso não existia. [...] Mas é verdade também que as pessoas inamistosas em relação a Pelé, as que o vêem com reservas, são ressentidas ingênuas. Pelé destacou-se como atleta, só isso. Foi um gênio, um deus dos gramados. [...] Dele muitos exigem, no entanto que se porte como Martin Luther King em questões de racismo ou como Luiza Erundina em matéria de política. [...] Não é possível, não é sensato exigir que Pelé seja gênio fora de campo. Ele teve formação escolar rudimentar, vem de um meio social modesto, frequentou o círculo mentalmente raso dos gramados. (*VEJA*, 1993, ed. 1.319, p. 86, 88, 89)

Tais argumentos, ainda que busquem uma conciliação, tropeçam inevitavelmente no preconceito de classe, pois associam a pobreza e a profissão de jogador à total incapacidade de pensar criticamente. Dessa forma, o autor, diferentemente de outros colunistas, não culpa Pelé, pois o tem por mentalmente limitado. Ao contrário, passa a culpar o que chama de “ressentidos ingênuos”, os quais não percebiam que um homem de origem pobre, tendo como agravante o fato de ser jogador de futebol, não teria a mínima condição intelectual de ser um líder político. A visão de Eurípedes pode ser classificada como um ponto fora da curva, pois não pende para os extremos da divinização ou demonização do ex-jogador. Ainda assim, sua corrente de pensamento não prosperou, o que se pode perceber nos anos seguintes é a velha polarização de memórias, como o ponto a seguir irá demonstrar.

#### 4.2 “Quando irá acordar um Cassius Clay dentro de você?”: o questionamento jamais esquecido

A pergunta feita por Roberto Drummond a Pelé em 1978 durante entrevista para a revista *Manchete Esportiva*, e que compõe o título do presente tópico, continuou ecoando pelas décadas seguintes, como um fantasma ou sombra a perseguir o ex-jogador. Cada vez mais cobrado a se posicionar criticamente, Pelé também passou a ser questionado por profissionais da imprensa à medida que novos casos de racismo no futebol brasileiro vieram à tona no novo milênio, em especial durante a segunda década. Todos queriam uma opinião sua, alguns na esperança de que ele teria mudado suas posições, outros para ganharem uma manchete polêmica ao arrancar de Pelé mais uma declaração conivente ou indiferente. A seguir, procurarei demonstrar que o questionamento de Drummond anda é central e se faz presente nos discursos do novo milênio que questionaram a relevância de Pelé para a causa negra no Brasil e no mundo. Tais abordagens negam, veementemente, a ideia e o modelo de identidade nacional de um Brasil racialmente pacificado pelo ex-jogador.

No Brasil, as primeiras duas décadas do século XXI foram marcadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) à frente da Presidência da República durante 14 anos (2002-2016). Durante esse período, algumas ações importantes do governo progressista, fizeram com que o debate a respeito das contradições e desigualdades raciais se popularizasse e passasse a estar cada vez mais presente no cotidiano. Pode-se citar como exemplo dessas ações institucionais: a Lei 10.639/2003 que instituiu o Dia Nacional da Consciência Negra e que também trouxe a questão da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, a Lei 12.288/2010 que promulgou o Estatuto da Igualdade Racial, e a Lei 12.711/2012, mais conhecida por Lei de Cotas, que reservava 20% das vagas no ensino superior, para negros, pardos e indígenas. Todas essas medidas, aliadas à atuação dos movimentos sociais, estudantis, coletivos, etc, contribuíram para que o tema do racismo estivesse sempre em discussão na sociedade brasileira e tendo, periodicamente, visibilidade na grande imprensa. Como resultado desse processo, uma consciência mais crítica que cobrava de Pelé posições politizadas, continuaria a ser difundida por alguns narradores.

Dentro desse contexto, os anos de 2014, 2015 e 2016 ficaram marcados, dentre outras coisas, pelas agressões racistas sofridas pelos jogadores brasileiros Aranha<sup>47</sup>, Daniel Alves<sup>48</sup>,

---

<sup>47</sup> Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,aranha-sofre-ofensas-racistas-de-gremistas-e-desabafa-doi-muito,1551235>

Neymar<sup>49</sup> e Arouca<sup>50</sup>. Frente a esses casos, Pelé teve posturas distintas, às vezes ficando em silêncio, às vezes se pronunciando publicamente, mas sempre mantendo o tom de nunca atacar a estrutura racista, buscando, de alguma forma, justificar os fatos, ainda que tenha os mesmos como graves. As reações de Pelé a tais acontecimentos contribuíram para a consolidação de sua imagem como alguém que, através das palavras, trabalha contra as pautas de combate à discriminação mesmo sendo negro e vindo de origem humilde. Nesse sentido, o caso de injúria racial envolvendo o ex-goleiro do Santos, Aranha, no qual me deterei a seguir, se configura como acontecimento chave que acabou por desencadear críticas mais severas ao posicionamento de Pelé.

O dia era 28 de agosto de 2014. Jogavam Grêmio e Santos na cidade de Porto Alegre em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. O time santista vencia o jogo por uma diferença de dois gols em pleno estádio do tricolor gaúcho. Por volta dos 43 minutos da segunda etapa, a partida foi paralisada em virtude do protesto do goleiro do Santos, Aranha, ao árbitro do jogo, o qual foi informado pelo goleiro que gritos de “preto fedido” e “macaco” estavam sendo dirigidos à sua pessoa por um grupo de torcedores gremistas que se localizavam atrás do gol santista. Apesar da revolta do goleiro ao exigir alguma postura mais enérgica da arbitragem, a partida reiniciou logo em seguida. A pedido do goleiro, os câmeras que estavam posicionados na lateral e atrás do gol, buscaram captar alguma imagem flagrante na arquibancada. As imagens, exibidas logo após o término da partida, de alguns torcedores gremistas que gritavam termos racistas para ofender o goleiro, ganharam as manchetes de telejornais, programas esportivos, jornais impressos, revistas, além de circularem em grande volume em mídias sociais como Facebook e Twitter. À época, o caso<sup>51</sup> ganhou enorme repercussão nacional e internacional, expondo mundialmente as tensões raciais que ainda permeavam a sociedade e, em especial, o futebol brasileiro, historicamente celebrado desde Gilberto Freire e Mário Filho como um futebol diferenciado em termos de técnica que seria fruto da mistura racial de seu povo, em especial, de uma assim chamada influência negra no modo de jogar.

Não demorou para que Pelé, em uma de suas constantes entrevistas coletivas durante eventos que participava, fosse questionado a respeito do caso para que emitisse um parecer. A

---

<sup>48</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor-em-jogo-do-barcelona-12314451>

<sup>49</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/neymar-e-novamente-alvo-de-racismo-em-jogo-do-barcelona/>

<sup>50</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2014/03/arouca-e-chamado-de-macaco-apos-goleada-do-santos-bom-nem-ouvir.html>

<sup>51</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/goleiro-do-santos-vitima-de-racismo-em-porto-alegre-13762998>

posição do ex-jogador, noticiada pelo portal Globo Esporte em 10/09/2014 segue transcrita abaixo:

O Aranha se precipitou em querer brigar com a torcida. Se eu fosse querer parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todos os jogos iriam parar. O torcedor grita mesmo. Temos que coibir o racismo. Mas não é num lugar público que você vai coibir. O Santos tinha Dorval, Coutinho, Pelé... todos negros. Éramos xingados de tudo quanto é nome. Não houve brigas porque não dávamos atenção. Quanto mais se falar, mais vai ter racismo<sup>52</sup>.

Ao dar essas declarações e naturalizar o racismo a partir de sua experiência de jogador do Santos, o ex-futebolista acabou condenando a vítima ao invés do agressor. Dessa forma, distanciou-se cada vez mais do ideal de ícone negro antirracista fabricado por alguns biógrafos, mais ainda, afasta-se, inclusive, do ideal de “militante silencioso” proposto por alguns entrevistados do documentário NFB, pois sua falta de habilidade com o tema acaba provocando e estimulando mais a continuidade de práticas racistas do que propriamente o combate a esse tipo de crime.

Penso que será justamente por conta de suas palavras pouco felizes nesse campo, que os entrevistados irão construir o “ícone antirracista” não a partir do presente, mas do passado, época em que esteve em atividade pelo Santos, tempo esse em que Pelé pouco ou quase nunca se pronunciava sobre temas sensíveis como a discriminação racial. Por isso a insistência no argumento de que sua luta e a contribuição não estava nas palavras ou em alguma postura pública, mas no exercício silencioso e ao mesmo tempo revolucionário de seu trabalho. Na era pós-aposentadoria dos campos de futebol, não existem referências que esses intelectuais possam se utilizar para defenderem suas teses, pois as declarações do ex-jogador o afastaram cada vez mais de ser tomado como um símbolo de resistência. Daí porque se valem de um período em que, dentro da lógica dos dois corpos do rei, o homem/cidadão ainda não estava politicamente maculado e sem legitimidade popular.

Em termos de desgaste popular, o episódio em que comentou o caso Aranha teve menor impacto em sua imagem do que as declarações durante a Copa das Confederações 2013 e os simultâneos protestos de rua. Isso porque em 2013 os holofotes sociais estavam absolutamente voltados para os acontecimentos políticos daquele contexto, o que não aconteceu durante o incidente com o goleiro do Santos. Ainda assim, a entrevista repercutiu de forma negativa em programas e meios digitais, gerando uma série de falas e textos dignos de nota. A fim de perceber as atualizações e conflitos de memória, bem como as brutais

---

<sup>52</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html>

mudanças nas representações em torno do ex-jogador, analisarei a seguir alguns artigos de opinião que foram na contramão do modelo de identidade nacional que Mário Filho e outros sujeitos procuraram sedimentar a partir de sua biografia como comprovação da chamada democracia racial brasileira.

Algo que poderá ser percebido em todos os artigos citados que assumem uma postura crítica para com a trajetória de Pelé será uma radical mudança de rumo nos atributos do mito. Fabricado inicialmente como redentor de um complexo de inferioridade nacional e também dos negros oprimidos dentro e fora do futebol, ele passa a ser representado nesses novos escritos do novo milênio como alguém absolutamente irrelevante do ponto de vista racial. Poucas serão as vozes que continuarão a reproduzir o herói idealizado. Aqueles que ainda procuraram manter parte dessa tradição viva, o fizeram ao atualizar essa memória gloriosa e atribuindo-lhe outros sentidos. Ele aparece nessas reinterpretações não mais como o responsável por varrer o racismo do mundo, mas como alguém que, dentro de suas possibilidades e capacidades, deu sua parcela de contribuição, não da maneira que queriam que ele fizesse, mas da sua maneira.

Um texto interessante para se começar a discussão é o artigo do jornalista do portal R7 da Record, Cosme Rímole, publicado em 10/09/2014. O título do artigo, embora longo, dá o tom crítico do texto: *“Pelé faz o inacreditável. Não só não apoia Aranha, como o critica. O goleiro deveria ter fingido não ouvir os gritos de ‘macaco’. Para ele, o jogador negro tem de se calar diante do racismo...”* A seguir, alguns fragmentos do texto:

Qual é a melhor atitude a fazer quando um negro é chamado de macaco? Abaixar a cabeça e fingir que não ouviu. Porque se reclamar, buscar os seus direitos só estará incentivando o racismo. Ainda mais se for jogador de futebol. Essa é a triste maneira de pensar de Pelé. Por 21 anos que duraram sua carreira ele ouviu os gritos racistas. Nunca usou todo o prestígio de ser o melhor jogador de futebol de todos os tempos. Preferiu não comprar a briga. E se submeteu. Fingia não ouvir os gritos de macaco. A postura submissa de Pelé está tão enraizada que ele criticou Aranha. Para ele, o goleiro do Santos não deveria ter enfrentado alguns torcedores gremistas que o chamavam de macaco. No entender de Pelé, o melhor seria ter se feito de surdo. [...] Pelé teve a coragem de assumir essa postura deplorável hoje. [...] O pior é que Pelé não percebe tudo o que ele poderia ter feito pela importantíssima causa. Porque se os torcedores brasileiros tinham coragem de chamar o maior de todos os tempos de 'macaco', fácil imaginar que os outros não tinham sossego. Mas pouquíssimos tiveram coragem de abrir a boca para reclamar. Pelé age como os primeiros negros a se misturarem com os brancos no futebol brasileiro. Eles estavam tão gratos por poder disputar partidas de futebol que serem chamados de macacos não importava. Uma tristeza que o melhor e mais representativo jogador de todos os tempos seja tão omissivo. E não perceba que a atitude certa, correta é a de Aranha.

O artigo de Cosme Rímole vai além da sempre acionada figura do “omisso”, usada para ressaltar a chamada indiferença de Pelé. Para além da simples omissão, o autor trata de

aplicar um conceito ainda mais comprometedor ao defini-lo como “submisso”, ou seja, alguém que além de guardar silêncio indiferente, cultivava uma postura de conivência para com as estruturas de opressão, colocando-se, dessa maneira, como um sujeito socialmente adestrado por esses mesmos mecanismos. Adestramento que, não satisfeito em guardar para si, tentaria impor a outros negros que se mostrem minimamente questionadores. Olhando por esse viés, o texto de Cosme Rímole pode ser lido como uma dura crítica que desconstrói, mesmo sem referenciá-la, a narrativa que toma Pelé como um subversivo das estruturas que seria responsável pela diminuição do racismo na sociedade.

Ainda no ano de 2014, outra matéria<sup>53</sup> repercutiu o ocorrido com Aranha. O articulista negro Peú Araújo do portal Vice Brasil assina o artigo intitulado: “Racismo no Futebol: Aranha fez mais pelo Negro no Esporte do que Pelé e Anderson Silva Juntos”. Aqui, além de analisar o ato político de Aranha, o autor traça um paralelo entre sua trajetória e a trajetória de dois ídolos que possuem três características em comum: primeiro, são brasileiros; segundo, negros; e terceiro, são considerados por boa parte da opinião pública e crítica especializada como esportistas de alto padrão de desempenho e técnica em suas respectivas modalidades: futebol e MMA (Artes Marciais Mistas), respectivamente. Sem dúvidas, Anderson Silva e Pelé se tornaram dois ícones que extrapolaram fronteiras nacionais e elevaram significativamente, dentro de suas categorias, o patamar técnico do que se espera de um esportista de alto nível. No auge físico e técnico, conquistaram o status de “incomparáveis” não somente pela execução primorosa e original dos movimentos, mas pelos números expressivos de títulos acumulados ao longo de suas celebradas carreiras.

Em virtude de seus feitos vitoriosos, foram atletas que sempre estiveram ao lado de personalidades políticas de projeção mundial, seja em campanhas beneficentes, seja em eventos esportivos. Em vista disso, para o autor, eles acabaram por desperdiçar grandes oportunidades de, a partir de suas posições privilegiadas de visibilidade e da grande influência que exerciam, somarem-se à luta dos negros dentro e fora do esporte, e, assim, amplificar as reivindicações através de suas vozes e rostos conhecidos e admirados globalmente. Aranha, pelo contrário, sem o *glamour* e o reconhecimento mundial de ambos, teria, para o autor do texto, tido uma contribuição historicamente marcante, expressiva e muito mais efetiva no enfrentamento do racismo:

---

<sup>53</sup> Disponível em: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/d7gxjj/racismo-no-futebol-aranha-fez-mais-pelo-negro-no-esporte-do-que-pele-e-anderson-silva-juntos](https://www.vice.com/pt_br/article/d7gxjj/racismo-no-futebol-aranha-fez-mais-pelo-negro-no-esporte-do-que-pele-e-anderson-silva-juntos)

Aos 33 anos, o mineiro de Pouso Alegre, cidade distante 115 quilômetros de Três Corações, fez mais pelo esporte do que Pelé, Anderson Silva ou qualquer outro negro no Brasil. Curiosamente, o Rei do Futebol - e das aspas estúpidas - foi contra a postura de Aranha. [...] Pensa bem: se no dia 19 de novembro, data do seu gol número mil, Pelé tivesse erguido o punho para falar no negro do Brasil, talvez hoje outros atletas não passassem por constrangimentos desse tipo. Pelé foi omissos à sua raça. Em sua trajetória, exibe retratos ao lado de Nelson Mandela e Muhammad Ali, mas seu discurso e alienação são comparáveis às esquivas de Anderson Silva sobre o mesmo tema. Dois ídolos negros, dois homens que repercutem seus dizeres pelo mundo todo preferem se calar diante do racismo. Ou pior, como neste caso de Pelé, preferem colocar panos quentes na questão. Aranha colocou o tema nas conversas de boteco, nas salas das casas brancas, negras, pardas, mulatas e mamelucas do país. Colocou o racismo em debate.

O autor traz de volta um tema discutido no primeiro capítulo: as disputas de memória em torno da fala de Pelé após seu milésimo gol no Maracanã. Pelo tom da argumentação que soa como reclamação ou lamento, pode-se deduzir que Peú de Araújo não compartilha da ideia defendida apaixonadamente por alguns jornalistas e biógrafos, segundo os quais aquela fala emocionada após o gol 1000 estava envolta em um espírito visionário seguido de uma intenção de subversão da Ditadura que não assistia os mais pobres de forma digna. Para o autor, o protesto válido naquele momento onde as atenções do mundo inteiro estavam voltadas para Pelé, seria uma denúncia contundente do racismo impregnado há séculos na sociedade brasileira e que, conseqüentemente, acaba por invadir o esporte e corromper as relações humanas. Nesse sentido, falar nas “criancinhas” teria sido um ato piegas e uma omissão frutos de seu “discurso alienado” que, tal como Anderson Silva, sempre se “esquivou” do tema.

Percebe-se, dessa forma, como mais uma vez o contexto histórico exerce influência sobre os indivíduos que se propõem construir uma narrativa do passado. Por muito tempo, as críticas em torno do discurso de Pelé no Maracanã se davam em razão de não ter feito, naquele momento, um protesto contra a complicada situação política que o país vivia em 1969. Algumas décadas depois, após o processo de popularização e institucionalização das discussões a respeito das questões étnico-raciais, a crítica e o enredo biográfico mudam de direção, passando da Ditadura para o racismo.

Fala-se ainda em Nelson Mandela e Muhammad Ali para ressaltar o contraste entre o envolvimento dos dois primeiros em comparação à chamada indiferença do brasileiro à opressão da sua raça. O texto deixa transparecer que apesar de Pelé possuir registros de momentos de proximidade pública a essas figuras, ele na verdade sempre esteve alheio e distante de seus ideais, pois não verbalizava um discurso de inconformismo como sempre fizeram os mesmos. O artigo de Peú Araújo também pode ser entendido como uma crítica do



autor à forma como Pelé se aproximava de grandes personalidades da causa negra para ser, de certa forma, benquisto e valorizar ainda mais seu nome enquanto marca, deixando nas entrelinhas que o ex-jogador tinha compromisso com suas finanças e sua imagem, e não necessariamente com pautas de movimentos político /sociais.

Dois anos depois, a comparação com Muhammad Ali voltou a ser feita por ocasião da morte do ex-pugilista em 2016. Figura de forte personalidade, Ali, como se sabe, se envolveu na luta pelos direitos civis nos EUA na década de 1960 e frequentemente usava o espaço da TV e dos jornais para expressar sua indignação com a situação do povo negro no país. O texto<sup>54</sup> “Muhammad Ali e Pelé”, do jornalista Juremir Machado da Silva, publicado no site Correio do Povo, portal ligado ao sistema comunicativo R7 da rede Record, faz um cruzamento de biografias com a intenção de demonstrar o quão distante Pelé se encontra de um ídolo da envergadura e da importância política de Ali.

Morreu Muhammad Ali. Um ídolo, um herói, um esportista e um líder cidadão. [...] Foi tricampeão. O melhor de todos no seu campo. Uma lenda, um estilo e uma narrativa. [...] Virou ativista político na luta contra o racismo. Aproximou-se de Malcolm X e passou a combater o pior dos inimigos, a segregação racial praticada na "pátria da liberdade" há menos de 50 anos. [...] Pelé declarou que Ali era seu amigo, seu ídolo e seu herói. Por que Pelé nunca foi como Ali? Por que se restringiu a ser ídolo nos gramados? [...] Dois negros, dois mundos, duas Américas. Um só preconceito. O racismo. Por que Pelé, o melhor de todos no seu campo, não se tornou a voz dos negros no Brasil do racismo cotidiano? Uma questão de personalidade? O homem do apelido não precisou trocar de nome. Terá isso definido sua assinatura? Terá o racismo (mal)dissimulado do Brasil enganado Pelé, fazendo-o pensar que vivia, de fato, numa democracia racial? Terá faltado a Pelé um Malcolm X para lhe iluminar o caminho? Teria Pelé sido diferente se o Brasil adotasse os mesmos costumes segregacionistas dos Estados Unidos? O racismo no Brasil persiste. O silêncio de Pelé também. Pelé fez muito. Ser Pelé já é enorme. Por que não fez mais ainda? Por que não se tornou líder? Muhammad Ali foi o maior de todos. O líder negro que ampliou seu campo de luta. Pelé ainda pode fazer mais um gol. Um gol de placa contra o racismo. A bola está com ele.

“Por que Pelé nunca foi como Ali?” Essa pergunta inquietou e tem inquietado muitas pessoas que cobraram atitudes diferentes do brasileiro. Na verdade, ao contrário do que dizem os críticos, Pelé sempre se posicionou. Escolher esquivar-se de um tema, não tocar no assunto ou simplesmente colocar panos quentes na questão já é um posicionamento. O que de fato não tem ocorrido é uma correspondência às expectativas sociais dos atores políticos que sempre esperaram dele uma determinada leitura de mundo com a qual nunca esteve completamente alinhado, um posicionamento que, efetivamente, abraçasse as reivindicações por respeito e dignidade do povo negro e total repulsa a qualquer manifestação racista. À vista de outros

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/muhammad-ali-e-pel%C3%A9-1.311805>

jornalistas que teceram severas críticas a Pelé nesse campo, as escolhas textuais de Juremir Machado podem ser consideradas, até certo ponto, suaves, pois procura sempre um tom conciliador e esperançoso em sua argumentação, embora não deixe, é claro, de fazer a crítica. Ao evitar uma postura mais condenatória e adotar o lamento como estilo, busca respostas em meio à sua frustração com o ídolo, para o dito silêncio de Pelé.

O autor levanta, ainda, uma interessante possibilidade: teria a teoria da democracia racial, desmobilizado Pelé para o debate? Ora, o contraste é que a mesma teoria teve, em diferentes momentos, o próprio Pelé como personagem principal e objeto de “comprovação” de sua veracidade, pois ele representava, no início da segunda metade do século XX, o fim das tensões de raça. Dizia-se que crianças no mundo todo e de diferentes tons de pele, eram batizadas com seu nome, que uma nova mentalidade havia se formado a partir de seu surgimento e projeção mundial. Pelé agora é confrontado com a mitologia que o consagrou Messias Negro, a qual, para o autor, acabou por enganar a muitos e a enganar ele próprio. Essa mesma mitologia, uma vez tomada no passado como forma para se moldar um determinado tipo de identidade nacional que pensava o Brasil como um país harmonicamente multirracial, agora é tomada como a desgraça e a contradição de um povo, o qual o dito Messias não haveria de libertar jamais.

Outra matéria<sup>55</sup> que também questiona essa mitologia, foi escrita pelo jornalista Kiko Nogueira, do site Diário do Centro do Mundo. Este definiu como sendo uma “ficção” a narrativa que exaltava os feitos e o peso simbólico da figura de Pelé enquanto negro e esportista consagrado. Ao citar a versão de 1964 do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, Nogueira procura apresentar um contraste entre a imagem erigida nos anos 60 e a que julga ser a real, a saber, um Pelé apático que não se reconhece enquanto negro e membro de uma comunidade que, historicamente, esteve por várias ocasiões à margem do que se entende por mundo civilizado. É importante destacar que, cronologicamente, o texto é anterior ao famoso caso Aranha (agosto de 2014), fato que já denota um desgaste antes mesmo de sua maior polêmica dita no âmbito das relações raciais e que viria a acentuar ainda mais o processo de corrosão simbólica. O texto publicado no dia 07/03/2014 tem por título “*Macaco!!*”: o silêncio ensurdecedor de Pelé nos casos escandalosos de racismo no futebol”:

O gênio de Mario Filho, o maior cronista esportivo do país, produziu em 1947 um clássico chamado “O Negro no Futebol Brasileiro”. [...] Na edição de 1964, ele acrescentou dois capítulos e num deles cometeu um erro de avaliação — que pode ser creditado ao seu romantismo. Escreve Mário sobre Pelé: “[...] ele tinha de ser o

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/estamos-sendo-justos-com-pele/>

que era: um preto. O Preto. O Crioulo”. Cinquenta anos depois, o apelido Crioulo caiu em desuso e Pelé está calado, e provavelmente continuará assim, diante dos casos de racismo cada vez mais frequentes e absurdos. [...] Na idealização de Mario Filho, ele tem orgulho de sua cor e seu exemplo seria suficiente para que o racismo no futebol fosse mitigado. Mas ele é, na verdade, o oposto disso, a face da acomodação. [...] A democracia racial brasileira é uma peça de ficção e Pelé, de certo modo, também. Mario Filho fala de Robson, do Fluminense, que nos anos 50 deu uma declaração que caberia perfeitamente, hoje, na boca do Rei: “Eu já fui preto e sei o que é isso”.

Ao chamar Pelé de “peça de ficção”, o colunista Kiko Nogueira afirma, em outras palavras, que o ex-jogador é absolutamente irrelevante politicamente no cenário de combate ao racismo. Sua contribuição seria tão real quanto a ideia brasileira de democracia racial. Mais uma vez, a teoria pela qual foi um dia tido como prova viva da mesma, é usada não para glorificá-lo, mas para destrona-lo. Todavia, o escritor não se furta à possibilidade de transformar Pelé em um símbolo, todavia, não da resistência, mas da acomodação política e social. Ao concluir com a frase citada por Mário Filho, do ex-jogador Robson, Nogueira recorre a um rótulo historicamente sempre utilizado para desqualificar a imagem de Pelé, uma noção negativa e que remete à ideia de traidor da raça ou de alguém que se julga não estar em um dito nível de inferioridade dos negros: o chamado “preto de alma branca”.

Vale destacar que dentro do conjunto de debates e narrativas que deslegitimam Pelé como um possível ícone negro inspirador, as falas de ex-jogadores negros ganham especial destaque, especialmente por serem marcadas pelo mesmo lugar de fala, tanto em termos profissionais como sociais. Tais declarações carregam, portanto, simbolicamente, uma certa legitimação perante a opinião pública. Alguns veículos de comunicação como o portal UOL, por exemplo, trataram de explorar contrastes e colocar em perspectiva duas posições antagônicas: o ativismo versus a apatia diante dos problemas sociais e raciais. Para tanto, matérias com os ex-jogadores Paulo César Caju e Lilian Thuram deram o tom da crítica.

Paulo Cezar Lima (1949 - ), conhecido no meio futebolístico como Paulo César Caju, jogador negro de grande projeção entre o final da década de 1960 e toda a década de 1970, integrante da vitoriosa Seleção Brasileira tricampeã em 70, é uma figura conhecida por seu temperamento forte e posicionamento político crítico ao racismo. Em 1968, chegou a declarar publicamente seu apoio ao movimento dos Panteras Negras nos EUA, ao passo que, esteticamente, procurava adotar sempre uma vasta cabeleira Black Power, marcando por meio do próprio corpo, seu posicionamento político. Tido sempre por “sincero” e por vezes controvérsico em suas declarações, Paulo Cezar continuou, para deleite de boa parte da imprensa que busca extrair sempre alguma frase marcante, alimentando essa persona após

aposentar-se dos gramados. Em entrevista<sup>56</sup> concedida em abril de 2014 ao jornalista Pedro Ivo Almeida, do portal UOL, intitulada “Paulo Cezar Caju diz que Pelé também tem culpa por racismo no futebol”, o ex-jogador evoca, assim como outros fizeram, a imagem de Muhammad Ali e líderes negros do passado de semelhante reputação mundial.

Relaxado nas areias da praia do Leblon, no Rio de Janeiro, Caju analisou com calma o assunto e não poupou ataques àqueles que ele considera os grandes culpados pelo preconceito ainda marcar presença nos campos e estádios. [...] Segundo o ex-jogador, [...] Pelé não se comporta da melhor maneira em relação ao racismo, se omitindo de uma luta que poderia ser vencida com a participação do maior atleta do século. “As grandes entidades precisam se posicionar e não fazem. E o que dizer do maior jogador do mundo? Ele é lamentável neste caso, não se posiciona. É um absurdo. O cara é o atleta do século, a figura mais popular do mundo e não usa isso para brigar por causas justas. E sempre que abre a boca para se pronunciar não fala nada correto. [...] Se o Pelé tivesse um pouco de noção ou sensibilidade, faria uma revolução neste caso [racismo]. Ele tem mais repercussão que líderes políticos e religiosos. Mas não, prefere ficar falando besteira. E, na boa, nem quero mais falar dele. Não vale. Temos que falar de Muhammad Ali, Martin Luther King, Nelson Mandela... Estes, sim, foram grandes líderes que aproveitaram o espaço que tinham para brigar pelos negros. Abdicaram de suas vidas e compraram brigas sérias, coisa que o Pelé deveria fazer e nunca fez. É brincadeira”.

Mais uma vez, o ponto em que Caju toca e que norteia toda a sua argumentação é “o que Pelé podia ter feito e poderia estar fazendo, mas não fez e continua a não fazer”. A permanente cobrança para que Pelé se assuma um líder foi, como se pode perceber, algo constante durante os últimos 50 anos. Como afirmei anteriormente, os novos critérios para se eleger novos mitos ou novos símbolos de luta passaram a dar ênfase ao enfrentamento ancorado em posturas bem definidas de pensamentos antirracistas. Ora, percebe-se em seu depoimento e nos demais, uma interessante ressignificação da biografia de Pelé. Isso porque se voltarmos algumas décadas até Mário Filho, constataríamos que para o escritor, o atleta teria sido um negro exemplar e socialmente revolucionário porque conseguiu causar grande impacto sem “afrontar ninguém”, escreveu. Entenda-se: sem ter se tornado um voraz militante político que questionava publicamente os privilégios dos brancos e denunciava a desigualdade de raça. O motivo dessa afirmação se deu pelo fato de que a compreensão e interpretação histórico-social do autor era deveras marcada por uma leitura freyreana da sociedade brasileira, o que implica, necessariamente, um determinado trato e abordagem das relações sociais por demais focalizadas na celebração de sua diversidade e mistura como saídas possíveis para as tensões, excluindo-se, assim, as possibilidades de enfrentamento como solução. A análise de Paulo Cezar, como outras que aqui pude expor, acabou por inverter os

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/04/10/paulo-c-caju-diz-que-pele-tambem-tem-culpa-por-racismo-no-futebol.htm>

valores de Mário Filho, pois nesses novos tempos, o fator determinante para o desgaste de Pelé seria, contraditoriamente, sua falta de “afrota”, aqui tomada no sentido de denúncia e engajamento.

Dando continuidade a essa discussão, analisarei posicionamento semelhante, dessa vez, vindo de um estrangeiro. Quase que na mesma tonalidade de Paulo Cezar, porém, com um pouco mais de cautela nas palavras, o ex-zagueiro da seleção francesa campeã mundial em 1998, Ruddy Lilian Thuram-Ulien (1972 - ), também criticou o comportamento de Pelé quando este ainda era jogador e após aposenta-se. O ex-jogador francês, vale destacar, tornou-se um ativista negro bastante dinâmico que, além de ter criado a Fundação Lilian Thurram, a qual possui uma proposta de educação antirracista, tem dado palestras e produzido obras que tocam no tema. A fala em questão foi reproduzida pelo portal UOL em matéria<sup>57</sup> publicada no dia 05/03/2018 e tem por título: “Thurram critica Pelé por ‘egoísmo’ e omissão no combate ao racismo”.

Para o ex-zagueiro francês Lilian Thuram, a falta de posicionamento de Pelé sobre o racismo torna o brasileiro “egoísta”. O europeu criticou a omissão do sul-americano a respeito do tema. "A verdade é que Pelé jamais se posicionou. Ele jamais se posicionou sobre a problemática do racismo no Brasil. E, portanto, ele é alguém que poderia ter feito avançar as coisas. Mas, para se posicionar e melhorar as coisas, eu acho que é preciso gostar das pessoas. [...] Eu não conheço Pelé, mas eu acho que é preciso superar um certo egoísmo. E pode ser que Pelé não tenha essa grandeza da alma, porque, efetivamente, se você vir a imagem que ele tem no mundo, eu acho que ele deveria ter feito outras coisas."

Para Thurram, Pelé havia se blindado em seu mundo envolto em grande bolha de privilégios. Um mundo particular e restrito a convivência com celebridades, políticos, chefes de Estado, cartolas, etc. E sendo ele a personalidade global que é, estaria protegido quanto a situações em que o racismo mais cru e pouco sutil se faz presente. E é justamente por ocupar esse lugar privilegiado de respeito mundial, que o brasileiro deveria, segundo o francês, ter aproveitado toda a visibilidade para usar sua voz como instrumento de denúncia contra o racismo. O que Thurram chama de falta de “grandeza da alma”, que até certo ponto também pode ser entendido como “falta de coragem”, contrasta com que, no passado, muito se disse sobre Pelé, tido como um jogador que, na sua época ousou ser corajoso e não seguir os mesmos passos de Friedenreich, que escondia seus traços naturais para ser melhor aceito. Segundo esse modelo, ele seria a materialização da coragem e da ousadia, pois não se curvava aos padrões estéticos impostos aos jogadores negros. O depoimento do francês toca, portanto,

---

<sup>57</sup> Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2018/03/05/thuram-critica-pele-por-egoismo-e-omissao-no-combate-ao-racismo.htm>

diretamente na questão de sua relevância social e racial, que para ele, seria tímida ou quase nula. Caju e Thurram convergem, portanto, para um mesmo ponto em comum: Pelé seria egoísta, pois além de não abrir mão de seus privilégios em prol de um bem maior, como o fizeram importantes líderes negros de sua época de jogador, sua imagem de homem que enfrentou o preconceito e não se curvou a fim de servir de exemplo para outros negros, seria uma mera fantasia. Ainda assim, o próximo capítulo demonstrará que a narrativa do Messias Negro não foi, por completo, superada, pois foi retomada nos últimos anos e modernamente reinventada sob novos vernizes.

Ora, nas duas primeiras décadas do século XXI, portanto, já em um período de nova sensibilidade em relação ao conceito de racismo, muitas foram as matérias, além daquelas já analisadas, que visaram criar uma nova narrativa, desta vez mais contestadora e negacionista, da mitologia em torno do fenômeno Pelé. Não as abordarei todas aqui, sob o risco de tornar-me excessivamente repetitivo, tendo em vista serem tais matérias muito semelhantes em seus argumentos<sup>58</sup>. Entretanto, tal fato não se configura como algo negativo, pelo contrário, evidencia uma intrigante afinação e harmonia de discurso dentro do campo daqueles narradores que propõem novas interpretações, novas identidades e tipos nacionais que estejam desvencilhadas do chamado “Atleta do Século”. Importa reafirmar a título de conclusão, que durante toda a segunda metade do século XX, distintas concepções a respeito das questões raciais e seus conflitos/resoluções estiveram em disputa no terreno da memória coletiva, cada uma como fruto de sua época e de seu contexto, a mobilizar símbolos nacionais, evocar o passado e projetar o futuro a partir de um ponto central gerador de debate: a trajetória do ex-jogador do Santos.

Com o fim do século XX e início do século XXI, o qual trouxe consigo a popularização da internet, novas interpretações biográficas passaram a ser tecidas para a referida plataforma. Outros marcos temporais importantes do novo milênio, como a morte do ex-pugilista Muhammad Ali, também deram o tom para novas atualizações e conflitos de memória, posto que sua morte trouxe de volta o debate sobre o papel político de esportistas negros. Dito isso, o ponto seguinte abordará, mais uma vez, os contradiscursos situados no contexto em que essas novas narrativas do novo milênio foram produzidas, dessa vez tendo

---

<sup>58</sup> Outras matérias de questionamento à ideia de Pelé como ícone de combate ao racismo podem ser encontradas nos seguintes links:

1. “Neymar imita Pelé e toma a pior decisão possível diante dos racistas”: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/01/neymar-imita-pele-e-toma-a-pior-decisao-diante-dos-racistas.html>
2. “O mal que Pelé fez a Neymar com sua tradicional omissão”: <https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/o-mal-que-pele-faz-a-neymar-com-sua-tradicional-omissao-15082018>
3. “Por que odiamos Pelé?”: <https://brunhoffmann.wordpress.com/2015/08/31/por-que-odiamos-o-pele/>

como objeto de análise alguns trechos do documentário (2017) que adaptou parte do clássico de Mário Filho, NFB, para a linguagem cinematográfica. Assim como a década de 70 e 80 foram marcadas pelo questionamento político quanto à conduta do ex-jogador fora dos gramados, da mesma forma, agora nos anos 2000, ele será mais uma vez confrontado por ex-jogadores militantes e escritores que não compactuavam com o modelo de identidade nacional proposto outrora, em que Pelé ocupa lugar privilegiado como símbolo brasileiro de resistência e vitória sobre o racismo. Ao mesmo tempo, outros intelectuais se levantarão a seu favor e defenderão seu simbolismo.

#### 4.3 “O Negro no Futebol Brasileiro” 70 anos depois: novos e velhos relatos biográficos

O ano de 2017 marcou os 70 anos da primeira publicação do clássico “O Negro no Futebol Brasileiro” (1947). Como já afirmei, o livro foi reformulado posteriormente pelo autor e incorporou a trajetória vitoriosa de Pelé, que seria ao final dessa narrativa o ponto mais alto do Brasil miscigenado e de heranças negras após séculos de opressão e exclusão históricas. Para a comemoração dos 70 anos da obra, foi gravado em 2016/2017 um documentário de título homônimo que seria exibido no ano seguinte pelo canal de TV fechada HBO Brasil, a direção ficou por conta do diretor Gustavo Acioli (Incuráveis – 2005; e Mulheres no Poder – 2016).

A obra é dividida em quatro capítulos de 60 minutos e faz referência ao livro a todo o momento. A voz em *off* do diretor narra trechos da obra original que serve como roteiro para a trama. O documentário conta com depoimentos de grandes personalidades negras do futebol brasileiro como Carlos Alberto Torres, Romário, Adriano, Dida, Reinaldo, Cláudio Adão, Júnior, Tinga, dentre outros. Algo que deve ser lembrado é que não foi à toa que a obra cinematográfica, assim como o livro, dedicou seu último capítulo inteiramente à trajetória de Pelé. Mais uma vez ele é representado como a materialização de todo o imaginário mitológico que advoga um processo histórico de democracia racial brasileira. A ideia de fechar o filme exaltando Pelé tem objetivo jogar luz sobre a “consagração de um processo” que teria alcançado êxito no país. Como bem observaram os pesquisadores Camila Augusta Pereira e Hugo Lovisoló, o ex-atleta representa e personifica, dentro da mitologia futebolística nacional, o encerramento de um ciclo e o começo de uma nova era:

No caso do Brasil miscigenado, os negros encontraram no futebol um lugar de crescente integração e reconhecimento. Para a história oficial do futebol, Pelé significa a consagração do processo de valorização, integração e reconhecimento do atleta negro no futebol brasileiro. (LOVISOLO; PEREIRA, 2014, p. 52)

Entretanto, diferente do livro de Mário Filho, em que somente uma visão é propagada, o trabalho de Gustavo Acioli busca escutar outras vozes e exibir outros pontos de vista a respeito das múltiplas interpretações da trajetória do ex-jogador. Nesse ponto, tem-se outra vez mais uma batalha pela memória, agora oscilando entre dois extremos já conhecidos.

O documentário busca equilibrar, entre depoimentos favoráveis e questionadores, a noção problemática de democracia racial. A partir da negação desse conceito, muitos intelectuais negros ou não, têm ressignificado a trajetória de Pelé, dando ênfase às contradições do sujeito e não mais buscando construir um modelo de herói redentor ou de brasileiro ideal. Nesse sentido, um dos aspectos destoantes do documentário NFB em relação ao livro é que o diretor Gustavo Acioli não apenas trouxe vozes que reproduzem a tradição de Mário Filho, mas, por outro lado, procurou proporcionar uma diversidade de olhares a partir também de outros sujeitos que possuem compreensões históricas totalmente opostas. Dentro desse debate interno ao documentário, ocorre, inevitavelmente, disputas de modelos de identidade nacional, de memórias e de sentidos tendo Pelé como a grande celeuma. Embora o filme ofereça um leque de opiniões e olhares diferentes lançados sobre a trajetória de Pelé como sujeito negro, fica evidente para o espectador que o documentário como um todo se esforça para coroar a narrativa do herói, de forma que o último episódio da série de quatro capítulos trata de exemplificar, através de Pelé, a ascensão e glória do jogador negro após décadas de exclusão.

Para começar, trarei à tona as passagens que, de alguma forma, dialogam com o pensamento de Mário Filho expresso em seu livro. Ou seja, que expressam a visão do advindo de Pelé como sendo um marco histórico que acabou por dissolver barreiras sociais que há muito separavam negros de brancos, não só em termos esportivos, mas, sobretudo, sociais. Em seguida, exporei as falas que, a meu ver, buscam atualizar de forma mais acentuada e polêmica a memória em torno de Pelé e das questões raciais, não mais ficando presos a antigas formulações que exaltavam a miscigenação no Brasil, mas se atendo a fatos mais recentes para, a partir daí, tecerem novas interpretações. Essas novas interpretações descolam-se do pensamento e das teses freyrianas para construir uma crítica de mundo a partir das discussões em torno de conceitos como “racismo estrutural”, “representatividade”, “lugar de fala”, dentre outras noções.



A primeira depoente do documentário a fazer eco ao que escreveu Mário Filho em 1964 é a jornalista Angélica Basthi, a mesma que também escreveu a biografia “Pelé, estrela negra em campos verdes” (2008):

Como é que esse menino, esse jovem negro, ele vira esse símbolo nesse primeiro momento? Na verdade, o Pelé conseguiu traduzir um engasgo da população negra que desde a década de 1950 vinha engasgada com a derrota do Brasil e com a culpabilização de três jogadores negros pela derrota. Mas como assim? Por que os jogadores negros foram culpabilizados? Porque havia uma crença de que os jogadores negros não tinham capacidade e nem estrutura emocional pra lidar com situações de extrema tensão. A base dessa crença é uma crença racista, ou seja, sempre aquele pensamento e aquela tentativa de inferiorizar a população negra. E o futebol naquele momento serviu para consolidar esse pensamento. [...] Naquele momento o Pelé consegue resgatar a autoestima do negro brasileiro, isso é muito forte.

Em sua fala, Basthi busca justificar a ascensão de Pelé a partir de dois marcos: a derrota em 1950 e a chamada “culpabilização” dos jogadores negros Barbosa, Bigode, Juvenal; e o primeiro título mundial em 1958 tendo o jovem Pelé como um dos protagonistas. Dessa forma, para Angélica Basthi, Pelé teria sido um tipo de Messias. Da mesma forma que o Messias de Mário Filho, teria libertado a nação brasileira de uma série de jejuns de títulos mundiais e sido um talento reconhecido após algumas gerações que acabaram não produzindo grandes jogadores. Contudo, este Messias aqui posto por Angélica é mais direcionado e tem um público alvo: os negros. Estes que vinham sentindo-se menores, desprezados, sobrecarregados, discriminados, agora tinham um libertador: Pelé.

Luiz Carlos Barreto, fotógrafo esportivo brasileiro que cobriu muitas edições de Copa do Mundo na segunda metade do século XX, dentre elas as edições 1958 e 1962, também traz falas interessantes de serem analisadas.

O psicanalista da sociedade brasileira foi Pelé. Pelé, Garrincha, esses dois ícones do futebol brasileiro, eles derrubaram os muros do preconceito racial. Assim como Bolívar foi o libertador das Américas, os libertadores do psicossocial foram Pelé e Garrincha.

A comparação de Pelé a um dos assim chamados “Libertadores da América”, como Simón Bolívar, é um raciocínio que, da mesma maneira, continua a reproduzir a ideia do Messias criada por Mário Filho em “Viagem em torno de Pelé” e NFB. Ao acrescentar, porém, o elemento do psicossocial, Luiz Carlos Barreto acena para a ideia de “complexo de vira-lata” criado por Nelson Rodrigues na década de 1950. O jornalista, então, passa a reproduzir a tradição que concebe Pelé como transformador da autopercepção do brasileiro

perante o estrangeiro, mudando, portanto, a identidade coletiva nacional, visto que, conforme afirmou Hall, a identidade se constrói a partir da diferença para com o outro (HALL; WOODWARD, 2000). Esse imaginário, portanto, se ancora no jogador santista para afirmar uma identidade nacional única que se elevaria diante das demais representações nacionais.

O cantor e compositor Gilberto Gil é outro depoente que, em sua fala, segue o mesmo caminho de Luiz Carlos Barreto e, consequentemente, de Nelson Rodrigues e Mário Filho:

No fundo no fundo, Pelé foi importantíssimo pra essa questão da autoestima do negro em geral no Brasil. Não só os fãs de futebol, mas todos, todos em todos os campos. Enfim, Pelé teve esse papel de abrir portas, abrir espaços de acolhimento, de consideração, foi fundamental.

A declaração de Gil pode ser comparada ao texto de Mário Filho escrito em 1964, pois carrega a mesma compreensão a respeito de qual teria sido o significado e a grandeza de Edson Arantes do Nascimento: “assim, Pelé cumpriu uma missão, a de permitir que todos os pretos do mundo pudessem ser pretos.” (FILHO, 1964, p. 499). Tal entendimento carrega consigo a ideia do “antes” e “depois”, e acentua a noção de um “revolucionário” que teria se transformado em representação política e simbólica de determinado segmento minoritário em espaços sociais de poder e visibilidade. O compositor e escritor José Miguel Wisnik que, detalhe, não é negro, também faz seu relato do que teria significado o surgimento de Pelé. Para ele, os sentidos estão muito mais voltados à nação, à identidade nacional em sentido amplo, do que propriamente às questões raciais apontadas por outros depoentes. Sua fala revela como os sentidos podem ser, de certa forma, manipulados e usados para fins históricos e sociais diferentes a depender de quem esteja se apropriando dos fatos.

Por isso 58 é a reversão deste “domingo” de 1950, e por isso que eu criança senti isso lá em São Vicente na frente do cinema que se chamava Cine Maracanã, aonde eu vejo papel picado caindo do céu, sem edifícios pra jogar esse papel picado. Na verdade era como se fosse essa chuva simbólica, benfazeja, de alguma coisa que se reencontra com suas próprias potencialidades. Era na verdade a realização palpável daquilo que depois eu fiquei sabendo que era a grande virada daquele “complexo de vira-latas”, daquela derrota de 50 que de repente se transformava numa revelação sensacional do que era o futebol brasileiro, das possibilidades do futebol brasileiro.

Trata-se de um depoimento que traz em sua argumentação as heranças de Nelson Rodrigues e seu complexo de inferioridade; como também de Mário Filho e seu Messias que teria redimido a nação do chamado “trauma de 50”, acontecimento aqui descrito poeticamente por Wisnik como sendo um “domingo”, ou seja, uma ressaca coletiva que teria durado oito longos anos até ser definitivamente superada e suplantada em campos sucos. Tal fato teria,

segundo essa mitologia da tragédia, sufocado as “potencialidades” dos brasileiros, que só viriam a ser libertados de seu “cativeiro mental” e, assim, se reconhecerem e serem reconhecidos como especiais, após o título de 1958.

Angélica Basthi, jornalista biógrafa de Pelé, apesar de muitas vezes em sua obra escrita e em falas anteriores reproduzir com entusiasmo e dar continuidade à tradição do Messias dos irmãos Rodrigues, acaba por justificar que, mesmo Pelé sendo para alguns esse símbolo de resistência e rompimento de barreiras sociais e raciais, ele mesmo sempre esteve distante e alheio a essas pautas, cabendo a outros, como ela própria, eu diria, encaixá-lo em narrativas de onde se possam tirar lições para se combater e vencer o racismo tendo como modelo sua história de vida:

O Brasil estava sob influência forte do movimento negro norte-americano, das manifestações pelos direitos civis dos afro-americanos, e isso chega aqui no Brasil e aí começam as rearticulações do movimento negro. Quem era naquela época o principal ícone dentro da comunidade negra pra fora e pro Brasil? Era o Pelé. E o Pelé não soube reconhecer esse papel dele. [...] O Pelé não conseguiu perceber que no momento em que ele faz a opção de não reconhecer o racismo, de minimizar e até mesmo invisibilizar o racismo e as situações racistas que ele já tinha vivenciado, ele paga um preço alto para a história, na verdade a dívida do Pelé passou a ser com a história. E aí as pessoas começam a se decepcionar com o Pelé: “Poxa vida, aquele homem, aquele jogador negro que tanto orgulha quando a gente o vê em campo, por que esse jogador negro não reconhece aquilo que eu vivencio no meu dia-dia?”

As colocações de Angélica podem ser comparadas com as análises feitas no início do capítulo I, ocasião em que expus diversas matérias jornalísticas que declaravam que a história estivera em dívida com Pelé até o dia em que recebeu, da Fifa, o prêmio especial Bola de Ouro, em 2014. Agora, a biógrafa afirma o contrário: Pelé é que estaria em dívida com a história por conta da falta de posicionamentos mais firmes. Tamanho paradoxo e contradição exemplificam a complexidade do indivíduo estudado. Ao mesmo tempo, evidenciam as típicas representações do “Rei” e do “Réu”, ou para ser mais específico, de Pelé (consagrado pela história) e do Edson (em dívida com a história).

Posteriormente, o historiador Daniel Araújo afirmará que Pelé, enquanto sujeito social negro que esteve inserido em um contexto de efervescência política como as décadas de 1960 e 1970, acabou por escolher, deliberadamente, não acompanhar as discussões de forma ativa, de maneira que tal distanciamento o tornou uma personagem sempre aquém das discussões políticas de seu tempo: “O Pelé ficou um personagem da década de 50 nos anos 70, ele não era mais uma figura daquele tempo dos anos 70. Era um negro que não se posicionava, que não lutava pelos direitos.” Atrelado a essa fala, o documentário traz logo em seguida o discurso da psicanalista e diretora do Instituto AMMA Psique e Negritude, Maria Lúcia da

Silva. Em suas colocações, busca explicar qual seria a razão da falta de envolvimento de Pelé nas questões políticas que o tocavam de forma direta. Para a pesquisadora, a rápida ascensão do jogador, que passou a ocupar lugares socialmente elevados, acabou seduzindo-o de tal forma que o mesmo teria incorporado valores que acabariam, com o tempo, moldando sua percepção de mundo, ao mesmo tempo em que o distanciava das lutas populares:

Eu diria que o Pelé incorporou efetivamente a ideologia do embranquecimento. É só por isso que ele, efetivamente, não pode dar conta de utilizar toda a sua projeção, toda a sua visibilidade em favor de um grupo. Essa é uma política muito potente no Brasil e muito disseminada. Eu diria que o Pelé incorporou efetivamente a ideologia do embranquecimento, até porque o Pelé entrava em qualquer lugar que nenhum negro entrava porque ele era o Pelé.

Ao analisar de forma mais atenta, há, de fato, um distanciamento entre o depoimento da psicanalista Maria Lúcia e os textos de Mário Filho de 1963 e 1964. Por esse tempo, o jornalista afirmava em suas obras que Pelé era modelo e inspiração máxima para uma mentalidade de combate ao racismo. É interessante observar, no entanto, como este ideal de referencial negro ficou defasado ao longo das últimas décadas, pois, como a própria fala de Maria Lúcia evidencia, a imagem de Pelé está hoje muito distante da possibilidade de ser tomada como inspiração para lutas por igualdade racial. Percebe-se, novamente, a dinâmica complexa da batalha de sentidos em torno da memória, pois o mesmo homem que outrora fora descrito e consagrado por portar e despertar em outros o “orgulho negro” sem jamais mudar seu corpo para ser aceito, como fizera outros como Friedenreich, agora é destronado desse papel tido por modelo, passando a ocupar, desta feita, o lugar da negação de sua identidade ao adotar valores que, segundo a narradora, o “embranqueciam” em nível social e psicológico.

Apesar dessa oposição, há, no documentário, quem tente apresentar uma posição mais intermediária e, assim, defenda-lo das acusações de “omisso na causa negra” sem, contudo, cair no outro extremo de mitificá-lo como uma espécie de Messias. Para além de sua “mitificação” ou de sua “demonização”, trata-se de uma terceira via que se apresenta como mais uma alternativa de interpretação na complexa e polarizada batalha da memória. O cantor e compositor Gilberto Gil, por exemplo, um dos depoentes da obra cinematográfica NFB, responde às acusações de “omisso” com o argumento de que a discricção sempre foi um traço marcante da personalidade do ex-jogador:

E só aí então é que aparecem os questionamentos ao Pelé. [...] Quando no país adotam-se os posicionamentos em relação à raça, questão da racialidade, aí então aparecem: ‘como um negro não vai se juntar ao contingente dos que lutam pelas causas negras? Como é que ele não passa a defender a questão da causa negra?’ Só

que Pelé sempre foi muito discreto, muito resguardado, então pra mim não há nada de excepcional no fato de que ele não tenha vocalizado, verbalizado, explicitado uma posição a favor do negro, a favor da luta do negro contra a discriminação, não quer dizer que ele não fosse a favor dessa luta, óbvio que ele era.

Para tentar rebater a ideia de que Pelé teria abraçado a ideologia do embranquecimento e, portanto, se colocado contra o progresso e difusão das lutas por igualdade, Gilberto Gil procura dar contornos mais suaves à postura do ex-jogador. A saída encontrada pelo músico foi defini-lo como uma espécie de aliado silencioso, alguém que, apesar de não externar verbalmente seu apoio, também não chegou a ser pedra de tropeço. Essa ideia também chegou a ser desenvolvida por outros entrevistados, porém, com uma ênfase maior no trabalho como afirmação da raça. Aqui, mais uma vez, a chave conceitual de Butler (2003) proporciona um melhor entendimento dessas falas, porquanto, os entrevistados irão deslocar o sentido da luta política para o uso do corpo de Pelé, ou seja, para a performatividade dele enquanto jogador negro, que, para estes, já se configurava como ato político de afirmação, o que dispensava, portanto, qualquer outro tipo de ação como discursos ou algo semelhante. Em diálogo com o raciocínio de Gil, o jornalista e comentarista esportivo Paulo César Vasconcellos procura enfatizar que, em sua percepção, há um demasiado rigor por parte daqueles que cobram de Pelé uma postura política mais acentuada, quer no passado enquanto jogador, quer no presente enquanto personalidade mundial e atleta aposentado.

Eu acho que há um rigor exagerado do povo brasileiro. O povo brasileiro tem uma enorme dificuldade em conviver com o ídolo, basta olhar a biografia do esporte no Brasil e ver como nós nos referimos aos nossos ídolos. Queriam durante uma época, uma postura mais política do Pelé. Acho que no exercício do seu trabalho, ele foi perfeito e o que ele fez pela raça negra foi a afirmação desse trabalho. Eu nunca vi o Pelé chegar e dizer assim: ‘ah, você que é negro seja humilde, seja subserviente’, não ele nunca fez isso. Agora, ele também nunca chegou e disse assim: ‘eu fui vítima de racismo aqui ou ali’, imagino que nunca tenha sido, porque pra muitas pessoa, equivocadamente, o Pelé não tem cor. Só que o Pelé é negro, e acho que de uma maneira do jeito dele, de maneira silenciosa e objetiva, ele fez muito pelos negros.

Semelhante a Gil, mas indo além nas palavras, Paulo César Vasconcellos lança olhar positivo sobre o não envolvimento direto de Pelé no debate antirracista enfatiza a performatividade do exercício de jogador de futebol profissional como ato extremamente politizado de afirmação dele e de seus semelhantes. O que muitos definiram como “omissão” e desperdício de oportunidade dado a posição de visibilidade mundial que o jogador ocupava, para o jornalista pode ser encarado como uma militância “silenciosa” e, no fim das contas, tão bem-sucedida quanto ou até mais exitosa que qualquer outro ato político, posto que não havia

enfrentamento direto. Isso porque o reconhecido destaque no exercício de seu trabalho praticado com excelência jamais vista antes, já seria suficiente para, sem o uso de discursos, bandeiras, faixas, punhos serrados ou confronto físico, afirmar que o negro era capaz e, assim, rechaçar teorias de inferioridade.

Em outro depoimento semelhante, o veterano fotógrafo esportivo Luiz Carlos Barreto complementa a narrativa defendida por Gil e Vasconcellos, ou seja, o pensamento de que, ao contrário do que muitos afirmam, Pelé sempre esteve a lutar pelas pautas do movimento negro, todavia, não do modo como sempre se cobrou, pressionou e esperou dele, mas sim da forma mais natural possível e da melhor maneira que ele poderia oferecer naquele momento: exercendo com dedicação seu trabalho dentro de campo e, conseqüentemente, calando os que acreditavam ser o negro um ser inferior: “Acusavam o Pelé de não defender a causa negra, ele defendia todo domingo, toda vez que entrava em campo ele tava defendendo a raça negra.” Lembrando em seu propósito o texto do biógrafo José Castello que constrói uma imagem idealizada de subversivo da Ditadura Militar, a narrativa compartilhada pelos três últimos aqui citados trabalha com a noção do Pelé símbolo de resistência e luta contra o racismo.

Mesmo compartilhando de perspectivas que se cruzam em determinado momento, Gil, Vasconcellos e Barreto procuram se distanciar suavemente do conceito acentuadamente heroico, construído por Mário Filho. Isso porque, apesar de serem unânimes em afirmar que Pelé teria rompido barreiras, tal feito teria se dado de maneira muito mais contida e discreta, diferente da forma messiânica e entusiástica que o jornalista e cronista pernambucano narra o impacto que a sociedade, o futebol e a comunidade negra haveriam sofrido após a explosão de Pelé como figura pública de renome. Portanto, mesmo que essa atualização encontre suas raízes na narrativa idealizada de Mário Filho e que com ela ainda mantenha diálogo, se coloca com um distanciamento considerável em relação ao que foi dito no passado, muito em função do histórico de Pelé, principalmente nos anos que sucederam a republicação do livro NFB em 1964.

Tal período marcou grandes tensões raciais pelo mundo, em especial o questionamento de regimes segregacionistas na África do Sul e Estados Unidos, lutas que acabaram influenciando outras realidades como o Brasil. Mesmo envolto em contexto pulsante, o ex-jogador foi deixando cada vez mais evidente que nunca teve a pretensão de ser um símbolo de luta e assim estar no mesmo patamar político de uma causa como o fizeram seus contemporâneos Martin Luther King, Muhammad Ali ou Nelson Mandela. Daí, por exemplo, esses novos intelectuais que difundem sua imagem como a de alguém que combateu o racismo de forma discreta, não reproduzirem a exclamação: “*Nenhum preto, no mundo, tem*

*contribuído mais para varrer as barreiras raciais do que Pelé.”* Como afirmei anteriormente, sua militância é enxergada por esses novos narradores como sendo indissociável de seu trabalho, daí seu caráter mais contido se comparada às manifestações públicas de Ali ou Martin Luther King que, para além de seus trabalhos, tinham uma vida intensa de entrevistas e atos públicos em que a temática em questão era sempre a segregação.

Ora, a ideia que Gil, Vasconcellos e Barreto difundem sobre a dita militância de Pelé não pode ser encarada como uma interpretação até então inédita de sua trajetória. O próprio Pelé chegou a afirmar diversas vezes que seu maior ato político contra o racismo não consistiu em fazer o que sempre lhe cobraram. O exercício de seu trabalho era, segundo ele, suficiente para dar visibilidade e quebrar barreiras raciais. Um desses registros anteriores às falas dos depoentes, pode ser encontrado no livro “Fala, Crioulo – A consciência dos Crioulos Brasileiros” (1982), de Haroldo Costa, que reúne grande número de depoimentos de brasileiros e brasileiras negras, numa diversidade que vai desde um quase desconhecido balconista, até a figura de um ex-embaixador, dentre outros, como Pelé.

Sempre disse que não sou de carregar bandeiras, menos ainda as que querem botar nas minhas mãos. Tenho consciência que se posso fazer alguma coisa pela minha raça é através do esporte, como eu fiz. Foi agindo da maneira como eu agi. Não adianta ficar falando aí, da boca pra fora, fazendo média com a plateia, como tem muita gente por aí fazendo. Brancos e pretos. Prefiro juntar gente num campo de futebol ou mesmo através do contato pessoal contribuir para um melhor entendimento entre os homens. Aonde eu vou, onde eu entro, é um negro que está entrando lá. Se é um lugar onde negro antes não entrava então entrou o Pelé, a porta está aberta. (COSTA, 1982, p. 121)

Nota-se um evidente desconforto no depoimento de Pelé. Sempre cobrado a falar em nome dos negros e recriminar publicamente o racismo, acreditava, como já afirmei, que sua contribuição se daria por outras vias. A fala de Pelé evidencia, ainda, certo desprezo pelos debates e discussões que, na sua concepção, estavam desassociados da prática, que, para todos os fins, visava construir um ambiente mais harmônico e respeitoso entre as raças. Daí sua crítica ao que chama de palavras ditas “da boca pra fora” para “fazer média com a plateia”. Seu raciocínio caminha no sentido de explicitar que o trabalho prático, direto ao ponto e sem rodeios teóricos, seria feito por ele, que através de uma simples partida de futebol, faria brancos e negros sentarem no mesmo ambiente para vê-lo jogar. Seu não alinhamento à prática de discursos inflamadamente politizados e posturas mais marcadas cobrou, como visto anteriormente, um preço histórico até hoje perceptível, mas que começou a ter seus efeitos no começo da década de 1970, ainda no contexto de fervente discussão racial e pós-morte do pastor King.

Finalmente, apesar de todo esse desgaste público durante décadas, algumas narrativas ainda continuaram a sustentar, se não em sua integralidade, pelo menos parcialmente e de forma atualizada, as intrigas glorificadoras e messiânicas dos anos 60. A partir dessa constatação e a fim de dar continuidade à discussão sobre as batalhas da memória entre o “Rei” e o “Réu”, o capítulo a seguir analisará de que forma as cinebiografias se posicionam dentro desse amplo e complexo debate, afinal, como se pode perceber durante todo o capítulo, as memórias sobre o jogador sempre se adaptaram a novos contextos. De que forma essas produções dialogam, endossam ou até mesmo divergem do restante da memória outrora aqui problematizada? Que tipo de mitologia constroem e em que medida ela é usada para reforçar certos ideais de identidade nacional, tendo como ponto de partida a trajetória de um indivíduo? Até que ponto o tempo presente em que foram produzidos esses discursos, acabaram influenciando e definindo o tom da abordagem? Tentarei responder esses e outros questionamentos a seguir.



## 5 “SINÔNIMO DE BRASIL, MAIS FORTE QUE O CARNAVAL, O SAMBA E O PRÓPRIO FUTEBOL”: PELÉ E AS REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO CINEMA

### 5.1 A produção cinematográfica da segunda metade do século XX e suas representações biográficas

O Cinema pode ser visto ele mesmo como *agente histórico*. O Cinema mostra-se um ‘agente histórico’ importante no sentido de que interfere direta ou indiretamente na História. Ou, mais propriamente, poderíamos acrescentar que o Cinema tem se mostrado um instrumento particularmente importante ou um veículo significativo para a ação dos vários agentes históricos, para a interferência destes agentes na própria História. O Cinema, então, mostra-se como poderoso instrumento de difusão ideológica (BARROS, 2016, p. 23)

Conforme venho afirmando ao longo do trabalho, as narrativas biográficas de Pelé sofreram muitas atualizações em cada período histórico. A indústria cultural, por sua vez, teve papel fundamental nesse processo, pois ao mesmo tempo em que produzia “bens simbólicos” (BOURDIEU, 2007) a partir da memória biográfica do jogador, passou a gerar novos sentidos de brasilidade e novas interpretações da sociedade brasileira. Dentre essas atualizações, é possível destacar o cinema como um poderoso veículo produtor e comunicador de representações sociais e biográficas. A citação presente no título do presente capítulo, retirada do documentário “Pelé Eterno” (2004), contribui no sentido de pensar a respeito da dimensão histórica atribuída ao mito por essas obras e de que maneira ela é associada a símbolos nacionais como o samba, o carnaval e o futebol. Elaborados conceitos e formulações sociológicas/raciais sobre sua trajetória que durante a década de 1970 foram amplamente criticados, passaram a ser retomados pelo cinema e, dessa forma, com maior poder de síntese e impacto imagético, atualizados a partir da linguagem audiovisual. Como destacou o historiador José D’Assunção Barros na citação acima, o cinema opera como um agente produtor de ideologias e representações que incidem sobre o imaginário social, visto que apresenta uma proposta de interpretação da história e, conseqüentemente, da sociedade em questão. Nesse sentido, sabendo que “o cinema é um dos mais poderosos instrumentos contemporâneos de monumentalização do passado” (NAPOLITANO, 2008, p. 276), destaco os documentários e cinebiografias que, paralelo à encenação biográfica do atleta Pelé,

também desenvolveram e construíram interpretações, imagens, valores e símbolos de brasilidade.

Ressalto, como observou o historiador Marcos Napolitano, que a análise do material não foi pautada pelo nebuloso critério da “fidelidade factual e historiográfica” do filme, o qual pressupõe a ingênua busca pelo “real” nas obras. Antes, importa mais entender o conteúdo, as escolhas, recortes e desdobramentos de tais narrativas, compreendendo, portanto, que, no caso particular dos filmes analisados, se tratam de representações do passado e sobre um determinado modelo de identidade nacional pautada por: valorização do trabalho e do esforço, superação dos conflitos raciais, louvor à miscigenação, sentimento patriótico de reconhecimento e respeito perante o mundo, via futebol. Dessa maneira, cabe ao historiador perceber não apenas

o que se encena do passado, mas como se encena e o que não se encena do processo ou evento histórico que inspirou o filme. Não se trata de cobrar do diretor a fidelidade ao evento encenado em todas as suas amplitudes e implicâncias, mas de perceber as escolhas e criticá-las dentro de uma estratégia de análise historiográfica. [...] Ao analisar um filme, o historiador não deve se preocupar em achar uma “verdade oculta” própria da obra cinematográfica em questão ou até mesmo denunciar suas “distorções históricas”, mas sim em “buscar os elementos narrativos que poderiam ser sintetizados na dupla pergunta: “o que um filme diz e como o diz?”. (NAPOLITANO, 2008, p. 275, 245.).

Ora, os filmes abordados se encaixam na categoria descrita por Jorge Ferreira e Marisa Soares, a saber, um cinema que sempre revisitou e buscou glorificar grandes questões que tocam em um imaginário povoado de imagens cristalizadas do que seriam os elementos que compõem essa identidade nacional em construção. No caso das produções cinematográficas de Pelé, o futebol é sempre acionado como grande símbolo brasileiro de coesão social e racial, além de possuir um papel fundamental na elaboração da imagem do país no estrangeiro. Conforme afirmei no capítulo I, o futebol atualmente não possui o mesmo poder de mobilização social simbólica e dramaticidade dos dilemas da nação que, durante as décadas de 50, 60 e 70, por exemplo, lhe era atribuído por escritores, cronistas esportivos e jornalistas. Contudo, o que se pode observar nas produções cinematográficas nacionais sobre futebol, e, especialmente, nas cinebiografias de Pelé, desde a mais antiga até a mais recente, é uma tentativa de retorno a esse imaginário que pautou boa parte da crônica na segunda metade do século XX. Um exemplo desse processo seria o apelo constante dos filmes à derrota em 1950 como fator decisivo para o surgimento de uma nova identidade nacional. Assim, conforme escreveram Ferreira e Soares,

Um certo segmento do cinema brasileiro se instituiu como "lugar de memória", onde diretores, roteiristas, atores e produtores, bem como o próprio público que prestigiou os filmes, se esforçaram em retomar e monumentalizar certos acontecimentos ou problemáticas da história do Brasil. (FERREIRA; SOARES, 2001, p. 12)

Diferente das biografias publicadas editorialmente ou do material jornalístico outrora problematizado, circunstância em que havia uma variedade de posicionamentos muitas vezes conflitantes no que diz respeito à figura do biografado, tal fenômeno, todavia, não se repete no cinema com a mesma frequência. Em todas as cinebiografias, a memória evocada e reinterpretada diz respeito à monumentalização do mito como símbolo nacional sem muitos questionamentos, embora, é preciso pontuar, exista uma variedade de mitologias que trabalham com categorias e representações distintas. Em síntese, são obras que exaltam essa trajetória. Os documentários, por sua vez, dificilmente fogem à regra, com exceção de “O Negro no Futebol Brasileiro” (2017), que apesar de também apresentar visões social e racialmente idealizadas sobre Pelé, procura balancear o tom dos depoimentos inserindo vozes mais críticas.

Com relação ao documentário, é importante questionar, de início, o próprio sentido da palavra, tendo em vista não cair na armadilha que costuma difundir que o gênero possui um caráter mais autêntico do que a ficção. Conforme escreveu Rosane Kaminski: “a própria palavra ‘documentário’ possui a mesma raiz de ‘documento’, e uma espécie de aura de ‘verdade’ circunda essa pretensão – a condição de ‘atestar’ aquilo que foi captado pela câmera.” (KAMINSKI, 2012.). É necessário romper com esse tipo de compreensão e entender o documentário como uma ferramenta de interpretação e não de registro da vida de indivíduos ou fenômenos sociais, tal qual o faz a ficção, evidentemente, por outras vias como escolhas estéticas e de narrativa. Edição, roteiro, narração, exclusão e escolha de imagens, de entrevistados; recorte, manipulação, montagem e sobreposição de depoimentos, constituem aspectos que conferem um caráter subjetivo e ideológico ao documentário.

Nessa perspectiva, encaro o documentário sob a chave conceitual do “documento-monumento”, cunhada por Le Goff, posto que o filme, além de ser produção da Indústria Cultural, também é produto do “esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 1990, p. 548). Ao declarar que todo “documento é monumento”, o historiador francês se refere também às escolhas do pesquisador que, ao levantar um corpo documental de qualquer natureza, deve enxergá-lo sem a aura da “objetividade documental” muito difundida teoricamente por historiadores do século XIX, antes, é necessário sua desconstrução e uma

leitura que o encare como produção que é resultado de múltiplas intencionalidades. No caso particular dos documentários sobre Pelé, além de abordarem a vida do sujeito em questão, tecem narrativas e representações que dizem respeito a uma coletividade e aspectos definidores de uma identidade brasileira pensada para sociedade de seu tempo e para a posteridade, fato que potencializa ainda mais seu caráter de “documento-monumento”.

Dito isso, ao levar em consideração a natureza do conteúdo das fontes, analisarei a seguir de que maneira o cinema se encaixa dentro do debate do “Rei” e do “Réu” e de que maneira a linguagem audiovisual procurou, historicamente, atualizar o mito perante as demandas sociais que colocavam em xeque sua legitimidade e relevância, ao mesmo tempo em que reforçavam imagens cristalizadas de um ideal de identidade brasileira tendo como ponto de partida o futebol.

- O Rei Pelé (1962). Distribuição: U.C.B. - União Cinematográfica Brasileira S.A.

O filme “O Rei Pelé”<sup>59</sup> (1962) foi a primeira cinebiografia produzida sobre a trajetória do jogador. Baseado na biografia “Eu sou Pelé” (1961), escrita por Benedito Ruy Barbosa, o longa foi dirigido e roteirizado pelo cineasta argentino radicado no Brasil, Carlos Hugo Christensen (1914-1999) e teve os diálogos escritos por Nelson Rodrigues (1912-1980), o qual, assim como Pelé, atua brevemente no filme ao interpretar ele mesmo. O detalhe dos diálogos escritos por Nelson Rodrigues se torna crucial, pois todo o texto falado irá dialogar fortemente com a obra de Mário Filho e Gilberto Freyre. Lançada estrategicamente no calor da euforia causada pelo bicampeonato mundial conquistado pela Seleção Brasileira na Copa do Chile (1962), a obra é uma ode à vida e à carreira vencedora do então jovem jogador santista. “O Rei Pelé” estabelece na linguagem cinematográfica alguns marcos em sua intriga que se repetiriam em obras futuras, quer no cinema, quer nos livros biográficos. A ideia de predestinação e destino traçado para cumprir um propósito, por exemplo, é presente durante todo o filme e foi reproduzida e atualizada muitas vezes nos anos que se seguiram. Dois anos depois, essa premissa seria exaustivamente explorada por Mário Filho, que expandiu e conferiu contornos mais épicos à mitologia do Messias Negro.

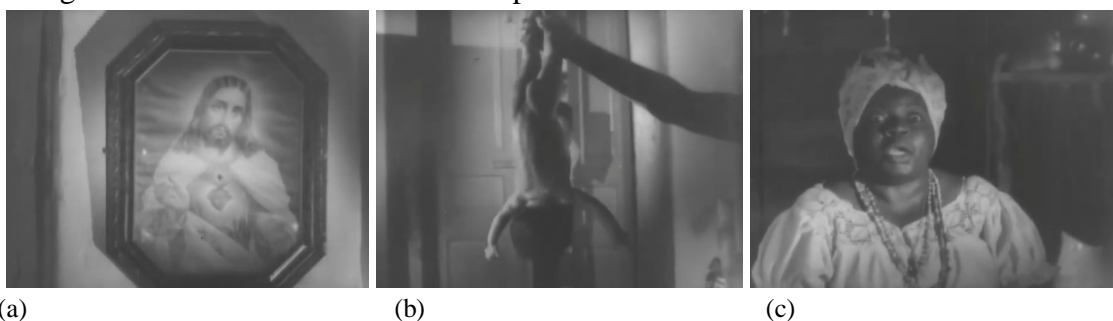
Logo nas cenas iniciais do filme, em que é dramatizado o nascimento do pequeno Edson Arantes, a trama se mostra com ares místicos com a finalidade de demarcar um lugar mitológico do “escolhido” que veio ao mundo para cumprir seus propósitos. No quarto da casa simples em que Dona Celeste, mãe de Pelé, dá a luz, há um quadro de Jesus Cristo na parede que, por um breve momento, é centralizado pela câmera antes de enquadrar a cena em

<sup>59</sup> Filme completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J0AmFTZ5TX8>

que se passa a ação do parto. Essa discreta transição evidencia uma sutil analogia que se repetiria em outros momentos da obra. Na mesma noite que se deu o nascimento de seu filho, Dondinho, o pai de Pelé, dirige-se a um bar com os amigos a fim de comemorar a chegada da criança. Em um dos diálogos, um dos amigos o alerta que será necessário irem até à casa de uma mãe de santo tida por vidente, chamada Raimunda, esta, revelará ao pai todo o seu destino: “Ela quer falar contigo, agora! Ela tem uma mensagem sobre seu filho”.

Ao chegarem ao local, Dondinho e seu amigo encontram a mãe de santo Raimunda em estado de transe ao som de tambores africanos. Após fixar o olhar em ambos os homens, a religiosa exclama: “Filho de vosmecê vai ser rei! Rei... o filho! Rei do mundo!”. A “profecia” dada por uma mulher religiosa e vidente procura dar uma dimensão mítica e mística de Pelé como sendo “o escolhido” que é anunciado, como em mitos antigos, via oráculo. Em comparação proposital com a narrativa bíblica, o menino Pelé, tal qual o menino Jesus, nasce sob profecia de que será um rei conhecido, admirado e adorado mundialmente. Por outro lado, a escolha por uma representante de religião de matriz africana estabelece, ainda, um vínculo com seus ancestrais africanos, dado que a vidente recebeu a revelação por intermédio de entidades afro. A escolha da mãe de santo também sublinha, de maneira simbólica, uma suposta ligação, relevância e representatividade de Pelé para com a população negra brasileira.

Imagem 31 - O nascimento de Pelé e a profecia



(a) Fonte: YOUTUBE.

(b)

(c)

Apesar de todo o misticismo e messianismo na abordagem, a intriga não deixa de lado os valores que Pelé sempre pregou publicamente como sendo definidores de sua personalidade. Dessa forma, houve um esforço do roteiro para construir, aos poucos, a maneira como o ascetismo profissional e a obstinada busca pela perfeição foram questões que desde muito cedo estiveram presentes na vida do então jovem jogador. Em um desses momentos, há um diálogo entre o adolescente Pelé e o veterano ex-jogador Waldemar de Brito, técnico que o conduziu do futebol amador ao Santos FC: “Você ainda tem muito o que

aprender. Jogador de futebol, sabe como é... acima de tudo, a disciplina. Não deve fumar e nem beber. Outra coisa: nem dormir tarde. Sujeito que faz farra nunca vai passar de um perna de pau”. As palavras do personagem foram sempre uma constante nos discursos de meritocracia de Pelé. Embora o jogador tenha sido representado em outros enredos biográficos como praticante de futebol alegre e descontraído, é sua conduta mais séria e ideologia que remete ao dinâmico e à eficiência atrelada ao esforço pelo trabalho, que sempre o credenciou como modelo de herói nacional e tipo exemplar de projeto de nação. Garrincha, por outro lado, era sempre representado como diversão, entretenimento, como “Alegria do Povo”, conforme o título de seu filme lançado em 1963<sup>60</sup>.

Outra cena que reforça a construção do herói negro de caráter ilibado, diz respeito à sequência em que Pelé, ainda adolescente, disputaria uma importante partida pelo Baquinho, clube juvenil da cidade de Bauru. Alguns apostadores, percebendo o potencial do jovem Dico, procuram-no para, através do suborno, fazer com que o mesmo pudesse jogar mal de maneira proposital e, assim, beneficiar o time adversário que fora alvo das altas apostas. Na tentativa de convencimento do jovem jogador a aceitar a proposta, o apostador passa a apelar para os dramas pessoais e familiares que afligiam a casa de Pelé,

temos um negócio para ti, você quer ganhar um dinheirinho por fora? Dinheiro fácil, sem fazer força, quer? [...] Você leva 200 cruzeiros para não marcar nenhum gol amanhã. [...] Nós sabemos que tua família tá passando dificuldade. 200 mil réis é dinheiro pra burro!

No diálogo, Pelé não dá resposta definitiva à proposta e fica visivelmente incomodado com as palavras do assediador. No dia seguinte, dia do jogo, entra em campo com o propósito de marcar quantos gols tivesse a chance de marcar e assim frustrar os planos dos homens que o procuraram na noite anterior. No entanto, a inexperiência e o emocional ainda abalado fizeram com que ele tivesse uma das piores partidas de sua vida. O Baquinho saiu vencido de campo e Pelé sem marcar nenhum gol. Do lado de fora do pequeno estádio, os apostadores o esperavam com o dinheiro em mãos e, logo que o avistam, entregam o valor estabelecido. A reação do jovem Dico foi de espanto sob a argumentação de que não havia jogado mal de propósito, ainda assim, o dinheiro foi entregue em suas mãos como um ato de sarcástico agradecimento pela má atuação. Pelé, então, numa atitude extrema, rasga a cédula de 200 cruzeiros em de total repúdio à lógica corrupta que então se tentava estabelecer. Com isso, prefere continuar com sérias dificuldades financeiras em casa do que vender seu caráter e seu

---

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1N7JEWa18Ls&t=1505s>

futebol para causas sem nenhuma virtude. A construção do Rei, portanto, não se restringe ao campo das habilidades futebolísticas somente, pois a excelência de seu caráter ilibado seria um dos fatores geradores de sua “majestade” ante uma sociedade que, antes de sua coroação, enxergava os negros com desconfiança moral e como sujeitos altamente corruptíveis.

A Jornada do Herói proposta por “O Rei Pelé” possui uma motivação de “chamado à aventura” deveras peculiar. Isso porque em demais intrigas biográficas da década de 60 ou até mesmo em cinebiografias produzidas em décadas posteriores, a motivação que impulsiona o personagem a alçar voos mais altos e sair da pequena Três Corações seria a derrota da Seleção Brasileira em 50. Muitas dessas intrigas constroem um Pelé que, após constatar o abatimento que tomou conta de todos, promete vingar a pátria e recuperar o orgulho nacional perdido. No filme de 1962, no entanto, o Chamado à Aventura se dá a partir de uma situação de pobreza da família Nascimento. Não há na intriga, como haveria em produções futuras, um grande enredo que remete à “recuperação do orgulho nacional” ou, ainda, à afirmação da raça negra no mundo. Diferentemente disso, o personagem de Pelé justifica ao seu mestre a aventura no mundo futebolístico nos seguintes termos: “Seu Waldemar eu não vou fracassar! Eu não vou morrer de fome!”. Dessa forma, o filme propõe em seu enredo que a predestinação de Pelé como salvador, bem como sua posterior consciência política ainda na infância, inicialmente não se constituía como uma preocupação primária do jovem, visto que haviam necessidades mais fundamentais a serem resolvidas antes de restaurar a honra da nação. Isso posto, o que o enredo sugere é que Pelé seria levado pelo destino mesmo sem saber e sem ter a consciência necessária para tanto, a ser, no futuro próximo, o escolhido para mudar o país definitivamente.

Ainda no que diz respeito à jornada de dificuldades enfrentadas e vencidas pelo herói, há também a questão racial que é trabalhada no início do filme. Na ocasião, Silene, uma jovem branca que frequenta o mesmo colégio que Pelé, nutre certa simpatia pela personalidade e pelo futebol praticado por ele, ao que tenta, algumas vezes, aproximar-se para conhecê-lo melhor. Entretanto, os planos da jovem são frustrados por seu pai, Amadeu, um empresário racista que não tolera o mínimo contato da filha com um negro: “se eu te encontrar outra vez com esse moleque, falando com esse crioulinho, tu apanha uma surra! [...] Você é branca! Branca! Branca não tem que dar confiança a um preto sem vergonha!”. A dramatização de um episódio como esse no roteiro, revela traços da concepção do Messias Negro pensado por Mário Filho e pelo próprio escritor dos diálogos, Nelson Rodrigues. Ao exibir uma cena de discriminação no início da película e, nas cenas seguintes, demonstrar a ascensão do protagonista ao estrelato mundial, Nelson Rodrigues destaca que Pelé venceu as barreiras raciais de seu país e contribuiu significativamente para o fim da mentalidade que

pregava ser o negro “indigno de confiança”. A cena do racismo, aliás, chama a atenção também pelo fato de Pelé sempre ter afirmado em entrevistas nunca ter sofrido racismo. Ora, a montagem da cena evidencia que roteiro de Nelson Rodrigues converge para a construção de uma narrativa que legitime a ideia de Brasil como paraíso racial que superou a cultura atrasada do racismo.

Essa ideia, entretanto, é ainda mais presente na versão posterior da película que se encontra nas dependências da Cinemateca Brasileira. Nela, o filme teve seu final editado e estendido com novas cenas que corroborariam ainda mais com a noção do Messias Negro que pôs fim ao racismo. São acrescentadas, por exemplo, cenas da conquista do tricampeonato mundial da Seleção no México e toda a celebração apoteótica após o milésimo gol no Maracanã como forma de representar a glória máxima do mito. No encerramento, a constatação do narrador é enfática em sublinhar a redenção do Brasil proporcionada por Pelé nesses novos tempos: “Edson Arantes do Nascimento, o menino pobre que nasceu no Brasil, terra sem preconceito de cor, de raça ou de religião. Pelé, o menino pobre que se tornou rei”

A última cena que encerra o filme é reveladora em alguns aspectos, visto que a linha temporal retorna à cena de abertura que exhibe, ao fundo, a casa em que Pelé nascia. Após todo o desenrolar da narrativa e a descrição de suas glórias, a casa retorna ao centro da tela com a seguinte narração em off: “Sua rua, sua casa. Como é de noite, vamos por uma estrela bem em cima de sua casa, uma estrela que não estava lá. Nova, bem mais clara que as outras” (Fim). A respeito da tomada final, é possível conjecturar algumas interpretações. Primeiro: a estrela seria um sinal profético e ao mesmo tempo uma analogia à imagem de astro mundial que Pelé, tido por “predestinado”, seria futuramente. Outra leitura possível é que, semelhante ao quadro de Cristo que é centralizado em tela no momento de seu nascimento na cena de abertura, a estrela acima de sua humilde casa no momento do parto faria, da mesma forma, analogia à narrativa bíblica do nascimento de Cristo em uma humilde estrebaria, ocasião em que o texto bíblico descreve a aparição de uma estrela que passou a guiar os Reis Magos ao local em que Maria dava à luz. Dessa maneira, por associação direta, o espectador é conduzido à casa em que outro “Rei” estaria prestes a vir ao mundo para transformá-lo e inaugurar uma nova era de respeito entre as raças.



Imagem 32 - Casa de Pelé e estrela acima



Fonte: YOUTUBE.

- A Marcha (1972). Distribuição: Cinedistri - Companhia Produtora e Distribuidora de Filmes Nacionais

Dez anos depois de filmar “O Rei Pelé”, o jogador participou do elenco do filme “A Marcha” (1972), adaptação do livro “A Marcha – Romance da Abolição” (1942), do escritor, dramaturgo e jornalista brasileiro Afonso Schmidt (1890 – 1964). O longa dirigido e roteirizado por Oswaldo Sampaio traz o ator Paulo Goulart (Lerte/Boaventura) como protagonista e Pelé (Chico Bondade) como coadjuvante. A trama se passa na província de São Paulo no final do século XIX e retrata os conflitos entre abolicionistas e escravocratas entre os anos de 1887 e 1888, período em que, na trama, destacam-se as ações conjuntas de uma irmandade secreta por nome Movimento dos Caifazes, grupo assim definido pela historiadora Isabel Cristina Borges de Oliveira no livro “Vocabulário Controlado sobre Escravidão, Abolição e Pós-Abolição”:

Movimento dos Caifazes: no final do século XIX, surgiu um movimento liderado por Antônio Bento de Sousa e Castro que organizava fugas de escravos, enviando-os para quilombos mantidos por abolicionistas. O movimento tinha as características de uma rede com o objetivo de facilitar a fuga e a libertação dos escravos. (OLIVEIRA, 2015, p. 29)

Ambientada no contexto de efervescência social que culminou na Abolição de 1888, a história acompanha a atuação política do jovem Laerte Alvim (Paulo Goulart), estudante, abolicionista e filho de um grande fazendeiro de São Paulo. Alvim, juntamente com seus companheiros de irmandade, planeja e organiza anonimamente situações que possam proporcionar fuga para escravos da região. Dentre os homens brancos que compõem esse círculo, destaca-se o negro Chico Bondade (Pelé), um ex-escravizado que nutre o sonho de ver libertos seus irmãos de cor e que para isso não mede esforços. Juntos, Chico Bondade,

Paulo Alvim e demais integrantes da irmandade, se arriscam em algumas missões em que chegam, em algumas ocasiões, a lutarem corporalmente e se ferirem em conflitos com capatazes ou feitores, a fim cumprirem seus propósitos.

Como demonstrei nos capítulos III e IV, as representações raciais a respeito de Pelé são muitas e muito bem localizadas contextualmente. Tido pelo que chamei de “Messias Negro” por Mário Filho e “modelo para sua raça” entre setores da imprensa no começo dos anos 60, o jogador foi paulatinamente sendo deslocado para outras representações à medida em que seu comportamento público não correspondia às expectativas políticas lançadas sobre ele e, por outro lado, devido ao quadro social do agitado contexto das lutas pelos Direitos Civis que acabaram chegando ao Brasil e influenciando a produção de novas interpretações e memórias biográficas sobre o jogador, que passou a ser rotulado de “omisso”, “alienado”, dentre outros adjetivos. Curiosamente, o filme “A Marcha”, de 1972, parece se inserir nesse debate e oferecer respostas à altura das demandas sociais e políticas que desconstruíam a imagem de Pelé naquele momento, em razão de que a escolha do jogador para o elenco e para um papel específico, evidencia a intenção de reposicionar sua imagem desgastada. Trata-se de uma atualização biográfica do mito em meio a um contexto de acusações de toda natureza, inclusive o de possuir desejo explícito de ser branco, como sugere a charge de Henfil em 1971 no jornal O Pasquim. Em uma compreensão mais macro, a escolha por Pelé visou também fortalecer as representações de identidade nacional que possuem nele, uma das peças centrais no processo de amadurecimento da sociedade brasileira quanto à diminuição do racismo.

“Faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel. O preto era livre, mas sentia a maldição da cor. A escravidão da cor.” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 496). Um libertador, um abolicionista simbólico dos negros cativos do racismo que anulava suas identidades, um herdeiro de linhagem real que teria nos ideais e valores da liberdade do ser humano o seu maior trunfo. Assim Mário Filho se referia a Pelé na segunda edição de seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro” em 1964. A partir desse conhecimento prévio das representações criadas com tanta intensidade pelo jornalista, é possível constatar que o filme “A Marcha” (1972) traz em seu roteiro muitos desses elementos presentes na narrativa de Mário Filho, o mais óbvio de todos, evidentemente, seria a reafirmação gloriosa do Messias Negro, agora como resposta e contranarrativa aos ataques e todo o processo de desconstruções do mito. Mas os paralelos não param por aí. Assim como Pelé, o personagem Chico Bondade circula por espaços tradicionalmente frequentados por brancos letrados e “bem posicionados” socialmente, como as reuniões da irmandade abolicionista, em que todos utilizam linguajar prolixo e demasiadamente elaborado. Entretanto, esse mesmo homem que circula em espaços

de poder trajando roupas de cavalheiro e que transita elegantemente com sua charrete pelas ruas, é capaz de se despir e trajar simples calças brancas de capoeira para cumprir missões clandestinas de soltura de escravizados. A roupa e os movimentos de capoeira desferidos contra os feitores, aliás, além de dar contornos de herói ao personagem, o confere uma identidade africana muito marcada pela resistência física e cultural perante o branco e todo o sistema racista.

Imagem 33



Legenda: Chico Bondade na carruagem; em reunião com abolicionistas e, em seguida, desferindo golpes de capoeira no capataz da Fazenda Santana.

Fonte: YOUTUBE.

O esforço do filme em constituir outra memória biográfica sobre o jogador acabou repercutindo de diferentes maneiras na imprensa. Em 1971, antes mesmo da estreia oficial da adaptação cinematográfica, a revista *Veja* de 14/07/1971, por exemplo, em matéria intitulada “Edson, Dico, Pelé, Edson”, foi destacado o possível efeito pedagógico do longa na consciência política de Pelé, o qual, após ter contato com cenas chocantes de tortura e racismo, estaria possivelmente refletindo melhor e de maneira mais crítica a respeito de um assunto do qual sempre procurou não debater.

Segundo Oldemário Tonguinhó, jornalista e amigo pessoal do jogador, Pelé está tomando contato com situações que jamais teve tempo de sentir: “[...] ele passou a se interessar por muitas coisas além do futebol”. Na última excursão do Santos aos Estados Unidos e Canadá, Pelé levou dois livros sobre a questão da escravidão no Brasil para ler na viagem, e entender melhor as preocupações do personagem. [...] “Sinto meu papel, sofro os problemas de Chico Bondade. Olho os escravos nos campos ou acorrentados e tudo parece ser verdade: sinto-me na obrigação de lutar por eles.” (VEJA, 1971, p. 54)

O jornal *O Pasquim*, por outro lado, com sua habitual irreverência, ironizou o fato do jogador estar envolvido em projeto cinematográfico com a temática da escravidão e da exclusão racial. Em texto do jornalista, escritor e humorista Millôr Fernandes, datado de 1972, no qual fazia breves comentários sobre inúmeros assuntos de uma só vez, a presença de Pelé

no filme *A Marcha* é ironizada e tida como ineficaz na mudança de mentalidade do jogador. Tido por “alienado” e incapaz de se manifestar sobre o tema do racismo, sua postura militante não passaria de mera ficção e não refletiria, necessariamente, a realidade: “Pelé aparece no filme *A Marcha* defendendo seus irmãos de cor (naturalmente o filme começa com a clássica advertência de que qualquer semelhança com personagens reais é mera coincidência)” (O PASQUIM, 1972, ed. 170, p.3). Todos esses posicionamentos e interpretações a respeito da tentativa de reposicionar o jogador no cenário político-racial, evidenciam a complexa disputa de narrativas e representações que passaram a o envolver a partir do período histórico que compreende o início da década 1970.

Voltando à análise de algumas imagens propostas pelo roteiro, é particularmente interessante a maneira como o filme tenta construir o “líder, messias e herói negro” para Pelé a partir das ações de seu personagem Chico Bondade. Nos quadros abaixo, retirados de algumas cenas, é possível ver Chico Bondade libertando escravizados das prisões, se colocando na frente dos mesmos com os braços abertos em sinal de proteção (como um líder e defensor dos oprimidos) diante do feitor armado; ateando fogo em uma fazenda que mantinha escravos enjaulados, estando destacadamente sempre na linha de frente da marcha dos escravizados libertos, o que realça o aspecto de sua liderança e inspiração para outros negros que o seguiam. É importante lembrar, ainda, que o personagem jamais realiza uma dessas missões de resgate estando vestido com roupas de cavalheiro com a qual costuma frequentar o círculo abolicionistas com os intelectuais. Sua indumentária de guerra é sempre de um capoeirista, o que denota que, apesar dos esforços e da contribuição dos grupos abolicionistas por todo o país, as revoltas e a resistência negra contra o sistema escravocrata também tiveram sua importância histórica e seu protagonismo.

Imagem 34



(a)

(b)

(c)

Legenda: Chico Bondade liberta os cativos dos grihões, celas e pelourinho.

Fonte: YOUTUBE.

Imagem 35



(a)

(b)

(c)

Legenda: Chico Bondade ergue os braços para proteger os escravizados; atea fogo na fazenda e em seguida lidera a marcha dos libertos.

Fonte: YOUTUBE.

A *Marcha* é uma das poucas obras que, ao tratar do tema do racismo, não associou Pelé ao ideal de país pacificado em razão do mito da harmonia racial. Pelo contrário, sua poderosa imagem é utilizada com muito vigor para afirmar a luta contra a opressão racial histórica que o filme, aliás, faz questão de não esconder, pois deixa evidente o quão brutal e excludente foi esse processo no Brasil. Entrementes, houve um significativo descompasso entre a forte mensagem social do filme e o discurso adotado por Pelé durante toda a década de 70, como demonstrado no capítulo III. Esse não alinhamento fez com que o filme não entrasse “oficialmente” e não fosse levado em consideração nas análises raciais a respeito do jogador, como tendo sido um momento marcante e simbólico de engajamento na luta contra o racismo.

A construção cinematográfica de Chico Bondade como herói negro não se restringe somente às missões de resgate. O roteiro atribui um papel central de liderança ao personagem, e, como tal, ele o desenvolve com alguns discursos importantes e dignos de nota. Ao mesmo tempo, com isso o filme parece responder aos questionamentos dirigidos a Pelé e que sempre colocaram em cheque o chamado desperdício de sua influência global que poderia ser usada para amplificar falas antirracistas suas. Isso porque, nos momentos finais da história, Chico Bondade reúne todos os negros resgatados da Fazenda Santana para que o escutem antes de iniciarem a marcha rumo à liberdade. De pé, diante de uma plateia sentada na relva, faz um discurso político de motivação e resistência a seus companheiros. Nesse momento, Pelé e Chico Bondade parecem se confundirem intencionalmente num só corpo, pois uma análise mais atenta constatará que a filosofia do personagem fictício parece ter sido moldada, pelo menos nesse momento, pelos valores que Pelé historicamente sempre apregoou, como por exemplo, a disciplina, o comportamento dito “exemplar” e, no caso do combate à discriminação racial, a postura do não enfrentamento: “Nós temos que dar o exemplo. Temos que ser disciplinados para conquistar a nossa liberdade. Sem luta, sem sangue, com a

dignidade apenas dos nossos direitos”. Apesar de Chico Bondade, durante toda a trama, ter lutado corporalmente com vários oponentes e participado de atentados contra escravocratas que acabaram resultando em morte, convoca seus seguidores a agora se apegarem pacificamente às leis abolicionistas que estavam prestes a serem aprovadas. Chico Bondade, assim como Pelé, é um personagem contraditório e de múltiplas camadas. Há, indubitavelmente, uma simetria entre os discursos de ambos, visto que Pelé, durante toda a década de 70, passou a rechaçar qualquer possibilidade de simpatia pelos movimentos políticos e entidades negras antirracistas por entender que tais grupos geravam mais separação do que união, através da militância.

Imagem 36



Legenda: De pé à direita, Chico Bondade faz seu discurso final aos libertos.

Fonte: YOUTUBE.

A representação de Pelé como militante antirracista ou como símbolo de luta por igualdade racial acabou não vingando e não sendo tão revisitada desde os anos 60 e 70, embora, como analisarei posteriormente, outros filmes bem mais recentes tenham voltado à essa temática e entrado no debate.

A cena final em que, após a notícia da aprovação da “Lei Áurea”, todos marcham rumo à liberdade enquanto cantam, juntos, uma canção em suas línguas nativas, inclusive Chico Bondade, reforça a forte ligação dos personagens com a África, bem como o sentimento de orgulho e pertencimento. Para Pelé, sempre acusado de “querer ser branco” e negar suas origens, a cena pode ter representado uma resposta a muitos anos de acusação.

Imagem 37 - Marcha para a liberdade



Legenda: Chico Bondade lidera os demais negros.  
Fonte: YOUTUBE

- Isto é Pelé (1974). Distribuição: I.C.B. - Indústria Cinematográfica Brasileira Ltda.

O longa “Isto é Pelé”<sup>61</sup> foi lançado no ano de 1974 e pode ser definido como um documentário. Lançado no ano em que Pelé despediu-se definitivamente do futebol brasileiro antes de encerrar a carreira pelo New York Cosmos em 1977, a obra pretende render uma homenagem que pudesse culminar com o encerramento desse importante ciclo, uma síntese do que representou o jogador para o Brasil e para o mundo. Com uma abordagem breve e vaga do período que compreende o amadorismo e início de carreira de Pelé, o filme decide focar em sua ascensão como ídolo e símbolo nacional a partir de sua carreira vitoriosa pelo Santos e pela Seleção. Com o enaltecimento de valores como disciplina, esforço, persistência, dedicação e profissionalismo, o documentário reproduz e conduz sua narrativa a partir da filosofia de vida de Pelé, que, historicamente, em entrevistas e obras biográficas, sempre procurou associar e teve, com boa dose de sucesso, sua imagem associada a esses valores.

Antes de adentrar em alguns aspectos do documentário, é necessário trazer a discussão levantada inicialmente por Victor Andrade de Melo em seu artigo “Pelé e Garrincha: cinema, literatura e identidade nacional”. Para o pesquisador, o histórico debate e disputa política entre São Paulo e Rio de Janeiro que envolvia, dentre outras questões, dois modelos de civilização e tipo nacional ideal, passou a ser absorvido pelo debate esportivo em meados da década de 1960, o qual, ao estabelecer comparação entre as características dos dois jogadores, reproduzia a lógica política no ato de tentar definir qual deles melhor representaria o Brasil. Essa analogia descrita por Victor, consistia em um dilema político e social para o Brasil que se queria: se eficiente, disciplinado, trabalhador como Pelé, ou malandro, improvisador, lúdico e rebelde como Garrincha. Para Melo, o debate se ampliava.

<sup>61</sup> Filme completo disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gsVEk\\_8iXV4](https://www.youtube.com/watch?v=gsVEk_8iXV4)

a partir da própria figura dos jogadores: Garrincha, o carioca, o drible menos eficaz, a alegoria que retarda a chegada ao objetivo (o gol), uma certa perda de tempo; Pelé, o paulista, a eficiência, o exemplo de atleta, a objetividade do gol, do drible que leva à meta. Vejamos, contudo, que ninguém questionava a excelência e genialidade de ambos: apenas se tentava definir quem é o “mais genial”. O futebol, importante elemento de construção da identidade nacional, inclusive através de sua veiculação cinematográfica, mais uma vez reproduzia o velho debate: o Brasil deve ser a eficiência de Pelé ou a malandragem de Garrincha? Deve ser o processo industrial da produção cinematográfica da Vera Cruz ou a peculiaridade e originalidade do Cinema Novo? Deve ser a objetividade do atleta Pelé (o porte de um rei) ou a transgressão do moleque Garrincha (o mestiço que se supera)? É o trabalhador de São Paulo ou o “flaneur” do Rio de Janeiro? Obviamente que esses extremos de consideração são típicos de uma construção idealizada. [...] Devemos lembrar que vivíamos, na época, o auge de um processo que tinha raízes no século XIX e que se acirrara a partir do fim do Estado Novo, tendo reflexos em todas as áreas, inclusive no cinema e no futebol: São Paulo firmava a imagem de terra do trabalho e do progresso e, ancorada nessas características, tentava desqualificar a falta de seriedade do carioca e seu apego à malandragem e às festas (...). A guerra simbólica travada entre Rio de Janeiro e São Paulo poderia ser vista como um duelo entre Apolo e Dionísio, animada sempre mais em virtude do fortalecimento dos paulistas, que também começaram a concorrer com o Rio no campo cultural. [...] Cada um incorporava (ou assim era representado) um sentido diferente de atleta (e, porque não dizer, de homem brasileiro). (DE MELO, 2006, p. 288, 289)

Embora os pontos levantados por Melo sejam pertinentes, sua tese não pode ser inteiramente aqui reproduzida sem ressalvas, tendo em vista que a mesma passou por um processo de revisão e crítica por parte de outros pesquisadores. Abrirei um pequeno parêntese para discutir alguns desses aspectos e, em seguida, retomarei a discussão a respeito do peso e significado sociológico de Pelé e Garrincha.

Em se tratando dos conceitos apontados por Melo, compartilho das percepções compartilhadas pelo antropólogo Diano Albernaz Massarani, em seu artigo “Onde os deuses se encontram: reflexões acerca das categorias ‘apolíneo’ e ‘dionisíaco’ a partir da construção de representações sobre Pelé”. O trabalho realiza uma interessante análise de textos (acadêmicos, jornalísticos, etc) que, historicamente, definiram Pelé ora como sinônimo de disciplina e aplicação (apolíneo), ora como representante do chamado “futebol-arte” (dionisíaco). O autor argumenta que devido às suas múltiplas características como jogador de futebol, as vezes plástico, as vezes mais simples, porém objetivo e fatal, são muitas e diversas as abordagens a seu respeito. Justamente por isso, Diano afirma que o pesquisador que se detém sobre as narrativas produzidas sobre Pelé, deve ter cautela para não encaixá-lo em uma única categoria, dentre as duas propostas, pois o que a análise e comparação da documentação têm mostrado é que há uma alternância de definições. Apesar do modelo apolíneo ser o mais representado em biografias e cinebiografias, não é possível afirmar que as narrativas trabalham apenas com essa descrição a respeito do jogador. O próprio Pelé, desde os tempos de jogador, sempre tratou de reforçar sua imagem de apolíneo. Sua própria filosofia de



trabalho e de vida é toda fundamentada em princípios de valorização do esforço e do trabalho duro. Entretanto, repito, o pesquisador não pode se deixar seduzir pelas autorepresentações e representações biográficas e passar a enxergá-las como naturais. Em se tratando do personagem em questão, sempre houveram disputas de memória e sua biografia é objeto eterno de versões distintas até hoje.

O que é possível afirmar é que uma dessas categorias sempre foi mais enfatizada, porém, jamais se mostrou como única possibilidade de leitura. Além disso, alguns fatores contribuíram para esse fenômeno. Em seu artigo, Diano percebe que o fator determinante usado pelos escritores para classificar Pelé como apolíneo ou dionisíaco, diz respeito a figura com a qual se está estabelecendo a comparação. Se o paralelo for estabelecido com Garrincha, Maradona ou outro atleta de perfil semelhante, ou seja, qualquer jogador tido como genial e ao mesmo tempo indisciplinado/rebelde, conseqüentemente, Pelé será descrito como disciplinado, focado e objetivo. Porém, quando comparado a um jogador europeu qualquer, o santista é descrito como portador de malícia, improviso, arte e habilidade tipicamente brasileira, características mais associadas ao modelo dionisíaco.

Quando a construção de representações sobre Pelé se dá em oposição ao “jogador europeu”, Pelé surge como símbolo do “futebol-arte” e tem exaltadas características que o definem como dionisíaco, como são o drible, a individualidade e a espontaneidade. Já quando Maradona e Garrincha aparecem como alteridades privilegiadas na construção de representações sobre Pelé, este é celebrado pela eficiência, racionalidade, objetividade e técnica, sendo, portanto, definido como apolíneo. [...] conclui-se que as categorias que são escolhidas para conferir características a Pelé se modificam, sendo possível descrevê-lo tanto com base em características tidas como dionisíacas, como características tidas como apolíneas. Daí a impossibilidade de reduzir todas as características de Pelé a apenas uma dessas categorias e tomá-las como definitivas de um “verdadeiro” Pelé. (MASSARANI, 2018, p. 81-82)

Dessa maneira, o que se pode concluir é que existe uma variedade de representações que enfatizam aspectos distintos. Uma terceira possibilidade de interpretação biográfica diz respeito àquelas que buscam evidenciar todas essas características num só indivíduo. A respeito dessas variantes, demonstrarei nas próximas páginas que as cinebiografias tiveram um importante papel na construção dessas representações. Dito isso e já fechando o parêntese, é fato que no momento histórico a que Victor Andrade de Melo se refere (anos 60, 70 e 80), a construção da imagem de Pelé passou a ser muito pautada pelo modelo do cidadão e do atleta disciplinado, profissional, esforçado e patriota. O próprio filme “Isto é Pelé” (1974) traduz em seu roteiro todo esse esforço que é fruto desse embate simbólico que, embora não desmereça

Garrincha e muito menos encolha sua importância histórica, o põe abaixo de Pelé na hierarquia que diz respeito a modelos de civilização e progresso, pensados naquele momento.

Ora, quando a discussão se restringe somente a estilos de jogo e a aspectos plásticos do futebol praticado no Brasil, Garrincha tende a ser, em muitas narrativas, a grande referência dentro do imaginário que concebe o futebol brasileiro como artístico, descontraído e “moleque”, como pontuaram Soares e Bartholo (2011), pois seria: “tradução e a encarnação do jogo bonito (beautiful game). Sua imagem é a do atleta que não valoriza esquemas táticos ou treinamentos físicos. Seu sucesso dentro dos campos de futebol é narrado como expressão de um dom.” (BARTHOLO; SOARES, 2011, p. 55). Folcloricamente descrito como jogador intuitivo e dotado de dom excepcional que, apesar da vida boêmia e de possivelmente não entender as instruções táticas, conseguia se sobressair com dribles nunca antes vistos, a imagem de Mané contrasta totalmente, de acordo com esse imaginário, com a do disciplinado Pelé, que em termos simbólicos, incorporava o modelo de bom cidadão que leva o trabalho a sério e dá sempre o melhor de si em benefício da coletividade e do país. A predileção por Garrincha como legítimo representante do chamado “futebol arte”, nesse caso, é fruto de um processo histórico muito influenciado por Gilberto Freyre.

Nesse quesito, no que diz respeito à disputa de representatividade do tipo nacional e modelo civilizatório, penso que Pelé, pela vasta quantidade de biografias e cinebiografias produzidas a seu respeito e, principalmente, pela forma como seus atributos e sua trajetória são narrados e tidos como exemplares, seria o modelo que prevalece e se sobrepõe sobre os valores que Garrincha representaria. No cinema, a ênfase dada a elementos como disciplina e obstinação atlética, evidencia a representação imagética de algo como um super-herói brasileiro com uma ética de trabalho muito bem definida. De acordo com essas representações, seus valores deveriam servir de inspiração e modelo de conduta para a formação de um povo civilizado e vencedor.

É possível observar esse fenômeno no documentário “Isto é Pelé” (1977) dirigido por *Eduardo Scorel e Luiz Carlos Barreto*. Filmado anos antes, durante os anos de chumbo da Ditadura Militar e em meio ao espírito do Brasil Grande, não é difícil perceber no filme algumas analogias entre o jogador e a nação próspera e trabalhadora que se queria no futuro. A cena de abertura funciona como uma síntese e resume bem as concepções dos diretores: Pelé, solitário e com traje verde-amarelo alternativo da Seleção (símbolo nacional), corre pela praia. Sempre avante, ele se mostra decidido, imparável e incansável. A representação do jogador, logo na sequência de abertura do longa, com agasalho da Seleção e não com o uniforme do time do Santos, sugere que Pelé, além de patriota orgulhoso, encarna o espírito

de um projeto nacional e seria um ídolo massificado que ultrapassou as fronteiras das rivalidades locais. Nele, o Brasil se encontra e se une, independentemente das diferenças. Ele seria o nosso melhor a ser mostrado para o estrangeiro e para os próprios patrícios, daí a força do título “Isto é Pelé”, o qual remete à exclamação: “Isto é Pelé, isto é (ou deveria ser) Brasil!”. Ao focalizar sua solidão na praia, o diretor acentua a percepção do espectador a respeito de sua disciplina e determinação, não há ninguém como ele, nem antes, nem depois. O Brasil, conduzido por ele por meio das cores e enquanto nação inspirada nos valores por ele representados, seria uma potência mundial imparável como um atleta que corre junto à praia.

Imagem 38 - Cena de abertura



Fonte: YOUTUBE.

Em seguida, a linha temporal do filme retorna à 1958, ano da conquista da primeira Copa do Mundo pela Seleção Brasileira. Com imagens da época, o narrador declara que o time de 58 viu nascer naquele torneio “o jogador mais completo que já se viu jogar”. Após a frase, o diretor busca justificar seu argumento em algumas cenas. Minuto 13: Pelé aparece praticando várias modalidades esportivas como corrida de 100 metros, arremesso com vara, arremesso de peso, corrida com obstáculos, basquete e futebol. A ideia é reforçar e estabelecer que, além do extremo profissionalismo com que conduz sua carreira de esportista, ele possui estrutura corpórea privilegiada única aliada ao talento nato para qualquer tipo de esporte. Isso faria dele um verdadeiro fenômeno. A narração em off ressalta seus atributos por meio de certo “determinismo biológico” aliado a um esforço racional e metódico para que suas potencialidades naturais pudessem ser cada vez mais aprimoradas:

capaz de se destacar em qualquer esporte ou atletismo, foi no futebol que encontrou a possibilidade de se realizar plenamente como atleta. Dotado de coordenação muscular perfeita e de reflexos instantâneos, comprovou ao longo de sua carreira que o futebol não é apenas uma improvisação. Aprimorou seus recursos naturais com obstinação até chegar à plenitude de sua forma aos 29 anos de idade, na Copa do México

Imagem 39- O superdotado. (Continua)

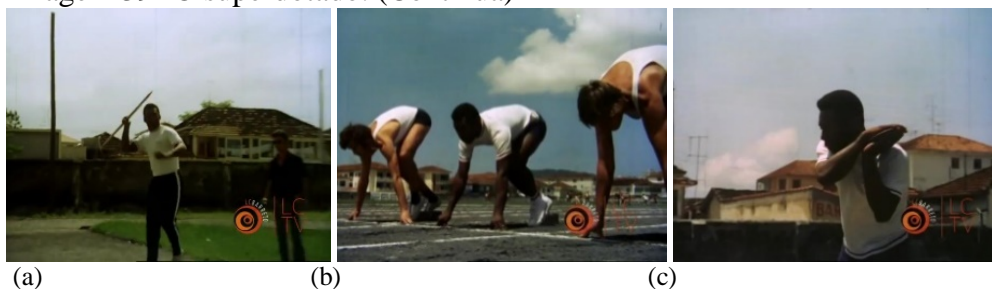


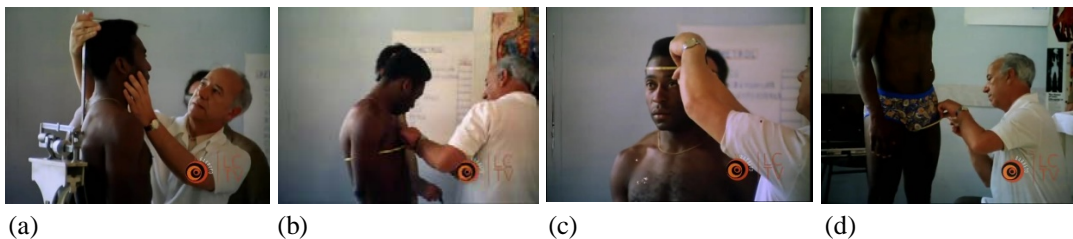
Imagem 39 - O superdotado. (conclusão)



Legenda: Pelé pratica lançamento de dardo, corrida, arremesso de peso, vôlei e basquete.  
 Fonte: YOUTUBE.

O determinismo biológico também se manifesta na cena em que o jogador é ser examinado por médicos que passam a medir e anotar as dimensões de seu crânio, braços, tórax e pernas. Após avaliarem a coxa, o médico exclama, com ares de admiração e espanto diante daqueles músculos: “Colosso, hein!” Tal cena procura dar um aval científico para o argumento do narrador a respeito do caráter extraordinário da condição de atleta demonstrada por Pelé. Toda a construção dessa sequência tenciona provocar no espectador a sensação de estar diante de um corpo perfeito, uma supermáquina cuja cada engrenagem foi projetada e lapidada sob medida. Apesar dessa ênfase determinista, o discurso de esforço e ascetismo profissional nunca é deixado de lado, o que implica dizer que Pelé não seria o fenômeno que se tornou se não desenvolvesse as ferramentas naturais presentes em seu corpo privilegiado: “Este atleta capaz de saltar 1,90 de altura, de correr 100 metros em 11 segundos, veterano aos 29 anos de idade, chegaria à sua quarta Copa do Mundo no auge de sua forma graças a um sempre renovado esforço de aprimoramento físico.”

Imagem 40 - Medidas do “copo perfeito”



(a) Fonte: YOUTUBE

Não foi a única vez em que se recorreu a atributos físicos e discursos pretensamente científicos para, de maneira determinista, explicar o sucesso esportivo de Pelé, o que de certa forma evidencia contornos ideológicos racistas que concebem o corpo negro como exótico e mais apto a atividades físicas. Em 1966, a matéria “Pelé”, escrita pelo jornalista Roberto Freire para a revista Realidade, tentava explicar as aptidões físicas do jogador com base na “autoridade científica” do professor Júlio Mazei, na época, preparador físico do Santos.

Para o professor, Pelé tem de nascença uma musculatura excepcional. Seus músculos locomotores são extremamente desenvolvidos e possui poderosos glúteos, lombares e abdominais. Aliás, deve isso à raça negra. Porém, mesmo entre os negros, raros foram tão bem dotados fisicamente para a prática do futebol. Mazei lembra ainda outra particularidade importante dos negros: têm o osso calcâneo mais alto do que o dos brancos, o que lhes obriga a uma inclinação maior para a frente e favorece o desenvolvimento da velocidade. Por essa razão explica a elevada porcentagem de negros no futebol brasileiro. (REALIDADE, 1966, nº 8, p.42)

Essa tradição biologicamente determinista chegou até o século XXI e foi reproduzida, inclusive, pelo biógrafo José Castello em seu livro “Pelé, os dez corações do Rei” (2004), o qual reproduz as mesmas palavras do professor Mazei sem nenhum tipo de análise ou crítica. Novamente, após tentar explicar os atributos físicos do jogador, o escritor recorre, de maneira natural, à tradição racista em voga no século passado. De forma aberta e grosseira, Castello compara, literalmente, o desempenho e a formação muscular de Pelé à de um cavalo:

Pelé sempre teve uma excepcional musculatura. [...] Seu osso calcâneo, aquele que define o calcanhar, seria mais alto que o comum. Existem lendas a respeito do formato especial do rosto de Pelé, que teria uma aparência mais estreita e angulosa que o normal, lhe conferindo, como dizem, uma “cara de cavalo”. O que lhe dava, dizem ainda, uma visão periférica mais aguçada. (CASTELLO, 2004, p. 31)

Ora, uma reflexão pertinente de ser feita é que, em tais elogios e associação automática e direta da estrutura corpórea dos negros à prática esportiva, reside nuances racistas que devem ser levadas em consideração. Conforme escrevi no segundo capítulo a respeito da obra De Vaney e sua crítica ao Pelé Empresário ao mesmo tempo em que exigia

dedicação exclusiva do mesmo somente ao futebol, tal postura revelava uma ideia de que o lugar social dos negros estava naturalmente reservado às atividades esportivas e de força. Da mesma forma, todavia, por meio do elogio, as falas deterministas de Castello e Roberto Freire acima compartilham do mesmo pensamento, a saber, a propensão natural dos corpos negros às atividades não-intelectuais e somente de força física. Conforme escreveram Soares e Abrahão (2015):

A naturalização das qualidades que indicavam os negros mais aptos para as atividades corporais e artísticas acabava por localizar os espaços que os homens de cor deveriam ocupar [...]. Em síntese, a suposta superioridade física e artística dos pretos para as atividades que requerem o uso do corpo indicava uma das formas de como se daria sua integração naquela sociedade. Além de integrar era necessário manter as hierarquias herdadas da escravidão e localizar o lugar de atuação dos pretos na estrutura. Dessa forma, os elogios provenientes das representações hegemônicas socialmente construídas sobre o preto no espaço do futebol, a despeito de favorecer a integração, tiveram como efeito perverso a localização do espaço social destinado à “raça negra”, isto é, o espaço da expressividade de habilidades corporais e/ou artísticas. (ABRAHAO, SOARES, p, 189, 2017)

Dito isso, pontuo que o “Isto é Pelé”, apesar de seu discurso biologicamente problemático, procura não limitar Pelé apenas a uma máquina de jogar futebol. Posto que o discurso do filme visa levantar uma discussão também a respeito de um tipo nacional ideal para o Brasil, são exaltados outros atributos do jogador para além do físico, tendo em vista a demarcação de um modelo que tinha nele uma grande referência. Ainda assim, todas as características enfatizadas pelo filme giram em torno do esporte, não há nenhuma referência às atividades empresariais de Pelé e como sua faceta de empreendedor poderia servir de inspiração. Durante todo o longa, imagens de arquivo com gols importantes se alternam com momentos em que Pelé ministra aulas práticas de fundamentos do futebol para crianças e jovens. Ao dar destaque para às suas explicações excessivamente teóricas, o filme tenta apresentá-lo como homem do método esportivo, da racionalidade e da busca do progresso por meio do conhecimento técnico e ênfase no trabalho.

Outra sequência importante que dialoga com esses momentos de interação com um público juvenil aprendiz, diz respeito ao seu milésimo gol seguido do discurso em prol das “criancinhas necessitadas”. A escolha do diretor por essas cenas consiste em enfatizar que o jogador sempre desempenhou bem o seu papel de espelho para as novas gerações, como futebolista e também como modelo de cidadão. Em termos de nação, o filme transmite a mensagem de que o país necessita de novos Pelé’s: focados, determinados e dedicados ao trabalho. Nessa concepção de sociedade brasileira proposta pelo filme, o modelo representado por Garrincha dificilmente seria digno de exaltação de suas virtudes humanas, bem como provável inspiração para gerações futuras, excetuando-se, é preciso destacar, sua atuação

plástica dentro de campo apenas, pois fora das quatro linhas, o arquétipo do herói nacional inspirador estava ocupado por Pelé.

A eleição de Pelé como o mais apto a ser esse tipo nacional ideal não é um fenômeno novo e muito menos surgiu no documentário lançado em 1977. Treze anos antes, no ano de 1964, Mário Filho em sua segunda edição de “O Negro no Futebol Brasileiro”, estabelecia uma interessante comparação entre aqueles que classificou como os maiores trunfos do Brasil miscigenado: Pelé e Garrincha. No último capítulo intitulado “A Vez do Preto”, o autor passou a descrever o que, em seu entendimento, diferenciava um do outro e quais as razões que o levava a considerar Pelé como um fenômeno mais significativo para a nação e socialmente mais impactante do que Mané. Em sua descrição, fica evidente uma valorização do caráter dito apolíneo do jogador do Santos, o qual deve ser exaltado como um grande valor nacional de virtude, em contraste com a característica mais dionisíaca do jogador do Botafogo, genial como jogador, mas acomodado, não devendo, portanto, ter o exemplo de conduta imitado ou celebrado:

Notava-se bem a diferença entre os dois num individual. Garrincha tratava de se esconder. Ia lá pra trás, longe dos olhos do preparador físico. Pelé colocava-se na primeira fila, bem à mostra. [...] Não sabia jogar sem se empregar a fundo. De corpo e alma. [...] Fazia questão de ser “Rei”. Já Garrincha não se sentia de coroa na cabeça. [...] se contentava em dar uns dribles, em fazer rir a multidão sem se matar em campo. [...] A verdade é que Garrincha não dava para “Rei”. Faltava-lhe o mínimo de vocação. Talvez se visse ao espelho, de coroa na cabeça, e se perguntasse, como no samba: “Que Rei sou eu?” [...] Recusou-se, porém, a botar a coroa na cabeça. Sorria, tímido, como uma moça de roça a quem fizessem um pirôpo. [...] O que em Garrincha é instinto, em Pelé é raciocínio. Não faz uma jogada que não seja pensada. [...] Pelé não se repete. Toda jogo é diferente. [...] O que surpreende em Garrincha é a mesmice. Em Pelé é o contrário. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 488, 489, 491, 492, 495)

Trata-se, por conseguinte, de uma tradição que data desde os anos 60. Relembro que o uso do termo “Rei” nesse momento, não carregava os mesmos significados que ganharia posteriormente. Ao contrário de hoje, em que o termo se encontra exclusivamente preso à noção de “campeão”, “melhor de todos os tempos”, etc, em 1964, “Rei” para Mário Filho e Nelson Rodrigues, diz respeito, além do passado recente vitorioso, à uma postura de autoridade, respeito, liderança e confiança perante as dificuldades. Para ambos, esse traço de personalidade de Pelé devia, portanto, ser exaltado tendo em vista a quebra que o mesmo havia proporcionado no imaginário nacional no que diz respeito ao complexo de inferioridade. Por ter esse posicionamento no campo e na vida, inclusive como negro que era, Pelé seria, para o autor, digno do título, algo que Garrincha, com seu jeito indisciplinado como atleta e

acanhado fora de campo, não teria estrutura para carregar e, conseqüentemente, se tornar modelo para esse tipo nacional pensado por esses intelectuais.

Além da disciplina e esforço, outra autorrepresentação biográfica sempre acionada por Pelé é a imagem de “amigo das crianças”. Desde muito cedo, o jogador esteve envolvido em campanhas humanitárias, eventos beneficentes nacionais e internacionais, propagandas e canções contra o analfabetismo infantil, dentre outras ações. A despeito de todo o seu histórico, não seria exagero afirmar que o fato mais marcante na memória coletiva a esse respeito, seja seu discurso em favor das crianças pobres após o milésimo gol em 1969. Pelé associou de tal forma sua biografia e sua ética à causa infanto-juvenil, que em meados da década de 1970, o cartunista brasileiro Maurício de Sousa, criador da bem-sucedida série infantil Turma da Mônica, propôs ao jogador uma parceria para criação de um novo personagem livremente inspirado em sua infância. Surgia, assim, em 1976, as primeiras tirinhas do pequeno Pelé na Folha de São Paulo. O projeto foi expandido no ano seguinte ganhando o título de “Pelezinho”, período em que passou a ser publicado em formato de gibi pela editora Abril até sua última edição clássica no ano de 1982, vindo em seguida, alguns formatos sazonais e almanaques que reuniam seleções das melhores histórias já publicadas.

Imagem 41 - Primeira edição do gibi Pelezinho. Editora Abril, 1977



Fonte: <http://pelezinhoabril.tripod.com/>



Imagem 42 - Atualização para as novas gerações



Legenda: Pelezinho desenho animado.  
 Fonte: DISCOVERY KIDS, 2014.

Os anos de 2013 e 2014, marcados pela realização da Copa das Confederações e da Copa do Mundo no Brasil, também representaram uma janela de oportunidades para ambos os empresários, os quais anunciaram em 2012<sup>62</sup> o retorno de Pelezinho em formato de revistas especiais e desenho animado para TV a cabo. Mais do que empreendimentos que exploram a potencial comercial da imagem de Pelé, é necessário enxergar essas ações desenvolvidas desde a década de 70 como marcos de renovação e atualização das representações biográficas. A representação de amigo e ajudador das crianças foi de tal forma bem consolidada que nem mesmo o escândalo<sup>63</sup> vindo à tona em 2001 a respeito de suposta corrupção envolvendo a UNICEF<sup>64</sup> e empresas ligadas à Pelé, conseguiu abalar de forma definitiva a memória construída do “jogador que se preocupa com o futuro dos pequenos necessitados”. Nesse ponto, como observou o pesquisador Diano Albernaz Massarani em seu artigo “O REI ESTÁ NU: O ‘caso Pelé-UNICEF’ e a construção de representações sobre Pelé no jornal Folha de São Paulo”, o caso abriu espaço para muitos questionamentos, em especial, na imprensa nacional e internacional, processo que acabou gerando disputas de memória ao mesmo tempo em que forneceu novos elementos para as narrativas antagônicas do “Réu”. Apesar de toda a polêmica, até hoje, Pelé figura no site<sup>65</sup> oficial da UNICEF como um dos Embaixadores da Boa Vontade. O texto institucional sublinha seu histórico de envolvimento com a causa infantil e contribui para a consolidação desse imaginário: “Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé, foi nomeado Campeão da UNESCO em Esporte em abril de 1994, em reconhecimento ao seu grande compromisso em promover o esporte e ajudar as crianças carentes.”

<sup>62</sup> <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/album/2012/06/27/pele-e-mauricio-de-sousa-relancaram-o-pelezinho.htm?next=0001H37570U48N>

<sup>63</sup> Matéria disponível em: <https://noticias.uol.com.br/inter/reuters/2001/12/21/ult27u17716.shl>

<sup>64</sup> Fundo das Nações Unidas para a Infância

<sup>65</sup> Embaixadores da Boa Vontade – Pelé: <http://www.unesco.org/new/en/goodwill-ambassadors/champions-for-sport/edson-arantes-do-nascimento-pele/>. Acesso em 20/06/2020

O cinema, por sua vez, não apenas favoreceu essa construção biográfica, como se encarregou de atualizá-la. É o caso, por exemplo, dos filmes “Isto é Pelé” (1974) e “Os Trombadinhas” (1979)<sup>66</sup>. Mesmo não sendo a questão central do roteiro na primeira obra, a questão do cuidado paternal com as crianças é bem construída e o jogador é representado, em vários momentos, como professor de futebol metódico e atencioso para com os jovens aprendizes. O segundo filme, entretanto, é bem mais específico em sua proposta de atualização biográfica do mito. Assim como no filme de 1974, o roteiro de “Os Trombadinhas” estabelece valores como disciplina, foco, empenho, retidão e dignidade como caminhos que podem transformar vidas antes dadas por “perdidas”. Todos esses valores nobres são, mais uma vez, encarnados por Pelé no filme, que passa a investir em sua ética como arma política de transformação social. A abordagem o caracteriza o jogador como herói, resgatador humanitário e recuperador de crianças socialmente à margem, situação que, mesmo se dando em contexto fictício, concretiza e faz eco ao seu famoso discurso de 1969, no Maracanã. A seguir, apresentarei com mais consistência alguns desses aspectos.

- Os Trombadinhas (1979). Distribuição: Embrafilme - Empresa Brasileira de Filmes S.A.; Ipanema Filmes

“Os Trombadinhas”<sup>67</sup> é um longa de ação policial lançado de 1979, dirigido por Anselmo Duarte (O Pagador de Promessas - 1962), com diálogos de Carlos Heytor Conny. Os créditos finais apontam Pelé como autor da história, ou seja, como criador da ideia original que foi, obviamente, lapidada e transformada em roteiro cinematográfico por diretor e roteirista. Em sua autobiografia (2006), Pelé confirma essa informação e tece alguns comentários a respeito do propósito da história que criou, deixando mais uma vez evidente sua ética pautada pela valorização do trabalho:

[...] Os Trombadinhas (1979). Gostei especialmente deste último, participando da elaboração da história. O filme trata do problema das crianças abandonadas. [...] Esperava que o filme ajudasse a tirar as crianças das ruas, as transformasse em pessoas úteis, para o bem delas e da sociedade. (NASCIEMENTO, 2006, p. 242.)

Essa informação possui extrema relevância para a análise, pois o fato da narrativa em seu modo inicial bruto ter sido concebida pelo jogador, evidencia uma intencionalidade de

<sup>66</sup> Filme completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OFnvRQO1h7g>

<sup>67</sup> Segundo o site da Cinemateca Brasileira, há outros títulos alternativos para o mesmo filme, como: “Pelé joga contra o crime” e “Pelé jogando contra o crime”. Link: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=025045&format=detailed.pft>

marcar nacional e internacionalmente, uma determinada leitura biográfica a seu respeito, a saber: o de protetor, porta-voz e salvador dos menores abandonados. Uma imagem que, como já afirmei, sempre foi alimentada por ele próprio. Ao mesmo tempo, projeta, em tempos de Ditadura, sua figura como indissociável de um tipo nacional ideal, pois ele seria modelo de valores e virtudes necessárias para que indivíduos de conduta desviante pudessem se tornar “cidadãos brasileiros de bem”. Todos esses aspectos ganham ainda mais relevância e são acentuados ao se constatar que, no filme, Pelé faz papel de si mesmo, agora, todavia, não como jogador, mas como ex-atleta e professor de fundamentos de futebol nas categorias de base do Santos FC. Assim, além de ser um filme de ficção, a obra carrega em boa medida muitas nuances do que poderia ser chamado de (cine) autobiografia. Apesar de ser dirigido pelo premiado diretor Anselmo Duarte (*O Pagador de Promessas*), a qualidade técnica do longa estranhamente não reflete seu estilo de direção, fato que evidencia que o filme esteve mais em poder dos produtores (entre eles Pelé) do que propriamente sob a regência do diretor. O próprio Anselmo, em depoimento para o documentário “Retratos Brasileiros”<sup>68</sup>, afirmou: “Fiz um filme que não gosto, que não tem história, que não tem nada, com o Pelé...que é *Os Trombadinhas*”. A fala ajuda a explicar as muitas referências nacionalistas diluídas ao longo do filme que associam Pelé a um espírito nacional.

A obra possui a seguinte sinopse: Na cidade de São Paulo do final da década de 1970, crianças e adolescentes em situação de rua passam a ser exploradas e manipuladas pelo criminoso Manteiga, que as mantém numa casa abandonada em condições sub-humanas e precárias. Em troca de comida e uns poucos trocados, os menores passam a praticar furtos nas ruas da cidade para, em seguida, entregar os valores obtidos a Manteiga, que por sua vez, os concede abrigo e uma certa proteção. A maior parte do dinheiro, porém, fica nas mãos do criminoso chefe que passa a aliciar outros garotos para participarem do esquema. Indignado e cansado da sensação de insegurança e impunidade, Frederico Garcia, um empresário de prestígio, resolve tomar uma atitude após presenciar um assalto praticado por menores a uma senhora indefesa: fazer parcerias com a polícia, de modo que políticas de prevenção sejam implementadas. Após questionar de que maneira seria possível oferecer ajuda, o empresário é desestimulado pelos policiais, os quais alegam que existem pessoas poderosas e uma complexa rede de interesses por trás dos pequenos furtos. Ao sair da delegacia, o empresário tem a ideia de convidar Pelé, então professor da escolinha infantil de futebol do Santos, para

---

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Ni16qnEIZc>

contribuir de alguma forma na luta contra a criminalidade que seduzia os menores, chamados popularmente de “trombadinhas”.

Após tomar ciência da situação com o empresário, o jogador vai ao encontro de um delegado por nome Bira e se oferece voluntariamente para ajudar no trabalho da polícia. Mesmo sendo alertado de que não encontraria trabalho fácil pela frente, Pelé, mesmo sem o treinamento específico para o ofício, passa a fazer patrulhas pela cidade juntamente com o delegado. Sempre à espreita para agarrar algum menor em flagrante, os dois passam a vigiar e perseguir adolescentes suspeitos em situação de rua, de maneira que pudessem, a partir das informações obtidas, desarticular toda a quadrilha. Essa é, portanto, a atualização biográfica proposta pelo filme: Pelé não seria somente o homem que discursa em prol das crianças, ele, de fato, se coloca de corpo e alma como homem de ação disposto a combater as injustiças. Em síntese, um herói nacional virtuoso.

O roteiro proposto atualiza de outra maneira a noção de “Messias” proposta por Mário Filho nos livros “Viagem em torno de Pelé” (1963) e “O Negro no Futebol Brasileiro” (1964). O Messias do jornalista Mário Filho possuía uma dupla missão. Primeira: libertar o idealizado espírito coletivo do povo brasileiro do sentimento de inferioridade perante os estrangeiros e resgatar a autoestima e confiança nacional, profundamente abaladas pela derrota de 1950 para o Uruguai dentro do Maracanã. Segundo: sua missão também consistiria em, através de seu exemplo de sucesso e autoaceitação, devolver aos negros, quer jogadores de futebol, quer não, o orgulho da própria raça. Afirmar, em todos os sentidos, a raça negra como portadora de potencialidades dignas de orgulho entre seus iguais e também em âmbito nacional, numa grande celebração de nossa diversidade de cores. Partindo da superação desses ideais, o filme trabalha as novas responsabilidades e missões desse Salvador perante um país que cresceu e mudou bastante em termos sociais. O Messias, agora, teria novos aliados na luta por um país melhor para as crianças: a iniciativa privada na figura do empresário Frederico Garcia; e o estado representado na corporação policial.

Nas primeiras cenas, o ex-jogador é apresentado ministrando aulas de futebol para garotos na sede do Santos, o que já denota que, antes mesmo de tomar a radical atitude de combater o crime na rua, o mesmo já era afeito aos cuidados com as crianças. Os ensinamentos, sempre pautados pela honestidade esportiva e a disciplina, fortalecem a imagem de apolíneo que no filme de 1974 foi muito bem estabelecida. Seu traje completamente branco de professor/treinador, remete ao arquétipo do herói que possui pureza de coração, caráter ilibado e um proceder reto que serviria de exemplo a todos. Contraste

absoluto com o vilão e explorador de menores, Manteiga, cujas roupas e o ambiente em que se reúne com estes últimos, caracterizam-se sempre por serem escuros e degradantes.

Imagem 43 - Oposição



(a)

(b)

Legenda: Ao centro de cada quadro, Pelé e Manteiga dão instruções às crianças.  
Fonte: YOUTUBE.

Mais do que uma simples projeção de ação policial, o filme *Os Trombadinhas* (1979) traz em seu roteiro uma entranhada ideologia que põe em destaque valores como meritocracia e esforço pessoal a partir das oportunidades que são oferecidas. Pelé, enquanto vetor e propagador dessa política, faz o papel do “brasileiro pobre que deu certo” e que tenta, na medida do possível, fazer com que outros indivíduos “vençam” a partir do seu exemplo. Isso fica bastante evidente na cena em que Pelé lê no jornal a manchete “A sociedade é desafiada por estas crianças”, pois, logo em seguida, a câmera foca em seu retrato de criança na estante, sugerindo ao telespectador que o protagonista já esteve ocupando lugar de marginalidade no passado e que fará o que for necessário para que outras crianças sejam salvas pelo esporte e pela disciplina, assim como ele o foi. Antes de sair às ruas de forma intensiva para combater o crime, ele dá mais uma mostra de seu perfil disciplinado e prepara-se fisicamente para a difícil empreitada (imagem 42).

Dentre todas as perseguições policiais realizadas pelo jogador policial, uma chama atenção pela sua representatividade no que tange a questões nacionalistas. Ao perceber que um dos garotos que praticam furtos possui acentuada habilidade com a bola, Pelé o persegue a fim de convencê-lo a mudar de vida e seguir o caminho do ascetismo profissional para que este pudesse se tornar, no futuro, um grande jogador. Após lutar corporalmente com o garoto que acaba se rendendo após um curto período, Pelé faz a advertência que acaba por convencer o garoto de seus próprios erros e de suas potencialidades ainda não exploradas: “Eu já te vi jogar. Você dribla bem, tem bom pique... com esse futebol, você pode jogar na Seleção [...], mas pra isso você precisa treinar e deixar de fazer algumas coisas que você anda

fazendo por aí.” Enquanto faz seu discurso moral, o tema musical símbolo da conquista da Copa de 1970, “Pra Frente Brasil”, começa a tocar ao fundo, como já havia sido executada em outros momentos do filme. O tema da vitória executado nesse momento, além de evocar memórias e glórias esportivas do início da década, confere um aspecto ufanista à cena, uma vez que a peça, conforme escreveu o historiador Daniel Aarão Reis Filho, passou a ser amplamente utilizada anos antes como propaganda política do regime. Embora não se vivesse mais naquele momento (1979) o auge da onda ufanista insuflada pelo governo, havia ainda um imaginário que foi se consolidando em torno da referida música e de tantas outras associadas ao regime no início da década de 70:

O país, comparado a um imenso canteiro de obras, foi tomado por incontida euforia desenvolvimentista. O governo Emílio Garrastazu Médici criou então uma agência própria de propaganda, a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp) para martelar slogans otimistas, animando, encorajando, com mensagens positivas, construtivas e ufanistas: *Pra Frente, Brasil. Ninguém segura este país. O futuro chegou. Brasil, terra de oportunidades. Brasil, potência emergente.* Para os que ainda discordavam, restava a porta de saída, segundo plágio de conhecida campanha estadunidense: *Brasil, ame-o ou deixe-o* (REIS FILHO, 2005, p.81).

A junção de Governo Militar, “Pra Frente Brasil” e Pelé já havia se mostrado como uma fórmula de sucesso no passado recente. O contexto em que se deu a filmagem e lançamento do filme não era mais de repressão acirrada e slogans intimidadores, no entanto, Pelé, no ato de encarnar valores nobres de um tipo nacional ideal pautado pelo esforço por intermédio do trabalho, representa também o país que olha para o futuro e se preocupa com as crinaças, sem, contudo, esquecer das glórias recentes.

Imagem 44



(a) (b) (c)  
 Legenda: Pelé se prepara fisicamente para a operação policial em comunidade carente e, ao som de “Pra Frente Brasil”, acaba convencendo o menor a sair da vida do crime após luta corporal.  
 Fonte: YOUTUBE.

Outra leitura possível do longa à luz dessa cena e de todo o roteiro, diz respeito à representação do jogador como agente da “ordem” e da “civilidade”; conceitos, vale destacar, que ainda eram bastante caros ao governo dos militares naquele momento. A partir de seu

papel como agente policial, ainda que de forma temporária e providencial, o jogador passa a simbolizar, metaforicamente, o estado brasileiro e o que este espera de seus civis. Nesse sentido, o tema “Pra Frente Brasil”, tocado durante a operação policial bem-sucedida realizada por Pelé, me parece uma sofisticada metáfora ufanista do Brasil politicamente militarizado. Ao mesmo tempo, soa como retrospecto saudosista e referência a um regime que, embora caminhasse gradualmente para seu fim por intermédio de uma transição “lenta, gradual e segura” assim definida por Geisel (1974 - 1979), havia deixado seu legado de combate à subversão da ordem e consequente preparo das estruturas sociais para um futuro que se queria próspero.

Imagem 45 - Cartaz de divulgação, 1979



Fonte: IMDB.

Outro elemento importante que se soma a esse raciocínio é o cartaz do filme, o qual traz Pelé não mais vestido de jogador, mas trajado como policial agente do estado brasileiro e estilizado à moda dos tiras e agentes secretos das produções hollywoodianas. A narrativa e o cartaz que também faz parte desse processo, propõem uma relação simbiótica entre Pelé e o estado brasileiro, que passam a se confundir em muitos momentos do filme. Assim, o ato de Pelé em interpretar um militar que reestabelece a ordem, reforçou, naquele momento, a ideia messiânica de que somente os militares seriam capazes de trazer a redenção política e moral de uma sociedade brasileira corrompida; e que ele, Pelé seria o modelo de cidadão desejado pelo regime: alinhado ideologicamente, trabalhador, disciplinado e “bom moço”.

Por ter emprestado seu rosto e seu peso histórico para um projeto cinematográfico de tal natureza, dentre outras questões discutidas em capítulos anteriores, Pelé acabou por

alimentar a memória biográfica que o definiu pejorativamente como “capacho da Ditadura” e “amigo dos militares”. O filme possui, portanto, uma recepção ambígua que acaba por revelar os conflitos de memória entranhados na disputa das representações do Rei e do Réu, pois ao mesmo tempo que o exalta como ideal de civilidade e de bom cidadão, também recebe críticas por essa construção ter se dado em contexto ditatorial.

“Os Trombadinhas” foi um dos últimos filmes estrelados por Pelé no século XX. O ex-jogador ainda faria participação em “Os Trapalhões e o Rei do Futebol” (1986), mas a película acabou não entrando no corpo documental da pesquisa. A seguir, discutirei as produções do século XX e de que maneira elas dialogam e dão continuidade com as obras anteriores.

## **5.2 A produção cinematográfica nas primeiras décadas do século XXI e suas representações nacionais e biográficas**

- Pelé Eterno (2004). Distribuição: United International Pictures

“Pelé Eterno” é um documentário de 2004 dirigido pelo cineasta brasileiro Aníbal Massaini Neto. Sem seguir uma estrutura linear, o filme celebra, como o título denuncia, a grandeza de um mito nacional tido por eterno. Um mito que, conforme a narração: “se solidifica como sinônimo de Brasil. Mais forte que o carnaval, o samba e o próprio futebol. Seu nome é também uma senha para ultrapassar fronteiras e abrir portas”. De fato, a representação de Pelé como sinônimo da nação foi sempre uma constante nas mais diferentes manifestações intelectuais e artísticas, sejam em livros, desenhos ou filmes. A obra, portanto, se insere nesse debate e passa nos apresentar uma enxurrada de efemérides: a primeira professora, a primeira namorada, a primeira esposa, o primeiro filho, o primeiro técnico, o primeiro gol, o primeiro uniforme, a primeira chuteira, o primeiro campeonato, detalhes tão específicos que só fazem sentido quando se tem uma figura museificada como é o caso de Pelé, que narra durante boa parte do filme, seus próprios feitos como se nos conduzisse em seu próprio museu e por suas memórias.

Do ponto de vista da inovação narrativa, “Pelé Eterno” não traz grandes novidades no que diz respeito a novas representações sobre o jogador, mas trata de consolidar alguns pontos historicamente enfatizados em décadas anteriores. A cena de abertura, por exemplo, trabalha com a clássica ideia do “predestinado” e do “determinismo biológico”. Embora seja uma



sequência em que a licença poética e liberdade artística deva ser levada em consideração, não é possível desprezar seu simbolismo.

A introdução do longa traz inicialmente um cometa em forma de bola de futebol que se aproxima da Terra até cair no Brasil, especificamente no meio do gramado do Maracanã. A cratera deixada pelo impacto acaba formando, em seguida, o acento agudo da palavra “Pelé”. Essa breve animação pode ter inúmeras interpretações, contudo, levando em conta as narrativas das biografias e cinebiografias já analisadas, penso que a cena remete, mais uma vez, à ideia do “enviado”, “escolhido” seja pelos deuses, seja por outra entidade, para cumprir sua missão redentora na Terra entre o povo brasileiro. A sequência também pode ser lida como uma alusão à popular ideia “Pelé não é desse planeta”, usada metaforicamente para superlativar seu talento futebolístico que muito se destacou. Após a aparição do título do filme a partir do impacto do cometa, os créditos iniciais são apresentados enquanto, ao fundo, bolas de ouro giram e se entrelaçam até o momento em que, juntas, formam cadeias de DNA e células que, após o distanciamento da câmera desfazendo um zoom no olho do jogador, descobrimos ser o material genético de Pelé. A representação das bolas de ouro (referência à sua “majestade” no futebol) que logo em seguida formam material genético, implicam numa narrativa mítica e determinista do “gênio predestinado” antes do nascimento, representação que, como demonstrei, já foi largamente explorada e utilizada desde a década de 1960, como parte da estruturação da mitologia biográfica do jogador. Além disso, alude à ideia biológica do “corpo perfeito” e geneticamente apto à prática do futebol.

Como é de conhecimento, o tempo se encarregou de manifestar uma polarização em torno de Pelé e a forma como ele lida, politiza ou “despolitiza” seu corpo negro. Numa tentativa de afirmar o ex-jogador como ícone negro que possui orgulho de sua etnia e que não se vergonhava, como muitos o criticaram, o filme faz um esforço, assim como em “A Marcha” (1972), para arrancar de Pelé algumas palavras que possam ficar registradas como exemplo de seu orgulho. Para tanto, o narrador, em determinado momento, evoca Mário Filho e seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, citando a seguinte passagem: “[ele] faz questão de ser preto. Não para afrontar ninguém, mas para exaltar a mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para a glória.” (RODRIGUES FILHO, 1964). Pelé, por sua vez, como sempre o fez durante toda a sua trajetória, tentou não “particularizar” ou “partidarizar” sua raça, buscando enxergá-la dentro de um contexto maior de miscigenação ocorrida no Brasil: “nasci negro e tenho orgulho de ser negro, porque todo brasileiro tem alguma coisa de índio, alguma coisa de negro, e eu me orgulho muito de ser negro e ser brasileiro”.

Outra atualização biográfica importante trazida pelo filme, no meu entender, diz respeito a conceituação de Pelé como sendo ao mesmo tempo apolíneo e dionisíaco, duas categorias opostas mas que, no caso do jogador santista, conforme percebido por Diano Massarani (2018), passam a ser categorias associadas às suas características de atleta, embora seja possível afirmar que a categoria de apolíneo foi historicamente muito mais acionada por seus biógrafos e inclusive pelo próprio Pelé. Penso que esse movimento encontrará seu auge na cinebiografia “Pelé – o nascimento de uma lenda” (2016), obra em que o jogador é lido como um artista do improviso e não mais apenas como disciplinado e esforçado.

Nesse sentido, “Pelé Eterno”, apesar de trazer algumas afirmações como: “Às vésperas dos 30 anos, o craque das intenções chega à maturidade. [...] ele é um exemplo singular de obstinação. Motivado”; também traz outras construções que remetem ao tipo nacional folclórica e historicamente associado a Garrincha, a saber, o malandro, o improvisador e o artista da bola. Em certas ocasiões, as duas representações chegam a estar juntas: “A guerra de Pelé é outra: a do artista sempre em busca da perfeição” (imagens de treinamento); “Era em campo a própria arte em movimento. Fascinava a todos com a excelência do seu futebol”; “Pelé foi malandro”, “malandríssimo”, “pra jogar futebol tem que ser malandro”. Por fim, a citação à categoria “ginga”, conceito místico associado às características plásticas do futebol brasileiro, também se faz presente na múltipla conceituação do jogador Pelé: “Entra em cena todo um variado repertório de gestos, de gingas e duplas intenções. Uma arte do corpo cujos movimentos se tornam mais importantes do que o próprio toque na bola. É o extraordinário balé de um gênio da dança futebolística”.

Há, ainda, um reforço na imagem de “patriota” de Pelé em cenas que relembram a ocasião em que, mesmo jogando profissionalmente pelo Santos, decidiu servir ao Exército Brasileiro após completar 18 anos. A rápida abordagem parece bem mais do que um simples registro biográfico, busca, antes disso, alimentar a representação do mito e do herói que ama sua pátria e daria a vida por ela. Seria, além disso, uma resposta tardia às críticas do jornalista De Vaney nos anos 70 em seu “A Verdade Sobre Pelé” (1976), o qual à época, acusava o jogador de “desertor” e “traidor da pátria”. O documentário procura evidenciar que, além de servir como soldado, Pelé ainda disputou e ganhou alguns campeonatos pelo time do Exército, fato que, dentro dessa lógica, passa a conferir simbolicamente à sua imagem um sentido duplamente patriota e heroico.

Imagem 46 - Pelé no Exército



Legenda: O ídolo ideal que ama e serve a nação fora de campo.  
Fonte: PELÉ ETERNO, 2004.

Na mesma obra, De Vaney também levantou outras acusações de cunho moral, como a “ganância” e “mercenarismo” de Pelé ao assinar inúmeros contratos publicitários. Críticas essas que, aliás, eram relativamente comuns em outros setores da imprensa por intermédio de outros sujeitos. Em “Pelé Eterno”, todavia, a faceta empresarial de Pelé é exaltada e naturalizada como um progresso natural de um homem de negócios bem-sucedido. Além disso, há na produção uma interessante preocupação em afastar do ex-jogador qualquer responsabilidade pelos escândalos financeiros passados, notadamente o chamado “Caso Pelé-Unicef”, em que o ex-atleta se viu em meio às acusações de desvio de verba filantrópica nos anos 90. Em determinado momento do filme, Pelé, após relatar as primeiras tentativas de investimento nos anos 60, relata que “nunca foi bom em negócios” e que, na verdade, o motivo de tantos desajustes seria culpa de seus sócios que sempre traíam sua confiança. Com essa declaração, Pelé trata de afastar de si toda e qualquer responsabilidade por possíveis casos de corrupção e reafirmar seu caráter “inocente” e “ingênuo” no campo dos negócios. Tal declaração, entretanto, acaba sendo contraditória com a própria narrativa que, minutos antes, havia celebrado seu sucesso como estrela que soube aproveitar as oportunidades para ficar sempre em evidência e, assim, aumentar seu patrimônio e influência.

Em resumo, “Pelé Eterno” é um documentário que, a despeito de soar contraditório em alguns momentos, trabalha esses diferentes conceitos, reforça a mitologia messiânica, tenta evocar Mário Filho e proporciona a Pelé a oportunidade de assumir para si a construção identitária pensada pelo jornalista na década de 60 como grande referencial negro no Brasil.

- Pelé - A Origem (2019). Distribuição: Prime Vídeo

“Pelé – a origem” (2019), a mais recente produção cinematográfica de cunho biográfico sobre o ex-jogador, é um curta metragem brasileiro de 40 minutos dirigido pelo cineasta Luiz Felipe Moura e exibido exclusivamente em plataformas de streaming. O título faz referência ao recorte temporal estabelecido no filme, que vai desde o nascimento até a adolescência de Pelé, quando este decide, definitivamente, ser um jogador de futebol assim como o pai, Dondinho. O filme, apesar de, em termos de duração, ser o mais curto se comparado às demais cinebiografias e produções em que Pelé faz participação especial, é, por outro lado, o mais politizado em seu roteiro e o que mais politiza a biografia do jogador. Isso porque toda a sua trama, desde a primeira cena até a última, é recheada de diálogos que buscam dar um sentido político à trajetória do jovem Pelé e assim inseri-lo hoje no debate racial e em um contexto pós-Diretos Civis e de pleno estabelecimento dos movimentos negros. Além disso, o filme tenta, mais uma vez, transformá-lo em um símbolo antirracista e um libertador dos negros brasileiros, sob moldes raciais e ideológicos semelhantes aos utilizados por Mário Filho mais de cinquenta anos antes. A influência de Mário Filho, aliás, está presente ao longo de todo o filme nos diálogos e cenas que remetem à chegada de um Messias Negro que por fim trará justiça e igualdade ao mundo. Como afirmei, essas discussões não ficaram perdidas no tempo e em seu contexto. Embora o auge de difusão dessa narrativa tenha se dado na década de 1960 entre intelectuais e imprensa, vindo posteriormente, o sistemático questionamento em decorrência do contexto político dos Direitos Civis, não se pode afirmar que se trata de uma discussão superada, pois as representações de Pelé como Messias Negro vêm sendo periodicamente atualizadas. Tal fato tem potencializado o acirramento de representações pautadas pelos extremos do “Rei” e do “Réu”.

O filme tem início com a narração do jovem Pelé: “Um dia, um cara chamado Thomas Edson, descobriu um jeito de fazer a energia luminescer e levou luz por toda a terra. Aí meu pai resolveu me dar esse nome: Edson. Mas ninguém me conhece assim. Aquelas coisas que não pega, sabe.” A cena de abertura traz importantes signos e questões a serem levadas em consideração. Enquanto o monólogo acima é proferido, a montagem traz inicialmente Thomas Edson ascendendo uma lâmpada em meio à escuridão total e, logo em seguida, Dondinho, pai de Pelé, ascendendo a mesma lâmpada. A sequência seguinte encena o parto de Pelé e seu pai em primeiro plano sussurrando com ares de felicidade os dizeres: “Thomasssss.....Thomas..... Edson! Edson!”. Para além da real inspiração ou não que Dondinho tivera no passado para a escolha do nome do filho, a simbologia da cena de abertura transmite a mensagem de que

Pelé, o negro, seria a luz que veio ao mundo dissipar as trevas do racismo e estabelecer um novo tempo de conciliação e igualdade entre as raças. Além disso, a “luz” também acabaria com o jejum da Seleção Brasileira em mundiais e mostraria, dessa forma, que o negro era capaz, apesar de todo o estigma social. Outro detalhe importante seria o crucifixo usado por Dondinho, referência messiânica presente, mais uma vez, assim como no filme de 1962, durante o parto do futuro salvador negro.

Imagem 47 - Thomas Edson, Dondinho e o parto de Pelé: a luz veio ao mundo



(a)

(b)

(c)

Fonte: PELÉ, ORIGEM (2019). AMAZON PRIME VÍDEO.

Um pouco mais à frente, já com o jovem Pelé (Dico) na adolescência acompanhando o treino do pai na sede do Bauru Atlético Clube (BAC), há um diálogo entre o treinador da equipe e o filho de Dondinho:

Treinador: “E você, moleque, já pensou em jogar bola? Seu pai tem essas ideias aí de que algum negro vai mudar o mundo.”  
 Pelé: “O que é o mundo, doutor?”  
 Treinador: “Depende de como você olha pra ele. Cabe dentro dessa bola.” [Pelé com bola de meia nas mãos]  
 [fim de treino]  
 Treinador: “Belo treino, Dondinho. Deixa ele sonhar [apontando para Pelé]. Vai que é ele.”

A partir do fragmento acima, o filme politiza e canaliza a trajetória de Pelé para as discussões raciais, contudo, a biografia de seu pai, Dondinho, também é usada politicamente pelo roteiro. Tido como alguém que espera ansiosamente a chegada do “escolhido”, do “enviado”, do Messias que redimirá os negros oprimidos no Brasil e, por fim, “mudará o mundo”, a intriga referencia, mais uma vez, a tradição e o imaginário judaico-cristão do salvador do mundo. Por “mudar o mundo” entendo como sendo uma percepção de futuro em que as raças estariam unidas e em convivência harmônica a partir da ação de um homem. Obviamente, esse pensamento pode ser lido como uma interpretação de mundo visto a partir da ótica da “democracia racial”. Nesse sentido, embora a obra tente incluir Pelé no debate

antirracista ao chamar atenção para seus feitos como negro em meio a uma sociedade conservadora a fim de torná-lo um símbolo de luta, o apelo ao mito da harmonia social como horizonte de chegada acaba, por outro lado, a descredenciar o filme (e o próprio Pelé) como instrumento de combate ao racismo estrutural ainda vigente, tendo em vista que tal mito é ampla e ferozmente questionado pelas entidades e organizações negras.

A questão do mito racial pode ser percebida em outra sequência em que o jovem Pelé aparece sentado junto a uma árvore após presenciar uma discussão entre sua mãe e seu pai. O teor da discussão diz respeito ao futuro do filho: se jogador de futebol, como queria o pai, ou se um universitário, como insistia a mãe, Dona Celeste, que temia pelo sofrimento do filho em decorrência da cor: “Acha que pode fugir do mundo? Esconder o preto da pele em cima do verde do campo ? [...] Existe algum assim? [jogador negro rico] Negro jogando bola? Me diz um no mundo!”

Pensativo e sentado junto a árvore, Pelé passa a questionar os valores racistas da sociedade da época e decide que tomará uma atitude para que o problema da segregação racial seja extirpado de uma vez por todas e assim, todos possam viver harmonicamente sem que a pele seja um fator de julgamento ou empecilho social. Para tanto, ele usará o seu talento futebolístico para promover uma revolução de costumes e valores:

o tom da pele diz quem pode passar por alguma porta? Então tá tudo errado no mundo. Não... o mundo não pode ser assim. O meu não será! [segurando a bola de futebol na mão]. A bola é a forma de realizar meus sonhos e tocar o coração do mundo. Um mundo talvez mais preto, mais branco.

Esse momento de desafio, inconformismo, desejo por justiça e de restaurar algo que se corrompeu pode ser pensado a partir do conceito de “chamado à aventura” (CAMPBELL, 1990), ponto importante da “Jornada do Herói” que se vê imbuído da responsabilidade de reordenar seu mundo. Conforme expus no capítulo I, várias foram as situações e motivações criadas por biógrafos para justificar o simples fato de Pelé decidir ser um jogador de futebol profissional. Entretanto, o combate ao racismo como força motivadora raramente foi acionado como uma situação que possa ter servido de gatilho para que o jovem Pelé enveredasse pelos caminhos do esporte como forma de exercer sua militância em prol da causa negra e de um mundo mais igual. A frase “Um mundo talvez mais preto, mais branco” para além de significar a simples igualdade, possui em suas camadas o ideal de “democracia racial” representado por Pelé, apresentado nesse momento como o futuro redentor da nação e aquele

que forjará uma nova identidade nacional, a partir do futebol, na qual todos se sintam incluídos e valorizados.

Por fim, o roteiro apresenta o último motivo que teria impulsionado o garoto Pelé em sua futura jornada esportiva e política: a derrota do Seleção na partida final da Copa de 50. Nesse ponto, a produção destaca que todas as esperanças de Dondinho, o idealista, estavam depositadas especificamente nesse jogo, pois acreditava que com o título mundial conquistado pelo selecionado brasileiro que possuía negros e mestiços em sua composição, o Brasil finalmente passaria a ser um país racialmente unido e, por fim, o chamado “complexo de viralata” seria exorcizado do imaginário nacional. Esse cenário se passa da seguinte forma: Dondinho, que era jogador do Bauru Atlético Clube (BAC), estava em campo pela final do Campeonato Paulista do Interior de SP no mesmo dia e horário da partida entre Brasil e Uruguai. A montagem das cenas busca estabelecer um contraste entre a alegria dos jogadores e torcedores do BAC após a conquista do título regional; e a tristeza fúnebre que tomou conta do público e dos jogadores da Seleção Brasileira após da perda da Copa do Mundo, com especial destaque para o close na expressão do goleiro negro Barbosa a fim de reforçar a ideia de que o calvário dos negros no Brasil ainda não havia acabado e viria a ganhar novos contornos dramáticos. O close em Barbosa faz um link imediato com a cena seguinte em que Dondinho, após a breve euforia em razão da conquista do título paulista, se afunda em tristeza e inconformismo ao receber a notícia dos acontecimentos no Maracanã, ao lado de Pelé.

Imagem 48 - Barbosa e Dondinho: a mesma dor



(a)

(b)

(c)

Fonte: PELÉ, A ORIGEM (2019), AMAZON PRIME VÍDEO.

Aos gritos e lágrimas, o pai de Pelé faz o seguinte desabafo:

Não é!! Não é!! Essa era a única chance que a gente tinha! Era a única chance! A única chance de se livrar desse complexo de inferioridade! Agora vão culpar os negros, vocês vão ver só! A culpa agora vai ser nossa! Deus salve os negros da nossa seleção, meu filho. Deus salve os negros da nossa seleção.

A constatação de Dondinho é triplamente trágica: além de perder o título no próprio país, os negros seriam culpabilizados pelo fracasso e o Brasil continuaria com uma mentalidade de inferioridade perante os estrangeiros, principalmente por conta da crença de que negros e mestiços não possuiriam, tal qual os europeus e descendentes brancos sul-americanos, frieza emocional para momentos decisivos. E por último, a terrível constatação de que o Messias Negro, o qual ele sempre esperou ansiosamente, não estava entre aqueles 11 jogadores do selecionado e sua aparição ainda era incerta. À noite, em sua residência, Dondinho permanecia inconsolável em seu quarto enquanto na sala, a mãe de Pelé tentava explicar a situação para além da lógica futebolística:

Meu filho, seu pai é um sonhador. Futebol foi o único jeito que ele encontrou de ver a nossa raça e o nosso país mais justo. Negros, brancos, pobres, ricos, todos juntos. Ele acreditou que a Copa do Mundo fosse o grande momento em que os brasileiros iriam levantar a cabeça novamente e mostra pro mundo que somos todos um só, mas não deu.

O discurso de Dona Celeste ao descrever a angústia do marido é o mesmo de Pelé ao assentar-se junto à árvore: unir as raças por meio do futebol e mostrar o Brasil ao mundo como exemplo perfeito de democracia racial e socioeconômica, tendo em vista que ricos e pobres conviveriam em harmonia em torno de algo que os unia. Entretanto, faltava ainda o elemento unificador principal que seria o Messias. Nesse momento, Pelé toma a dianteira e, ao mesmo tempo em que consola seu pai, faz um discurso politizado em que, mais uma vez, a ideologia do paraíso racial a ser alcançado aparece com força. Ao mesmo tempo, se coloca como sendo o Messias esperado para cumprir sua difícil missão de por fim ao racismo no Brasil e libertar o imaginário nacional do sentimento de inferioridade: “Não precisa mais ficar assim. Olha nos meus olhos. Eu vou levar sua honra nos meus pés. Eu vou levantar aquela taça e mostrar ao mundo que somos iguais. Se for depender de mim esse país não se curva mais”. Dessa forma, movido por seus ideais, o herói parte para sua jornada a fim restaurar seu mundo corrompido pelo racismo. O aparecimento de imagens reais de consagração do Pelé adulto, logo em seguida, sugere ao espectador que este ideal foi, de fato, alcançado graças ao jogador.

Por último, “Pelé, a origem” é essa obra contraditória que ao mesmo tempo em que tenta, como outras produções cinematográficas já o fizeram, inserir o ex-jogador no debate antirracista tentando transformá-lo em um ícone político da causa negra, acaba, por outro lado, reforçando mitos sociais há muito já questionados e que colidem frontalmente com o entendimento dos processos históricos por parte dos movimentos e entidades negras. Isto



posto, o filme contribui para a interpretação de que as tensões raciais estariam amenizadas no Brasil e que as raças passaram a conviver de forma harmoniosa e pacífica após as conquistas esportivas proporcionadas pela Seleção Brasileira com seus negros, mestiços e brancos. Vale ressaltar que Pelé, a principal engrenagem desse processo histórico, continua até os dias de hoje, sendo acionado como símbolo dessa nova era. Mesmo com todo o desgaste biográfico de um lado e avanço no debate do racismo e da ideologia da democracia racial de outro, o ex-jogador permanece mobilizando a partir de si mesmo e de agentes como cinema, literatura e imprensa, potentes discursos ideológicos que evocam um determinado modelo de identidade nacional.

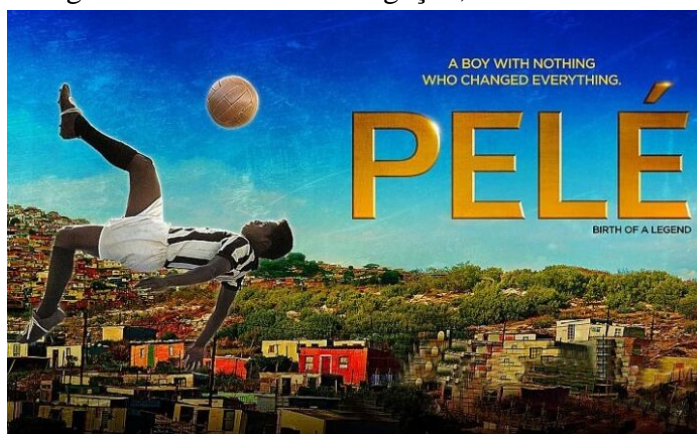
- Pelé – o Nascimento de uma Lenda (2016). Distribuição: IFC Films

Grande parte das produções biográficas, sejam elas em forma de livros ou filmes, sempre retrataram Pelé como o símbolo máximo da disciplina e do ascetismo profissional. Um mito lapidado na base do esforço diário e da valorização do trabalho e empenho pessoal. Todavia, como bem observou o pesquisador Diano Massarani, as representações sociais sobre o jogador não são cristalizadas e nem sempre seguiram apenas o modelo apolíneo, havendo momentos em que outras representações também foram acionadas, o que faz de Pelé uma personalidade complexa de múltiplas compreensões e interpretações que acabam por propor modelos distintos de sociedade brasileira. Esse é o caso, por exemplo, do filme “Pelé, o nascimento de uma lenda” (laçado no Brasil em 2017), obra que produz representações do jogador santista que, no imaginário folclórico do futebol nacional, sempre estiveram associadas a Garrincha. A disciplina e o método deixam de ser o foco do roteiro e dão lugar ao improvisado e a um estilo de jogo dito artístico e mágico. Diferente de outras produções, o filme foi produzido, roteirizado e dirigido por profissionais estrangeiros: os irmãos norte-americanos Jeff Zimbalist e Michael Zimbalist. O fato de ser uma produção estrangeira contribui para nossa análise na medida em que é possível medir a partir do roteiro, diálogos e cenas, de que maneira o mito da democracia racial brasileira ressoa no exterior e de que forma as representações sobre a nação são pensadas a partir do jogador santista.

O longa possui um recorte temporal específico que pretende explicar de que maneira teria se dado “o nascimento da lenda” Pelé em seus primeiros passos no futebol. Assim, a linha temporal tem início em sua infância e termina com a conquista do primeiro título mundial da Seleção Brasileira em 1958, na Suécia. Para além da mera biografia, a obra possui um texto que celebra a consolidação de Pelé como ponto de ruptura no racismo brasileiro que se expressava no futebol, além de celebrar, conforme demonstrarei, a dita democracia racial

que se estabeleceu no país após a aparição do jogador. Inicialmente, há uma forte mensagem do típico garoto pobre que “venceu na vida”. O cartaz de divulgação traduz essa ideologia de forma bastante nítida em sua composição. Apesar de não existirem evidências históricas e nem mesmo depoimentos de Pelé que evidenciem que mesmo teria passado sua infância em uma favela da cidade de Bauru, o filme e o cartaz utilizam esse artifício imagético estereotipado para reforçar a ideia do herói que vence as dificuldades e a pobreza (favela abaixo) e alcança a glória (representada pelo céu azul e o uniforme do Santos acima) através do talento futebolístico (representada pelo movimento da “bicicleta” no ar). Além disso, a imagem de Pelé executando uma bicicleta diz muito sobre a maneira que o filme aborda a questão do improviso e do chamado futebol irreverente e alegre, historicamente associado a Garrincha e outros jogadores que atuaram posteriormente. A legenda acima do título resume essas questões e prediz superficialmente a história do Messias Racial que o roteiro desenvolverá: “um garoto sem nada que mudou tudo”.

Imagem 49 - Cartaz de divulgação, 2017



Fonte: INGRESSO.COM

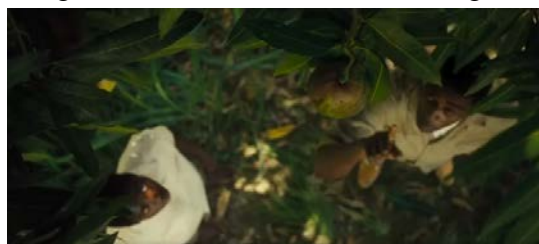
A narrativa estabelece uma hiper valorização e romantização do improviso brasileiro. Além disso, há uma oposição constante entre o improviso entendido por artístico; e o método, sempre associado aos europeus e tido por engessado e previsível. Nesse ponto, o filme difere de outras obras que sempre procuraram construir a imagem de Pelé como o homem do método e da disciplina, pois ao longo da narrativa, passa a não se adaptar ao uso de chuteiras, aos treinamentos e à forma de jogo profissional que exigia disciplina tática. Na infância, o improviso é romantizado mais uma vez, pois boa parte das cenas se passam em ruelas e becos sujos em que o garoto Pelé e seus amigos jogam futebol com bolas de meia e uniformes improvisados com retalhos de colcha de cama. A ideia é apelar para o imaginário nacional

que concebe o jogador brasileiro habilidoso como resultado das condições adversas e precárias em que estes praticavam o esporte na infância, condições que teriam estimulado o surgimento de novas técnicas a fim de superar as dificuldades e irregularidades do terreno e do material utilizado, conforme escreveu Hugo Lovisoló:

O terreno desnivelado, não raro com pedras, bolas nem sempre regulares, calçados inadequados e, frequentemente, pés descalços teriam obrigado a criação de uma forma de jogar diferente. Assim, a imaginação [...] teria nos forçado a ser originais, a termos um estilo próprio de jogar futebol: ginga, malandragem, firulas, dribles, enfim, o inesperado do ponto de vista da técnica ou dos fundamentos. (LOVISOLÓ, 2011, p. 23-24)

A cena do “bate-bola” nas ruelas chama atenção pela forma acrobática com que todos os garotos executam seus movimentos, lembrando em muito os artistas circenses e também, por vezes, os movimentos da capoeira. Em dado momento, em um terreno baldio, o próprio Pelé chega a ser treinado pelo pai utilizando não uma bola, mas mangas maduras e verdes, colhidas de uma árvore próximo à sua casa. Todos esses fatores caminham juntos na direção de exibir a construção atlética de Pelé como sendo comparável à de um grande artista do improviso que desenvolveu suas habilidades em condições sociais precárias. Sob outro ponto de vista, a sequência também reforça o estereótipo do Brasil como paraíso tropical exuberante em harmonia com os brasileiros.

Imagem 50 - Treinamento com mangas sob a supervisão do pai



a)

b)

Fonte: PELÉ, O NASCIMENTO DE UMA LENDA (2016).

O cenário social que o filme apresenta como sendo o contexto internacional e nacional em que Pelé estava inserido, é hostil a brasileiros e particularmente a negros e mestiços, classificados pela crônica brasileira e do exterior como desprovidos de capacidade tática que os qualificasse para o jogo tido por moderno, ditado pelos europeus. Na introdução, vozes de vários locutores de rádio são ouvidas tecendo comentários negativos a respeito da Seleção brasileira de 1958 antes do título:

Bem-vindos de volta à Copa do mundo de 1958, é o Brasil contra a união soviética. É bem mais que um jogo para o Brasil. Na última década, o espírito nacional foi destruído. Nós vimos torcedores brasileiros se suicidando ao pular da parte superior dos estádios. Mas sejamos honestos, os soviéticos são os atuais campeões olímpicos. E o Brasil? Devia agradecer por se classificado para a Copa do Mundo... Os brasileiros vão entrar num estádio lotado de europeus, todos torcendo contra eles. Eles não têm chance, são jovens, não convencionais, são indisciplinados e ainda por cima mestiços [Pelé aparece de costas]

A partir da citação acima, é impossível não enxergar a influência do pensamento de Mário Filho na condução do roteiro e dos diálogos de “O nascimento de uma lenda”. Essa base interpretativa evidencia a força dessa narrativa que sobreviveu ao longo das décadas e passou a ser atualizada de diferentes maneiras, chegando a ser utilizada, no caso em questão, por produções cinematográficas internacionais. De fato, Mário Filho concebeu uma sólida interpretação do Brasil a partir do futebol e da biografia de Pelé a partir de dois eixos que costumam todo o filme dos irmãos Zimbalist: 1º a constatação e a superação do sentimento de inferioridade após a conquista do primeiro título mundial; 2º a chegada de uma nova era racial proporcionada por Pelé. Ora, desde a introdução até à cena final, o “trauma de 50” aparece constantemente como uma das situações a ser superada, cabendo a Pelé recuperar o “espírito nacional destruído” e colocar o país de volta aos trilhos da confiança em si mesmo. O personagem Dondinho, o pai de Pelé, reforçou a importância dessa missão redentora do filho e de que forma ela geraria um impacto na identidade nacional do povo brasileiro, caso fosse concretizada: “é uma época decisiva para nosso país, meu filho. Desde a derrota na Copa de 50, sentimos muita vergonha. O espírito nacional tá morrendo, mas agora você pode mudar tudo isso.”

Do outro lado, havia o problema do racismo por trás da desconfiança que caía sobre todos os jogadores negros e mestiços, olhados a partir do rótulo de serem inconstantes psicologicamente e com um estilo de jogo “primitivo” e “não convencional”: a ginga. O próprio Pelé, após chegar às categorias de base do Santos, é repreendido por seu técnico branco, devido a seu modo irreverente de jogar. Através desse e de outros diálogos semelhantes, a obra concebe um contexto em que o racismo não se dava exclusivamente pelo tom da pele, mas se manifestava também pela forma de jogo associada aos negros e mestiços e considerada “primitiva” e como “coisa de macaco”. O estilo “europeu”, por outro lado, é apreendido como sinônimo de modernidade e racionalidade:

Uou! Uou! Uou! É exatamente dessas macaquices que eu estou falando! [...] Todos vocês serão avaliados de acordo com o seu desempenho e disciplina. Não tem magia no futebol, pessoal! Qualquer estilo primitivo que jogavam antes, esqueçam! Aqui vão aprender a dominar as técnicas dos melhores times da Europa.

Imagem 51- Pelé repreendido por técnico branco: conflito racial.



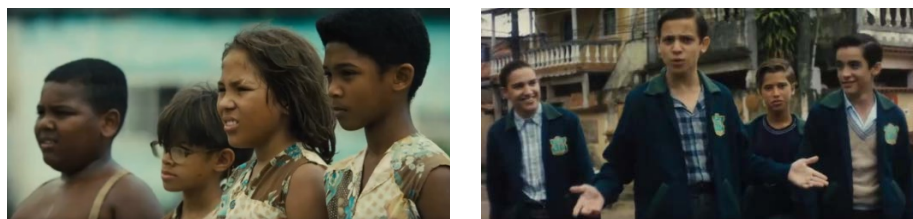
Fonte: PELÉ, O NASCIMENTO DE UMA LENDA (2016).

Mesmo após chegar à Seleção principal e ser convocado para uma Copa do Mundo aos 17 anos em 1958, o estilo de Pelé continuou a ser discriminado por outro técnico branco, dessa vez do selecionado, o qual, tal como o técnico do Santos, passou a rotular seu futebol como irracional e selvagem. O modelo profissional a ser seguido era o do branco europeu. Nesse ponto, o filme evidencia os traços da tradição que cunhou a chamada síndrome de inferioridade dos brasileiros:

O Brasil está numa encruzilhada: ou entramos para a história como selvagens ou podemos entrar como civilizados. [...] E você, mesmo tendo apenas 16 anos, agora será o porta-voz dessa grande nação. E essa ginga pode ter funcionado quando você estava no Santos, mas nunca funcionará a nível internacional. Isso não vai se repetir!

A tensão racial está diluída durante todo o filme, particularmente na oposição constante entre dois estilos diferentes de jogar futebol: o estilo brasileiro criminalizado e combatido da ginga com sua herança africana e uma vasta possibilidade de improvisação; versus o estilo europeu e metódico da disciplina tática. Para simbolizar esse embate, os diretores estabelecem uma rivalidade entre o negro Pelé e José Altafini, branco ítalo-brasileiro que ficou conhecido também por Mazzola, chamado posteriormente assim por conta de sua ascendência italiana e semelhança física com o ídolo italiano Valentino Mazzola (1919-1949). Através de uma situação 100% fictícia, pois a rivalidade de estilos entre os dois, na prática nunca existiu, o roteiro tenta traçar a história dessa disputa que teria durado desde a infância de ambos até o convívio mútuo que tiveram na Seleção Brasileira campeã em 1958. As imagens abaixo evidenciam essa oposição entre os negros e mestiços com uniformes improvisados feitos de colcha de retalhos; e o time de brancos com uniforme que lembra propositalmente o da Seleção Italiana. Pelé era o líder de sua turma pobre e descalço, ao passo em que Altafini liderava os garotos brancos bem vestidos de classe média.

Imagem 52 - Time de Pelé contra time de Altafini



(a)

(b)



(c)

Legenda: Improviso negro/mestiço em oposição ao método dos brancos.  
 Fonte: PELÉ, O NASCIMENTO DE UMA LENDA (2017).

Pelé utiliza a chamada “ginga” como um recurso paranormal que quando invocado por seu “eu interior”, acaba por auxiliá-lo nas jogadas. Em determinada cena da partida contra os garotos brancos que venciam o jogo, Pelé, com a bola nos pés e parado no meio de campo, concentra-se em um momento de meditação para “invocar” o espírito da ginga que, a partir de então, passa a incorporá-lo e movê-lo a fazer jogadas mirabolantes. A cena diz muito a respeito do caráter místico concebido pelos diretores em relação ao conceito, elevando-o para algo muito além de um simples floreio com a bola. No ponto seguinte, explorarei um pouco mais desse complexo conceito.

Imagem 53 - Breve meditação para invocar a “ginga”



(a)

(b)

(c)

Fonte: PELÉ, O NASCIMENTO DE UMA LENDA (2016).

### 5.3 Ginga: a tradição e a problemática por trás do conceito

Neste ponto, cabe observar que o conceito de ginga, exaustivamente presente no longa, é digno de uma reflexão mais detalhada a partir de agora. De forma objetiva, o termo diz respeito aos movimentos fundamentais da capoeira, tanto de ataque como de defesa, ou da simples dança dos corpos envolvidos no jogo. Em meados do século XX, o termo foi apropriado por intelectuais ligados ao futebol e ganhou significados sociológicos poderosíssimos que giram em torno dos mitos fundadores da ideia de nação brasileira multirracial. Para melhor compreender seu significado, é importante destacar que expressões como “futebol-arte”, “futebol moleque” e “malandragem” estão sempre aglutinadas a seu significado, sendo, portanto, associados a certa desenvoltura típica dos futebolistas brasileiros.

O conceito trazido pelo filme, porém, não se resume ao modo de jogar somente, antes, remete à uma força mística herdada de ancestrais negros que, ao longo do tempo, se transformou em uma espécie de “espírito nacional” de todo o povo brasileiro, quer brancos, índios, negros ou mestiços. Dessa forma, a ideia de “ginga” dialoga e condensa toda a noção de democracia racial, pois apesar de ter surgido com os negros, seria uma entidade que estaria presente em todos os brasileiros e sem distinção de cor, sendo fator importante de união entre as raças. Ainda em relação a esse conceito, há um diálogo explicativo muito interessante entre Pelé e seu mentor, o ex-jogador negro Waldemar de Brito. Sentado na estação de trem, Pelé estava decidido a voltar para o interior de São Paulo após seu estilo de jogo com “ginga” ser condenado por seu técnico branco no Santos. Após escutar suas queixas, Waldemar de Brito resolve tentar convencê-lo a ficar contando a história do mito fundador da “ginga” e demonstrando o caráter racista por trás de sua marginalização:

**Pelé:** Eu não sou bom, senhor De Brito. Eu não sei jogar como os outros.

**Brito:** E qual é o problema disso? [...] Qual o problema de não jogar como eles jogam?

**Pelé:** O técnico disse que meu jeito de jogar é primitivo.

**Brito:** É primitivo? Tem uma história longa e muito rica. [...] Tudo começou no início do século XVI. [...] Os portugueses chagaram ao Brasil com escravos africanos, mas a determinação dos africanos era grande e muitos fugiram para a mata. Para se protegerem, os escravos fugitivos apelaram para a ginga, a base da capoeira, a arte marcial da guerra. Quando a escravidão foi finalmente abolida, os capoeiristas saíram da mata e descobriram que a capoeira passou a ser ilegal no país. Eles viram o futebol como a maneira perfeita de treinar a ginga sem serem presos. Era a forma mais atualizada de ginga. E em pouco tempo, a ginga evoluiu, se adaptou até não ser nossa, mas o ritmo dentro de todos os brasileiros [imagem de pessoas de todas as cores se abraçando]. Mas na Copa mundial de 50, muitos acharam que o nosso estilo de ginga foi o culpado pela derrota e passaram a repudiar

tudo o que era ligado à nossa herança africana. E assim como o seu técnico, têm tentado tirar a ginga do seu jeito de jogar. Nós temos tentado tirar de nós mesmos, no nosso povo, desde então. Mas a ginga é muito forte em você. Então ou você mostra o que acontece quando você tem a coragem de aceitar quem você realmente é ou você vai entrar nesse trem e nunca irá saber.

Assumir esse estilo de jogo em meio a um cenário hostil de padrões europeus e racistas passa a ser, na perspectiva traçada pelo longa, uma forma subversiva e política de combater o racismo. Nesse sentido, Pelé aparece como um ícone negro a ser reverenciado, posto que, a partir da herança de seus ancestrais, resgatou um estilo dito marginalizado por conta do racismo e acabou o consagrando nacional e mundialmente. No que diz respeito à formação de uma identidade nacional ancorada na ideia de país miscigenado, o filme o posiciona como o grande símbolo da conciliação das raças e responsável por descriminalizar a “ginga” através de seu talento, visto que sua missão seria restaurar o sentido esportivo e nacionalista da ginga, uma espécie de espírito coletivo que, segundo a fala do personagem Waldemar de Brito, não deveria mais ficar restrita somente aos negros, : “em pouco tempo, a ginga evoluiu, se adaptou até não ser nossa, mas o ritmo dentro de todos os brasileiros”. Com isso, o personagem faz menção a algo que seria inerente ao ser brasileiro, fruto do processo de miscigenação e de uma herança africana presente na sociedade brasileira moderna. Quanto a isso, o pesquisador Gilson Gil observou que o imaginário que compreende a categoria “ginga” enquanto essência se popularizou de tal forma que passou a ser naturalizado como “dom” e fenômeno congênito que se manifestaria especificamente no brasileiro:

Duas frases enraizadas em nosso senso comum esportivo demonstram o tipo de concepção do futebol e do brasileiro: "Craque já nasce feito" e "Futebol não se aprende na escola". O jogador brasileiro já nasceria com um dom, o de possuir uma técnica inigualável para esse esporte, sendo preciso apenas soltá-lo em campo. (GIL, 1994, p. 3)

Nesse mesmo sentido e compreensão da “Ginga” como fenômeno congênito de todo brasileiro, a frase “A ginga é forte em você”, presente no filme, constitui uma atualização do conceito numa roupagem “pop” que beira as histórias épicas e dialoga com universos cinematográficos consagrados. “Ginga” acaba sendo concebida quase como uma entidade ou, para fazer um paralelo mais equivalente, como uma “Força”, tal qual no universo cinematográfico de Star Wars em que o mestre Jedi, ao identificar a “Força” no coração de seu discípulo, o orienta a dominá-la para o bem. Dessa forma, a obra acaba por ampliar e atualizar um conceito sociológico e futebolístico fruto de seu tempo e inexistente nos tempos do Pelé atleta, visto que não possuía o sentido mais amplo e místico que ganhou com o tempo.



A respeito da mistificação em torno do chamado estilo brasileiro, trago mais uma vez as pertinentes observações de Gilson Gil. Destaco que o pesquisador aqui se refere aos “pensadores [brasileiros] acadêmicos ou não” que historicamente se ocuparam em alimentar a representação mítica do modo de jogar “inerente” ao jogador brasileiro. No entanto, essa narrativa acabou ganhando força tal que foi absorvida, reproduzida ou ampliada por intelectuais estrangeiros, como é o caso do filme em análise. Gil afirma que “criou-se um culto da originalidade e do artístico ao se pensar sobre o futebol” brasileiro, concepção de uma forma específica de jogar futebol que fez e ainda faz parte de um processo de construção de identidade do Brasil enquanto nação:

Efetivamente, o futebol foi adotado no Brasil como se fizesse parte da nossa cultura, sendo supostamente praticado dentro de um estilo classificado pelo sugestivo nome de "futebol-arte". O "futebol-arte" funciona como um "tipo ideal" inserido numa visão de mundo paradigmática para os apreciadores brasileiros do futebol. A construção da imagem da nação brasileira ideal e vitoriosa, via futebol, tem como código demarcador de pertencimento a este coletivo o “futebol-arte”. [...] O futebol brasileiro é caracterizado por seus 'pensadores', acadêmicos ou não, como sendo portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Portanto, seria uma característica inerente aos brasileiros 'jogar bola' de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto-representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar tal esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano. (GIL, 1994, p. 12)

Ora, a ideia de louvor a essa representação do futebol brasileiro não é nova, mas uma tradição que já data de quase 100 anos. Por outro lado, o termo “ginga” com toda sua carga simbólica aplicada ao futebol e à nação brasileira, assim como o conhecemos hoje, é relativamente novo. O conceito foi uma construção histórica recente e acabou herdando uma série de narrativas anteriores que exaltavam o assim chamado “estilo brasileiro”. Para exemplificar melhor essa tradição, cito fragmento do artigo de Gilberto Freyre escrito em 17 de julho de 1938 para o jornal *Diários Associados* de Pernambuco e intitulado “Football Mulato”<sup>69</sup>. O texto, que já foi objeto de inúmeras análises por parte de acadêmicos, foi escrito durante a Copa da França realizada em 1938 e destaca as impressões de Freyre ante as apresentações da seleção brasileira na competição. Nele, é possível identificar os argumentos de cunho racial e enaltecimento da mestiçagem que daria o diferencial na maneira de jogar dos brasileiros, estes, segundo Freyre, com um jogo muito mais criativo e alegre, ao contrário do estilo metódico e pretensamente científico das seleções europeias. Décadas depois, alguns desses princípios estariam sintetizados no conceito “ginga”. À vista disso, cabe lembrar, mais uma vez, o caráter racista da formulação que concebe os brasileiros negros mais inclinados à

<sup>69</sup> Disponível em <https://nacaomestica.org/blog4/?p=1782>

improvisação e os brancos europeus mais dados ao método e ao raciocínio. O conceito posterior de “Ginga”, nesse sentido, carregará essa herança em sua concepção. Essa é, portanto, uma das principais contradições de Freyre: ao mesmo tempo em que, indo na direção contrária de parte da intelectualidade nacional, empreende esforço para positivar o processo de miscigenação no Brasil, acaba caindo, por outro lado, numa armadilha argumentativa que denuncia o quanto ainda estava impregnado de valores racistas da época:

Uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas um grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. [...] O nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. [...] Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball. [...] Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança. [...] Psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo. [...] Uma arte que não se abandona nunca à disciplina do método científico mas procura reunir ao suficiente de combinação de esforços e de efeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso. [...] nosso foot-ball mulato [...] é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. [...] No foot-ball, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. [...] O estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca. (DIÁRIOS ASSOCIADOS DE PERNAMBUCO, 1938, s/p)

Freyre não utiliza a palavra “ginga”, contudo, é possível notar em sua escrita todos os elementos que hoje estão indissociáveis do conceito futebolístico da palavra, como os elementos da dança e da capoeira, por exemplo. Não à toa, muitos consideram o texto como o marco inicial da tradição de louvor e mística do futebol no Brasil. Ele escreve sua apologia ao “estilo brasileiro” em contraposição ao “estilo europeu”, àquela altura (primeira metade do século XX) tido como “futebol científico” com ênfase na disciplina tática. Destaco que o texto não procura negar a tradição e influência europeia, antes, afirma que o estilo brasileiro não menospreza a ciência e o método, contudo, não se mantém preso ou engessado a um sistema, possibilitando assim a liberdade necessária para subverter o método pelo improviso. Ora, com essa afirmativa do perfeito equilíbrio entre método, disciplina e improviso, o autor reforça a narrativa de que o chamado estilo nacional teria surgido da mescla entre branco, índio e preto. Utilizando de forma metafórica as figuras gregas de Apolo (deus da razão) e Dionísio (deus da loucura e do caos), Freyre busca contrastar o futebol europeu e o futebol brasileiro, dando

maior ênfase na prática futebolística nacional. A grande questão dessa comparação é que a ênfase constante na diferença de estilos, acaba naturalizando e associando, inevitavelmente, o europeu ao conhecimento científico, enquanto que ao brasileiro negro e mestiço lhe cabe outra posição, esta, fora do campo científico, ao lado do campo da irracionalidade e dos instintos ágeis.

Como é possível perceber, esse discurso, embora amplamente difundido há décadas no Brasil e sobre o Brasil no exterior, guarda sutilezas de cunho racista que devem ser expostas. Conforme escreveram Abrahão e Soares (2011), embora seja uma construção pretensamente positiva e elogiosa do futebol brasileiro, há certos pontos de discussão que devem ser levantados, em especial, quanto ao lugar que é pensado para o negro e para o branco dentro desse processo:

Os traços distintivos selecionados sobre “a identidade negra” – corpo, natureza – servem para contrastar com a “identidade branca” – racionalidade, cultura. As representações sobre a identidade negra, que, a princípio, pareceriam favorecer uma significação positiva, acabam cumprindo outra função. [...] Essas representações sobre a raça negra estão ancoradas na mentalidade característica do período de transição do século XIX para o XX. Mentalidade que, ao hierarquizar raças, colocava os negros como um grupo dotado para o esporte e a dança, atividades que dependem especialmente da emotividade e/ou das habilidades corporais. [...] A suposta superioridade revelada pelos negros para atividades que dizem respeito ao uso do corpo indica, em última instância, a forma como os afrodescendentes deveriam integrar a sociedade brasileira, ocupando os lugares distantes das atividades superiores da razão, ou seja, os gramados e as rodas de samba ou de capoeira. Seriam esses os lugares reservados à “raça negra” (ABRAHAO; SOARES, 2011, p. 92,92)

Por conseguinte, é possível perceber as fendas na tradição romântica que sempre apregouo igualdade das raças por meio do processo de miscigenação e da popularização do futebol, dado que no próprio discurso que separa “brancos racionais e científicos” de “negros irracionais e mestres da improvisação”, a tese da suposta igualdade desaparece e é traída pela própria comparação. Nesse sentido, tomando a ideia de ginga como uma variante do mito das três raças, Lilia Schwarcz afirma que o mesmo ganhou “uma série de outras versões”, versões essas, eu acrescentaria, que se atualizam de acordo com a conveniência em cada período histórico. É por conta dessa necessidade de síntese que a expressão “ginga” será apropriada e amplamente difundida como uma das versões mais poderosas de toda essa tradição influenciada pela leitura de Freyre:

Se a mestiçagem não é um ‘atributo’ exclusivo, inventado no Brasil, é aqui que o mito da convivência racial harmoniosa ganhou uma penetração ímpar, que lhe assegurou um lugar de modelo, em contraposição a outras experiências, como a dos

Estados Unidos da América e da África do Sul. [...] É ainda forte e corre de forma paralela, portanto, a interpretação culturalista dos anos 30, que transformou a miscigenação em nosso símbolo maior. [...] Se o mito deixou de ser oficial, permanece internalizado. Perdeu seu estatuto científico, mas ganhou o senso comum e uma série de outras versões. (SCHWARCZ, 1993, p. 310,311)

Outras expressões vinculadas ao conceito de “ginga” são a “malandragem”, “molecagem” e “samba”. Não por acaso, todas as cenas de “Nascimento de uma lenda” e “Pelé Eterno”, em que Pelé joga futebol, são acompanhadas por vigorosos e alegres sambas instrumentais como trilha sonora. Aqui reside uma particularidade interessante e digna de ser um pouco mais problematizada. Além de evocar elementos afros e indígenas, o conceito de “ginga” traz em seu significado, características genéricas e estereotipadas, geralmente atribuídas ao arquétipo de “malandro carioca”, sujeito repleto de molejo, que costuma “se dar bem” pela esperteza, mentira e improviso (em situações cotidianas ou com mulheres), apreciador de samba enquanto música e dança. Essa associação tem sua historicidade e remete à primeira metade do século XX conforme demonstrei. Após a Copa de 1938, Gilberto Freyre, um dos inventores dessa tradição, continuou durante os anos seguintes, a dar continuidade a esse pensamento. Em seu prefácio à obra de Mário Filho, “O Negro no Futebol Brasileiro” (1947), persistia na diferenciação bem delimitada entre os estilos europeu e brasileiro e insistia, mais uma vez, na dualidade racionalidade versus irracionalidade/improviso, mas também descrevia de forma mais pormenorizada, quase como uma fórmula ou receita, o que em sua percepção seriam os elementos formadores do “estilo brasileiro”:

[...] um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca; Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 4)

De Freyre até a atualidade, virou expressão popular a afirmação da imprensa esportiva nacional ou internacional, de que o jogador brasileiro possui “samba no pé” ao jogar futebol, afirmação que além de fazer referência a esses discursos situados nas décadas de 30, 40 e 50, também remete à canção popular “a taça do mundo é nossa”, composta para as comemorações do título da Copa de 1958:

#### **A Taça do Mundo é Nossa (1958)**

(Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô)

A taça do mundo é nossa  
Com o brasileiro não há quem possa

Êh eta esquadrão de ouro  
É bom no samba, é bom no couro.

O brasileiro lá o estrangeiro  
Mostrou no futebol como é que é  
Ganhou a taça do mundo  
Sambando com a bola no pé.

A expressão “sambando com a bola no pé” não se constitui apenas como mera figura de linguagem, trata-se de uma expressão que traz em si uma ideia de Brasil, e mais, a partir de qual lugar geográfico o Brasil é enxergado como Brasil vencedor, o Brasil da alegria, aquele que “samba com a bola”, o Brasil do eixo Rio - São Paulo. Essa canção popular composta há exatamente 60 anos, evidencia um pouco dessa tentativa de construção de uma identidade brasileira intimamente associada ao futebol e ao samba, esse último um elemento local, mas com histórico de esforço coletivo por parte de governos, artistas e intelectuais que tencionavam projetar o samba como símbolo nacional e internacional do Brasil. Isto posto, o conceito moderno de “ginga”, além de herdar toda essa tradição que associa futebol, samba, capoeira, narrativas indígenas, africanas e europeias, está impregnado de estereótipos atribuídos, em geral, ao carioca (“malandro carioca”), evidenciando assim a força dos espaços geográficos de poder em que foram produzidos boa parte desses discursos simbólicos de brasilidade.

Para se ter ideia de como essa narrativa ainda é forte, em março de 2018, a dois meses da Copa da Rússia, a Nike, fornecedora de material esportivo da seleção brasileira, juntamente com CBF (Confederação Brasileira de Futebol) apresentaram ao público o novo uniforme da seleção a ser utilizado na competição, batizado de “Ouro Samba”, assim repercutido pelo portal Globo Esporte: “No uniforme principal da Seleção, a Nike informou que o tom da cor, o mais vibrante das últimas duas décadas, foi batizado de Ouro Samba, numa inspiração que vem dos meados de 1970, época do tricampeonato mundial.”<sup>70</sup> À vista do que já foi discutido até aqui, é sintomático o fato do novo uniforme ter um visual retrô inspirado na Seleção de 1970, considerada pela crônica e pelo imaginário futebolístico como a melhor de todos os tempos, apontado como o time portador do mais alto nível de “ginga”. Não menos sintomático é o termo “Ouro Samba”, referência à cor do uniforme e à beleza do jogo praticado pela seleção que remeteria aos movimentos da dança de herança africana instituída como sinônimo de Brasil. Dentro desse imaginário, Pelé, juntamente com seus companheiros da Copa de 70, é concebido como sinônimo de ginga.

---

<sup>70</sup> Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/gigantes-por-natureza-cbf-divulga-uniformes-da-selecao-para-a-copa-do-mundo.ghtml>

Como bem pontuou Ernesto Sobocinski Marczal em seu artigo “Futebol, política e imprensa na copa de 70”, é possível entender que os discursos sobre a excepcionalidade do futebol brasileiro se configuram, nos termos de Hobsbawm, como uma “tradição inventada”:

Seguindo esta ótica, a concepção de uma forma de jogar tipicamente brasileira pode ser compreendida enquanto uma tradição inventada, devidamente sedimentada por conquistas e êxitos anteriores. Ao retomar o passado histórico, estrutura-se uma relação entre a construção da tradição e a memória, através da qual busca a legitimidade necessária para sua instituição. (MARCZAL, 2011, p. 5)

De fato, a concepção romantizada da forma como o brasileiro joga futebol foi, em boa medida, sedimentada pelas conquistas das Copas do Mundo, todavia, antes mesmo de qualquer título internacional relevante da Seleção Brasileira, ou seja, nas décadas de 1930, 1940, já havia uma exaltação de um “estilo único”, elemento ímpar e marcante de uma identidade brasileira mestiça, como foi possível observar no artigo de Gilberto Freyre e no livro de Mário Filho. Nesse sentido, outro exemplo de que o termo extrapolou as fronteiras do futebol e ganhou contornos de “espírito nacional”, se deu na escolha do nome da mascote da delegação brasileira “Time Brasil” para as Olimpíadas Rio 2016. O fato de ter sido Batizada de “Ginga” é bastante representativo e não se configura como ação isolada ou ingênua, mas como parte de uma postura e discurso de identidade com muitas camadas históricas. O ocorrido contribui no sentido de entender como a ideia de “ginga” passou a ser expandida como um fenômeno inerente a todos os brasileiros e à todas as categorias esportivas possíveis (mesmo aquelas em que o Brasil não possui tradição), tendo em vista que a mascote passaria a representar toda a delegação olímpica brasileira, e não apenas as seleções olímpicas de futebol.

Imagem 54 - Mascote do Time Brasil



Fonte: YOUTUBE

O último exemplo pode ser encontrado na obra do cineasta brasileiro Fernando Meireles (*Cidade de Deus*/2002). Em 2005, Meireles lançou seu documentário “Ginga – The Soul of Brazilian Football” (*A Alma do Futebol Brasileiro*). Produzido após um ciclo vencedor da Seleção Brasileira (três finais seguidas de Copa com duas conquistas), o filme acompanhou e ajudou a construir o momento de retorno da euforia e exaltação ao dito estilo brasileiro de jogar, enquanto a velha máxima “somos o país do futebol”, também retornava com força. O documentário de Meireles possui a seguinte estrutura: são apresentadas dez trajetórias de jogadores de futebol no Brasil das mais diferentes regiões geográficas e condições socioeconômicas, alguns amadores, outros profissionais. São mostradas trajetórias de jovens futebolistas indígenas no estado do Amazonas, garotos negros em Salvador – BA, jovens negros de comunidades do Rio de Janeiro, garotos brancos de classe média da cidade de São Paulo, dentre outros. Todos filmados jogando futebol com uma marcante trilha sonora de samba ao fundo. De forma explícita, o filme dilui em seu roteiro toda a estrutura do mito das três raças e da democracia racial brasileira e sua contribuição para o desenvolvimento do futebol nacional.

A narrativa enfatiza que, no Brasil, o futebol é um elemento agregador entre as diferentes classes sociais, raças e credos, e que a “Ginga” só é possível graças a essa ímpar mistura racial de povos e de crenças. Ao filmar cada personagem em seu contexto social e racial específico, o filme sublinha que apesar das realidades serem diferentes, há algo que nos une enquanto brasileiros: a “Ginga”. No encerramento do longa, Meireles insere na tela uma frase de autoria do jornalista e escritor Rui Castro, que, em certa medida, tenta definir a categoria “Ginga” como fenômeno esportivo e sociológico: “Ginga é um jeito de não levar a vida muito a sério e de encarar os problemas com um jogo de cintura, pés e calcanhares. Há 505 anos que os brasileiros vêm gingando pela vida - e podem recomendar isso para todo mundo”. A categoria aqui é conceituada como espírito nacional e entidade que faria parte, inclusive, do mito fundador brasileiro, tal qual a explanação histórico-mitológica presente no filme “Pelé, o nascimento de uma lenda”, doze anos mais tarde.

Feita essa explanação histórica do uso do conceito na sociedade brasileira e o papel de Pelé nesse processo, fica evidente sua relevância para a credibilidade e difusão dessas representações. A ênfase na categoria “Ginga” como fenômeno formador da nação desde seu início, acaba transferindo para Pelé o ponto mais alto de evolução social dentro da linha temporal que teria sua gênese com esse mito fundador. Isso porque o jogador é pensado como o homem que, além de ter resgatado a ginga da sua condição de sufocamento cultural por

meio do racismo, também teria sido aquele que melhor a representou em nível de excelência, trazendo, dessa forma, toda a herança ancestral depositada sobre essa tradição.

Finalmente, essa representação mais recente da biografia de Pelé como o auge dessa entidade coletiva nacional (“Ginga”), transfere e terceiriza o papel aglutinador da “comunidade imaginada”, visto que, dentro dessa mitologia, Pelé seria uma espécie de mediador, e não o eixo principal em torno do qual aconteceriam as transformações e do qual emanaria todo o “espírito” e a “força” que uniria e fortaleceria os sujeitos numa só identidade. Ele é o fator humano de um processo que, pelo que se pode perceber, transcende as estruturas racionais. Essa atualização da mitologia que, ao contrário de pensa-lo como centro único de um processo, tem posicionado Pelé como parte fundamental de um todo mais amplo em que outros conceitos passam a mobilizar imagens da nação. Seria essa uma resposta estratégica a todo o desgaste que sua figura histórica tem sofrido, de maneira que continue sendo simbolicamente acionado em discursos ufanistas ou que pensem a formação nacional por intermédio do futebol? A certeza é que, conforme expus durante todo o trabalho, as narrativas sobre Pelé como símbolo nacional sempre procuraram dar respostas às demandas sociais de seu tempo ao mesmo tempo em que buscaram se adaptar às configurações que se apresentavam no tecido social. Até onde esse movimento e essa construção da memória poderá chegar? Que novas representações estarão por vir? São perguntas a serem respondidas diante dos desafios biográficos que Pelé e seus biógrafos ou opositores terão no futuro próximo. Cabe a nós, historiadores e cientistas sociais, problematizarmos todo esse movimento e produção de discursos.



## CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou a partir das provocações e análises aqui contidas, entender de maneira aprofundada, teoricamente embasada e distante do senso comum que envolve a discussão sobre Pelé, de que maneira as interpretações dessa trajetória passam a dizer muito a respeito da época em que foram produzidas e, por outro lado, quais os projetos de nação ora contraditórios entre si, ora concordantes, que passaram a ser mobilizados década após década pelas biografias, cinebiografias, imprensa, etc.

Pelé é um dos personagens históricos brasileiros mais complexos e ricos em possibilidade de análise, dado suas múltiplas e contraditórias facetas ao longo de toda a segunda metade do século XX e primeira metade do presente século. No primeiro capítulo, foi possível refletir a respeito de algumas questões teóricas iniciais como o uso da memória e do biográfico e suas implicações práticas na construção de narrativas dentro de um campo de disputa política. A partir dessas discussões, levantei os primeiros debates da pesquisa que se debruçaram sobre uma padronização de narrativas encontradas em muitas obras biográficas e que, como tais, contribuíram para a consolidação de um imaginário de Pelé e seu impacto social. Tendo como ponto de partida a construção da figura mítica e heroica do jogador em estruturas textuais biográficas que seguiram a proposta de Campbell da Jornada do Herói, analisei logo em seguida outros padrões de repetição que dizem respeito à outras características do mito como predestinação, genialidade e disciplina, elementos que, quando estruturados e desenvolvidos pelos biógrafos, ganharam contornos épicos de herói nacional e que, conseqüentemente, redefiniram traços identitários da nação a partir da celebração da trajetória do jogador.

O segundo capítulo abordou temas centrais no processo de disputas das memórias biográficas de Pelé, tais como a controversa relação do jogador com o regime militar brasileiro. Neste ponto, mais uma vez foi necessário cruzar narrativas (jornalísticas, biográficas e autobiográficas) e perceber o intenso jogo de interesses políticos projetados nas representações de Pelé, que, estando no centro de tais conflitos, oscilou entre “aliado” do regime, “subversivo” político e, para biógrafos nacionalistas como De Vaney, Pelé foi um sujeito público indigno de continuar sendo símbolo do gigantismo nacional a que se propunha representar o governo. Outro relevante ponto discutido ao longo do capítulo diz respeito à construção do discurso que, fomentado principalmente por Mário Filho e Nelson Rodrigues, criou a tradição do Pelé Messias. Datado do período imediato à derrota da Seleção Brasileira

para o Uruguai em 50, essa tradição que surge com os irmãos Rodrigues, se fortalece nos anos 1960, atravessa a segunda metade do século XX com sinais de desgaste, mas chega ao século XXI ainda com potencial para se reinventar através de outros narradores e outros métodos para além do livro.

Como não poderia deixar de ser no caso de um estudo mais cuidadoso e extenso sobre os impactos sociais de Pelé, a questão racial seria um elemento que não poderia, de maneira alguma, ser ignorada. Logo, para atender a essa demanda, o terceiro capítulo se ocupou por inteiro dessa rica discussão. Nele foram discutidos, mais uma vez, a oscilação, as mudanças e as permanências que, ao longo das décadas, a imagem de Pelé sofreu, todavia, com foco na questão racial. Ora, pode-se dizer que, à luz de tudo que foi dito, os discursos de louvor ao “negro Pelé” guardam íntima relação com um determinado ideal de identidade nacional pensado e sistematizado por Gilberto Freyre e que, tempos depois de sua publicação de *Casa-Grande & Senzala*, passou a ser nomeado de “democracia racial”. Outro grande responsável pela difusão inicial dessa tese foi o jornalista Mário Filho, o qual, em termos de obra, produziu o clássico “O Negro no Futebol Brasileiro”. Nessa interpretação da sociedade brasileira, Pelé ocupa um lugar de destaque, pois seria um tipo de “abolicionista” simbólico de mentes e corpos negros que, antes do seu advindo ao mundo, se encontrariam na situação de cativos de uma mentalidade que os rebaixava como sujeitos inferiores. Além disso, tais narrativas enfatizavam que após a conquista do primeiro título mundial da Seleção, tendo como protagonistas o mestiço Garrincha e o negro Pelé, estes passaram a ser considerados o símbolo de um “novo Brasil” racialmente mais tolerante e que se orgulhava da pluralidade de raças.

Conforme demonstrei ao longo do quarto capítulo, o tempo encarregou-se, mais uma vez, de corroer o discurso triunfalista estudado na terceira sessão. Com a visibilidade das lutas antirracistas nos EUA e África do Sul em fins da década de 1960 e toda década de 1970, bem como o massivo engajamento de personalidades negras, Pelé, que até então não havia se posicionado a respeito do tema, passou a ter sua imagem de “Messias Negro” e símbolo da “democracia racial brasileira” questionada. Começaria aí uma série de questionamentos que o acompanhariam até o século XXI. Dessa forma, sua biografia segue até hoje dividida entre os partidários das ideias de Mário Filho e os mais críticos que o acusam de ter silenciado em uma pauta cara a todos os negros. Todavia, o cenário encontrado não se mostra tão “preto e branco” e maniqueísta, pois, mesmo após anos de desconstrução de sua mitologia, as primeiras décadas do século XXI ainda reservaram espaço para releitura do discurso de Mário

Filho, em que veio à tona, mais uma vez, o louvor à miscigenação e celebração, por intermédio da trajetória de Pelé, do negro brasileiro nesse contexto plural.

O quinto e último capítulo, por sua vez, tratou de mapear e analisar as produções cinematográficas sobre Pelé. Utilizando a mesma metodologia dos capítulos anteriores, ou seja, uma comparação histórica e cronológica das obras, foi possível compreender as disputas internas dentro da filmografia brasileira do jogador santista. Demonstrei nesse capítulo que as cinebiografias foram, em algumas ocasiões, em especial nos anos 70, usadas como contraponto às inúmeras críticas sofridas por Pelé no âmbito racial, as quais, munidas de indignação, o acusavam de nada fazer no sentido de protestar e usar sua imagem contra o racismo. A principal e mais impactante resposta de Pelé, nesse sentido, veio, conforme expus, em forma de filme. Ora, do mesmo modo que as biografias e o discurso jornalístico, os filmes também carregam diferentes projetos de nação e de identidade nacional, a depender do contexto em que foi produzido. Uma obra do contexto ditatorial dos anos 70, por exemplo, tende a associar estrategicamente o heroísmo e simbolismo de Pelé ao Estado e seu aparato repressor, fazendo dos dois um só corpo. Já uma obra da década da década de 10 do século XXI, situada, portanto, em outra realidade social, mobiliza outras esferas simbólicas que não o governo, para associar Pelé a uma identidade brasileira coletiva, como por exemplo, o samba, a miscigenação e a Ginga. Sobre este último conceito, o ponto que encerra o capítulo final se debruçou sobre o mesmo, entendendo que, no que tange a seu uso político nessas narrativas fílmicas, o conceito seria uma síntese e analogia da mitologia da democracia racial, da qual Pelé, como “legítimo representante da Ginga brasileira”, seria o maior símbolo.

Diante de tudo o que já foi interpretado e exposto desde os anos 60 até o ano de 2019, é possível indagar: como será o futuro das representações biográficas de Pelé, em especial, após sua morte? No futuro, Pelé já não estará aqui para elaborar suas próprias intrigas e responder/reelaborar respostas àquelas já existentes, fato que influenciará significativamente a circulação das versões e usos políticos da memória.

Além disso, levando em conta que a morte de grandes ídolos amplia e eterniza definitivamente o mito, teria sua biografia todos os elementos necessários para canalizar e mobilizar a mística e idolatria exacerbada como acabou acontecendo com Maradona na Argentina? De que maneira sua trajetória continuará a ser manipulada a fim de responder as demandas políticas nacionais e fornecer modelos de tipos nacionais para outros projetos de nação? Sua biografia continuará a ter a oposição que teve em vida ou, ao contrário, haverá um esquecimento seletivo e um novo tratamento para com o mito? Essas são questões pertinentes que espero serem respondidas em outro momento. Por hora, Pelé segue sendo esse símbolo

dúbio que oscila entre a glória e a desgraça, retrato de um Brasil igualmente contraditório e desigual que ao mesmo tempo em que dizima sua população negra, evoca a memória do negro Pelé como herói e orgulho de um povo.

O recorte feito por esta pesquisa, longe de dar conta da vasta documentação a seu respeito, procurou compreender de que maneira essas representações oscilaram em seus usos políticos, configurações e interpretações que foram apropriadas por intelectuais, ativistas, imprensa, cineastas, etc, os quais manipularam e continuarão a manipular os sentidos do mito. Durante o período de coleta e levantamento da documentação, houveram muitas fontes mapeadas que, por motivos de limitação humana, adequação à estrutura da tese e, mais recentemente, por conta dos efeitos sociais causados pela pandemia do novo corona-vírus (COVID-19), acabaram ficando de fora do corpo documental analisado. Cito como exemplo inicial, algumas instituições que realizam importante trabalho de atualização biográfica da trajetória do jogador e de sua representatividade nacional: Museu Pelé (Santos, SP), Casa Pelé (Três Corações, MG), Museu Terra do Rei (Três Corações, MG), Museu do Santos FC (Santos, SP), Museu da Seleção Brasileira (Rio de Janeiro, RJ) e Museu do Futebol (São Paulo, SP). Todos esses espaços não puderam ser visitados devido às políticas de distanciamento social que acabaram por atingir todas as instituições de caráter não essencial.

Outras narrativas não analisadas no presente trabalho dizem respeito aos sambas-enredo em homenagem à Pelé, como por exemplo: Barroca Zona Sul (2003) e Acadêmicos da Grande Rio (2016). Toda a estrutura, desde a letra até as representações na avenida são relevantes signos imagéticos que reforçam um imaginário nacionalista que se ancora no histórico do jogador como símbolo nacional. Além desse material, há revistas em quadrinhos, desenhos animados, reportagens especiais, dentre outras produções que não entraram no corpo documental. Todo esse volume de fontes evidencia, como afirmei, a complexidade do personagem em questão, de maneira que há material suficiente para a continuidade da pesquisa.

Além disso, uma fundamental efeméride que infelizmente ficou de fora do trabalho por razões cronológicas, foi o aniversário de 80 anos de Pelé celebrado em outubro de 2020, um marco temporal que gerou em nível global uma imensa produção de textos, documentários, exposições, reportagens e homenagens que buscaram celebrar e dar, como sempre, novos contornos políticos à sua biografia, em especial, em um ano em que a luta antirracista voltou ao centro do debate público após os intensos protestos nos EUA e no mundo que acabaram dando origem ao movimento político “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam). Que lugar teria a biografia de Pelé e as homenagens a seus 80 anos em

meio a esse conterrâneo? De que maneira o tempo presente a influenciaria? Seria novamente atacada como no contexto dos Direitos Civis ou, ao contrário, tornaria a ser politicamente reinterpretada de forma positiva? No futuro próximo, essa data histórica poderá render novos trabalhos em que será possível se debruçar sobre os múltiplos significados das celebrações desse “lugar de memória”.

Mesmo tendo deixado um vasto acervo de possibilidade fora da análise, creio ter elaborado uma sólida reflexão que muito contribuirá para o debate das representações sociais geradas a partir da biografia desse personagem histórico que muito tem influenciado a maneira como as identidades nacionais são concebidas, quer seja pelo olhar dos nativos, quer seja pelo olhar estrangeiro. Após esse denso estudo, creio que para qualquer pesquisador que se debruce sobre as representações de identidade nacional por intermédio do futebol, seja indispensável a reflexão a respeito do papel de Pelé e do peso dos discursos nacionais edificadas sobre sua figura histórica ao longo das últimas décadas. Qualquer intelectual que tencione estudar essa problemática não pode, de forma alguma, desprezar o fator Pelé dentro desse processo, haja vista sua importância no cenário nacional e internacional, bem como a imensa produção científica, artística, literária e cinematográfica a seu respeito.

No ano e no mês em que Pelé completa a marcante data de 80 anos e que milhares de homenagens, eventos e textos são produzidos a seu respeito em todo o mundo, essa tese vem encorpar esse conjunto de ações, todavia, não para polir o monumento edificado, mas para olhá-lo de perto com uma lupa atenta e investigar os resultados da ação humana sobre o mesmo ao longo da história, tais como: suas rachaduras, remendos, enxertos, restaurações, camadas de tinta e depredações.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Futebol, Raça e Identidade Nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*. 2017.
- ABRAHAO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: HELAL; LOVISOLO; SOARES. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.
- AGOSTINHO, Gilberto. *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- AGUIAR, Maciel de. *Pelé – o rei da bola*. São Mateus: Memorial Editora e Livraria, 2006.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O significado das pequenas coisas: História, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. (Org.) *Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARRUDA, Antônio Roberto; MAXIMO, João. *Pelé, a arte do rei*. Rio de Janeiro: Casa França-Brasil, 2002.
- ASTURIAN, Marcos Jovino. História e Biografia: apontamentos teóricos e metodológicos. *Revista Semina*, v. 14, n. 2, 2015 – ISSN 1677-1001.
- AVELAR, Alexandre. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. (Org.) *Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- BARBOSA, Benedito Ruy. *Eu sou Pelé*. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo Ltda, 1961.
- BARROS, José D'Assunção. Cinema-História: múltiplos aspectos de uma relação. *Revista Dispositiva*, v.3, n.1, 2016.
- BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Gonçalves. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL; LOVISOLO; SOARES. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações*. Rio de Janeiro: eduerj, 2011.
- BASTHI, Angélica. *Pelé – estrela negra em campos verdes*. Rio de Janeiro: Garamond, Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

- BERNARDINO, Joaze. Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial. *Estudos Afroasiáticos*, Rio de Janeiro, v.24, n.2, 2002.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOTTON, Alain. *Nos mínimos detalhes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BUTTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMACHO, Miguel Méndez. *Pelé: De la favela para la gloria*. Panamericana Pup Llc, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2018.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAPRARO, André; SANTOS, Natasha; LISE, Riqueldi. O enredo da vitória – seleção brasileira de futebol e identidade nacional (1950-1970). *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 5, n.2, p. 1 – 23, jul./dez. 2012.
- CASTELLO, José. *Pelé – os dez corações do rei*. Ediouro, 2004.
- CERTAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: Dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*, v. 7, s. 13, p. 97-113, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CORDEIRO, Luiz Carlos. *De Edson a Pelé – a infância do rei em Bauru*. Rio de Janeiro: Dórea Books, 1997.
- COSTA, Haroldo. Fala, Crioulo. *O que é ser negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- COSTA, Hilton ; RUGGI, Lennita. Gooooooooool: Notas sobre mitologias futebolísticas no Brasil e na Argentina. *Esporte e Sociedade*, ano 6, n.18, set. 2011.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.
- DA SILVA, Wilton Carlos Lima. Biografias: construção e reconstrução da memória. *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 11, n. 20, p. 151-166.

DE MELO, Victor Andrade. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. v.20, n. 4, 2006.

1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. Camila Augusta Pereira e Hugo Lovisoló In: DO CABO, Alvaro; HELAL, Ronaldo. (Orgs). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUARTE, Orlando. *Pelé – o supercampeão*. Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1993.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985.

FALBEL, Nachman; MEDEIROS, Elton O. S. Os dois corpos do rei na Inglaterra Anglo-Saxônica. In: BUTIÑÁ JIMÉNEZ, Julia, e COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia* 9. Dez. 2009/ISSN 1676-5818.

FERREIRA, Gustavo Alves Alonso. *Quem não tem swingue morre com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

FERREIRA, Jorge. SOARES, Mariza. *A História vai ao cinema*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

FLORENZANO, José Paulo. *A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte)*. Ludopédio, 2019. Link: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREITAS JUNIOR. Miguel Archanjo De Freitas. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. *Efdeportes - Revista Digital*. Buenos Aires, Año 10, n. 94, mar. 2006.

GRAÇA, Rodrigo. Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos. *Revista Perspectiva Filosófica*, v. 43, n. 1, set. 2016.

GUEDES, Simoni Lahudu. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*. Niterói, Intertexto, 2006.

GIGLIO, Sérgio Settani ; SPAGGIARI, Enrico. A produção das Ciências Humanas sobre Futebol no Brasil: um panorama (1990 – 2009). *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GIL, Gilson. O Drama do Futebol-Arte: O Debate sobre a Seleção nos anos 70. *Revista ANPOCS*, São Paulo, n. 25, 1994.



GINI, Paulo. *A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil*. São Paulo: Panda Books, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, A.C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GORDON JUNIOR; HELAL. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. *Estudos Históricos*, FGV, 1999.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. *Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito*. Anais Encontro Anual da ANPOCS.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. Como escrever a história da França? *Anos 90*, Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n. 7, jul. 1997.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

HARTOG. François. Tempo e Patrimônio. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36: p.261-273, jul./dez. 2006.

HASENBALG, Carlos. Comentários à Raça, cultura e classe na integração das sociedades. *Dados, revista de ciências sociais*. Rio de Janeiro, v. 27, n.3, 1984.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol - mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso. In: *A invenção do país do futebol - mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. *Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003.

HELD, Marcelo. *Malba Tahan: homem e personagem*. Franca: anais do XX Encontro Regional de História da ANPUH: História e Liberdade, 2006.

HIRATA, Edson. *A mercantilização do futebol e os subterrâneos da legislação brasileira (1980-2010)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KAMINSKI, Rosane. Yndio do Brasil, de Silvio Back: história de imagens, história com imagens. In: ALMEIDA; MORETIN; NAPOLITANO (Orgs). *História e Documentário*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei*. Um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? *Le Débat*, n. 54, mar./abr. 1989.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau a Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVI, Geovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LOVISOLO, Hugo. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. In: HELAL, SOARES, LOVISOLO. *Mídia, raça e idolatria*. A invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LOVISOLO, Hugo. *Uma demonstração parcial: a várzea como núcleo romântico fundador*. Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações. Rio de Janeiro: edUERJ, 2011.

MAIA JUNIOR, Edmílson Alves. “*Escribas do Rei*”: um estudo de narrativas biográficas sobre Roberto Carlos. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2013.

MAIA JUNIOR, Edmílson Alves. *O Show da Memória: um Estudo de Narrativas (auto) Biográficas Sobre o “rei” Roberto Carlos (1991-2015)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História – UFMG, Belo Horizonte, 2015.

MAIO, Marcos Chor. *O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*. XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1998.

MARKZALEM, Ernesto Sobocinski. *Futebol, política e imprensa na copa de 70*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

MARQUES, José Carlos. Do complexo de vira-latas à “nossa” Taça do Mundo. In: HELAL, Ronaldo; DO CABO, Alvaro (Org.). *Copas do Mundo: Comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. Futebol, Política e Imprensa: representações sobre a vitória “brasileira” na Copa do Mundo de 1970. Anais do Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011.

MASSARANI, Diano Alberraz. Onde os deuses se encontram: reflexões acerca das categorias ‘apolíneo’ e ‘dionisíaco’ a partir da construção de representações sobre Pelé. *Praça – Revista Discente de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*. Recife, v.2, n.1, 2018.

MELO, Victor Andrade de. *O trato do esporte nos Simpósios da Associação Nacional de História (ANPUH)*. Rio de Janeiro: Record, v. 9, n. 1, p. 1- 17, jan./ jun. 2016.

- MELO, Victor Andrade de. Garrincha e Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 20, n.4, out./dez. 2006.
- MENDES, Fábio. *Campeões da raça: os heróis negros da Copa de 1958*. São Paulo: Shuriken Produções, 2018.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. Ciências, história e memória: questões metodológicas. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.
- MORA, Ernesto. Intriga e narrativa. *Dois operações da imaginação social*. Gragoatá, Niterói, n. 42, p. 528-553, 2. sem. 2016.
- MOTTA, Roberto. Gilberto Freyre, René Ribeiro e o Projeto UNESCO. Link: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/842401/course/section/252007/MOTTA.pdf>
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A história depois do papel. In: PINSKY Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. 2 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé – a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- NEIVA, Adriano. *A verdade sobre Pelé*. Lithografia Ypiranga, 1976.
- NOGUEIRA, Rycardo Wylles Pinheiro. Escrita de Si, Memória dos Outros: narrativa autobiográfica em Salomão Alves de Moura Brasil. *Revista Embornal*, v. 5, n. 9, jan./jun. 2014.
- OLIVEIRA, Eduardo Romero de. O império da lei: ensaio sobre o cerimonial de sagração de D. Pedro I (1822). *Tempo*, EdUFF - Editora da UFF, v. 13, n. 26.
- OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de. *Vocabulário Controlado sobre a escravidão, abolição e pós-abolição: a representação dos conceitos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2015.
- OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcântara de; OLIVEIRA, Alexandre Luís de. Sedução e desafios da biografia na história. *Revista Faces de Clio*, v. I, n. 1, jan./jun. 2015.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5 (10), 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 24 de junho de 1944): mito e político, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

- REIS, José Carlos. *História da Consciência Histórica Ocidental: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. História e Historiografia do futebol brasileiro. *Revista Digital*. Buenos Aires, Año 15, n. 149, Oct. 2010.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. (Org). *Futebol e globalização*. Jundiaí-SP: Editora Fontoura, 2007.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. Introdução. *História: Questões e Debates*. Curitiba: Editora UFPR, ano 20, n.39, jul./dez. 2003.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Petrópolis: Editora Fumo, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1963.
- RODRIGUES, Luiz Carlos. O rei e o rito. *Revista COMUM*, Rio de Janeiro, v.1, FACHA, 1982.
- ROMERO, Eduardo Romero de. O império da lei: ensaio sobre o cerimonial de sagração de D. Pedro I (1822). *Revista Tempo*, 2007.
- ROSENTHAL, Gabriele. A Estrutura e a Gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 193-200.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. & VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012. 187-205.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e Regime de Historicidade. *MÉTIS: história & cultura*, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Ana Paula da. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. A “Musealização” do presente: Mídia, Memória e Esquecimento, questões para pensar a história hoje. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*. Florianópolis, v. 1, n.1, p. 123-135, jan/jun. 2009.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, SOARES, LUVISOLO (Orgs). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará-Fundação Ford, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique. Pelé: os mil corpos de um rei. In: Julio Garganta; José Oliveira; Mauricio Murad. (Org.). *Futebol de muitas cores e sabores*. reflexões em torno do esporte mais popular do mundo. 1ed. Porto. Portugal: Editora Campo das Letras, 2004.

TOLEDO, Luíz Henrique. *Nomes e performances: o preconceito na onomástica esportiva brasileira*. Papers 30º ANPOCS, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografismo: reflexões sobre escritas da vida*. São Paulo: UNESP, 2008.

XAVIER FILHO, Sérgio. *Pelé – o atleta do século*. São Paulo: Editora Abril, 2000.

## FONTES

Periódicos, Revistas e Portais de notícias

### BLOG ULTRAJANO

25/10/2018 - <http://www.ultrajano.com.br/so-o-alemao-fotografou-o-golaco-do-pele/>  
ESPN BRASIL

27/08/2014 – [http://www.espn.com.br/noticia/435393\\_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri](http://www.espn.com.br/noticia/435393_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri)

13/01/2014 - [http://espn.uol.com.br/noticia/381545\\_em-correcao-historica-fifa-da-bola-de-ouro-a-pele](http://espn.uol.com.br/noticia/381545_em-correcao-historica-fifa-da-bola-de-ouro-a-pele)

### MANCHETE ESPORTIVA

07/03/1978, p. 49

### REVISTA MANCHETE

02/12/1961, p. 39

25/06/1971. Capa

11/09/19763 p. 115

### O GLOBO

27/04/2014 – <https://oglobo.globo.com/esportes/daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor-em-jogo-do-barcelona-12314451>

11/07/1971. Sessão de esportes.

19/11/2019 – <https://oglobo.globo.com/esportes/50-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-millesimo-gol-de-pele-1-24087178>

13/01/2014 - <https://oglobo.globo.com/esportes/pele-recebe-bola-de-ouro-especial-chora-11287522>

#### GLOBOE ESPORTE

07/03/2014 - <http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2014/03/arouca-e-chamado-de-macaco-apos-goleada-do-santos-bom-nem-ouvir.html>

10/09/2014 - <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html>

#### G1 GLOBO

30/06/2010 - <http://g1.globo.com/platb/geneton/2010/06/30/confissoes-de-um-rei-em-nova-york-pele-diz-que-maradona-precisa-primeiro-provar-que-foi-o-melhor-da-argentina/>

21/06/2013 - <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/06/estatua-de-pele-e-amordacada-durante-protesto-em-tres-coracoes.html>

#### ISTOÉ

02/08/2019 - <https://istoe.com.br/a-verdade-sobre-simonal/>

#### O CRUZEIRO

28/07/1971, p. 30.

1974, nº 42, p. 80

#### O PASQUIM

1977, ed.439, p. 13

13/06/1975, p.19.

02/08/1977, p. 28, 29, 30

19/12/1975, p. 39.

04/07/1975, p. 26

06/11/1973, p. 12

10/1971, nº 118

09/1971, nº 115

1972, nº139, p. 07

#### ESTADÃO

28/08/2014 - <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,aranha-sofre-ofensas-racistas-de-gremistas-e-desabafa-doi-muito,1551235>

24/10/2010 - <http://esportes.estadao.com.br/blogs/robson-morelli/a-primeira-cronica-de-nelson-rodrigues-sobre-pele/>

31/01/2014 - <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,pele-pede-que-brasileiros-adiem-protestos-para-depois-da-copa-do-mundo,1125402>

#### LUDOPEDIO

05/09/2019 - <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>

#### PLACAR

03/10/1990, p. 54

03/1999, p. 52

20/04/1984, capa.

20/04/1984, p. 03

24/07/1970, p. 12

#### VEJA

14/07/1971, p. 54.

02/01/2016 - <https://veja.abril.com.br/esporte/neymar-e-novamente-alvo-de-racismo-em-jogo-do-barcelona/>

1969, nº 64, p. 04

## DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO

07/03/2014 - <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/estamos-sendo-justos-com-pele/>  
 TRIBUNA DA IMPRENSA

16/08/1961, p. 04.

13/12/1969, p. 18.

## CORREIO BRAZILIENSE

23/10/2018 - <https://blogs.correio braziliense.com.br/dribledecorpo/pele-78-anos-nelson-rodrigues-primeira-vez-aniversariante-dia-chamado-rei-futebol/>

## CORREIO DO POVO

05/06/2016 - <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/muhammad-ali-e-pel%C3%A9-1.311805>

## VICE

22/09/2014 - [https://www.vice.com/pt\\_br/article/d7gxjj/racismo-no-futebol-aranha-fez-mais-pelo-negro-no-esporte-do-que-pele-e-anderson-silva-juntos](https://www.vice.com/pt_br/article/d7gxjj/racismo-no-futebol-aranha-fez-mais-pelo-negro-no-esporte-do-que-pele-e-anderson-silva-juntos)

## REVISTA DO ESPORTE

1962, nº 185, p. 14

1966, nº 387, p. 31

## REALIDADE

1966, nº 8, p. 44

## BLOG COSME RÌMOLE

10/09/2014 - <http://esporte-futebol-globo.blogspot.com/2014/09/pel-faz-o-inacredit-n-s-n-apoia-aranha.html>

## TRIVELA

19/07/2017 - <https://trivela.com.br/a-lenda-aos-olhos-do-passado-como-os-jornais-da-epoca-descreveram-as-facanhas-de-friedenreich/>

23/10/2018 - <https://trivela.com.br/o-texto-profetico-de-nelson-rodrigues-que-coroou-pele-tres-meses-antes-da-copa-de-58/>

## JORNAL DO BRASIL

03/09/1966, p. 6

21/01/1963, p. 13

## JORNAL DOS SPORTS

10/05/1960, p. 06

1963, nº10, 305, p. 16

## NIGER

07/1960, p. 09

## TIJOLAÇO

21/02/2014 - <http://www.tijolaco.net/blog/os-libertarios-que-nao-queimam-a-bandeira-americana-mas-ateiam-fogo-a-imagem-do-pele/>

## UOL

27/06/2013 - <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/27/pele-adota-tom-critico-e-diz-que-boicotou-copa-de-74-contra-ditadura.htm>

22/10/2010 - <http://www2.uol.com.br/JC/sites/pele-70anos/index.html>

23/10/2018 - <https://www.bol.uol.com.br/listas/fatos-curiosos-sobre-a-vida-de-pele-o-rei-do-futebol.htm>

## FILMES PESQUISADOS

O Rei Pelé (1962). Direção: Carlos Hugo Christensen.

A Marcha (1972). Direção: Oswaldo Sampaio

Isto é Pelé (1977). Direção: *Eduardo Escorel e Luiz Carlos Barreto*

Os Trombadinhas (1979). Direção: Anselmo Duarte

Pelé Eterno (2004). Direção: Aníbal Massaini Neto  
 Pelé, o nascimento de uma lenda (2016). Direção: Jeff Zimbalist e Michael Zimbalist  
 O Negro no Futebol Brasileiro, episódio 04. (2018) Direção: Gustavo Acioli  
 Pelé, a origem (2019). Direção: Luiz Felipe Moura.

#### OUTROS SITES CONSULTADOS

[www.museupele.org.br](http://www.museupele.org.br)

[http://www.lancenet.com.br/minuto/Pele-Bola-Ouro-Sala-completa\\_0\\_1065493571.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Pele-Bola-Ouro-Sala-completa_0_1065493571.html)  
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<https://www.youtube.com/watch?v=BPv1IP-IFWs>

<https://www.santosfc.com.br/paulista-de-1958-a-explosao-do-santos-de-pele/>

<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/pele-faz-primeiro-jogo-pela-selecao-e-marca-gol-contr-a-argentina>

<https://br.pinterest.com/pin/107030928629344496/>

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&Pesq=Pe%C3%A9%20Pepsi&pagfis=53606](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=Pe%C3%A9%20Pepsi&pagfis=53606)

<http://revistapress.com.br/advertising/astros-do-esporte-e-da-publicidade/attachment/pele-pepsi/>

[https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-noticias/world-cup-in-germany-pele-1940-brazilian-fotografia-de-noticias/541802599?adppopup=truehttps://books.google.com.br/books/about/Placar\\_Magazine.html?id=L5CwOs59tV8C&redir\\_esc=y](https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-noticias/world-cup-in-germany-pele-1940-brazilian-fotografia-de-noticias/541802599?adppopup=truehttps://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=L5CwOs59tV8C&redir_esc=y)

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_08&pasta=ano%20196&pesq=Pe%C3%A9%20ra%C3%A7a%20Edson%20Arantes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=Pe%C3%A9%20ra%C3%A7a%20Edson%20Arantes)

<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/antonio-ferreira-viana>

[https://books.google.com.br/books?id=0qvn6jiJ2VwC&pg=PA24&lpg=PA24&dq=Pe%C3%A9+coroa+ouro+ant%C3%B4nio+ferreira+viana&source=bl&ots=5Uz70ID0Zz&sig=ACfU3U2sYltUwiKJWpxQKm8PJrcZbFAisg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi69YKtp\\_zlAhWIpFkKHYR7BWIQ6AEwAXoECAsQAQ#v=onepage&q=Pe%C3%A9%20coroa%20ouro%20ant%C3%B4nio%20ferreira%20viana&f=false](https://books.google.com.br/books?id=0qvn6jiJ2VwC&pg=PA24&lpg=PA24&dq=Pe%C3%A9+coroa+ouro+ant%C3%B4nio+ferreira+viana&source=bl&ots=5Uz70ID0Zz&sig=ACfU3U2sYltUwiKJWpxQKm8PJrcZbFAisg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi69YKtp_zlAhWIpFkKHYR7BWIQ6AEwAXoECAsQAQ#v=onepage&q=Pe%C3%A9%20coroa%20ouro%20ant%C3%B4nio%20ferreira%20viana&f=false)

<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019691124C&edicao=Matutina>

<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/64?page=4&section=1&word=Reis%20presidentes%20ditadores%20governadores%20sempre%20me%20trataram>

<https://docplayer.com.br/57123606-Entre-o-riso-e-o-insulto-o-pasquim-caetano-gil-simonal-e-as-lutas-simbolicas-nos-anos-de-chumbo.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=TbZ3j-Wpcms>

<https://www.youtube.com/watch?v=J0AmFTZ5TX8>



<https://www.youtube.com/watch?v=1N7JEWa18Ls&t=1505s>

[https://www.youtube.com/watch?v=gsVEk\\_8iXV4](https://www.youtube.com/watch?v=gsVEk_8iXV4)

<http://pelezinhoabril.tripod.com/>

<https://www.youtube.com/watch?v=Pvyp3kKORtc>

<http://www.unesco.org/new/en/goodwill-ambassadors/champions-for-sport/edson-arantes-do-nascimento-pele/>

<http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&xprSearch=ID=025045&format=detailed.pft>

[https://www.google.com/search?q=cartaz+os+trombadinhas&sxsrf=ALeKk02UtxpRHruPXB Ropc\\_6lt9o2Fq1fQ:1597759199305&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=0TuewgCUENdeuM%252CKkK-oFmk55Yr0M%252C\\_&vet=1&usg=AI4\\_-kQWP9T\\_1coVvUOwNu1jq3XdSv7NJw&sa=X&ved=2ahUKEwjHkovs9KTrAhWmH7kGHQVrCgcQ9QEwAnoECAoQCQ&biw=1536&bih=750#imgrc=0TuewgCUENdeuM](https://www.google.com/search?q=cartaz+os+trombadinhas&sxsrf=ALeKk02UtxpRHruPXB Ropc_6lt9o2Fq1fQ:1597759199305&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=0TuewgCUENdeuM%252CKkK-oFmk55Yr0M%252C_&vet=1&usg=AI4_-kQWP9T_1coVvUOwNu1jq3XdSv7NJw&sa=X&ved=2ahUKEwjHkovs9KTrAhWmH7kGHQVrCgcQ9QEwAnoECAoQCQ&biw=1536&bih=750#imgrc=0TuewgCUENdeuM)

<https://twitter.com/maurocezar/status/504607148874412032>

<https://www.youtube.com/watch?v=5L20ZTYTAPM>

Documentário “O Negro no Futebol Brasileiro” episódio 04. HBO

<https://www.youtube.com/watch?v=0SEU5fBbBmI>

Filme “A Macha”.

Parte I: <https://www.youtube.com/watch?v=1VOuhwX1e5g>

Parte II: <https://www.youtube.com/watch?v=TgVdz6YSuCs>

Parte III: <https://www.youtube.com/watch?v=DzQPW422ZgQ>

Filme “Rei Pelé”

<https://www.youtube.com/watch?v=J0AmFTZ5TX8>

Documentário Pelé Eterno

<https://www.youtube.com/watch?v=6uBOvmzJp-M>

Outros Links de algumas imagens utilizadas:

Imagem 01: <https://acervo.oglobo.globo.com/>

Imagem 02:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20197&pesq=%20%20primeiro%20adeus%20de%20Pe1%C3%A9%22&pagfis=116073>

Imagem 03: <https://www.youtube.com/watch?v=BPv1IP-IFWs>

Imagem 04: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-06-22/hostilizados-nos-protestos-partidos-agora-recorrem-a-bandeira-da-etica.html>

Imagem 05: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/06/estatua-de-pele-e-amordacada-durante-protesto-em-tres-coracoes.html>

Imagem 06: <http://www.tijolaco.net/blog/os-libertarios-que-nao-queimam-a-bandeira-americana-mas-ateiam-fogo-a-imagem-do-pele/>

Imagem 07:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20198&pesq=edi%C3%A7%C3%A3o%201491&pagfis=197471>

Imagem 08: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/04/pele-morreu-mas-edson-esta-vivo-rei-do-futebol-brinca-com-morte.html>

Imagem 10: <https://br.pinterest.com/pin/107030928629344496/>

Imagem 11: <http://revistapress.com.br/advertising/astros-do-esporte-e-da-publicidade/attachment/pele-pepsi/>

Imagem 12: <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-noticias/world-cup-in-germany-pele-1940-brazilian-fotografia-de-noticias/541802599?adppopup=true>

Imagem 25: <https://trivela.com.br/a-lenda-aos-olhos-do-passado-como-os-jornais-da-epoca-descreveram-as-facanhas-de-friedenreich/>

Imagem 41: <http://pelezinhoabril.tripod.com/>

Imagem 42: <https://www.youtube.com/watch?v=Pvyp3kKORtc>

Imagem 45: <https://www.imdb.com/title/tt0186637/>

Imagem 47: <https://www.primevideo.com/>

Imagem 49: <https://www.ingresso.com/filme/pele-o-nascimento-de-uma-lenda?city=sao-paulo&partnership=home>

Imagem 54: <https://www.youtube.com/watch?v=hgdgZD7IPhM>